

VÍTOR ALBERTO VALADAS ROSA

**A PRÁTICA DESPORTIVA DO KARATÉ EM
PORTUGAL**

**Análise sociológica sobre as identidades, ideologias,
comunidades e culturas dos karatecas (cintos castanho e negro)
portugueses**

Orientadora: Salomé Marivoet

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Educação Física e Desporto**

**Lisboa
2017**

VÍTOR ALBERTO VALADAS ROSA

A PRÁTICA DESPORTIVA DO KARATÉ EM PORTUGAL

**Análise sociológica sobre as identidades, ideologias,
comunidades e culturas dos karatecas (cintos castanho e negro)
portugueses**

Tese defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Doutor em Educação Física e Desporto, especialização Didática da Educação Física e Desporto, no Curso de Doutoramento em Educação Física e Desporto, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) com o Despacho de Nomeação de Júri N°460/2016 no dia 13 de Abril de 2017 com a seguinte composição de **Júri:**

Presidente: Professor Doutor Jorge dos Santos Proença Martins, Faculdade de Educação Física e Desporto da ULHT

Arguentes: Professor Doutor Abel Aurélio Abreu de Figueiredo, Escola Superior de Educação de Viseu do Instituto Politécnico de Viseu

Professor Doutor Manuel Serafim Fontes Santos Pinto, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da ULHT

Vogais: Professora Doutora Maria Salomé Fernandes Martins Marivoet, Faculdade de Educação Física e Desporto da ULHT

Professora Doutora Ana Rosa Fachardo Jaqueira, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

Professora Doutor Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa, Faculdade de Educação Física e Desporto da ULHT

Professor Doutor António João Labisa da Silva Palmeira, Faculdade de Educação Física e Desporto da ULHT

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

**Lisboa
2017**

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu filho.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de manifestar a nossa gratidão e reconhecimento a todas as pessoas e instituições que, através da sua participação, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste estudo. De uma forma mais personalizada, desejamos expressar os nossos sinceros agradecimentos:

À Professora Doutora Salomé Marivoet (Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias) pelas sugestões, recomendações, o apoio na reflexão e o incentivo para terminar a tese.

Ao Professor Doutor Alan Stoleroff (ISCTE-IUL) pela sua orientação numa fase inicial do projeto.

Ao Professor Doutor Abel Figueiredo (Instituto Politécnico de Viseu) devemos a ajuda na prestação de informações sobre o karaté, na organização de Congressos Científicos sobre Artes Marciais e Desportos de Combate e pela administração de alguns questionários.

Ao Professor Carlos Gutiérrez García (Universidade de León, *Facultad de Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*; e diretor da *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, Espanha).

Ao Dr. João Correia Boaventura (ex-subdirector-geral do IDP). Em 2011, passou a Oriente Eterno, mas constituirá sempre uma referência cultural e humana.

Ao Comandante-de-Fragata José Manuel Fiadeiro (ex-presidente da Comissão Diretiva de Artes Marciais - CDAM)

Às pessoas que tiveram a amabilidade de participar na realização deste trabalho, concedendo depoimentos e entrevistas ou respondendo ao questionário.

Aos nossos amigos, colegas e conhecidos pelo interesse, incentivo e apoio que, nas mais diversas circunstâncias e das formas mais variadas, nos prestaram ao longo do trabalho.

À família Valadas Rosa (Cecília Maria, Francisco Caeiro, Hugo Rodrigo, Carlos Alberto, José Miguel) uma palavra de reconhecimento pela incondicional solidariedade, pelas claras manifestações de apreço e estima e pelos longos períodos de incomunicabilidade que nos aturaram, a quem dedicamos este trabalho.

Por último, à Marta Garcia, à Mariana Gonçalves e ao Miguel Rosa.

RESUMO

Na análise sociológica das culturas dos karatecas graduados, pretendemos demonstrar que a mítica tradição guerreira dos Samurais do Japão se encontra presente de forma dominante no processo de globalização do karaté, traduzida na conceção de treino enquanto expressão do *Budô*, veiculado por uma filosofia oriental constitutiva de um estilo de vida identitário, e envolvimentos organizacionais particulares, que se afirmam como forma de resistência ao modelo de competição desportiva ocidental, apesar da existência de diferentes usos e disposições sociais por parte dos praticantes dos diferentes estilos de karaté, ainda que independentemente do sexo, idade e escolaridade.

No aprofundamento do objeto de estudo, definimos três hipóteses e construímos um modelo de análise para a sua operacionalização. Recorreu-se à metodologia extensiva e à aplicação de diversas técnicas de investigação social: observação direta, observação-participante, entrevista semi-diretiva e inquérito por questionário. O universo foi de 244 praticantes de karaté avançados (cintos castanho e negro), a nível nacional, tendo sido realizadas de forma a completar a informação 31 entrevistas junto de interlocutores privilegiados.

Os resultados revelam que se encontra um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes de karaté ainda que, decorrente de usos e disposições sociais particulares, se encontrasse alguma diferenciação, tal como pressupunha a nossa primeira hipótese, mas independentemente do estilo adotado na prática, tal como do sexo, da idade e da escolaridade.

A análise da informação mobilizada aponta para a existência de um carácter multidimensional na orientação e valorização de diferentes aspetos do karaté, mas a maioria concebe a sua prática como expressão do *Budô*, através de práticas de lutas convencionais, imagens, símbolos e veiculação de valores, tal como pressupunha a nossa segunda hipótese, igualmente independentemente do estilo de karaté, do sexo, idade e escolaridade.

Os dados apontam ainda que as relações entre os praticantes experientes de karaté da vertente de não-competição e de competição desportiva têm vindo a caracterizar-se por tensões, dinâmicas de resistência e conflitos, geradores de cisões entre agentes de ensino, espaços de prática ou clubes e estrutura federativa, como afirmava a nossa terceira hipótese, embora a análise realizada nos permita concluir que a leitura que se expressa da realidade se afigura redutora, e, deste modo, só em parte podemos afirmar que a hipótese se verifica. Tratam-se, pois, de dinâmicas de afirmação de interesses e de poder dentro do campo do karaté, que coexistem com várias formas de cooperação, ambas contribuindo para o reforço da identidade do mesmo.

Palavras-chave: Desporto; Globalização, Artes Marciais; Karaté; Cultura

ABSTRACT

In the sociological analysis of the cultures of graduated karatekas, we intend to demonstrate that the mythical warrior traditions of Japan Samurai is present in a dominant way in karate globalization process, reflected in the training as an expression of *Budô*, constitutive by an eastern philosophy, an identity lifestyle, and private organizational involvements that states as a form of resistance to Western sports competition model, despite the existence of different uses and social provisions by practitioners.

In the deepening of the study object we set three hypotheses and construct an analysis model for its operation. We have used extensive methodology and the application of various techniques of social research: direct observation, participant observation, semi-directive interview and survey with a questionnaire. The universe was 244 practitioners of advanced karate (brown and black belts), at national level. Additionally, in order to complete the information, 31 interviews have been performed with privileged interlocutors.

The results show that there are an identity lifestyle among experienced practitioners of karate, although due to particular uses and social provisions, we have found some differentiation that presupposes our first hypothesis, but regardless of the styles adopted in practice, sex, age and education level.

The analysis of the information mobilized points out the existence of a character multidimensional of orientation and expression of *Budô* although conventional practical struggles, images, symbols and values, as it presupposes our second hypothesis, also regardless of karate styles, sex, age and education level.

The data also point out that the relationships between the experience apprentices of karate of the non competition and sport competition have been becoming characterized for tensions, resistance and conflicts dynamics, generators of scissions among teaching agents, practice spaces or clubs and federal structure, has affirmed by our third hypothesis, although the accomplished analysis allows us to conclude that the reading expressed from reality is reduced, and, this way, we can only partly affirm that the hypothesis is verified. This is affirmation of dynamics and interest and power within the karate field coexisting with various forms of cooperation, both contributing to the strengthening of the identity of the same.

Keywords: Sport; Globalization; Martial Arts; Karate; Culture

ABREVIATURAS

ACADO	Academia de Artes Orientais Desportivas
AEKF	All European Karate Federation
AIS	Associação Internacional de Sociologia
APAE-BUDO	Associação Portuguesa de Agentes de Ensino de Budô
APK	Associação Portuguesa de Karaté-Do
ASP	Associação Shotokai de Portugal
CADC	Centro Académico de Democracia Cristã
CAO	Centro de Artes Orientais de Almada
CDAM	Comissão Diretiva de Artes Marciais
CDDS	Comité Diretor para o Desenvolvimento do Desporto
CDP	Confederação do Desporto de Portugal
CDS	Centro Democrático Social
CEFD	Centro de Estudos e Formação Desportiva
CEFDFA	Comissão da Educação Física e Desportos das Forças Armadas
CEMGFA	Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas
CESPU	Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário, CRL
CHCSC	Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines
CIES	Centro de Investigação e de Estudos em Sociologia
CNRS	Centre de Sociologie Européenne
COI	Comité Olímpico Internacional
COP	Comité Olímpico de Portugal
CPAM	Centro Português de Artes Marciais
CREAR	Centro de Recursos de Arbitragem Desportiva
DDN	Departamento da Defesa Nacional
DGD	Direcção-Geral dos Desportos
DGEFDSE	Direcção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar
EASS	European Association for Sociology of Sport
EKF	European Karate Federation
EKU	European Karate Union
ESSA	Escola Superior de Saúde do Alcoitão
EUA	Estados Unidos da América
FADU	Federação Académica de Desporto Universitário
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia
FCDEF-UP	Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto
FFKAMA	Fédération Française de Karaté et Arts Martiaux Affinitaires
FCDEF-UC	Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra
FMH/UTL	Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa
FNAT	Fundação Nacional para a Alegria do Trabalho
FNK-P	Federação Nacional de Karaté – Portugal
FPK	Federação Portuguesa de Karaté-Do
FPKDA	Federação Portuguesa de Karaté e Disciplinas Associadas
FPKS	Federação Portuguesa de Karaté Shotokan
FSAM	Federação Soshinkai de Artes Marciais
FPJ	Federação Portuguesa de Judo
ICAM	Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia
ICSPE	Conselho Internacional do Desporto e Educação Física
ICSS	Comité Internacional da Sociologia do Desporto
IDP	Instituto do Desporto de Portugal
INATEL	Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores
INDESP	Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPJ	Instituto Português da Juventude

IRSS	International Review for the Sociology of Sport
ISCTE	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
ISEF	Instituto Superior de Educação Física
ISSA	Associação Internacional da Sociologia do Desporto
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPV	Instituto Politécnico de Viseu
JKA	Japan Karate Association
JO	Jogos Olímpicos
JCP	Judo Clube de Portugal
MAI	Ministério da Administração Interna
MDN	Ministério da Defesa Nacional
MEN	Ministério da Educação Nacional
MQV	Ministério da Qualidade de Vida
MJ	Ministério da Justiça
NASS	North Society for the Sociology of Sport
PAFID	Programa de Apoio Financeiro à Investigação no Desporto
PMQ	Participation Motivation Questionnaire
PPM	Partido Popular Monárquico
PSD	Partido Social Democrata
PSP	Polícia de Segurança Pública
PJ	Polícia Judiciária
RNPC	Registo Nacional de Pessoas Coletivas
SED	Secretaria de Estados dos Desportos
SEJD	Secretaria de Estado da Juventude e Desportos
Sesd/APS	Secção de Sociologia do Desporto da Associação Portuguesa de Sociologia
SKIF	Shotokan Karate International Federation
SKKP	Shotokan Kokusai Karate-Do Portugal
SIS	Serviços de Informação e Segurança
UBU	União Portuguesa de Budô
UNESCO	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
UIA	Union des Associations Internationales
WKF/FMK	World Karate Federation/Federação Mundial de Karaté
WTK	World Taekwondo Federation

ÍNDICE GERAL

Dedicatória	2
Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Abreviaturas	6
Índice de Quadros.....	11
Índice de Figuras	13
Introdução.....	15
CAPÍTULO I – DESPORTO, ARTES MARCIAIS, DESPORTOS DE COMBATE E COMUNIDADES IDENTITÁRIAS	19
1.1 A Génese do Desporto Moderno e Globalização	19
1.1.1 O Conceito de Desporto	19
1.1.2 A Globalização	25
1.1.2.1 A Globalização Desportiva e Desportivização.	29
1.1.2.2 Grandes Eventos Desportivos, Mediatização e Espetáculo	37
1.2 As Artes Marciais do Oriente no Ocidente.....	39
1.2.1 A Religiosidade nas Artes Marciais e Desportos de Combate	42
1.2.2 As Artes Marciais: Relação e Diferenciação Face aos Desportos de Combate	45
1.2.3 <i>Budô</i> e o seu Significado	48
1.3 Desporto, Identidades e Estilos de Vida na Cultura de Consumo	52
1.3.1 O Conceito de Comunidade	52
1.3.2 Identidade e Estilos de Vida	54
1.4 Corpo e Género	58
1.4.1 Olhar sobre a Corporeidade.....	58
1.4.2 Desportivização do Sexo e Sexualização Desportiva	63
CAPÍTULO II – O KARATÉ COMO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO: METODOLOGIA E UNIVERSO DE ANÁLISE	67
2.1 Delimitação da Problemática em Estudo.....	67
2.2 Proposta de Investigação e Modelo de Análise	73
2.3 Métodos e Técnicas de Investigação	78
2.3.1 Fases e Estratégia da Investigação	78

2.3.2	Procedimentos e Técnicas de Recolha de Informação	80
2.4	Características dos Karatecas Inquiridos: Perfil e Práticas.....	86
2.4.1	Perfil dos Karatecas.....	88
2.4.2	Características da Prática do Karaté	98
2.4.3	Atributos Marcantes do Perfil dos Karatecas Inquiridos	104
CAPÍTULO III – KARATÉ: COMUNIDADES, TRADIÇÃO E PRÁTICAS		105
3.1	História e Tradição	105
3.1.1	Escolas e Estilos de Karaté.....	107
3.1.2	Graduações	109
3.2	<i>Kihon, Katas, Kumité e Dojo</i>	112
3.3	<i>Sempai, Kohai, Sensei</i>	120
3.4	A Evolução do Karaté em Portugal.....	128
CAPÍTULO IV – COMUNIDADES E ESTILOS IDENTITÁRIOS NO KARATÉ		132
4.1	Envolvimentos no Karaté	132
4.2	Afinidades com as Artes Marciais.....	145
4.3	Identidades e a Relevância do Karaté na Vida dos Praticantes	149
4.4	Valores	153
4.5	Religião e Espectro Político-Ideológico.....	162
4.6	O Karaté como Estilo de Vida Identitário	166
CAPÍTULO V – A EXPRESSÃO <i>BUDÔ</i> E AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS NO KARATE		169
5.1	Orientações da Prática do Karaté	169
5.2	Razões para a Prática do Karaté.....	175
5.3	Arte, Tradição e Competição	177
5.4	Estilos de Autoridade dos Agentes de Ensino	182
5.5	Orientações e Trajetórias.....	184
CAPÍTULO VI – COOPERAÇÃO E DEMARCAÇÃO NO KARATÉ.....		187
6.1	Relações Institucionais Associativas.....	187
6.2	Sociabilidades entre Karatecas.....	194
6.3	Relações entre Competição e <i>Budô</i>	197
6.4	Afirmação, Resistência e Tensão	200
6.5	Dinâmicas de Afirmação e Conflitualidade	203
CONCLUSÃO.....		206

BIBLIOGRAFIA.....	211
ANEXOS.....	I
Anexo A.....	II
Guião de Entrevista: Para os Agentes de Ensino de Karaté	II
Guião de entrevista: Para o Presidente da FNK-P	IV
Anexo B.....	VII
Entrevistados	VII
Anexo C.....	IX
Inquérito por Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal	IX
Anexo D	XIX
Coeficiente alfa	XIX
Anexo E.....	XX
Listagem das Organizações de Karaté Filiadas na FNK-P, em 2013	XX
Anexo F	XXI
Nome dos Clubes de Karaté	XXI
Anexo G	XXIII
Nome das Associações de Karaté.....	XXIII
Anexo H	XXIV
Amostra do Estudo	XXIV
Anexo I.....	XXV
Número de praticantes de karaté em Portugal	XXV
Anexo J.....	XXVII
Outputs (Frequencies & Crosstabs).....	XXVII
Anexo K	XXIX
Outputs (Statistic Tests)	XXIX

ÍNDICE DE QUADROS

Capítulo II

Quadro 2.1: Modelo de Análise Desagregado	76
Quadro 2.2: Estilo de karaté praticado e sexo	88
Quadro 2.3: Escalões etários e sexo	90
Quadro 2.4: Escolaridade e sexo	92
Quadro 2.5: Distribuição dos inquiridos com formação superior, por área disciplinar	93
Quadro 2.6: Condição perante o trabalho	94
Quadro 2.7: Distribuição dos inquiridos, segundo a classificação nacional das profissões	94
Quadro 2.8: Rendimento mensal	95
Quadro 2.9: Distribuição dos inquiridos, por distrito de residência ou região autónoma	95
Quadro 2.10: Distribuição dos inquiridos por distrito de residência ou região autónoma segundo o estilo de karaté praticado	96
Quadro 2.11: Motivos que levaram à interrupção da prática do karaté	98
Quadro 2.12: Regularidade do treino de karaté	99
Quadro 2.13: Regime de prática do karaté	99
Quadro 2.14: Tempo total médio gasto nas deslocações para os treinos	100
Quadro 2.15: Detenção de um curso de treinador de karaté	102
Quadro 2.16: Desempenho de uma actividade profissional relacionada com o karaté	102

Capítulo III

Quadro 3.1: Praticantes de karaté segundo o sexo em Portugal (1998-2009)	128
Quadro 3.2: Praticantes segundo o escalão etário em Portugal (2003-2009)	129
Quadro 3.3: Praticantes de karaté em Portugal segundo os distritos, regiões (em 2007)	130

Capítulo IV

Quadro 4.1: Participação nas assembleias-geral dos clubes segundo o estilo de karaté (%)	133
Quadro 4.2: Participação nas assembleias-geral dos clubes segundo o sexo (%)	134
Quadro 4.3: Participação nas assembleias-geral da associação segundo o estilo de karaté (%)	135
Quadro 4.4: Participação nas assembleias-geral da associação segundo o sexo (%)	136
Quadro 4.5: Exercício de um cargo num clube ou associação segundo o estilo de karaté (%)	137
Quadro 4.6: Exercício de um cargo num clube ou associação segundo o sexo (%)	138
Quadro 4.7: Investimento em outras modalidades segundo o estilo de karaté (%)	139
Quadro 4.8: Investimento em outras modalidades segundo o sexo (%)	140
Quadro 4.9: Modalidades desportivas segundo o estilo de karaté (%)	142
Quadro 4.10: Modalidades desportivas segundo o sexo (%)	143

Quadro 4.11: Prática de outros desportos de combate segundo o estilo de karaté (%)	146
Quadro 4.12: Prática de outros desportos de combate segundo o sexo (%)	147
Quadro 4.13: Uso do karaté num ato de violência em espaço público segundo o estilo de karaté (%)	152
Quadro 4.14: Uso do karaté num ato de violência em espaço público segundo sexo (%)	152
Quadro 4.15: Incómodo na prática com os praticantes do sexo oposto segundo o estilo de karaté (%)	154
Quadro 4.16: Incómodo na prática com os praticantes do sexo oposto segundo o sexo (%)	154
Quadro 4.17: Incómodo na prática com os praticantes do sexo oposto, segundo os estilos de karaté, sexo, idade e escolaridade (média e desvio padrão)	155
Quadro 4.18: Tolerância e preconceitos de género entre os praticantes de karaté (%)	156
Quadro 4.19: Frequência nos treinos com praticantes de grupos étnicos diferentes (%)	158
Quadro 4.20: Prática religiosa segundo o estilo de karaté (%)	163
Quadro 4.21: Prática religiosa segundo o sexo (%)	164
Quadro 4.22: Espectro político segundo o estilo de karaté (%)	165
Quadro 4.23: Espectro político segundo o sexo (%)	166

Capítulo V

Quadro 5.1: Motivos para a desistência da competição segundo os entrevistados	170
Quadro 5.2: Âmbito de prática segundo o estilo de karaté (%)	171
Quadro 5.3: Âmbito de prática segundo o sexo (%)	171
Quadro 5.4: Orientação do karaté que mais privilegia segundo o estilo de karaté (%).....	173
Quadro 5.5: Orientação ou conceção do karaté que mais privilegia segundo o sexo (%).....	174
Quadro 5.6: Orientação que é mais privilegiado no dojo segundo o estilo de karaté (%).....	174
Quadro 5.7: Orientação ou conceção do karaté que é mais privilegiada no <i>dojo</i> segundo o sexo (%)	175
Quadro 5.8: Grau de importância a aspetos da prática do karaté (médias e desvio padrão)	176
Quadro 5.9: Excertos tipo das entrevistas sobre o interesse na visita ao Japão	178
Quadro 5.10: Excertos tipo sobre imagens e símbolos tidos como relevantes para os karatecas.....	180
Quadro 5.11: Excertos tipo sobre a transmissão de valores pelos agentes de ensino.....	181
Quadro 5.12: Estilo de liderança do agente de ensino segundo o estilo de karaté (%)	183
Quadro 5.13: Estilo de liderança segundo o sexo (%)	184

Capítulo VI

Quadro 6.1: Relações entre as associações segundo o estilo de karaté (%)	188
Quadro 6.2: Relações entre as associações segundo o sexo (%)	189
Quadro 6.3: Aspetos federativos da política desportiva.....	192
Quadro 6.4: Relação entre os praticantes segundo o estilo de karaté (%).....	194
Quadro 6.5: Relação entre os praticantes segundo o sexo (%)	195
Quadro 6.6: Relações de sociabilidade entre os karatecas	196

ÍNDICE DE FIGURAS

Capítulo II

Figura 2.1: Modelo de Análise	77
Figura 2.2: Histograma com curva normal	91
Figura 2.3: Distribuição dos inquiridos segundo a graduação no karaté (%)	101
Figura 2.4: Distribuição dos inquiridos segundo a forma de celebração do contrato (%)	103

Capítulo III

Figura 3.1: Praticantes de karaté em Portugal segundo os distritos, regiões (em 2007) (%)	130
---	-----

Capítulo IV

Figura 4.1: Participação nas assembleias-geral dos clubes (%)	133
Figura 4.2: Participação nas assembleias-geral das associações desportivas (%)	135
Figura 4.3: Exercício de um cargo nos órgãos sociais de um clube ou associação (%)	137
Figura 4.4: Investimento na prática desportiva (%)	139
Figura 4.5: Prática de outra modalidade desportiva (%)	141
Figura 4.6: Prática de outros desportos de combate (%)	145
Figura 4.7: Prática de karaté ou outra arte marcial na entidade doméstica ou nas relações próximas (%)	148
Figura 4.8: Familiares ou pessoas das relações próximas que praticam karaté ou arte marcial (%)	148
Figura 4.9: Sacrifício de tempo (karaté) e compromissos pessoais e familiares (%)	149
Figura 4.10: Sacrifício de tempo (karaté) e emprego ou actividade profissional (%)	150
Figura 4.11: Usos do karaté no espaço público (%)	151
Figura 4.12: Preconceitos de género (%)	153
Figura 4.13: Frequência nos treinos com praticantes de grupos étnicos diferentes (%)	157
Figura 4.14: Relações entre praticantes de grupos étnicos diferentes (%)	157
Figura 4.15: Influência ao nível das práticas alimentares (%)	158
Figura 4.16: Recurso a terapias alternativas ou complementares à medicina convencional (%)	159
Figura 4.17: Tipo de terapias alternativas ou complementares à medicina convencional (%)	160
Figura 4.18: Aprendizagem de língua japonesa (%)	161
Figura 4.19: Distribuição dos inquiridos segundo a religião (%)	162
Figura 4.20: Distribuição dos inquiridos segundo a prática religiosa (%)	163
Figura 4.21: Espectro político-ideológico (%)	165

Capítulo V

Figura 5.1:	Âmbito da prática do karaté (%).....	170
Figura 5.2:	Conceção ou orientação do karaté que privilegiam (%).....	172
Figura 5.3:	Conceção ou orientação do karaté que é mais privilegiada nos centros de prática (%)	172
Figura 5.4:	Ida ao Japão para treinos, estágios e passagens de graduação (%)	177
Figura 5.5:	Estilo de liderança dos agentes de ensino (%)	183

Capítulo VI

Figura 6.1:	Opinião relativamente às relações entre a sua associação e outras similares (%).....	188
Figura 6.2:	Sociabilidade entre karatecas (%)	194

INTRODUÇÃO

Num mundo globalizado, o desporto, pelas paixões que suscita, pelas identidades que mobiliza, pelas estratégias que reflete, bem como pelos interesses económicos, é uma importante dimensão das sociedades contemporâneas. O desporto constitui um princípio gerador e unificador que traduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição num estilo de vida unitário, quer dizer, um conjunto unitário de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Ele faz sonhar, ele mobiliza, ele participa na identidade coletiva, particularmente junto das novas gerações.

Capaz de mobilizar milhões de praticantes, dirigentes e espetadores, o desporto conquistou o seu lugar no espaço dos países ocidentais, onde milhares de equipamentos são edificados e tecem uma verdadeira malha nas cidades e nos campos, participando na sua função económica e cultural, a sua expressão e as suas representações. O lugar do desporto na sociedade, limitado no início do século XX, acentuou-se depois da Segunda Guerra Mundial, universalizando-se, e alguns autores não hesitam em o apresentar como um fato de civilização (Elias & Dunning, 1986), uma forma de cultura contemporânea, um campo social de corpo inteiro (Augustin, 2003).

A análise do sistema das práticas desportivas, inseridas no universo das práticas de consumo, constitui o elemento determinante dos sistemas de preferências, ou seja, das afinidades e interesses que os diferentes grupos sociais estabelecem com as modalidades desportivas, em especial na sua relação com o corpo social produzido (Bourdieu, 1979). Entende-se por grupo social, uma coletividade identificável, estruturada, contínua, de pessoas que desempenham papéis recíprocos, segundo determinadas normas, interesses e valores sociais para a consecução de objetivos comuns. Compreender as maneiras subtis, complexas e profundas, pelas quais as nossas vidas individuais refletem os contextos da nossa experiência social é essencial à perspetivação sociológica.

Nesta tese, que se enquadra na Didática da Educação Física e do Desporto, centramo-nos no estudo do karaté, enquanto prática das artes marciais e dos desportos de combate em geral. Bui-Xuân (2011, p. 8) refere que elas são consideradas práticas educativas por razões

de “essência” e de “sentido”. Se nos interrogarmos, por exemplo, sobre as componentes didáticas e educativas destas atividades de combate supõe ter em consideração a sua dinâmica e conhecer a sua situação. O imperativo é tanto mais importante quando elas são pouco conhecidas e expandidas e, por isso, o seu exemplo é limitado.

O karaté é um “objeto complexo” (para utilizarmos uma expressão de Morin, 1977), pois enquanto objeto de investigação ele divide-se em múltiplas vertentes: como arte marcial a sua prática desdobra-se em prática desportiva com finalidades competitivas e de desenvolvimento corporal e em disciplina marcial, exemplo de um conjunto de disciplinas derivadas de antigas práticas marciais que mantêm referências a tradições guerreiras, entre as quais a mítica tradição dos Samurais do Japão.

Face a esta realidade, interrogámo-nos, como pergunta de partida da presente investigação, se a globalização do karaté teria preservado as suas características de arte marcial oriental? Pretendemos, então, demonstrar em que medida a mítica tradição guerreira dos Samurais do Japão se encontraria presente na forma dominante no processo de globalização do karaté, traduzida na conceção de treino enquanto expressão do *Budô* (via da guerra), veiculado por uma filosofia oriental constitutiva de um estilo de vida identitário, e envolvimentos organizacionais particulares, que se afirmariam como forma de resistência ao modelo de competição desportiva ocidental, apesar da existência de diferentes usos e disposições sociais por parte dos praticantes dos diferentes estilos de karaté, ainda que independentemente do sexo, da idade e da escolaridade.

Considerámos, como hipóteses de investigação, que se encontraria um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes do karaté, ainda que, decorrente de usos e disposições sociais particulares, se encontrasse alguma diferenciação segundo o estilo adotado na prática, independentemente do sexo, idade e escolaridade; que a maioria dos praticantes experientes de karaté conceberia a sua prática como expressão do *Budô*, reproduzida de forma dominante pelos agentes de ensino da modalidade através de práticas de luta convencional, imagens, símbolos e veiculação de valores, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade; e que as relações entre os praticantes experientes de karaté da vertente de não-competição e de competição desportiva, têm vindo a caracterizar-se por tensões, dinâmicas de resistência e conflitos, geradores de cisões entre agentes de ensino, espaços de

prática ou clubes e estrutura federativa, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

Para a operacionalização das hipóteses, construiu-se um “Modelo de Análise”, com base em quatro dimensões: 1 – Representações Sociais no Karaté; 2 – Estilos de Vida; 3 – Cooperação/Demarcação; 4 – Perfil dos Karatecas. Para cada uma destas dimensões, foram definidas várias variáveis e indicadores. Decorrentemente, recorreu-se a diversificadas técnicas de recolha de informação qualitativas e quantitativas, como a observação e observação-participante, entrevistas semi-diretivas e o inquérito por questionário.

Como síntese de todo o trabalho de investigação realizado, organizámos o presente relatório final de dissertação em seis capítulos, que se integram num todo complementar.

No Capítulo I – Desporto, Artes Marciais, Desportos de Combate e Comunidades Identitárias, refletimos sobre a génese do desporto moderno, o processo de globalização em geral e a globalização desportiva e a desportivização em particular, os grandes eventos desportivos, as artes marciais e os desportos de combate, o corpo, as identidades e os estilos de vida na cultura de consumo.

No Capítulo II – O Karaté como Problema de Investigação: Metodologia e Universo de Análise, centramos a nossa atenção na construção e delimitação da problemática em estudo, a definição da proposta de investigação e a construção do modelo de análise que nos permitiu operacionalizar as hipóteses. Explicitamos também, com detalhe, os métodos e as técnicas de investigação mobilizadas durante a pesquisa, assim como a caracterização da amostra.

No Capítulo III – Karaté, Tradição, Prática e suas Comunidades, debruçamos sobre a caracterização mais abrangente do karaté, enquanto nosso objeto de estudo empírico, sinalizando a sua tradição, os significados da sua prática e as suas comunidades, os valores sociais e morais veiculados, e as orientações pedagógicas e didáticas.

Nos Capítulos IV – O Karaté e os seus Membros-Praticantes, Capítulo V – A Expressão *Budô* e as Relações Institucionais no Karaté e Capítulo VI – Cooperação e Demarcação no Karaté, encontra a análise e discussão, respetivamente, da primeira, segunda e terceira hipóteses.

Por fim, tecem-se as conclusões finais da investigação. Identificam-se as referências bibliográficas dos autores que nos acompanharam na reflexão, definição, e análise da

realidade em estudo. Nos anexos, compilámos a informação que nos serviu de base no tratamento dos dados mobilizados para a análise, tendo por objetivo o aprofundamento da tese em discussão.

CAPÍTULO I – DESPORTO, ARTES MARCIAIS, DESPORTOS DE COMBATE E COMUNIDADES IDENTITÁRIAS

1.1 A Gênese do Desporto Moderno e Globalização

1.1.1 O Conceito de Desporto

A temporalidade constitui um elemento que permite estabelecer o que é o desporto. A definição do seu conceito goza de historicidade. A emergência e difusão das modernas formas desportivas à escala global estão relacionadas de uma forma mais vasta com o “processo civilizacional” (Elias, 2006), designação sob a qual se concretiza o estudo da mudança histórica no quadro de uma perspectiva original que veio a ser designada por sociologia configuracional (Batista e Pires, 1989).

O termo “*desport*” ou “*disport*” utilizado na Idade Média remete para as atividades de distração e de divertimento, que o anglicismo conduzirá a utilizar o termo de “*sport*”. No decurso dos séculos XVII e XVIII, “*desporter*” se transforma e torna-se “*sport*”. Estes termos expandem-se através do mundo e dão lugar aos “*sports*” em francês e “*der sport*” em alemão. Entre as línguas europeias, somente o espanhol e o português conservaram a semelhança do termo original, empregando “*deporte*” e *desporto* (Dunning, 2001). A palavra desporto tornou-se particularmente ambígua, sendo utilizada sem precaução na linguagem comum, para designar atividades totalmente diferentes (Duret, 2001; Jacquard, 2004; Laure & Falcoz, 2004).

Do ponto de vista teórico, a necessidade de definição do desporto tornou-se objeto de reflexão a partir dos anos sessenta com Bouet (1968), nas suas análises psicossociológicas; Ulmann (1965), nas suas fundamentações históricas, com Magnane (1964), nas suas perspetivas sociológicas, e, na década seguinte, com Jeu (1977), nas suas análises filosóficas.

Segundo Marivoet (2002a,b), o conceito de desporto envolve demarcar as práticas que são consideradas desportivas. Esta tarefa, que aparentemente pode ser vista com alguma facilidade, complexifica-se quando os consensos à volta dos critérios utilizados nem sempre são concordantes. Por vezes, estas demarcações adotam o formato de concepções ideológicas, que esgrimem a validade de uns critérios em prejuízo de outros, descobrindo nesta matéria opiniões que provêm em muitos casos de conveniências específicas que se afirmam no seio do

sistema desportivo e que, em última análise, conduzem para a legitimação e afirmação hegemónica dos interesses e valores de uns sobre os outros.

Como na sua origem, o desporto se individualiza e se especifica em função dos motivos de prática para conduzir, progressivamente, ao pluralismo ligado à sua função identitária, verdadeiro emblema da sua existência. Para além do evidente movimento físico, o desporto caracteriza-se pelo interesse que lhe é posto e pela utilidade. Ele constitui, assim, um produto formatado pelas condições de uma dada sociedade (Costa, 2013). Ele está impregnado de valores, por vezes, de funções ligadas aos atores (políticos, militares, professores, médicos), ao contexto social no qual se situa (crise, prosperidade, etc.), às instituições nas quais se pratica (família, clubes, escolas, empresas, etc.) e às representações dominantes (higiénicas, nacionalistas, socialistas, etc.).

O desporto é também considerado um jogo, um espetáculo, um desafio, um discurso, mas nunca uma estrutura social autónoma enquanto tal. Esta posição vale para as definições sucessivas que lhe são propostas e que assumem um sentido para os seus autores.

Parlebas (1999) considera que três critérios deverão estar presentes para identificar o desporto: uma situação motriz, implicando uma ação corporal indispensável; uma competição regulamentada, permitindo a finalidade da prática; um quadro institucional que organiza a atividade.

Complexificando a análise, Guttmann (1994) define sete características essenciais ao desporto moderno: a sua secularização (forma constante histórica), igualdade de oportunidades e de condições de confronto, a especialização de papéis, a racionalização, a burocratização da organização, a quantificação e a procura de recordes. As suas definições de geometria restritiva excluem uma boa parte do campo desportivo às novas atividades.

Pela sua parte, Brohm (1978) considera o desporto como um sistema institucionalizado de práticas competitivas de dominante física, delimitadas, codificadas, reguladas convencionalmente, que o objeto é de comparar performances, de demonstração de prestações físicas, de designar os melhores competidores (o campeão) ou de enregistar a melhor performance (recordes). O desporto é um sistema de competição física generalizada, universal, por princípio aberto a todos. Segundo esta perspetiva, o desporto estende-se no espaço (todas as nações, todos os grupos sociais, todos os indivíduos podem participar), no tempo (comparação de recordes entre as gerações sucessivas) e o seu objetivo principal é o de

medir, de comparar e de discriminar as performances do corpo humano concebido como uma força perfeitível.

Assumindo-se como estruturalista freudo-marxista, Brohm (1978) retoma o conceito de fato social total. Considera o desporto uma instituição social total, que se apresenta como um microcosmos da sociedade, propondo a análise do sistema desportivo como o reflexo do modo de produção capitalista. Ao considerar que o sistema desportivo produz mercadorias, isto é, campeões, espetáculos, recordes e performances, estuda a sua coesão e interdependência com as restantes instituições, através do conceito de “modo de produção desportivo”.

Independentemente da coerência e validade que enuncia na análise do desporto, Brohm (1992) sublinha um aspeto central para a abordagem sociológica do desporto: a sua componente histórica. Para este autor, o desporto moderno apresenta uma rutura histórica onde “o desporto é a materialização abstrata do rendimento corporal” (1992, p. 75). No conjunto de práticas, identifica dois pólos: as de alta competição ou de alto rendimento e as de lazer, e ainda as que se posicionam entre os dois níveis. Com base na lógica do “modo de produção desportivo”, existe, segundo o autor, uma relação de determinação das primeiras face à subordinação das restantes. Brohm (1992) reconheceu a coexistência de diferentes práticas desportivas configuradas no sistema desportivo, entrando em rutura com conceções que lhe atribuem uma unicidade, mas na análise que realizou ignorou as dominadas, como se a sua relação fosse de “dependência” e não de afirmação e conflito. Considera ainda que a estrutura do sistema desportivo contempla um sistema de hierarquização, uma organização burocrática, uma infraestrutura técnica de gestão e uma jurídica institucional e, por último, o princípio da espetacularidade. Identifica também um conjunto de funções sociopolíticas, nomeadamente a coesão nacional, a socialização da juventude, a manutenção das relações de produção, etc.

Será ainda de referir uma outra definição clássica do desporto, privilegiando os elementos institucionais e performativos, deixando à margem grande parte das práticas desportivas. Bouet (1968) associa a competição à performance pela necessidade de confronto intencional. Tendo como referência o postulado estruturo-funcionalista, sublinha o desporto como uma instituição que desempenha um conjunto de funções à sociedade, e identifica as seguintes funções: movimento, agonal (combate, luta, esforço), hedónica (do grego *hedone*,

prazer), higiênico-sanitária, relações sociais, lazer, estéticas, espetáculo, educativa, militar, preparação e adaptação ao trabalho. Dá também conta de um conjunto de aspetos sociais diferenciadores da participação desportiva, nomeadamente o sexo, a idade, a profissão, o meio socioeconómico e a formação. Para Bouet (1968), os fatores sociais que favoreceram a expansão do desporto moderno foram: o aumento do tempo livre e da riqueza disponível; a melhoria dos transportes e comunicações; a democratização do acesso à prática (vulgarização do desporto escolar e para trabalhadores, emancipação feminina), fatos que, a par do aumento da esperança de vida e de melhoria das condições médias de saúde, contribuíram para um crescimento generalizado da população desportiva.

Dentro dos pressupostos enunciados por este autor, importará ressaltar o fato de considerar a competição como a forma específica da relação inter-humana no desporto, entendida enquanto concorrência do movimento. Concebe a competição como o ato desportivo por excelência, e considera que a performance é o produto da ação desportiva, definindo-a como a capacidade corporal, determinada pelos poderes, pela vitalidade e a eficácia do corpo humano. Na argumentação de Bouet (1968), os conflitos na estrutura interna da instituição desportiva (“doping” e violência) são considerados efeitos disfuncionais da lógica do sistema de competição, acabando por enaltecer as “virtualidades”, tais como a compensação nas necessidades de satisfação e a realização.

Nas abordagens estruturalistas, Luschen & Weiss (1979) analisam o desporto como uma instituição social. Dão grande primazia à natureza competitiva do desporto. Consideram-no como um espaço delimitado da sociedade. As posições ocupadas nas hierarquias de competição produzem prestígio ou recompensa material. Estes autores propõem, como desenvolvimento metodológico da sociologia do desporto, a análise do sistema de ação caracterizado pela competição, a explicação dos comportamentos observáveis neste campo, assim como a estrutura da instituição desportiva. Nesta estrutura, identificam as práticas desportivas organizadas formalmente: as de tempo livre, as institucionais (escolas, militares, empresas, organizações juvenis) e as comunicativas, veiculadas pelos meios de comunicação social.

No estudo sobre as determinantes sociais no comportamento desportivo dos jovens, Claeys & Marivoet (1975, *apud* Salomé, 1998) vão identificar um conjunto de funções do desporto: a socialização, a mobilidade e a diferenciação social. Identificam como funções

sociais do desporto, a socialização aos valores de uma elite social, aos valores dominantes que exigem destreza física e a utilização do corpo na força de trabalho e a identificação através da escolha dos diferentes desportos pelos vários estratos sociais (“desporto de elite social”). Consideram ainda as funções de compensação de frustrações, identificação social produzida pelos espectadores aos resultados das equipas e dos clubes que apoiam (“desportos populares”) e, por fim, a estabilizadora, entendida como a capacidade do desporto em estratificar e ser estratificado.

Pierre Bourdieu (1979, 1987) aprofunda a capacidade distintiva do desporto. Conhecido pela análise da diferenciação social através dos estilos de vida, este autor é considerado por muitos como o promotor de um novo paradigma sociológico: o “estruturalismo genético”¹. Bourdieu (1979) propõe a análise do espaço das práticas físicas e desportivas como um sistema, onde cada modalidade não deve ser analisada separadamente. Considera o “sistema das práticas desportivas” inserido no universo das “práticas de consumo”, constituindo o elemento determinante deste o “sistema das preferências”, ou seja, as afinidades e interesses que os diferentes grupos sociais estabelecem com as modalidades desportivas, em especial na sua relação com o corpo social produzido. Bourdieu centra a sua problemática nos consumos culturais, menosprezando decorrentes de lógicas igualmente distintas. Este fato, leva Bourdieu a colocar o desporto de competição, os espetáculos e os profissionais no campo da produção de serviços. O corpo é, para si, a “objetivação irrecusável do gosto de classe” (Bourdieu, 1979, p. 210).

As hipóteses avançadas por Bourdieu são retomadas por Pociello (1981, 1995, 1999) e são aplicadas num conjunto de práticas desportivas. Este autor considera que o desporto é um produto económico, social e cultural, submetido, tal como os outros produtos, à lógica da oferta e da procura. Remete o estudo da procura das práticas desportivas para os universos simbólicos das representações de diferenciação social. Adianta que o desporto, enquanto produto, constitui “um poder distintivo associado à sua raridade, e tende, a mais ou menos longo prazo, a depreciar-se socialmente (e isto tanto mais rapidamente quanto práticas novas propõem uma alternativa às práticas tradicionais)” (Pociello, 1981, p. 14).

Pociello (1999) salienta que a importância do desporto emana das motivações dos praticantes e dos espectadores e das dimensões sociopolíticas das organizações multinacionais

¹ Os primeiros trabalhos de Bourdieu, de 1964 a 1970, inscrevem-se neste paradigma.

do espetáculo desportivo. Para este autor, encontra-se uma relação conflitual entre as práticas tradicionais (hiper-codificadas), e orientadas para os quadros competitivos, e as práticas que encerram uma valorização do corpo, como uma vaga sentimental anti-competitiva, ou como uma crítica à sociedade industrial, expressa na ideologia do movimento do “desporto para todos”². Pociello (1981) considera ainda que esta ideologia tem gerado novas mentalidades e valores do desporto na sociedade, apresentando-a como a defensora de um produto capaz de satisfazer as necessidades indispensáveis como a saúde, o ar livre e a natureza. Pretendendo analisar as determinantes sociais e culturais que levam à adesão voluntária do desporto, Pociello (1981) identifica o estar bem na sua “pele”, identificando a “pele” com a classe social. Assim, considera que os diferentes grupos sociais têm diferentes capitais corporais a gerir, donde se parte deste pressuposto para o estabelecimento do sistema de preferências.

As diferentes definições de desporto remetem-se para caminhos e análises diferentes. Como diz Defrance (2003, p. 94), “definir é incluir e excluir”. As definições são de “rigor desigual”, por vezes “contraditórios” e, em geral, “flutuantes”, ou seja, “mudam com as situações práticas nas quais são formuladas” (Defrance, 2003, pp. 94-95). Uma revisão da literatura especializada revela que nenhuma definição se impôs claramente e que os limites do desporto mudam sensivelmente segundo os países. Não existe uma definição internacional. Neste sentido, neste estudo, adotamos a definição de desporto comumente utilizada pela Carta Europeia do Desporto (1992), do Conselho da Europa: “São todas as formas de actividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”³.

² Este conceito inscreve-se nos princípios da *Carta Europeia do Desporto*, aprovada na VII Conferência dos Ministros Europeus, em 24 de Setembro de 1992, em Rhodes (Grécia), e em que em tudo é semelhante ao estabelecido pela Lei de Bases da Actividade Física e do Desporto n.º 5/2007, de 16 de Janeiro. No Leste Europeu recebeu a designação de "Desporto de Massas", nos EUA, "National Fitness" e na Austrália, "National Fitness Council" (Marivoet, 2000c, p. 2).

³ Esta carta é do Conselho da Europa, organização internacional fundada em maio de 1949, adoptada pelos países da União Europeia. O Conselho da Europa define as orientações e prioridades políticas gerais da União Europeia. Os Eurobarómetros, por exemplo, utilizam esta definição de desporto. Para uma análise sobre o binómio entre desporto e União Europeia, recomendamos a leitura de duas obras de Mestre (2002, 2004), o livro de Miège (1996) e o livro dirigido por Boniface (2001).

1.1.2 A Globalização

Segundo Steger (2006), a globalização⁴ descreve um processo, uma condição, um sistema, uma forma e uma era. Refere-se a uma condição social caracterizada pela existência de interligações e fluxos globais a nível económico, político, cultural e ambiental. Trata-se, assim, de um fenómeno social com várias implicações, que se interligam como peças de um sistema, de tal forma que mexendo numa se afeta, necessariamente, todas as outras.

Uma das razões por que a globalização continua a ser um conceito contestado deve-se ao fato de não existir consenso académico em relação aos tipos de processos sociais que constituem a sua essência. Discorda-se no que diz respeito à escala, motivação, cronologia, impacto, trajetórias e políticas daí resultantes.

Steger (2006) refere que é possível detetar algumas sobreposições temáticas em diversas tentativas académicas para identificar as características essenciais do processo de globalização. Considera, por exemplo, as seguintes quatro: i) a globalização envolve a criação de novas redes e actividades sociais que crescentemente vencem as tradicionais fronteiras políticas, económicas, culturais e geográficas, bem como a multiplicação das que já existem; ii) a globalização está refletida na expansão e no alargamento das relações sociais, actividades e interdependências. Exemplos disso, são os mercados financeiros que hoje se estendem por todo o mundo e o comércio eletrónico (também designado por “economia eletrónica”); iii) a globalização envolve a intensificação e aceleração dos intercâmbios e actividades sociais⁵; iv) a criação, expansão e intensificação das interligações e interdependências sociais não ocorre meramente a um nível objetivo e material. Os processos de globalização envolvem também o plano subjetivo da consciência humana. A percepção que têm da importância cada vez mais diminuta das fronteiras e distâncias geográficas promove um apurado sentido de se tornarem parte de um todo global.

⁴ O termo tem sido utilizado tanto na literatura popular, como na académica, desde que surgiu, pela primeira vez, por volta de 1960. Os meios de comunicação social dão-lhe destaque devido, principalmente, às manifestações, algumas delas ruidosas e violentas, organizadas contra as reuniões cimeiras de chefes de Governo dos países industrializados. O interesse pelo tema foi suscitado a propósito da Conferência sobre o Financiamento para o Desenvolvimento, que teve lugar no México (março, 2001), e da Cimeira Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, na África do Sul (agosto/setembro, 2002).

⁵ Como Giddens (2004) faz notar, na sua análise sobre o fenómeno, ela intensifica a escala mundial de relações sociais que ligam localidades distantes de tal forma que os acontecimentos locais são influenciados por acontecimentos que ocorrem a muitos quilómetros de distância e vice-versa. Os processos aparentemente opostos de globalização e localização implicam-se, de facto, reciprocamente.

Identificadas as quatro características essenciais do processo de globalização, a partir de alguns raciocínios comuns que aparecem noutras definições respeitadas, Steger (2006, p. 22) avança com uma definição provisória de globalização:

A globalização refere-se a um conjunto multidimensional de processos sociais que criam, multiplicam, estendem e intensificam interdependências e intercâmbios sociais à escala mundial enquanto, ao mesmo tempo, encorajam nas pessoas uma consciência crescente de ligações cada vez mais profundas entre o local e o longínquo.

Com efeitos virtuosos ou perversos (Fontanel, 2007), a globalização não escapou à reflexão de dois sociólogos de referência: Bourdieu & Wacquant (1998a,b). Estes dois autores referem que o conceito faz parte da “nova vulgata planetária”, cuja difusão é o produto de um “imperialismo simbólico” ou, como salienta Guttman (1994), do “imperialismo cultural”⁶. Trata-se de uma “violência simbólica”, uma vez que se pretende universalizar particularismos de uma experiência singular e afirmar a sua universalidade.

Held, McGrew, Goldblatt & Perraton (1999) analisaram a controvérsia relacionada com a globalização. Para o efeito, dividiram as opiniões em três escolas de pensamento: *céticos*, *hiperglobalizadores* e *transformacionalistas*. Os primeiros acreditam que os atuais níveis de interdependência económica não são inauditos. Afirmam a manutenção da importância dos Estados-nação como recipiente político da vida social moderna e a atenção para a emergência de blocos regionais como sinais de novas formas de demarcação de territórios. Os segundos adotam uma posição oposta. Defendem que é um fenómeno real, cujas consequências se podem sentir praticamente em todo o lado. Sugerem que o período desde finais de 1960 tem sido marcado por um enfraquecimento da territorialidade a nível político, da regulamentação e da governação. Os terceiros, os *transformacionalistas*, preferem uma atitude intermédia. Concebem a globalização como a força motriz de um conjunto amplo de mudanças que hoje em dia estão a alterar as sociedades modernas.

Seja em que posição de pensamento nos coloquemos, Giddens (2004, p. 51) realça que:

⁶ Dois exemplos do “imperialismo cultural”: a “MacDonaldização”, termo inventado pelo sociólogo americano George Ritzer; e o “MacMundo”, referido pelo político americano Benjamim Barber, e que é o resultado de uma cultura popular americana superficial gerada nos anos 50 e 60, instigada por interesses comerciais expansionistas (Steger, 2006). “Cultura” é um conceito muito vasto. Utiliza-se frequentemente para descrever a totalidade da experiência humana. Para a Antropologia, tal como para a Sociologia, cultura abrange “tudo o que o Homem acrescenta à Natureza” (Lima, Martinez & Filho 1991, p. 38) ou “tudo o que é socialmente aprendido e partilhado pelos membros de uma sociedade” (Horton & Hunt, 1980, p. 40).

A globalização está a mudar a forma como o mundo se nos apresenta e a maneira como olhamos o mundo. Se adotarmos uma perspectiva global, tornamo-nos mais conscientes dos laços que nos ligam às pessoas de outras sociedades. Tornamo-nos igualmente mais conscientes dos problemas que o mundo atravessa no início do século XXI.

Se a globalização está hoje na ordem do dia, influenciando fortemente a vida planetária e a agenda política dos países, não é menos verdade que a economia é o seu lado mais visível. Todavia, é errado pensar que as forças económicas fazem por si só a globalização. As suas consequências fazem-se sentir em muitos outros domínios. Apoiamo-nos em Santos (2005, p. 44), quando exprime: “a liberdade das trocas, da circulação do capital e da especulação financeira, da competição selvagem e da fusão dos mercados num só mercado universal, sendo importantes”, não são “as únicas dimensões do fenómeno”.

Se alguns académicos argumentam serem os processos económicos que representam o cerne da globalização, outros privilegiam aspetos políticos, culturais ou ideológicos. Outros há ainda que apontam os processos ambientais como a essência da globalização (Steger, 2006). Segundo Giddens (2004, p. 52), o seu progresso é devido, essencialmente, ao “desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação”, que vieram intensificar a velocidade e o âmbito das interações entre os povos do mundo inteiro. Fontanel (2007, p. 41) afina pelo mesmo diapasão: “o processo de mundialização seria travado sem a existência desse instrumento do poder internacional que são as tecnologias da informação”. De facto, a evolução ao nível dos meios de comunicação social (com os novos meios eletrónicos, telecomunicações, televisão via satélite ou por cabo, etc.) e dos meios de manipulação da informação (computadores, bases de dados, telemática, etc.) tem sido responsável por uma transformação social e cultural de importância fulcral para as sociedades contemporâneas.

De acordo com a teoria desenvolvida por Toffler (1984), conhecido pelos seus estudos sobre a revolução digital, das comunidades e tecnologia, estamos a emergir para um nova dimensão da informação – a *Infoesfera*, característica da civilização da Terceira Vaga⁷. Também Castells (1999, 2002, 2003a,b) nos fala do processo de transição que está a urdir a

⁷ Este autor popularizou a ideia de que o homem tem vivido uma sucessão de Eras e que cada uma delas possui características que determinam o seu futuro. Com efeito, mostra como a vida mudou com a descoberta da agricultura, inaugurando a Era da Agricultura, que reinou aproximadamente seis mil anos, durante os quais a vida em si mesma e seus valores estavam estruturados em função da organização do alimento. Este período foi seguido pela Era Industrial, que durou cerca de trezentos anos, sendo substituído pela atual Era da Informação.

sociedade em rede em que vivemos. No passado, a grande produção em massa significava a existência de grandes empresas. As tecnologias de informação e comunicação, em oposição, formam-se à base de gente ousada, altamente competitiva, que exploram todos os nichos da microeletrônica e da engenharia genética, usando o conceito de empresa flexível e com escasso capital humano.

A nova capacidade tecnológica determina a empresa em rede (por sua vez, constituída por redes de colaboração interinstitucional). Como alerta o autor até ao presente, as redes não manejavam a complexidade. Agora, a tecnologia facilita a coordenação, a unidade, a versatilidade e a flexibilidade. Por definição, as redes são globais (não têm quaisquer fronteiras) e assimétricas. E não se compreende a sociedade em rede sem a Internet, a ferramenta que difunde modelos específicos. A Internet, o mapa do genoma humano, as biotecnologias e a nanotecnologia são as expressões da vanguarda da sociedade da comunicação, o que nos remete para o espaço dos fluxos, que se baseia nas telecomunicações, nos sistemas de computadores e nos locais onde esta interação tem lugar. É o espaço principal onde se move a globalização. A rede permite aos movimentos sociais a compatibilidade entre o global e o local, o controlo do movimento dos capitais, a respetiva denúncia feita pela antiglobalização e a formação de novas identidades.

Na perspetiva de Giddens (1997), a globalização constitui uma importante mudança nos tempos modernos, caracterizado pelo estreitamento das fronteiras entre os diferentes países, o reforço das interdependências na sociedade global, afetando a vidas das pessoas. Em lugar de configurar uma identidade, a globalização desenvolve-se num quadro de desigualdades entre países, criando divisões e conflitos.

Para Waters (1999), a globalização em curso é marcada pelas tendências da liberalização económica, a democratização da política ou desconcentração do poder, a universalização da cultura. Neste sentido, abrem-se novas possibilidades à expressão de identidades diversas à escala global, como, por exemplo, as de género, étnicas, religiosas, etc. (Giddens, 1997; Touraine, 1998). Por outro lado, renascem os nacionalismos (Allison, 2000; Bairner, 2001, 2008). É o “reverso da medalha”, como refere Horne (2006). Waters (1999, p. 3) define a globalização como sendo: “um processo social através do qual diminuem os constrangimentos geográficos sobre os processos sociais e culturais, e em que os indivíduos se consciencializam cada vez mais dessa redução”. Nesta argumentação, o conceito de

globalização é objeto de “suspeição ideológica”, assim como o de “modernização” (Waters, 1999, p. 3).

Boaventura de Sousa Santos (2001) defende que o final dos anos 60 e início dos anos 70 se marcaram por um período de transição paradigmática no sistema mundial. Na sua argumentação, utiliza as noções de “globalização hegemónica e contra-hegemónica” para descrever as relações de força. Assim, a globalização pode ser de “baixa densidade” e “alta densidade”. A primeira é quando as diferenças entre os países são pequenas. A segunda é quando as diferenças são grandes. Também para Friedman (2000), os conflitos nos sistemas globais constituem intensos processos sistémicos que consistem no declínio da hegemonia, tendo por consequência o processo de fragmentação.

1.1.2.1 A Globalização Desportiva e Desportivização

A globalização desportiva não é somente a extensão territorial e institucional de um mercado do desporto em plena expansão, mas também o desenvolvimento de um novo modo de produção de novas mercadorias, isto é, atletas de elite capazes de crescer e de se multiplicar sem cessar os recordes e as performances de todos os tipos. Este modo de produção, culminando sob a forma de globalização no olimpismo ou nas grandes competições internacionais (copa, campeonatos), apoia-se em diversos pontos de ancoragem: uma estrutura desportiva de Estado, mais ou menos desenvolvida, segundo as Nações, mas definida segundo o mesmo modelo, idêntico na sua estrutura; uma economia diretamente ligada ao desporto (com os seus capitais, o seu mercado, os seus orçamentos, os homens de negócios, etc.); uma organização científica e tecnológica (com as suas redes internacionais, os atletas sem Nação, a dopagem planetária). Se a Nação continua a ser ainda o quadro de expressão da organização desportiva, o desporto desenvolve-se globalizando-se.

Várias oposições binárias estruturam os debates em torno do desenvolvimento global do desporto: universalismo *versus* particularismo; homogeneização *versus* diferenciação; integração *versus* fragmentação; centralização *versus* descentralização; justaposição *versus* sincretização (Maguire, Jarvie, Mansfield & Bradley, 2002). Na análise do processo de globalização do desporto estes autores referem que os fluxos globais envolvem cinco dimensões: 1) a dimensão da migração, envolvendo o movimento internacional de pessoas,

nomeadamente os turistas, exilados e trabalhadores; 2) a dimensão tecnológica, criada pelo fluxo entre os países, maquinaria e equipamento produzidos pelas empresas e agências governamentais; 3) a dimensão económica, centrada no rápido fluxo de dinheiro que circula à volta do mundo; 4) a dimensão dos média, levando ao fluxo de informação e imagens (televisão, rádio, filmes, vídeos, cabo, www); 5) a dimensão ideológica, ligada ao fluxo de valores e de ideologias dos Estados.

Nas sociedades modernas, o desporto estrutura uma parte importante da vida pública (Yonnet, 2004). Criador de eventos, ele ocasiona o agrupamento de massas e de manifestações que ritmam o tempo coletivo (Gasparini, 2000). Desde o início do século XX, o desporto passou de uma prática corporal relevante ao domínio dos lazeres a um fenómeno social de uma amplitude considerável (Travaillot, 1998).

Pelas paixões que suscita, pelas identidades que mobiliza, pelas estratégias que reflete, bem como pelos interesses económicos implícitos ou explícitos, o desporto constitui-se como uma importante dimensão das sociedades, que, nas suas formas modernas, se procurou instituir e afirmar como uma linguagem universal e como um modelo cultural adotado internacionalmente (Mandel, 1984). Um tal modelo tornou-se, pelo seu modo de difusão, numa das formas mais “visíveis” (Terret, 2008, p. 7) ou um dos principais “motores” da globalização (Gomes, 2005, p. 115; Terret, 2008, p. 77).

O século XX assistiu ao desenvolvimento do desporto competitivo como um fenómeno global (Noakes, s.d.; Chamerois, 2002; Giulianotti & Robertson, 2009). A sua globalização concretiza-se no facto de existirem hoje 205 comités olímpicos nacionais (192 estados membros das Nações Unidas e 12 em outros territórios). Como bem nos lembra Thibault (2009), na esteira de outros autores que têm estudado o fenómeno da globalização desportiva (Miller, Lawrence, McKay & Rowe, 2001; Maguire, Jarvie, Mansfield & Bradely, 2002; Tomlinson & Young, 2006; Wertheim, 2004; Westerbeek & Smith, 2003), a FIFA é mais global do que as Nações Unidas, integrando mais países.

A compreensão da globalização no desporto remete-nos para as origens do desporto moderno, que nasceu no século XIX em Inglaterra, no contexto da Revolução Industrial e de um capitalismo emergente (Elias & Dunning, 1986; Marivoet, 2002a,b; Terret, 2008).

Para além de um passatempo dos “*gentlemen-farmers*” (Terret, 2008, p. 15), onde a prática física não era esquecida, numa ascese de preparação de caça à raposa e de corridas a

cavalos (Elias & Dunning, 1986), a génese do desporto em Inglaterra desenvolveu-se entre 1820 e 1860 no seio das *public schools* (Winchester, Westminster, Charterhouse, Rugby, Eton, por exemplo). Estes privilegiados estabelecimentos de ensino agrupavam os filhos da alta sociedade, da burguesia urbana e dos senhores rurais, assegurando uma forte homogeneidade da elite social. As práticas físicas estão presentes sob a forma de jogos tradicionais ou de ginástica, correspondendo a uma cultura bem presente na sociedade britânica (McIntosh, 1968).

A industrialização, sobretudo nas sociedades inglesa e francesa, veio alterar este estado. Como é referido por Marivoet (1997a, p.102):

A industrialização introduziu novos valores nas práticas físicas. O desporto, como hábito cultural, deixa de ser praticado por uma aristocracia burguesa, que assegurava a sua reprodução através da instituição escolar, para passar a ser igualmente uma prática das classes trabalhadoras operárias, inseridas em organizações associativas constituídas para acolher e desenvolver uma prática desportiva regular.

Esta democratização é explicada pela redução do número legal de horas de trabalho e pela urbanização da sociedade, que favoreceu a busca de novas identidades. Não será necessário demonstrar com números ou gráficos que o desporto se tornou importante, enquanto fenómeno sociocultural e histórico das sociedades (Hargreaves, 1986; Constantino, 2006). Basta pensarmos, por exemplo, na atenção que os meios de comunicação social lhe prestam regularmente; na quantidade de dinheiro (público e privado) que se investe; na dependência da publicidade; na maior implicação do Estado por razões tão diversas como o desejo de combater a violência dos espectadores, melhorar a saúde pública, aumentar o prestígio nacional; no número de pessoas que com regularidade praticam desporto ou assistem como espectadores, para não falar dos que dependem direta ou indiretamente dele; no emprego de metáforas desportivas em esferas aparentemente tão diversas da vida (político e empresarial, por exemplo); e, para concluir, nas ramificações a nível nacional e internacional, sociais e económicas, negativas e positivas, de competições internacionais como as Olimpíadas e os Mundiais de futebol, karaté, râguebi, etc.

Como refere Perelman (2008, p. 17), “o desporto está em todo o lado” (“*outdoors*”, transportes, estádios, maratonas nas ruas, médias, na vida quotidiana, etc.). Nenhuma actividade terá servido com tanta regularidade de centro de interesse e tanta gente em todo o mundo, como bem sublinham vários autores (Elias & Dunning, 1986; Fiske, 1992; Pociello,

1999; Miller, Lawrence, McKay & Rowe, 2001; Lipovetsky, 2007; Horne, 2006; Giulianotti e Robertson, 2007).

A globalização do desporto está intimamente ligada ao conceito de “desportivização” introduzido por Elias e retomado por outros autores (Maguire, Jarvie, Mansfield & Bradely, 2002). Como refere Marivoet (2007, p. 9), desportivização é uma:

Expressão introduzida por Elias para designar o processo de transformação das formas de organização e desenvolvimento das práticas físicas em Inglaterra, assim como a sua generalização às restantes sociedades ocidentais, tal como a “industrialização” designa idêntico processo relativamente às formas de produção e trabalho.

De fato, o primeiro autor a usar este conceito foi Elias (1994, p. 236), que designa assim a transformação dos jogos em desporto a partir dos finais do século XVII em Inglaterra, e que Parlebas (1999, p. 382) designa por “primeira desportivização”. Durante os finais do século XVII produziram-se algumas transformações nas práticas físico-lúdicas na sociedade inglesa que se vieram a constituir como os princípios básicos que deram origem ao aparecimento do desporto moderno, tal como hoje o conhecemos.

Dentro destas transformações, haverá a assinalar a normalização das práticas físico-desportivas através do estabelecimento de regras uniformes que definem os tempos, os espaços e o desenvolvimento das respetivas provas, impondo um código de procedimentos de valores que restringem o uso da violência tal como sublinhou Elias (1986).

Esta transformação foi de tal modo marcante no desenvolvimento e estabelecimento do desporto moderno que, sem esta regulamentação seria impossível organizar-se campeonatos, comparar performances ou apurar resultados que envolvessem mais do que uma prova.

O processo de desportivização desenvolve-se, assim, em vários momentos, a que Maguire, Jarvie, Mansfield & Bradely (2002) chamam de fases, e que percorrem mais de dois séculos. Numa primeira fase, surgiram o críquete⁸, o golfe⁹, as corridas de cavalos e o boxe.

⁸ No caso do críquete, o primeiro regulamento surge em 1927. Foram os colonos britânicos que implementaram o críquete na Índia, passando a ser o desporto nacional. No exemplo, do golfe, o primeiro regulamento surge em 1744, na Escócia, com treze regras. O primeiro clube criado foi o *Honourable Company of Edimburgh Golfers*, fundado em 1744. A primeira pedra foi lançada por William St. Clair of Roslin, em presença de uma Sociedade de Maçons. O discurso de cerimónia designa todos os membros da Comissão e os seus estatutos são influenciados pelos da Maçonaria. William não é nada mais, nada menos do que o Primeiro Grão-Mestre da Grande Loja da Escócia, eleito em 1736 (Stirk, 1974; Beaurepaire, 2010).

No caso do boxe, o primeiro regulamento surgiu em 1743 e o primeiro “campeonato do mundo” teve lugar em Inglaterra em 1810 (Terret, 2008, p. 16). Numa segunda fase (século XIX) surgiram outras práticas desportivas, como, por exemplo, o futebol, o rãguebi, o ténis e o atletismo, tendo o futebol ganho uma enorme projeção mundial (Mignon, 1998). Uma terceira fase (finais do século XIX e princípios do século XX) engloba a disseminação das formas de desporto “inglesas” na Europa continental e nas colónias britânicas, e está associada à emergência de intensas formas de nacionalismo e à institucionalização da maioria dos desportos a nível internacional. O desporto começa a englobar práticas mais codificadas e mais institucionalizadas (clubes recreativos e desportivos locais, federações nacionais e internacionais), que normalmente dão origem a competições. Neste período, o Olimpismo moderno ganha relevo¹⁰ (Callebat, 1988). Uma quarta fase (dos anos 20 aos anos 60 do século XX) é marcada por “lutas” entre as nações ocidentais e não ocidentais para a sua afirmação no desporto. Depois da Primeira Guerra Mundial, verifica-se um progresso extremamente rápido. Passa a ser descrito como “um domínio maior da cultura europeia, uma peça mestra da estratégia política e económica” (Braunstein & Pépin, 2001, p. 169).

O arranque do processo de globalização no desporto está, segundo Maguire, Jarvie, Mansfield & Bradely (2002), associado à terceira fase do processo de desportivização. Com efeito, o último quarto do século XIX testemunhou a disseminação do desporto, o estabelecimento de organizações desportivas internacionais, a aceitação mundial de regras de governo de desporto, a multiplicação de competições entre equipas nacionais e o estabelecimento de competições globais, como os Jogos Olímpicos e os campeonatos do mundo em muitos desportos.

Nesta fase da desportivização, os ocidentais e em particular os ingleses, foram os “jogadores” dominantes. O Reino Unido era, então, o poder hegemónico e os seus desportos (futebol, críquete, atletismo) proliferaram pelo mundo, diminuindo o espaço de influência dos jogos nativos tradicionais (Wright, 1999). Mas não estiveram sozinhos. Os ginastas suecos

⁹ Sérgio (2003c, p. 210) refere: “o golfe tem, de facto, as mais claras tradições aristocráticas: foi um jogo real na Escócia e Guilherme IV concedeu ao clube de golfe de Saint Andrews o privilégio de intitular-se “The Royal and Ancient Golf Clube of St. Andrews”.

¹⁰ Note-se que os Jogos Olímpicos da Antiguidade Clássica tiveram início por volta do ano de 776 a.C. e foram suprimidos em 393 d.C.. Coubertin (1972 [1919], p. 21) considerava-os como um sacrilégio à luz do Cristianismo. Sobre a análise dos Jogos Olímpicos, aconselhamos a leitura da tese de doutoramento de Marivoet (2007).

(método Ling, 1776-1839) e dinamarqueses, o movimento do Turnverein alemão, são exemplos da fase europeísta no desenvolvimento de um desporto global (Chamerois, 2002).

A luta pela hegemonia, que começou nos anos '20, não ocorreu apenas entre o Ocidente e o resto do mundo, mas também dentro do próprio mundo ocidental. De uma forma crescente, o desporto norte-americano começou a disputar a supremacia inglesa (Guttmann, 1994; Hargreaves, 1986). Nos anos 1920 e 1930 práticas desportivas como o basebol, o basquetebol e o voleibol foram difundidos nas partes do mundo onde era maior a influência americana – Europa, América do Sul e partes da Ásia-Pacífico.

Após a Segunda Guerra Mundial, os EUA assumiram uma hegemonia imperial, que resultou na expansão dos desportos “americanos” no mundo.¹¹ O desporto tornou-se então um idioma global entre os anos 1920 e o final da década de '60.

De realçar que existem tentativas de aproximação dos desportos americanos (basquetebol, hóquei no gelo) à Europa e dos desportos europeus (futebol, Fórmula 1) aos Estados Unidos. Um tópico que merecia ser estudado é até que ponto assistimos a uma nova “americanização” da Europa ou a algo mais complexo envolvendo processos de exportação e de importação de desportos pouco conhecidos localmente, enviados nas asas da globalização dos meios de comunicação social.

Embora ocidental na sua orientação, o desporto tem sido um dos mais poderosos instrumentos de aculturação alguma vez conhecidos na humanidade (Maguire, Jarvie, Mansfield & Bradely, 2002).

A resistência à hegemonia ocidental no desporto assumiu formas várias, como a rivalidade entre o Ocidente e o bloco comunista durante o período da Guerra Fria, com orientações políticas e económicas diferentes e uma separação entre países do “Primeiro Mundo” e do “Segundo Mundo”. Terret (2008, p. 85) afirma que:

Na década de 1980, os efeitos da guerra fria sobre o desporto internacional são consideráveis. Provocam, em 1980, o boicote dos Jogos Olímpicos de Moscovo por uma parte das nações ocidentais conduzidas pelos Estados Unidos e uma reação idêntica dos países do Bloco do Leste aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, quatro anos mais tarde.

¹¹ Note-se, no entanto, que os três desportos mais populares na América – futebol americano, basebol e NASCAR – são completamente minoritários na Europa. Esta questão, de “americanização falhada” merecia estudo aprofundado à luz das noções de “soft power” e proximidade cultural.

Em 1951, a URSS solicita a sua admissão ao COI e participa no ano seguinte nos Jogos Olímpicos de Helsínquia. Outras nações não ocidentais surgiram a disputar a proeminência desportiva, batendo os antigos colonizadores, especialmente os ingleses. Faziam-no, contudo, nos jogos dos antigos colonos e não nas suas próprias manifestações nativas (Maguire, Jarvie, Mansfield & Bradely, 2002).

Desde os finais da década de '60 alteraram-se os equilíbrios do poder. Em desportos como o *badmington*, o críquete, o ténis de mesa, o futebol e o atletismo, cresceu a influência de asiáticos, com especial destaque para as designadas “artes marciais” (karaté, judo, aikido, kung-fu, taekwondo, etc.), sul-americanos e africanos. O controlo das organizações desportivas internacionais e do movimento olímpico começou então a escapar, embora devagar, das mãos exclusivas do Ocidente (Maguire, Jarvie, Mansfield & Bradely, 2002). Como refere Maguire (2006, p. 51), as artes marciais orientais, como uma série de jogos tradicionais, continuam a estar dentro e à volta das práticas ocidentais.

A difusão mundial iniciou-se principalmente a partir do momento em que chegaram ao Ocidente. Este processo arrancou com as tropas americanas estacionadas no Japão. Ao dar-se a ocupação americana, um dos primeiros cuidados dos invasores foi proibir e encerrar as escolas de artes marciais, que tinham sido responsáveis pelo treino e doutrinação da juventude nipónica. Após a derrota deste país na Segunda Guerra Mundial, voltavam para casa a ensinar karaté, judo, aikido, etc., que prometiam a possibilidade de o fraco vencer o forte.¹²

Os principais mestres orientais (Jigoro Kano, Morihei Ueshiba, Gichin Funakoshi, por exemplo) passaram a enviar também os seus melhores alunos para os países ocidentais. Criavam as suas estruturas organizativas. Funakoshi, por exemplo, formou, em 1948, a primeira associação japonesa de karaté (Boaventura, 1995, p. 10).

Contemporâneo de Pierre de Coubertin (1863-1937), Kano ligou sempre o judo aos ideais olímpicos e foi o primeiro membro japonês do Comité Olímpico Internacional (COI), em 1909, onde permaneceu durante 30 anos. Conseguiu que o judo figurasse nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 20 de Outubro de 1964, como desporto de demonstração, e nos programas dos Jogos Olímpicos a partir dos de Munique, em 1972 (Smith, 1986). Em 1952,

¹² A tese de doutoramento em Sociologia de Goodger (1981a) é uma fonte de informação de grande qualidade sobre numerosos aspetos do desenvolvimento do judo em Inglaterra. Para uma história do judo francês, a tese de Brousse (2000) é a produção mais atual, completa e de maior qualidade. Em Espanha, destacamos a tese de doutoramento em Educação Física e Desporto de García (2004). Em Portugal, sugere-se os trabalhos de Almada (1980, 1992).

por exemplo, Ueshiba envia para França um dos seus alunos, Abe Tadashi. Mochizuki Minoru (1907-2003) influenciou fortemente o desenvolvimento das práticas marciais em França.

Nos anos setenta o *kung-fu* foi popularizado pelos filmes de Bruce Lee¹³ e com a influência mercadorizadora dos filmes de ação *made in* Hollywood ou Hong-Kong (Genet, 2005). De notar que o cinema sobre as artes marciais existia muito antes de Bruce Lee. Mas, na realidade, o Pequeno Dragão permitiu o acelerar dos filmes do género e de abrir à Ásia a oportunidade de dar a conhecer o seu cinema ao resto do mundo (Genet, 2005, p. 8). Com a sua fulgurante ascensão e desaparecimento prematuro, Bruce Lee deu “toutes ses lettres de noblesse” no cinema *kung-fu*, que estava reservado a uma parte do continente asiático. Ele incitou as pessoas a praticar artes marciais, mas também proporcionou uma vontade e curiosidade de ver tudo o que vinha de Hong-Kong. Tudo começa em 1957 quando os irmãos Shaw decidem montar o maior estúdio de cinema em Hong-Kong.

Nos anos oitenta¹⁴, o *ninjutsu* foi a sensação. Os anos noventa seriam os de afirmação dos sistemas provenientes do sudeste asiático: *kali arnis* ou *eskrima* das Filipinas, *muay thai* da Tailândia, *viet-vo-dao* do Vietname, *pencak silat* da Indonésia. Isto a par com uma redescoberta e valorização de sistemas de combate autóctones, não orientais: a capoeira expandiu-se no Brasil (Araújo, 1995; Jaqueira, 2009), o *savate* (boxe) em França, o jogo do pau (esgrima lusitana) em Portugal, etc.

A chegada ao Ocidente tem, na maior parte das vezes, consequências várias para cada uma destas artes, que sofreram um processo de adaptação à sociedade de acolhimento. Esta adaptação começa pela secularização, pela carga cultural, mística e religiosa (seja budista, xintoísta, taoísta, hindu, ou outra), transportada por cada um destes sistemas tradicionais de combate. Como diz Pociello (1999, p. 51), elas vão se transformar sob a “influência cultural dominante” e “estruturante”, fazendo, assim, sentido questionarmo-nos sobre se a globalização do karaté preservou as suas características de arte marcial oriental. As artes

¹³ Para os mais interessados sobre o cinema relacionado sobre as artes marciais, recomendamos dois livros: *Encyclopédie du Cinéma d'Arts Martiaux*, de Christophe Genet (2005). Esta obra apresenta mais de 3 mil fichas de filmes, as séries mais marcantes e filmografias dos atores, atrizes e realizadores. E *Great Martial Arts Movies*, de Richard Meyers (2001).

¹⁴ Nos anos 80, nos EUA, entrava um cinema de muita ação e poucas falas. Se Schwarzenegger e Stallone foram reis, o belga Jean-Claude Van Damme foi delfim. E nunca largou o cetro, de "No Retreat", "No Surrender", "Universal Soldier", passando por "Street Fighter" e "Bloodsport".

marciais japonesas conhecem uma grande audiência nos anos setenta no Ocidente. O desenvolvimento das práticas marciais inscreve-se na sua institucionalização no seio das federações.

Nas sociedades ocidentais, existem leis que regulamentam a prática desportiva, às quais as “artes marciais” devem obedecer: as respetivas organizações têm que se registar legalmente, os alunos devem inscrever-se em seguro médico-desportivo, os mestres/instrutores têm que ter a sua certificação reconhecida pelo Estado e frequentar cursos onde a matéria passa a ser anatomia e primeiros-socorros, além de alguma legislação relevante e deveres e responsabilidades dos treinadores.

Geralmente, o grande público classifica todas as formas de atividades físicas ligadas ao combate sob a apelação genérica de artes marciais ou desportos de combate, utilizando os termos indiferentemente. Uma grande maioria dos praticantes faz o mesmo.

1.1.2.2 Grandes Eventos Desportivos, Mediatização e Espetáculo

Como poucas actividades, o desporto tem explorado desde o início o potencial da globalização (Giulianotti & Robertson, 2007; Thibault, 2009). Neste âmbito, importa realçar os grandes eventos desportivos, sobretudo os Jogos Olímpicos e os Campeonatos Europeus e do Mundo de Futebol. Estes eventos maiores assumem um interesse económico, político, comunicacional e turístico (Ferreira, 2003; Roche, 2006).

Os Jogos Olímpicos, “ressuscitados” por Pierre de Coubertin, em 1894, são um grande evento internacional, com desportos de Verão e de Inverno, em que milhares de atletas participam em várias competições. Os primeiros Jogos Olímpicos Modernos foram celebrados em Atenas, em 25 de março de 1896, com a presença de 50 mil espetadores (Lejeune, 2001). Os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno foram celebrados em Chamonix, em França, em 1924¹⁵. Os Jogos Olímpicos assumiram grande notoriedade entre as duas Guerras Mundiais, com o aumento constante do número de atletas e de nações participantes. O Olimpismo tornou-se uma filosofia de vida, que combina um conjunto equilibrado de qualidades do

¹⁵ A chama olímpica é uma inovação de 1928, o percurso-substituição da chama data de 1936, o hino data de 1957.

corpo, de vontade e de espírito. Aliando desporto, cultura e educação, o Olimpismo pretende criar um estilo de vida.

No caso do futebol, ele é o “estádio supremo da mundialização”, como diz Boniface (2006, p. 13). O seu império não conhece fronteiras nem limites (Giulianotti, 1999). É a “futebolização” da sociedade (Perelman, 2008). A perspectiva atenta de Marivoet (1997, 2006) sobre o futebol contém também o reconhecimento de que esta prática desportiva consegue ser hegemónica. Nem todas as modalidades desportivas conseguem vingar no mercado do espetáculo desportivo. No caso do Euro 2004, representou o mais sério compromisso entre o Governo na altura no poder e a Federação Portuguesa de Futebol (Salomé, 2006).

De sublinhar também que os meios de comunicação modificam a relação de tempo e de espaço (Attali, 2010). De fato, os médias, em primeiro lugar a televisão, oferecem o acesso ao desporto a um grande público e, por esta via, assegura o sucesso comercial das competições e a notoriedade dos desportistas e dos clubes. No entanto, a retransmissão do espetáculo desportivo pelos canais privados, depois de uma longa época do “desporto público”, construiu uma obrigação de resultado que reforça a lógica de concorrência entre os diferentes canais (tipo de emissões desportivas, horas de difusão, exclusividade dos direitos de retransmissão). O surgimento de novos média, a multiplicar as possibilidades de retransmissão em direto dos eventos desportivos, com os satélites, contribuíram amplamente para ajudar na globalização do desporto.

Guttmann (1986) sustenta que o espetáculo desportivo tem uma antiguidade secular. No entanto, e segundo Batista e Pires (1989, p. 16):

Ele apresenta nas sociedades contemporâneas desenvolvidas uma singularidade cujos traços podem ser referenciados às dimensões estruturais da modernidade, em particular a alguns modos de especificação dos sistemas de regras estruturantes dos complexos institucionais do Capitalismo, do Industrialismo e do Estado-Nação.

Para Roche (2006), os megaeventos assumem uma importância considerável em termos de trocas, transferência e difusão de informação, valores e tecnologias. Na pré-era da televisão, eram o principal veículo da globalização da cultura. Os megaeventos, na sua argumentação, exibem simultaneamente três características principais. Eles são “modernos e não modernos”, “nacionais e não nacionais”, “locais e não locais” (Roche, 2006, p. 8).

Nesta mediatização, nem todas as práticas desportivas têm o mesmo relevo. O futebol, o ténis, o râguebi, o ciclismo assumem a liderança. As artes marciais e os desportos de combate surgem muito pouco nos écrans.

1.2 As Artes Marciais do Oriente no Ocidente

Técnicas de combate com as mãos vazias sem ou com armas, à exceção das armas de fogo, as artes marciais conheceram um desenvolvimento importante e singular na Ásia. As suas origens milenares situam-se principalmente na China, no Japão ou na Coreia. As suas histórias têm influências entre as civilizações, mas cada disciplina testemunha as especificidades nacionais.

Fundamentos estáveis das culturas asiáticas, as artes marciais constituem um símbolo forte no Ocidente. No Ocidente, na linguagem corrente, as representações coletivas e as práticas dominantes, reenviam as artes marciais para as atividades tradicionais de combate saídas do Extremo-Oriente. Várias disciplinas japonesas (judo, jiu-jitsu, karaté, aikido, kendo, aido), coreanas (taekwondo), chinesas (tai-chi-chuan) ou vietnamitas (viet-vo-dao) desenvolveram-se em diversos estilos, formas, de práticas. Categorias de escolas e praticantes concorrentes coexistem no seu seio.

Historicamente, as “técnicas de corpo” (para usarmos uma expressão de Mauss (1950a)¹⁶, ocupam um lugar central nas artes marciais (Min-Ho, 1999). Ao serviço de uma eficácia máxima no combate, as técnicas corporais constituem uma arte, permitindo parar a violência, estando marcadas por valores morais e de aspetos filosóficos e espirituais, inspirados nomeadamente do taoismo, do budismo, do confucionismo e do sintoísmo.

As artes marciais conheceram na Ásia uma modernização e uma aculturação importantes durante o século XX, designadamente sob a influência da cultura ocidental.

Estruturadas inicialmente em torno de escolas e de mestres, perpetuadas principalmente em segredo, as artes marciais foram absorvidas por diversas instituições públicas, nomeadamente as federações desportivas e os estabelecimentos de ensino, designadamente as universidades.

¹⁶ Segundo Mauss (1950a), as técnicas de corpo são os modos como as pessoas, sociedade a sociedade, de um modo tradicional, sabem servir-se do seu corpo.

É preciso rejeitar a ideia expandida de que existe uma continuidade entre as práticas originais e as suas formas atuais. O desenvolvimento das artes marciais na Europa, e em particular em Portugal, observa um movimento associativo, com períodos e ritmos variáveis. O jiu-jitsu, introduzido no século XIX, e que não é menos do que uma prática de circo e de *music-hall* (Rosa, García & Gutiérrez, 2010), serve de base para a implantação do judo nos anos 1930. O karaté e o aikido desenvolveram-se nos anos 1960. O taekwondo, o kendo e o aido propagam-se no Ocidente durante a segunda metade desta década (Rosa, 2007, 2008, 2016; Rosa, García & Gutiérrez, 2010).

Surgidas nos anos 1960, as artes marciais japonesas conhecem uma grande audiência nos anos 1970 no Ocidente. O desenvolvimento das práticas marciais inscreve-se no seio das federações. Estas resultam de um agrupamento e de autonomização de grupos concorrentes, de jogos de poder simbólicos e financeiros, ligadas às federações autónomas e disciplinares.

O número de praticantes sublinha a sua evolução e reconhecimento. Estes desenvolvimentos acompanham os movimentos identitários, articulando-se em duas dimensões, permitindo a cada prática definir a sua singularidade, a sua autenticidade e a sua supremacia: a eficácia combativa e a relação com as tradições.

Se o aikido, o kendo e o tai-chi-chuan são consideradas como artes marciais tradicionais, o judo e o karaté ilustram aquelas que se desportivizaram. A eficácia combativa é muito valorizada no kendo, contrariamente ao tai-chi-chuan. As técnicas marciais são compreendidas se olharmos para a história da violência tolerada na sociedade e como um processo de civilização dos costumes (Elias, 1992; Beck, 1992; Lipovetsky, 1988; Giddens, 2004).

Outros setores sublinham o interesse das artes marciais. Elas são particularmente desenvolvidas no Ocidente numa perspetiva utilitária nos serviços ou instâncias encarregadas da segurança civil e militar, combinando finalidades higiénicas e defesa pessoal.

Os meios de comunicação social sublinharam como os valores e os imaginários veiculados pelas artes marciais concernem a nossa sociedade. Através do cinema nos anos 1970, os desenhos animados, as bandas desenhadas, os jogos de vídeo, os espetáculos destinados ao grande público. Geralmente, os média foram colocando em evidência a eficácia combativa e os aspetos mais exóticos. Estes elementos não são estranhos ao eco que se lhe reserva, numa sociedade onde a violência e a evasão são onnipresentes.

Apesar da aculturação das artes marciais, em Portugal, por exemplo, elas estão estruturadas em torno de fundamentos culturais característicos. No coração do ensino, da prática e da *expertise*, as técnicas marciais são muito codificadas e formalizadas. Várias categorias são tradicionalmente distinguidas: pancadas em certas partes do corpo, imobilizações, projeções, estrangulamentos, luxações, utilização de armas. As formas de prática podem inscrever-se em confrontos mais ou menos intensos e as demonstrações codificadas ou ritualizadas¹⁷.

O equipamento varia segundo as formas e as cores, segundo as práticas, e participam na hierarquização dos praticantes, essencialmente nas artes marciais. As graduações têm um papel-chave neste processo. Geralmente, o cinto negro é associado ao estatuto de mestre. Os rituais enquadram o espaço e o tempo de prática, nas quais a saudação. Realizada a diferentes momentos característicos, a saudação implica sempre uma inclinação da cabeça, como símbolo de respeito e de confiança. A prática é regida por um código moral, refletindo os fundamentos filosóficos de cada disciplina. Enfim, as artes marciais veiculam a representação do corpo (Pociello, 1981), colocando a tónica em laços estreitos com o espírito, em relação com a medicina tradicional e filosofias do Extremo-Oriente.

Estes fundamentos culturais são a fonte de identidade, de diversidade e do sucesso diferenciado das artes marciais. Cada disciplina propõe várias modalidades mais ou menos eufemizadas e ritualizadas, tendo em vista diversas finalidades, uma relação com o corpo e a estética, de normas e valores (Clément, 1985).

As motivações são também elas variadas e não exclusivas: lazer, competição, defesa, canalização da agressividade, educação física e social, saúde, procura de uma filosofia.

Todas as categorias sociais estão representadas na prática das artes marciais. Se as mulheres são minoritárias, as crianças e os homens são a maioria (Davis & Louveau, 1988; Braunstein & Pépin, 2001).

Veiculando as diferentes filosofias e espirituais provenientes do Extremo-Oriente, as técnicas corporais, onde o fator tecnológico é minoritário, as artes marciais têm vindo a assumir um papel importante nas sociedades ocidentais. São testemunhas de uma mundialização ou globalização da cultura tal como vimos. Se no Oriente as artes marciais são

¹⁷ As noções de "rito", de "ritual" e de "ritualização" dão conta do simbolismo do comportamento que partic. Será que as artes marciais têm alguma coisa a ver com a religião? Visam habitualmente a perpetuação da ordem social (ordem política, religiosa, maçónica, etc.).

um meio de submeter os praticantes nas normas e valores de uma sociedade e de perpetuar os seus fundamentos culturais, no Ocidente elas inscrevem-se numa sociedade de lazer e numa lógica de oferta e de procura. As artes marciais são, para utilizarmos uma expressão de Pociello (1981), um “produto de mercado” (económico, cultural e social). Como tal, sujeito à oferta e à procura, que haverá que publicitar e “vender”. O mestre passa a ser um prestador de serviços e o discípulo um consumidor (“cliente”).

1.2.1 A Religiosidade nas Artes Marciais e Desportos de Combate

Nos dez preceitos que escreveu, em 1908, Itosu Anko (mestre de karaté e com a preocupação de difundir esta prática no Japão) argumenta que o karaté (um exemplo) nada tem a ver com a religião. O karaté não saiu do confucionismo, do budismo nem do taoísmo (Mabuni, 1989). A proximidade do karaté com o *Zen*¹⁸ (escola budista) é uma metáfora, segundo Mabuni (1989). Com o karaté procura-se chegar a um estado de espírito através de uma longa e difícil prática física. Neste sentido, o karaté ultrapassa absolutamente o *Zen*, segundo o qual o meio de chegar à compreensão é essencialmente a meditação (Mabuni, 1989).

De facto, a prática das artes marciais não implica uma adesão institucional a uma tradição filosófica ou religiosa particular, mesmo se o estado de espírito da prática reenvia muitas vezes para os valores saídos das tradições como o budismo e o taoísmo. Braunstein (2001, p. 251) refere a este propósito que a prática das artes marciais oferece uma forma (não obrigatória) de espiritualidade (um universo de sentido) que não se insere numa tradição religiosa (oriental ou ocidental) bem definida, mas numa forma de “bricolagem” em torno de “vagos denominadores comuns de sabor oriental”. O *vazio*, o *wu wei*, o *zen*, o *yin* e o *yang*, o *taiji*, o *samsara*, o *karma*, os *chakras*, os cinco elementos (*wu xing*), os oito triagramas (*ba gua*), etc. Por consequência, não se trata de uma prática que não se inscreve num quadro

¹⁸ Termo japonês do sânscrito *dhyana*, através do chinês *Ch'an*. *Zen*: Escola budista de meditação, desenvolvida na China, a partir do século VI. O *Zen* não é uma religião independente, mas antes uma forma de espiritualidade milenária na qual convergem o budismo hindu e o taoísmo chinês e que, a partir do século XII, influencia de forma decisiva a cultura japonesa. Hoje, o *Zen* tornou-se numa moda e num artifício comercial. Temos restaurantes *Zen*, decoração *Zen*, colchões *Zen*, mobiliário *Zen*, iogurtes *Zen*, cremes e todo o tipo de tratamentos milagrosos *Zen*. Ou seja, nada como uma solução *Zen*, uma atitude *Zen* que proporcione momentos de pacificação da mente e da evasão à realidade. Não passam, muitas vezes, de artimanhas de um *marketing* cada vez mais em ascensão.

institucional definido, autoritário e dogmático. Para este autor, trata-se de uma forma de espiritualidade que não implica uma crença e uma força superior personificada, mas que se inscreve numa forma de crença racionalizada e de desenvolvimento pessoal. É então uma forma de transcendência ou de auto-transcendência que se inscreve no corpo, no sentimento e na emoção, uma prática que se inscreve na vida de todos os dias, colocando em evidência na união entre o corpo, o mental e o espírito. As artes marciais oferecem uma visão holística do ser humano, do seu lugar no universo, insistindo sobre a influência de uma energia vital e universal.

Este fenómeno reflete-se igualmente nos códigos de conduta ou do “código moral” que é veiculado nas escolas de artes marciais, e que é considerado pelos praticantes como algo essencial ou importante na prática destas modalidades. Ouve-se, com frequência, os praticantes a referirem que procuram respeitar este código no interior (*dojo*) e no exterior (sociedade). Trata-se, essencialmente, de um código moral, que gira em torno de temas fundamentais: respeito pelos outros, respeito por si próprio, respeito pela tradição, lealdade, humildade, honra, perseverança, sabedoria e coragem.

A dimensão filosófica-religiosa e a dimensão moral das artes marciais (Malizewski, 1996) surgem também quando se questiona os praticantes sobre os benefícios das artes marciais na sua vida. Estes benefícios são, em geral, a procura de harmonia entre os aspetos físicos, psicológicos e espirituais da vida humana. A dimensão de bem-estar físico, o aumento das capacidades físicas ou aptitudes marciais são importantes, mas surgem nas dimensões de carácter psicológico, social ou espiritual: o relaxamento e a calma, o prazer intrínseco da prática, o sentimento de bem-estar, do bom humor que emana da prática, o desenvolvimento de confiança em si, o sentimento de desenvolvimento pessoal, a satisfação pessoal, a disciplina, a gestão de relações conflituosas, escuta de si e dos outros, amizade, sociabilidade.

O termo “arte marcial” é ele mesmo carregado de uma espécie de contradição entre o aspeto artístico e o aspeto militar, mas que reflete bem a perceção que os praticantes de marciais têm relativamente à espiritualidade e religião. Os praticantes parecem bem acomodar-se a este paradoxo e vêm nele uma forma de integrar a prática das artes marciais a todas as dimensões da sua vida.

Na nossa perspetiva, a introdução das artes marciais asiáticas data, com maior protagonismo, dos anos sessenta e setenta, coincidindo com o início do desenvolvimento da cultura da procura de espiritualidade associada ao movimento “New Age” (Nova Era).

Segundo Lenoir (2003), esta procura de espiritualidade inscreve-se diretamente na modernidade religiosa do século XX ocidental, uma modernidade caracterizada por três fenómenos subjacentes: a individualização, a racionalização e a globalização. A individualização religiosa caracteriza-se pela recusa dos indivíduos em entrar numa lógica de obediência, em particular face ao sistema institucionalizado e doutrinário típico das tradições judeu-cristianismo. Na racionalização, o indivíduo é responsável pelas suas escolhas. A globalização implica a explosão de escolhas religiosas, espirituais, meditativas, práticas que se têm generalizado no Ocidente. Como assinala Lipovetsky (1988, p. 110):

Nada mais estranho neste tempo planetário do que aquilo que se designa como “regresso do sagrado”: sucesso das sabedorias e religiões orientais (zen, taoísmo, budismo), dos esoterismos e tradições europeias (cabala, pitagorismo, teosofia, alquimia), estudo intensivo do Talmude e da Torah nos Yéchivot, multiplicação de seitas; incontestavelmente, trata-se de um fenómeno muito pós-moderno em ruptura declarada com as Luzes, com o culto da razão e do progresso”. Mais adiante acrescenta: “a atracção do religioso é inseparável da dessubstancialização narcísica, do indivíduo flexível em busca de si próprio, sem referenciais nem certezas – nem sequer a do poder da ciência – não é de ordem diferente da atracção efémera, mas intensa, por esta ou aquela técnica relacional, dietética ou desportiva.

Recorrendo a Giddens (2004) e Lacroix (2000), a meditação *Zen* é uma actividade associada ao movimento “New Age” (Nova Era), que surgiu da contracultura dos anos 60 e 70, em dois pontos diferentes (na Califórnia e Findhorn, na Escócia), e envolve um vasto espectro de crenças, práticas e estilos de vida. Este movimento, “longe de ser uma moda passageira”, nas palavras do etnólogo Montenegro (2000), está sobretudo comprometido com a ideia de “auto-espiritualidade”, a crença de que o eu (*self*) é sagrado (Heelas, 1996, 2008).

Aos valores moralistas da sociedade de consumo, opõem-se os valores do ser contra o materialismo e a civilização do ter. Como escreve Sérgio (1987, p. 27):

O homem é um ser carente – tudo lhe falta; mas é consciente da carência e por isso é prático – vai em busca do que precisa fora de si, cria, inventa, resolve problemas, ultrapassa determinismos; é um ser aberto, poroso, vazado, relacionado consigo mesmo, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência.

O maio de 1968, inserido neste movimento, acompanha uma nítida orientação das práticas da nova geração. A importação de novas actividades “californianas”, (*windsurf...*) ou

com toques orientais (*karaté, judo, aikido...*) foi-se aliando à transformação das modalidades tradicionais do desporto. No entanto, e segundo Malenfant-Dauriac (1977, p. 86), “o desenvolvimento dos desportos californianos não pode ser reduzido à recusa do modelo inglês e a diversificação interna das práticas e não exprime exclusivamente a colocação em causa as regras estabelecidas”.

1.2.2 As Artes Marciais: Relação e Diferenciação Face aos Desportos de Combate

De uma forma geral, chamam-se genericamente “artes marciais” a um conjunto de práticas físicas com origem asiática, orientadas para situações de combate desarmado ou com armas tradicionais, às quais se associam habitualmente um conjunto de valores espirituais e morais, “uma filosofia”, ou uma “via de realização” (Clément, 1983; Léonard, 1992, 1993; Zarilli, 1995; Levine, 1989, 1990, 1991, 1994, 2006).

Para Natali (1987), denominam-se “artes marciais” os diferentes métodos de defesa pessoal que têm servido aos diferentes povos para a defesa do território e dos bens pessoais e públicos dos seus cidadãos. No entanto, nos dias de hoje, são somente chamadas “artes marciais”, “artes de combate” ou “artes de combate e meditação” (Lima, 1990, pp. 119-125), as artes de defesa pessoal orientais (e.g.: karaté, judo, kyudo, kendo, aikido), talvez por possuírem uma codificação mais sistemática, por estarem organizadas de forma hierárquica, e possuírem uma metodologia mais uniforme. Estas artes abrangem um conjunto de técnicas de defesa e ataque, utilizando várias partes do corpo ou recorrendo ao uso de armas.

Segundo Braunstein (2001, p. 98), a expressão “artes marciais” figura no dicionário *Le Robert* desde 1933 e surge, pela primeira vez, no livro de Nyozekean (1940). Etimologicamente, a palavra “marcial” não é uma designação Oriental, mas sim Ocidental. Vem do latim *martialis* (de Marte, deus da guerra na mitologia romana), e significa “relativo a militares ou guerreiros”, “corajoso”, “bélico”, traduzindo mais ou menos as noções de *Bujutsu* (Japão) ou *Wushu* (China).

A questão pertinente que se coloca, atualmente, é a de saber se são artes marciais ou desportos de combate¹⁹? Nas considerações elaboradas por Fiadeiro (1984, p. 39), “as artes

¹⁹ É curioso notar que Pierre Bourdieu defendia que a Sociologia deveria ser encarada como um desporto de combate, e não são raras, aliás, as analogias que utilizava a partir do campo desportivo (cf. Pierre Bourdieu e Hans Haacke, *Libre-échange*, Paris, Seuil, 1994, pág. 113). Note-se também que Bourdieu dirigiu o estudo

marciais/desportos de combate são expressões diferentes da mesma raiz”, e “que raramente são encontradas na sua pureza total”. Variam consoante os objetivos prosseguidos pelas organizações. O que as diferencia, segundo Figueiredo (1987, pp. 1 e 3), é “a orientação que os treinadores/instrutores lhes dão”.

Como os “problemas controversos” são “mais estimulantes do que os adquiridos consensualizados, para mais num debate científico” (Costa, 2007, p. 16), o sociólogo Tokitsu (1983a, p. 589) afirma que as artes marciais (ou *Budô*)²⁰ situam-se na “continuidade de uma tradição”, e mesmo quando as denominamos de desportos, “as diferenças subsistem ao nível da prática”. Assim sendo, as definições utilizadas tornam-se “ambíguas”.

Em *Sports et Sociétés* (1981, p. 286), Clément esclarece que a dupla designação, desportos de combate e arte marcial, reforça a “ideia da especificidade”. A introdução do conceito de arte, na designação destas práticas, é portador de uma carga semântica particular, tornando difícil a elaboração de uma definição puramente motriz.

Le Rest (2002, pp. 27-28) não se distancia do ponto de vista de Clément. No caso do karaté, em particular, diz que este se encontra “preso” na dupla designação. Muitos praticantes procuram descobrir um desporto, mas são confrontados com outra coisa, uma arte difícil, que não é fácil de seguir, porque o que se procura não é capitalizar pontos e erguer medalhas. Os praticantes são submetidos a ritos de passagem (o rito é um conjunto de regras estabelecidas). Contrariamente ao desporto, o fim não é adquirir técnicas eficazes para vencer um adversário, mas utilizar as técnicas para ultrapassar os estados de rigidez corporal, para aprender a apropriarem-se de qualidades de flexibilidade, de respiração, de controlo de contrações e descontrações musculares.

Segundo o autor, o karaté não é lúdico, e contrariamente ao que se passa no judo, o indivíduo encontra-se sozinho face ao que ele produz de esforço. E esta é uma das razões que explica porque os jovens franceses iniciam-se no karaté mais tarde do que no judo. Por outro lado, e em oposição ao desporto, o aspeto ritual de arte marcial é capital e constitui um dos fundamentos da disciplina. A ritualidade do karaté opõe-se manifestamente ao domínio dos

efetuado por Jean-Paul Clément, *Étude comparative de trois disciplines de combat (lutte, judo, aikido) et de leurs usages sociaux*, Thèse Paris-VII, Paris, 1985. Défrance (2003, p. 41) relata que Bourdieu acompanhou no terreno o estudo realizado por Loïc Wacquant sobre o boxe.

²⁰ No Japão, existe a via da caligrafia (*shodo*), a de cerimónia do chá (*chado*), a do arranjo das flores (*kado*). Ou seja, uma via para cada arte antiga. A arte do combate não foge à regra: o *budô* designa o caminho das artes marciais tradicionais.

desportos. Ainda no caso particular do karaté, Le Rest (2002) insiste sobre os aspetos que se situam nos antípodas da prática desportiva, mostrando a sua natureza. Nesse sentido, investiga a dimensão cultural incontornável desta disciplina, cuja evolução, as raízes históricas, não podem ser dissociada das práticas religiosas e filosóficas orientais.

As artes marciais e os desportos de combate oferecem uma diversidade de modalidades de prática (desde a competição à pesquisa estética), logo de “usos sociais”²¹ ou usos do corpo diferentes. O conceito de “usos sociais” foi amplamente exposto nos trabalhos da Sociologia da Cultura e da Sociologia do Desporto (Boltanski, 1971; Bourdieu, 1979; Pociello, 1981; Defrance, 1987). Veio sublinhar que um elemento cultural, qualquer que ele seja, se presta a usos diferenciados segundo os grupos sociais que o adotam. Isto quer dizer que uma prática não é efetuada por si mesma, mas que está muitas vezes associada a um objetivo, mais ou menos definido, que visa justificar o tempo, a energia e os meios que lhe consagramos.

Falar de uma pluralidade de “usos sociais” ou “cultura somática de classe”, se quisermos utilizar a expressão de Boltanski (1971, p. 208)²², para as actividades físicas e desportivas, sugere que os objetivos e as justificações variam segundo os contextos, os atores em presença e os motivos/compromissos do momento. Segundo o autor, as regras não são idênticas nos diferentes grupos sociais. O interesse e a atenção que os indivíduos dão ao seu corpo (aparência, sensações físicas, etc.) crescem à medida que se sobe na hierarquia social. Assim, as regras que determinam as condutas físicas dos sujeitos sociais constituem a sua “cultura somática” e são produto de condições objetivas, traduzidas na ordem cultural (Boltanski, 1971).

A preocupação deste autor foi orientada por diferentes aspetos que, na sua perspectiva, se interligam: saúde, usos médicos, doença, percepções corporais, discurso médico, medicina popular, cuidados com a higiene, usos de medicamentos, dieta alimentícia, sexualidade, discurso erudito e discurso popular (Boltanski, 1979, 1989). Um dos seus argumentos é o de que o ser humano é portador de determinações sócio-económico-políticas e que produzem sensações, percepções e sentidos às suas ações. Estes aspetos estão socialmente marcados pela

²¹ "Usos sociais das práticas de combate dual" - tema dedicado no colóquio promovido pela Universidade Paul Sabatier, Toulouse, em 23 e 24 de Junho de 2008.

²² Para uma "cultura somática" relacionada com o desporto, veja-se Krawczyk (2000).

hierarquia de determinadas classes sociais que definem pertenças, e que o autor caracterizou pelo “habitus corporal”.

Como vemos, as práticas desportivas não são equivalentes do ponto de vista das consequências de sucesso e de modelos sociais que oferecem (Duret, 2008). Nos desportos de combate (como o full-contact, o kick-boxing ou boxe thai), a primazia é dada à competição, tendo em vista o K.O. (aniquilação do adversário), enquanto as artes marciais tradicionais (judo, karaté, aikido) inserem-se no espírito e na história do *Budô* japonês, como forma cultural e como meio de defesa em campo de batalha.

Na realidade, apenas algumas destas disciplinas foram desenvolvidas e usadas pelas castas guerreiras das distintas civilizações orientais, que as criaram, merecendo o epíteto de artes de guerra ou de combate (Natali, 1987; Lima, 1990), pelo que nós preferimos chamá-lhes de “sistemas tradicionais de combate” ou de “combate dual”, com bem sublinha Gaudin (2009), na sua análise socio-histórica da codificação das práticas marciais.

1.2.3 *Budô* e o seu Significado

O termo *Budô*, palavra de criação japonesa, que define as artes marciais, compõe-se de um conjunto de duas palavras chinesas: *wu* (japonês: *bu*), guerreiro, armas, e *dao* (japonês: *dô*), via, caminho em direção ao conhecimento, com a conotação moral do aperfeiçoamento de si mesmo. Dito de outro modo, do japonês corrente, o caractere *bu* significa o que é viril e forte, e reenvia para as categorias de potência *bui* e bravura *buyû*. Masayasu (2001, p. 125) refere que existe no Japão uma veneração por tudo o que toca ao mundo guerreiro, veneração que explica a “predileção pelos pronomes masculinos”.

Na época de Edo (1603-1868), durante a qual o Japão se fecha ao Ocidente, a palavra *Budô* assume um sentido mais amplo. Ela designa sempre uma via que deve seguir o guerreiro, englobando todos os *bugei*, diferenciadas em diferentes disciplinas sistematizadas em imensas escolas, mas ele assume, sobretudo, uma conotação ética mais clara ao ponto de se confundir com o termo *Bushidô*, a via do Samurai.

Nesta época para se designar as diferentes disciplinas empregava-se geralmente as palavras do sufixo *jutsu* (técnica): *jujutsu*, *kenjutsu*, *kyujutsu*, etc. O hábito atual é de utilizar os termos com o sufixo *dô* (*judô*, *kendô*, *kyudô*, etc.), quando a sociedade japonesa, em plena

agitação social, se abria à cultura ocidental. Estes termos conheceram uma vaga crescente, quando do aumento do militarismo, depois durante a guerra, onde os ensinamentos do *Budô* tornaram-se obrigatórios nas escolas para fortificar as virtudes guerreiras e, eventualmente, servir no combate.

O desenvolvimento das artes marciais na época Edo não é paradoxal. Ela explica-se pelo fato das artes marciais serem consideradas, pela sua vertente formativa, como um elemento maior na educação do samurai e como parte integrante do *Bushidô*, nova palavra que designa o código moral do guerreiro, suplantando outras antigas expressões, como “mononofu no michi” (Briot, 2001, p. 26).

Em 1683, num artigo do primeiro Shohatto, editado por Tsunayoshi, é referido: “o guerreiro é exortado à prática de armas e das letras, à fidelidade ao soberano e à piedade final, e deve-se conformar com a etiqueta” (Akamatsu, 1972, p. 137).

Na Era Meiji (1868-1912), e segundo Briot (2001), os dois termos (*Budô* e *Bushidô*) se diferenciam e seguem destinos opostos. O *Bushidô* passa a ser o suporte espiritual de japoneses militantes patriotas. A palavra é popularizada no Ocidente pela obra idealista “*Bushidô: the soul of Japan*”, do protestante cosmopolita Nitobe Inazô (1905).

No pós-guerra, seguindo uma via bem diferente, a palavra *Budô* conheceu uma nova forma e desenvolvimento mundial através das artes marciais (judo, karaté, aikido, kendo, etc.), assimiladas a disciplinas desportivas. A palavra *Budô* foi assim adotada e adaptada. Note-se que depois da guerra, e de um curto tempo de interdição das disciplinas japonesas de combate pela armada americana de ocupação, as diferentes federações desportivas que viram o dia as vulgarizavam de uma forma determinante estes novos termos.

Com a derrota do Japão em 1945, o *Bushidô*, na sua forma mais extremista e mórbida, renasce das cinzas através da ação política e literária de Yukio Mishima (1925-1970), tergivando os “valores característicos da raça” (Chamberlain, 1931, p. 75).

A palavra *Budô* dá lugar à criação de neologismos: *kobudô* e *shinbudô* (ou *gendai Budô*): “*Budô* antigos” e “*Budô* novos” (ou *Budô* contemporâneos). O primeiro designa a arte das escolas de armas. O segundo encerra os desportos de combate de origem japonesa, que nós chamamos, à falta de melhor expressão, as novas práticas de visão filosófica. A palavra *Budô* conota uma certa ideia de “japonitude”, ou seja, o termo abrange as práticas de pertença à “tradição japonesa”.

Segundo Masayasu (2001), os manuais de instrução antes da guerra, que tratam do *Budô*, do *Bushidô* ou de *mononofu no michi*, revelam que a aceção primitiva de *bu* é um desejo de paz. No primeiro ensaio japonês sobre as artes marciais concluído depois da guerra, *Budô hōkan* (1983), os autores são unânimes em referir este sentimento. Entre outros, citamos:

Não brandir a sua lança para matar mas ficar mestre de reter para não matar, eis o princípio do caractere *bu*. Em outros termos, é o *shinbūfusatsu* (alguém que chega ao estado de deus da guerra não mata (Shionaya, citado em Katshuhisa, 1983, pp. 4-8).

Na verdade o sentido de *bu* não existe fora da retenção da lança. Dito de outro modo, o objetivo do *bu* encontra-se na paz. É a harmonia com os outros, com os inimigos, com os deuses, com o céu. Esta grande harmonia consiste na virtude guerreira, *butoku* (Noma Seijo, citado em Katshuhisa, 1983, pp. 15-20).

O objetivo fundamental das artes marciais é, pela organização da vida, a ordem da casa, a repressão dos problemas, o serviço do País, a via que traz a paz ao mundo inteiro. O que não quer dizer que é pelo combate que se pode colocar fim aos combates (Tadakatsu, citado em Katshuhisa, 1983, pp. 216-217).

Sanzô (1967) refere que a nomeação, em 1942, do Primeiro-ministro no lugar de diretor da Grande Associação Nipônica de Moral Guerreira, *Dai Nippon Butokai Kai*, fundada em 1845, foi uma ingerência política significativa no domínio das artes marciais. Foi um retrocesso, na sua perspetiva. Um retrocesso porque a abolição da nobreza, com a publicação dos decretos obrigam os samurais a cortar o cabelo e a entregar as armas, colocando fim a uma classe social (os *bushī*) e fazer nascer uma nação moderna. Ora, na linha direita da política de reforço económico e militar, foram introduzidos nos programas escolares as artes marciais e o treino militar.

O espírito *kamikaze* (próprio do Japão), e que surpreendeu os aliados e adversários, “funda-se na mentalidade das artes marciais” (Masayasu, 2001, p. 128).

O autor expõe uma ideia interessante sobre as artes marciais, tendo por base a aplicação em 1979 de um questionário aos japoneses a partir de 2939 termos, vocabulário relativo às artes marciais, onde identificou dois pontos de vista sobre as artes marciais.

O primeiro, elogioso, que exprime o patriotismo, que elas são uma filosofia positiva de ação, fundamento da mentalidade japonesa. É a partir desta filosofia que se elabora as

reflexões sobre o mundo da Via e os princípios imutáveis que regem a ação humana. Pode-se citar os sete princípios da via do guerreiro: a sabedoria, a bondade, a coragem, a simpatia, a lealdade, a verdade e a honra. Segundo este ponto de vista, a prática das artes marciais procura a felicidade-alegria, a razão de viver, a realização humana e a eficácia social, assim como a honra de se ser japonês e o gosto pela tradição, das emoções e dos valores.

O segundo ponto de vista exprime a existência de uma consciência negativa das artes marciais, uma aversão impulsiva. Os qualificativos fora de moda, reacionárias, feudais, exprimem a crença de que elas são facilmente manipuláveis com fins políticos e de que se ligam ao militarismo. Assusta ver a violência direta, considerada como uma selvajaria, ou, como diria Elias (1992), um retrocesso civilizacional.

Claro que a concepção das artes marciais evoluiu ao longo da história, aproximando-se ou afastando-se do sentido original do caractere *bu*. Também, a concepção das artes marciais tende a variar segundo a experiência e as diferentes sensibilidades devidas à idade e género.

Contrariamente a uma ideia vigente no meio das artes marciais, para o sociólogo japonês Tokitsu (2000) o *Budô* não saiu da prática guerreira das artes marciais. É uma concepção moderna que visa a formação global do homem, intelectual e físico, através de disciplinas tradicionais de combate. O *Budô* evoca uma imagem séria, de severidade, de ritual, de respeito pelos mais antigos e pelos mestres, de meditação silenciosa (Tokitsu, 2000, pp. 13-14).

Segundo Cynarski & Obodynski (2009, p. 2), “At the present, Budô is understood as a moral way of non-aggression, an educational system (...), art of life or a humanized form of the ancient axionormative systems of Bushido – the honor code of the Japanese chivalry”.

Ehrenberg, Yahi & Zylberman (1977, p. 224), sublinham que o mito do *Budô* é de preservar o karaté das pressões do desporto e dos espetáculos desportivos. Mas qual é o significado que é dado pelos praticantes a estes conceitos de *Budô*, *Bushidô*, etc.? Recorrendo a entrevistas efetuadas em 2012, no âmbito de um trabalho exploratório sobre artes marciais e desportos de combate, vejamos alguns testemunhos de praticantes:

“O *Budô* é sustentado por práticas de combate não sendo contudo estas o seu principal objetivo. Estas são o instrumento de desenvolvimento da identidade do guerreiro. E a identidade do guerreiro rege-se por princípios de respeito, honra, empreendedorismo, resiliência” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º dan Shotokai).

“Para mim, o *Budô* é a forma interior e pessoal de interpretar a prática marcial e modelo de vivência dentro da modalidade” (Nuno Dias, 24 anos, 2.º dan Shukokai).

“Julgo que o conceito *Budô* permanece atual, sendo esse *Do* no *Karaté-Do* praticado em todos os momentos e técnicas. Como exemplos clássicos e básicos, pode-se referir o ato de suportar uma posição mais incômoda, trabalhar no limite da exaustão física, “aplanar” as nossas emoções durante o treino. Como exemplos mais avançados, pode-se referir a aplicação permanente (dentro e fora do treino) dos 20 princípios” (José Patrão, 46 anos, 5.º dan Shotokai).

A distinção entre *Budô* e o desporto lúdico ou competitivo é uma questão da associação da prática com uma maneira de ser na prática física e no mundo. A prática do *Budô* (enquanto forma de estar na vida e de entender o karaté) leva a que esta modalidade ultrapasse a questão desportiva e coloca o karaté (e outras artes marciais, pois a realidade é semelhante) numa designação ambígua (Clément, 1985): desporto, arte marcial, arte (intensão estética) ou *Budô*.

A distinção entre *Budô* e o desporto lúdico ou competitivo também não é necessariamente uma questão estanque de oposição dicotómica clara, podendo nas preferências dos praticantes, apresentar-se como uma questão de grau ou de ênfase.

A especificidade dos motivos para o treino do karaté deriva, em grande parte, da origem do karaté numa cultura societal radicalmente diferente da cultura originária dos praticantes. O karaté é repleto de rituais e terminologia (tanto as técnicas como os diferentes ritos são designados em terminologia japonesa e espera-se que o praticante aprenda e utilize essa terminologia, mesmo que não saiba falar japonês), que necessitam ser “adotados” ou “incorporados nos corpos” pelos praticantes. É a construção do “habitus”, na expressão de Bourdieu (2001a) e de Wacquant (2000).

1.3 Desporto, Identidades e Estilos de Vida na Cultura de Consumo

1.3.1 O Conceito de Comunidade

A primeira apresentação sociológica do conceito de comunidade foi realizada pelo sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1855-1936), na sua obra *Gemeinschaft und*

Gesellschaft (1887), que a definia, a partir de uma perspectiva dialética, em oposição à sociedade.

A base da sua argumentação é a contradição existente em cada indivíduo, que busca identificar-se com as pessoas ao seu redor através da adoção de pontos de referência comuns ao mesmo tempo em que procura estabelecer uma personalidade própria através da sua diferenciação. Assim, a comunidade seria o local da identidade coletiva, enquanto a sociedade seria o local da personalidade individual. Ainda segundo essa teoria, comunidade e sociedade seriam formas de associação que não se encontrariam isoladas na natureza: todo o tipo de organização social teria aspectos de ambas as formas. A sua separação só seria possível no nível da ação individual. A partir daí, Tönnies estabelece uma série de manifestações típicas de cada estado de associação: na comunidade prevaleceria a cooperação, na sociedade a competição; na comunidade predominaria o sentimento, na sociedade a razão; na comunidade o espaço seria íntimo, na sociedade ele seria público; na comunidade as ações seriam espontâneas, na sociedade elas seriam calculadas.

Como muitos outros conceitos, o conceito de comunidade sofreu alterações. De uma maneira geral, ele foi despojado da sua perspectiva dialética, mas manteve a ideia de identidade compartilhada. A comunidade pode então ser entendida como um grupo de pessoas ligadas muito intimamente por valores e comportamentos comuns, de tal forma que se veem como parte de um corpo único e relativamente homogêneo. Dito de outra forma, a comunidade é constituída por pessoas que apresentam uma solidariedade e uma união muito fortes, que não são resultantes de acordos formalizados que visam fins determinados, mas sim por uma identificação quase totalmente emocional com o conjunto.

Na mesma linha de pensamento, Weber (1997, p. 66), denomina “constituição da comunidade” (*Vergemeinschaftung*), “uma relação social quando e na medida em que a atitude na acção social (...) se funda na solidariedade sentida (afectiva ou tradicional) dos participantes”. Neste sentido, pode assentar em “fundamentos afectivos, emocionais ou tradicionais, numa confraria pneumatólogica, uma relação erótica, uma relação de piedade, uma comunidade nacional, uma tropa unida por sentimentos de camaradagem” (Weber, 1997, p. 67).

A “formação da sociedade” (*Vergesellschaftung*), na perspectiva do autor, é “uma relação social quando e na medida em que a atitude na acção social se baseia no ajustamento

de interesses por motivos racionais (de carácter axiológico ou teleológico, ou também numa união de interesses por motivos idênticos” (Weber, 1997, p. 66). De referir ainda que “(...) os processos de constituição da sociedade são *simplesmente* compromissos de interesse antagónicos, os quais neutralizam apenas uma *parte* do objecto ou dos meios de luta (...)” (Weber, 1997, p. 68).

Já na tradição mertoniana, o conceito de comunidade designa um conjunto de regras e de normas ditadas pelas instituições (Merton, 1973) e, na tradição kuhniana, um grupo reunido em torno de objetos de estudo e de teorias comuns – os paradigmas (Kuhn, 1962). Uma comunidade não é estática, ela constrói-se por um processo de formação dos indivíduos que testemunha as trajetórias e os percursos singulares, implicando igualmente elementos cognitivos.

1.3.2 Identidade e Estilos de Vida

Para a Sociologia, o conceito de identidade é multifacetado e pode ser abordado de diferentes formas (Cuche, 2003). De uma forma geral, a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas. O género, a orientação sexual, a classe social, a nacionalidade ou etnicidade são algumas das principais fontes de identidade. Os sociólogos identificam dois tipos de identidade: a social (são as características que os outros atribuem a um indivíduo; e caracteriza-se pelo conjunto das suas pertenças no sistema social: pertença a uma classe sexual, a uma classe etária, a uma classe social, a uma nação, etc.), e a pessoal (distingue-nos enquanto indivíduos). Embora analiticamente distintas, estas duas formas de identidade estão relacionadas.

Vários sociólogos procuram explicar as crenças e os comportamentos dos atores sociais recorrendo para o efeito ao conceito de identidade. Este conceito é também usado abundantemente na linguagem corrente e na imprensa, quando se procura dar conta da atualidade. O problema é que a maior parte do tempo as suas aplicações são vagas. Existe um hiato entre a facilidade com que o conceito é usado e a dificuldade de o definir de forma rigorosa. O motivo principal deste hiato é o carácter polissémico do conceito, pois a identidade é, por vezes, sinónimo de “personalidade” ou de “subjetividade”.

A identidade é constituída pelo conjunto de características e de atributos que fazem com que um indivíduo ou um grupo se perceba como uma entidade específica, e que são percebidos como tal pelos outros. A identidade pessoal é o produto da socialização, no qual permite a constituição de “si” (*self*). Para os sociólogos interaccionistas (Goffman, 1973), as identidades individuais nascem das interações sociais. A identidade não é uma propriedade estanque, mas é fruto de um processo. Assim, o trabalho identitário efetua-se de maneira contínua ao longo da trajetória individual e depende do contexto e dos recursos que podem ser mobilizados. Esta identidade modifica-se em função das diferentes experiências vividas e experienciadas pelos indivíduos.

As identidades coletivas encontram a sua origem nas formas identitárias comunitárias, onde os sentimentos de pertença são particularmente fortes (e.g. cultura, nação, etnia, clube desportivo), e as formas identitárias societais que reenviam a coletivos mais efêmeros têm ligações sociais provisórias (como a família, grupo de pares, trabalho, religião). O indivíduo pertence assim de maneira simultânea ou sucessiva, a grupos sociais que lhe fornecem recursos de identificação múltiplas. Será de referir, que no caso dos praticantes desportivos inseridos nos clubes, o prestígio social que daí possa advir pelo seu nível técnico, e o capital de prestígio que eles podem mostrar fora do clube (na sociedade) têm um papel importante na socialização, construindo, assim, uma identidade.

Na esteira de Simon (1999), Cuche (2003, p. 141) argumenta que “a identidade é sempre um compromisso”, ou seja, uma negociação entre uma “auto-entidade” definida pelo si-próprio (*self*) e uma “hetero-identidade” ou “exo-identidade” definidas pelos outros.

Note-se que a identidade social não se refere apenas aos indivíduos. Qualquer grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é, ao mesmo tempo, inclusão e exclusão: identifica o grupo (são membros os que são idênticos sob um certo aspeto), e distingue-o dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob esse mesmo aspeto) (Cuche, 2003).

Lunt & Livingstone (1996) defendem que a cultura do consumo pode proporcionar condições a partir das quais a maioria das pessoas pode trabalhar a sua identidade. Concluem que o envolvimento dos indivíduos com o consumo é tal que este se encontra profundamente infiltrado na vida quotidiana, não só na tomada de decisões a nível económico, como também

ao nível das experiências individuais, afetando a construção identitária, a formação de relações sociais e o enquadramento dos acontecimentos quotidianos.

Segundo Bourdieu (1979) e Savage, Barlow, Dickens & Fielding (1992), os indivíduos distinguem-se cada vez mais uns dos outros com base nos seus gostos culturais e de lazer e não de acordo com os fatores económicos ou ocupacionais. Nesse sentido, “na procura de estilos de vida próprios a escolha das modalidades desportivas não é indiferente” (Marivoet, 2002, p. 39). O lazer, para Dumazedier (1962), abrange diversas dimensões caracterizando-se por três principais funções: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento da personalidade, constituindo:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver a sua informação ou formação desinteressada, a sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 2000, p. 34).

Na perspetiva de Batista e Pires (1989, p. 15):

As práticas desportivas, quando desenvolvidas como ocupação de lazer e de manifestação narcísica, são meio de realização de investimentos simbólicos orientados para a afirmação da distinção pela diferença, ou seja, uma forma de constante atualização das distâncias sociais e das hierarquias.

O termo “estilo de vida”, a que Weber (1989) chama “estilização da vida”, é um exemplo interessante de reflexividade (Giddens, 1997, p. 75), podendo ser definido “como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adota não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-entidade”. Os estilos de vida traduzem-se, pois, em práticas rotinizadas, que se incorporam em hábitos de vestir e de comer, em modos de agir, e em espaços de encontro favorecidos (Wheaton, 2004; Horne, 2006). À medida que cresce a distância objetiva da necessidade, o estilo de vida torna-se o produto daquilo a que prática sistemática que orienta e organiza as práticas mais diversas (Bourdieu, 1979).

Para Giddens (1994) e Lipovetsky (1988), a noção de estilo de vida estende-se a todas as esferas do quotidiano, embora apareça predominantemente associado à esfera do consumo, já que a sua expressão é mais livre em contextos como os de lazer. Giddens (1994) defende que a mercadorização do eu (*self*), através dos géneros das narrativas dos média, e das

estratégias de *marketing*, enfatizam o estilo à custa do investimento no significado pessoal. Lipovetsky (1988, p. 11), enfatiza que:

A recessão presente, a crise energética, a consciência ecológica não são o toque a finados da sociedade de consumo: estamos destinados a consumir, ainda que de outro modo, cada vez mais objectos e informações, desportos e viagens, formação e relações, música e cuidados médicos. É isso a sociedade pós-moderna: não o para além do consumo, mas a sua apoteose.

Consideramos, assim, com base nestes autores, que os consumos referenciam estilos de vida que se inscrevem em lógicas quotidianas de procura de bem-estar e de realização, de reconhecimento e de libertação. Nesta linha de raciocínio, os padrões de estilo de vida podem, por vezes, incluir a rejeição mais ou menos deliberada de formas de comportamento e de consumo mais vastamente difundidas e a consequente adoção ativa de certo tipo de práticas de consumo que se inscrevem em padrões alternativos de libertação e de identificação, traduzindo um escape quotidiano e envolvendo alguns riscos aceites e valorizados – já que correr certos riscos na busca de um dado estilo de vida é aceite dentro de certos limites definidos pelo grupo e pelo contexto identitário. Ou seja, os estilos de vida traduzem atitudes e orientações que sublinham diferentes tipos de “risco” e de identidades. No caso dos estilos de vida, eles são uma maneira de viver (de ser e de pensar) de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Refletem igualmente os seus valores, atitudes e as suas formas de ver o mundo no qual vivem. Mas os gostos e os estilos de vida são, na perspectiva de Bourdieu (1979) determinados pela posição social. A frequência de museus, teatros, óperas, é amplamente um fato das classes dominantes. E se cada um pode praticar um desporto, as estatísticas fazem aparecer que não nos orientamos todos da mesma forma: o ténis é apanágio das classes superiores. As classes médias orientam-se para a natação e as classes populares para o futebol. Os estilos de vida são, assim, um modo de dominação simbólica e hierarquizadas (Bourdieu, 1979). Existe, pois, para todos os grupos, uma grande pluralidade de escolhas de estilo de vida. Segundo Cuche (2003), as interrogações sobre a identidade remetem assim para a questão da cultura.

Em síntese, interessarmo-nos pelo conhecimento das comunidades de karatecas, impõe identificar esta população quanto às idades, género e classe social como referem alguns autores (Clément, 1985; Julhe, 2006), mas também os seus laços, as suas ligações

institucionais de passagem e de encontro, os seus valores e ideologias, de forma a melhor esclarecer como se poderão estruturar e se constituir identidades e estilos de vida.

1.4 Corpo e Género

1.4.1 Olhar sobre a Corporeidade

Se é certo que o desporto hodierno, situado inicialmente no plano do jogo²³ e da alegria, não implica um dever fastidioso, não é menos verdade que ele não se desenvolveu (no século XIX e na primeira parte do século XX) sem uma perspectiva explícita de formação física e moral (Lipovetsky, 2007; Marivoet, 2010a,b).

Em França, por exemplo, os objetivos então atribuídos à educação física são inseparáveis das preocupações morais. Na circular que, em janeiro de 1894, o barão Pierre de Coubertin escreveu às Universidades e Associações Científicas, pode ler-se: “importa, antes de tudo, que o helenismo conserve, no Desporto, o carácter nobre e cavalheiresco que o distinguiu, no passado, de modo que possa continuar, na educação dos povos modernos, o papel admirável que lhe atribuem os mestres gregos” (Sérgio, 2003b, p. 112). Em *L'Éducation en Angleterre* (1888), Coubertin posiciona-se como um ardente defensor do desporto como meio de educação da juventude e de renovação do sistema escolar das elites.

A este respeito, Lipovetsky (2007, pp. 128-129) defende que “na era moderna heróica, o desporto apresenta-se como uma pedagogia moral, uma aprendizagem das virtudes”. Mas, no entender deste autor, a Era moralista do desporto terminou (Lipovetsky, 2007, p. 131). Como afirma, hoje em dia, desenvolve-se o “desporto-moda”. Já não é o desporto aristocrático das origens, mas o desporto-moda “à la carte”. Já não é a formação moral dos jovens da elite social, mas o entusiasmo de massas pelas práticas e sensações inéditas do corpo, como um produto social produzido.

O campo desportivo tornou-se o espaço por excelência da “construção” do corpo, da produção e reprodução dos estereótipos dominantes de beleza e da imagem corporal (Marivoet, 2013).

²³ Caillois (1958) propõe uma classificação interessante dos jogos: jogos de *competição*, de *azar*, de *ficção* ou de *vertigem*, conforme são “agonísticos”, “aleatórios”, “miméticos” ou “paroxísticos”.

A crescente centralidade do corpo nas sociedades ocidentais (Braunstein e Pépin, 2001) tem vindo a incitar à procura de práticas desportivas com vista à manutenção da forma física. Os indivíduos exercitam-se por si mesmos, para se divertirem, para se suplantarem a si próprios, inclusive na “mortificação” física ou do “eu” e no “risco” (Goffman, 1968, pp. 56-78).

O princípio de “performance”²⁴ democratiza-se, personaliza-se e psicologiza-se, regido pela gestão utilitarista do “capital-corpo” (que Pociello, 1981, designa por “capital corporal”) ou ainda “capital físico” (na perspetiva de Shilling, 2003), pela otimização da forma e da saúde, pela emoção do extremo (Lipovetsky, 2007). Tal como Lipovetsky, Constantino (2006, p. 43) argumenta que:

Assistimos ao aparecimento de novos desportos, de novas maneiras de praticar desportos antigos, mas sobretudo a uma alteração na utilização desportiva do corpo. Esta alteração corresponde a novos modelos e práticas corporais, onde o estatuto cultural e social do corpo adquiriu uma maior relevância, sinalizadora de novos tempos. A um corpo a que eram solicitadas despesas essencialmente energéticas para obtenção de objetivos que eram exteriores (o resultado, a marca, a vitória) sucederam-se modalidades onde o corpo é meio e fim: de movimento de prazer sensorio-motor, de simples aventura ou de descoberta de novos usos desportivos do corpo.

A valorização do corpo, o “*egobuilding*”, na esteira deste autor, ou o “*bodybuilders*”, como intitulam Michela & Parisoli (2002), é “uma produção narcísica, que é a incorporação de imagens objeto grandiosas como defesa contra a ansiedade e culpa”, segundo (Lasch, 1980, p. 74). Mas, mesmo do tipo narcísico, a performance não substitui as práticas lúdicas e hedonistas.

A ideia de “senso corporal” implica a ideia de cuidado do corpo, não fosse ele a habitação ou o “órgão” da alma²⁵, como designava Amos Komensky (1592-1678), conhecido pelo nome latinizado de Comenius, na sua obra *Didáctica Magna* (1996 [1627-57]), fazendo

²⁴ Sobre a procura incessante da excelência e do culto da performance, confronte-se Ehrenberg (1991).

²⁵ Le Goff & Truong (2005, pp. 7, 31) referem que na Idade Média o “corpo é desprezado, condenado, humilhado. A salvação na cristandade passa por uma penitência corporal. No limiar da Idade Média, o papa Gregório Magno qualifica o corpo de “abominável vestimenta da alma”. O corpo é considerado prisão e veneno da alma.

jus à máxima de Juvenal: “mens sana in corpore sano”²⁶ (Marivoet, 2007). As palavras de Braunstein & Pépin (2001, p. 17) são a este respeito elucidativas, quando afirma:

Ter um corpo belo, um corpo são, depende antes de mais de uma profunda serenidade em perfeita correspondência com a harmonia do universo. É por isso que o culto do corpo foi rapidamente ligado a uma actividade religiosa. É por ele que os homens se assemelham aos deuses e é através destes últimos que o podem proteger.

A angústia provocada pelo envelhecimento e pela morte leva a um zelar constante pelo bom funcionamento do “corpo-sujeito”, para usarmos a expressão de Merleau-Ponty (1962), realidade que tem levado a uma lógica de mercantilização corporal (Gomes, 2005). É neste sentido que Michela & Parisoli (2002) aconselham que é preciso “pensar o corpo”, na medida em que ele é o principal meio de apresentação ao mundo. A este propósito Marivoet (2002, p. 33) refere que:

Numa sociedade altamente mediática, onde a imagem ganha um valor acrescentado, desenvolve-se o culto do corpo e da imagem física que este comporta, aliada à busca do bem-estar físico e mental, ou seja, o corpo não é mais um instrumento de força de trabalho, para passar a ser um cartão de apresentação da própria identidade.

Os sujeitos pretendem através do seu corpo simbolizar, ou por seu intermédio, o próprio estatuto pessoal. Como argumenta Crespo (1990, p. 7):

A importância dada ao corpo, no nosso tempo, contrapõe-se ao ofuscamento a que estava submetido no passado, fenómeno verificado na sequência de uma assinalável inversão de valores, traduzida na passagem das ideias de acumulação e poupança a preocupações de consumo e dispêndio de energias. Os novos valores de beleza, felicidade ou juventude identificam-se com um corpo que se transforma em objecto de cuidados e desassossegos.

O cuidado do corpo confere “poder do corpo”, até porque, como diz Sérgio (2003b, p. 119), “são íntimas as ligações entre o poder, o saber e o corpo”. O poder do corpo pode ajudar a manter, e até melhorar a aparência deste (Giddens, 1994).

Recorrendo a Foucault, Sérgio (2003b, p.119) sublinha que “foi a partir de um poder sobre o corpo que se estabeleceu um saber fisiológico e orgânico sobre ele”. Mas “o espaço do corpo não é apenas produzido pelos desportistas ou os artistas que utilizam o seu corpo. É uma realidade muito geral, presente em toda a parte, que nasce a partir do momento em que

²⁶ "In the 1830s the notion of “menssana” was almost unknown, but by 1860 it was everywhere. *Menssana in corpora sano* where associated particularly with the “muscular Christianity” of authors like Hughes and Charles Kingsley" (Hargreaves, 1986, p. 41).

há investimento afectivo do corpo” (Gil, 2001, p. 58). Na verdade, existe um “corpo projeto”, de que fala Shilling (1993).

Se é certo de que enquanto seres humanos, somos corpóreos – isto é, todos possuímos um corpo, não é menos verdade de que o corpo não é algo que nos limitemos a ter, nem algo puramente físico que existe separado da sociedade. Os nossos corpos são profundamente afetados pelas nossas experiências sociais, bem como pelas normas e valores dos grupos a que pertencemos (Giddens, 2004). “Numa sociedade profundamente individualista, o corpo funciona como o lugar principal de distinção do outro” (Gomes, 2005, p. 106).

Como dizem Le Goff & Truong (2005, p. 157), “o corpo tem (...) uma história. O corpo é a nossa história”. “Ele é mesmo considerado historicamente como o principal responsável por todos os tormentos” (Peirot, 1991, p. 92). Giddens (1997, p. 92) afirma claramente que o corpo não é apenas uma entidade física que nós “possuímos”, ele é um “sistema-acção, um modo de *praxis*, e a sua imersão prática nas interações da vida do dia-a-dia” é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de “auto-entidade”. Em termos de *self* e auto-entidade, Giddens (1997) presta atenção sobretudo à aparência, posturas, sensualidade e regimes do corpo. Se o corpo era um aspeto da natureza, com a inovação do corpo pelos sistemas abstratos (isto é, o conhecimento científico aplicado), o corpo como *self* torna-se um local de interação, apropriação e reapropriação (Vale de Almeida, 1996, p. 8) e no depositário privilegiado das novas normas de regulação social assentes numa personalidade de tipo designada por “performing self” (Gomes, 2005, p. 105). Dito de outro modo, “o corpo não se revela apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas também enquanto vector essencial, social, psicológico, cultural, religioso” (Braunstein & Pépin, 2001, p. 10).

Autores como Shilling (1993) e Synnott (1993) dizem que o *self* na sociedade moderna é o projeto do corpo, e Giddens (1997) ao falar do *self* reflexivo associa-o à ideia de que o corpo pode ser moldado na sociedade moderna de modo a exprimir as narrativas autorreflexivas. O corpo social limita as formas de perceção do corpo físico. A experiência física do corpo, sempre modificada pelas categorias sociais através das quais é conhecida, é o suporte de uma visão específica da sociedade. Há uma troca de significados constante entre os dois tipos de experiência corporal, cada uma reforçando as categorias de outra. Resulta desta

interação que o corpo é em si mesmo um meio de expressão extremamente restringido (Vale de Almeida, 1996).

Turner (1994, p. 192) expressa que “o corpo sempre foi, nalguns aspetos, um projecto, pois requer disciplina, vigilância e regulação”. Lopes (2007, p. 10) refere a este propósito que:

O corpo não é apenas veículo ou motor da “alma”: ele é fonte de conhecimento. Conhece-se no corpo, pelo corpo, através do corpo. No corpo quando se incorporam disposições para a prática e para a acção que são permanente lembrança de que habitamos lugares com força socializadora; lugares que disciplinam, interditam, impõem, libertam, condicionam, orientam. É no corpo que se afirma um determinado campo de possíveis para a nossa vida – campo que durante uma trajectória social e biográfica, ora se dilata, ora se aperta. É ainda pelo corpo que expressamos rituais, signos e simbologias. Desta forma interagimos e transformamo-nos em máquinas comunicantes e produtoras de significado. O corpo fala, fala sem parar, até pelo silêncio.

Na perspectiva da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1962), o desporto é uma “subjetividade corpórea” (Sérgio, 2003b, p. 115). O desporto surge como texto, contexto e sistema (Sérgio, 2003b). Nesta filosofia do corpo (Andrieu, 2004), convém aqui evocar o peso da obra de Foucault na historiografia das práticas físicas, na medida em ele põe o corpo no centro e convida a uma “desconstrução” das normas, seduzindo, assim, muitos investigadores do desporto, “(...) que desenvolvem um discurso crítico quanto à instituição (desportiva, escolar, sindical) nas suas formas dominantes” (Terret, 2008, pp. 93-94).

Nos seus trabalhos, Foucault (1975, 1994a,b,c) interroga a maneira como o corpo mergulhou diretamente no campo político. As relações de poder (“a microfísica dos poderes”) operam sobre ele uma conquista imediata: atacam-no, marcam-no, adestram-no, suplicam-no, forçam-no ao trabalho, obrigam-no a cerimónias, exigem dele sinais.

Já para Bourdieu (1979, p. 210), o corpo é a objetivação irrecusável do gosto de classe, identificando afinidades entre as classes sociais com os usos desportivos, como afirmou:

(...) Com níveis superiores de capital económico, cultural e social, procuram modalidades de difícil acesso, pois são estas que lhe fornecem maior capacidade distintiva, verificando-se por parte das restantes classes, estratégias de compensarem a sua baixa estrutura de capital através do acesso a consumos desportivos que lhe forneçam capacidade de identificação social (Marivoet, 2002, p. 21).

Nesse sentido, o corpo é, por força da ação pedagógica familiar, o veículo por excelência da aquisição estruturada (incorporação/*embodiment*²⁷), bem como da sua exteriorização estruturante da prática.

As hipóteses avançadas por Bourdieu são retomadas por Pociello (1981, 1995) e Clément (1985) e são aplicadas num conjunto de práticas desportivas. Estes autores consideram que a sociologia do desporto procura descrever a distribuição de gostos e de rejeição desportiva segundo as classes sociais e o género e compreender a função das práticas desportivas que se tornam os elementos constitutivos e altamente significativos dos estilos de vida, certamente aspetos importantes a ter presente na construção da nossa problemática sobre o caso do karaté, como devolveremos no próximo capítulo.

1.4.2 Desportivização do Sexo e Sexualização Desportiva

Apesar dos progressos registados ao longo das últimas décadas em matéria de investimento no desporto pelas mulheres, este continua a ser um local de diferenças entre os homens e as mulheres e um espaço de desigualdade.

Puig (2001) defende que em matéria de desporto feminino é preciso ter em consideração a cultura desportiva das mulheres e a cultura feminina no geral. Esta cultura deve ser colocada no seu contexto, numa sociedade patriarcal que se mostra mais vantajosa para os homens em particular (Puig, 2001). No caso do desporto de alto rendimento, a prática de certos desportos pelas mulheres ainda está longe de ser admitida pela sociedade e quanto mais estes desportos se afastam do estereótipo hegemónico, mais a recusa social é significativa (Puig, 2001).

Davisse & Louveau (1988) referem que se as mulheres são cada vez mais desportistas, elas não se entregam às mesmas atividades que os homens nem o fazem nas mesmas condições. As mulheres valorizam “as modalidades não competitivas” e as “práticas de melhoramento estético” (Terret, 2008, p. 71), confirmando o peso interiorizado dos estereótipos (Marivoet, 1998). Braunstein & Pépin (2001, p. 173) observam que:

²⁷ O termo "incorporação" foi escolhido como tradução do inglês *embodiment*. Mas existem outros termos menos felizes, como "corporalização", "encarnação", "somatização", mas estas são demasiado fechadas semanticamente ou mal sonantes em português. Deve ser, assim, entendido como aprendizagem e assimilação feita pelo corpo.

Das razões da maior importância mantiveram as mulheres afastadas durante muito tempo dos desportos de competição: em primeiro lugar, o argumento médico que dizia que o corpo feminino não podia suportar o esforço, e a que a sua principal função era a procriação. Em seguida o argumento social e moral: a mulher tem um lugar a ocupar no seio do seu lar, e toda a prática desportiva é concebida como exibicionismo.

Segundo Lipovetsky (2007, p. 296), os homens estão mais voltados para a competição, a agressividade e a autoafirmação no desafio e no confronto com os outros. Ao invés das raparigas, os rapazes lutam e provocam-se entre si, estabelecem hierarquias com base no critério do mais forte, temendo ser tratados de “medricas”.

Marivoet (2002, p. 425) refere a este propósito que vários estudos sobre a modalidade desportiva rãguebi, “revelaram justamente estes mecanismos de afirmação e identidade, levando os autores a concluir que o desporto se apresenta como um espaço de reserva masculina (e.g. Dunning & Sheart, 1979; Dunning 1994; Wheatley, 1994)”.

Nos adolescentes, a pressão do grupo de pares e a prática de desportos coletivos convergem para a criação de um clima de emulação, de competição e de superação dos outros. A fim de serem reconhecidos, atrair a atenção das raparigas e afirmar o seu valor, os jovens procuram medir-se uns aos outros, provando a sua força, a sua excelência e a sua virilidade:

Dos jogos agressivos à cultura desportiva, das rixas às imagens viris veiculadas pelos meios de comunicação, das aventuras amorosas reivindicadas às conquistas amorosas ostentadas, tudo indica a importância dos valores competitivos e concorrenciais na construção da identidade masculina (Lipovetsky, 2007, pp. 296-297)

Lipovetsky (2007) advoga que mesmo no desporto, onde se verifica uma vasta presença feminina, a distribuição competitiva é diferente quer seja para o homem, quer seja para a mulher. Os rapazes preferem os desportos de competição e as raparigas gostam mais das atividades de treino, manutenção e de forma. Por outro lado, e apesar de as mulheres praticarem mais atividades desportivas, elas não conferem o mesmo sentido e a mesma importância ao espírito competitivo que os homens:

Para as mulheres, a vitória sobre os outros surge como menos importante do que a actividade física em si mesma, enquanto para os homens é a própria competição que é objeto de paixão; rivalizar com os outros, vencer, ser o melhor representa uma finalidade ou um valor em si mesmo (Lipovetsky, 2007, p. 299).

Marivoet (2002, p. 51) também refere esta situação nos seus trabalhos:

O desporto, e em especial os desportos coletivos num quadro competitivo, tem vindo a veicular, de forma hegemónica, o ideal de masculinidade, a capacidade de luta e a força como símbolos de virilidade, que se traduzem no poder e no domínio na esfera da personalidade e das relações sociais, permitindo a revalidação da sua supremacia física, enquanto o ideal de feminilidade se circunscreve à graça e à beleza do corpo da mulher, como objecto, segundo o olhar masculino numa dimensão de subserviência face a este.

No seu estudo sobre as “práticas desportivas na sociedade portuguesa (1988-1998)”, a autora acrescenta que as variáveis idade, género, escolaridade e estatuto socioprofissional são estruturantes na prática desportiva. No caso das mulheres, a falta de tempo e a inexistência de uma oferta adequada são motivos para uma menor participação feminina no desporto (Marivoet, 2000, p. 8). Como afirma a autora, o menor envolvimento das mulheres nos estilos de vida desportivos, só poderá ser compreendido tendo presente as questões culturais relativamente aos contextos históricos das sociedades e pelas diferentes ações levadas a cabo pelos Estados e pelas organizações das mulheres (grupos feministas, por exemplo) com vista à participação feminina no desporto (Hargreaves 1994, 2006; Birrel, 1994, 2000) e em outros domínios da sociedade.

Nesta análise, importa referir a questão da virilidade. Bourdieu (1999, pp. 43-44) entende-a como “a capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como a aptidão para o combate e para o exercício da violência, com destaque para a vingança”. Por oposição à mulher, “o verdadeiramente homem”, como defende o autor, é aquele que se sente vinculado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de aumentar a sua honra, procurando valores como a glória e a distinção na esfera pública. A exaltação dos valores masculinos tem a sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias suscitadas pela feminilidade: princípios de fraqueza enquanto encarnações da vulnerabilidade da honra. Tudo concorre assim para fazer do ideal impossível de virilidade o princípio de uma imensa vulnerabilidade. É ela que conduz, paradoxalmente, ao investimento, por vezes exacerbado, de todos os jogos de violência masculinos, tais como nas sociedades os desportos, e muito especialmente os mais de molde a produzirem os sinais visíveis de masculinidade, e a manifestarem e também porem à prova as qualidades viris, como os desportos de combate.

Para Lipovetsky (2007, p. 300 e p. 237), a “crise da virilidade” é mais uma imagem literária do que um fenómeno social de fundo – o homem é o devir do homem e o poder masculino, o horizonte insistente dos tempos democráticos, como refere:

É inegável que o ideal do corpo esbelto, jovem, musculado leva os indivíduos a “trabalhar” e a modelar o seu corpo, a submetê-lo voluntariamente a pressões suaves, nas antípodas do desleixo sensualista. A norma tirânica da elegância leva as mulheres, em particular, a controlar a sua silhueta, ao ponto de parecerem “escravas da aparência”.

Em *A Terceira Mulher* (2000), Lipovestky questiona qual é a mulher que não sonha ser magra, mesmo aquelas que não apresentam qualquer excesso de peso? Porque as dietas não fazem emagrecer no “local onde é preciso”, utilizam enormes quantidades de cremes anti-celulite. Praticam mais actividades físicas e de manutenção. E em todas as sociedades multiplicam-se as actividades de boa forma, as ginásticas, o *jogging*, os exercícios de musculação e de firmeza do corpo. A conquista da beleza já não se concebe sem a esbelteza, sem as restrições alimentares e os exercícios corporais. Contudo, segundo as teorias feministas, a menor participação feminina no desporto denota relações de género marcadas pela dominação hegemónica da cultura masculina (Bryson, 1994; Messner, 1994a,b; Wearing, 1998).

O espaço desportivo (re)produz esta relação de dominação, ao socializar as gerações mais novas nos valores dominantes da cultura masculina, que privilegiam a força física e a competição como símbolos de virilidade (Hargreaves, 1994; Birrel & Cole, 1994). No entanto, como defende Marivoet (2014), as mulheres têm vindo a apostar cada vez mais em desportos considerados masculinos, contrariando assim os estereótipos tradicionais de masculinidade. Neste sentido, o karaté é também um bom exemplo desta realidade, e por isso um aspeto a ter presente na nossa problemática.

CAPÍTULO II – O KARATÉ COMO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO: METODOLOGIA E UNIVERSO DE ANÁLISE

2.1 Delimitação da Problemática em Estudo

Os desportos de combate, pela diversidade das suas origens, a diversidade de especialidades, e pela diferenciação dos seus usos sociais, ocupam um lugar importante no sistema das práticas desportivas codificadas. Contrariamente aos desportos tradicionais do Ocidente mais praticados (e.g. desportos coletivos, atletismo, natação), que, na maior parte, são de inspiração anglo-saxónica, os desportos de combate distinguem-se pelas suas origens culturais: inglesas para o boxe; japonesas para o karaté, o judo, o aikido; francesas para a luta, a esgrima, o boxe (francês); chinesas para o kung-fu, o tai-chi, etc.

Eles constituem, segundo Clément (1981, p. 285) a “família mais numerosas das práticas desportivas tradicionais”. Tubino (1992), aliás, escreve mesmo que o karaté, o judo, o taekwondo e o kendo têm mais praticantes do que os tradicionais desportos olímpicos. Ocupam também uma distribuição diferente no mapeamento do “espaço dos desportos”, em referência ao “espaço das posições sociais”, na sociedade francesa, entre 1990-1995, construído por Pociello (1995), à semelhança do que fez Bourdieu (1979).

No âmbito destas práticas, o karaté, o judo e o aikido conheceram uma grande expansão, em Portugal (como a nível internacional). Este fenómeno é tanto mais interessante que outros desportos de combate não conheceram esta dinâmica, como as práticas de “massas”, em nenhum momento da sua história. A dupla apelação de “desporto de combate” e “arte marcial” reforça ainda esta ideia de especificidade. A introdução, na designação destas práticas, do conceito de “arte”, portadora de uma semântica particular, torna difícil a elaboração de uma definição puramente motriz. As artes marciais surgem (globalmente) como desportos de confronto individual face a face e deram aos praticantes ocidentais uma impressão de “novidade” e de “exotismo”.

Tendo presente todas estas especificidades dos desportos de combate pretendemos saber na nossa investigação, em que medida a globalização do karaté terá preservado as suas características de arte marcial oriental? Como vimos no Capítulo I, o karaté faz parte do

fenómeno de globalização, pelo que nos interessa interpretar cientificamente as representações dos atores (karatecas) relativamente à sua modalidade de eleição e à(s) sua(s) comunidade(s), a que Le Rest (2001), na esteira de Radcliffe-Brown (1881-1955) e Evans-Pritchard (1902-1973), prefere designar de “tribo(s)”.

Proveniente do Oriente, o karaté progressivamente adquiriu um lugar importante na cultura Ocidental. Ele marca simbolicamente os locais (*dojos*) no espaço social e nos momentos da vida coletiva. Ele suscita atividades, gestos, maneiras de estar, cuja significação se constrói na vida social. Desde a sua introdução na Europa, ele conheceu uma dinâmica que nos leva a interrogar a sua desportivização, a sua cultura, os aspetos religiosos e a relação com o corpo. Como explicar esta dinâmica? O que leva os indivíduos a optarem por esta arte marcial ou prática desportiva? Qual a significação que os praticantes dão? Quais são os constrangimentos? Existem diferenciações em função do nível de prática? É ele constitutivo de um estilo de vida? A origem social e o estatuto sociocultural dos indivíduos determinam a escolha e a intensidade da prática?

Segundo Clément (2001), a origem social e o *status* sociocultural dos indivíduos determinam as escolhas e a intensidade da prática desportiva. Por exemplo, as classes sociais que se situam no espaço de volume capital + (caracterizado pelas práticas predominantemente tecnológicas e informacionais), isto é, capital cultural + e capital económico + optaram por actividades individuais e sem contacto corporal (exemplos: aikido, kendo). Os de volume capital –, ou seja, capital cultural – e capital económico – (caracterizado pelo predomínio da força, os confrontos diretos, a utilização da força, a percussão e o corpo é utilizado como um instrumento, uma ferramenta; um corpo-agente, como diz Gil, 2001), são atraídos pelas actividades de contacto corporal, etc. (exemplos: judo, luta, boxe, thai).

O kendo e o aikido, por exemplo, atraem estatisticamente um público melhor dotado de capital cultural relativamente a outras práticas desportivas mais competitivas e mais desportivizadas (Clément, 2001). A luta atrai uma grande maioria de operários, encontrando-se poucos quadros médios ou superiores. O judo abrange um público mais variado (quadros médios, empregados, técnicos) (Clément, 1981). Os praticantes de luta e os de judo surgem mais “conformistas” cultural e politicamente, e muito “agarrados” aos “valores tradicionais” (Clément, 1981, p. 300). Os quadros superiores preferem o aikido, que atrai igualmente muitas mulheres (Min-Ho, 1999), contrariamente ao judo. O autor constata também que os

aikidocas são mais “permissivos” sobre os temas da homossexualidade, sobre o consumo de drogas leves, muito favoráveis à abolição da pena de morte, sentem-se afastados dos partidos políticos tradicionais e mais próximos dos ecologistas e dos de extrema-esquerda. Este modelo sedutor de inspiração bourdesiana não consegue, no entanto, distinguir as dinâmicas masculinas e femininas (Terret, 2008).

Ora, esta realidade leva-nos a considerar ser importante conhecer o perfil dos praticantes de karaté da nossa amostra, de modo a saber em que medida em Portugal estas tendências também se verificam. Será também importante saber de que modo esta realidade, a verificar-se, se constituirá como mais uma característica identitária da comunidade. Neste sentido, convém aprofundar na nossa investigação estes valores e práticas de identidades.

Nesta delimitação da problemática em estudo, importa referir um conceito verdadeiramente nuclear na “teoria da prática” de Bourdieu (2001, p. 26): o *habitus*, que importa, aqui, dedicar algum tempo à sua análise.²⁸ Segundo a definição do autor:

[os *habitus* são] sistemas de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objectivamente adaptadas ao seu fim sem supor a mira consciente de finalidades nem o domínio expresso das operações necessárias a atingi-las (...) (Bourdieu, 1980c, p. 88).

Utilizações pontuais do conceito de “*habitus*” podem ser encontrados na literatura sociológica clássica: em Veblen (1970), quando fala de “*habitus* desportivo”, em Durkheim (1968), em Weber (1982), quando escreve sobre o “*habitus* físico” quando estuda o papel da ascese religiosa, e em Mauss (1950a,b,c), quando fala sobre a “natureza social do *habitus*”.

Bourdieu (2001) integra na sua perspectiva, quer o tema da produção social do *habitus*, quer o do seu princípio corpóreo, essencialmente físico, a contribuição de estabelecer a continuidade e articulação desse fundamento mais corporal às práticas sociais em geral, e, em especial, à esfera mais ideológica-simbólica (das representações e valores). Relativamente às representações sociais, podemos dizer, na esteira de Moscovici (1961), que são conjuntos dinâmicos e constituem um universo de opiniões diversas, tal como existem classes, grupos e culturas. Se considerarmos que as representações sociais agem nas atitudes e nos

²⁸ Se Pierre Bourdieu é o divulgador mais convicto e reconhecido do conceito de “*habitus*”, este tem vindo a ser utilizado por múltiplos autores. Em Portugal, a sua utilização transparece em trabalhos de João Ferreira de Almeida, José Madureira Pinto e António Firmino da Costa.

comportamentos dos indivíduos, dando sentido à ação (Weber, 1983), coloca-se a questão da relação entre práticas e representações. E esta questão entra na Sociologia pela mão de Marcel Mauss (Mauss, 1950a), para quem as representações têm mais afinidade e mais conexões naturais entre elas que várias formas de actividade que lhe correspondem.

Existem dois conceitos muito próximos do “*habitus*”, em termos teóricos-epistemológicos, que são os de “*hexis*”²⁹ (mais associado a dimensões incorporadas), muito utilizado a partir de Aristóteles e também por Mauss, e o de “*èthos*” (mais associado a dimensões simbólicas e valorativas), que tem uma importância fundamental nos trabalhos de Weber (1983).

A conceptualização do “*habitus*”, em Bourdieu, é efetuada com base no conceito de “disposição”. A palavra *disposição* exprime o resultado de uma ação organizadora, apresentando então um sentido próximo ao de palavras, tais como estrutura; designa uma maneira de ser, um estado habitual (em particular o corpo), uma predisposição, uma tendência, uma propensão ou uma inclinação.

O *habitus* é um sistema de disposições, isto é, de tendências incorporadas nos atores, decorrentes do processo de socialização por eles percorrido. As disposições são estruturadas e estruturantes e são duráveis (o que é equivalente a afirmar a sua qualidade de estrutura). Outra propriedade é a sua relativa inalterabilidade face às mudanças de conjuntura ou de circunstância (Casanova, 1995, p. 49). Segundo Casanova (1995), a produção teórica do conceito de disposição está mais próxima do pensamento de Sigmund Freud do que de Herbert Mead, uma vez que Bourdieu privilegia as formações “automáticas” e espontâneas, não racionalizadas, na fundamentação do ser social e da noção de pessoa. As *disposições* aqui em causa são adquiridas através de toda uma série de condicionamentos próprios de modos de vida particulares.

O *habitus* é, portanto, aquilo que caracteriza uma classe ou um grupo social por comparação com outros que não partilham das mesmas condições sociais. O *habitus* “funciona como a materialização da memória coletiva, reproduzindo nos sucessores a aquisição dos que os antecederam” (Bourdieu, 1980, p. 91). O *habitus* é igualmente incorporação da memória coletiva, que poderá ser definida como a inscrição durável, no

²⁹ O termo latino “*habitus*” é a tradução do grego “*hexis*”. Casanova (1995, p. 45) refere que “a noção de *habitus* é introduzida na reflexão filosófica por Boécio e S. Tomás de Aquino, enquanto tradução latina do equivalente “*hexis*” de Aristóteles.

corpo, de disposições (“*hexis*” corporal) que, não sendo transmissíveis por via da hereditariedade, têm que ser aprendidas ou adquiridas, por via da socialização, a cada nova geração. A *hexis* corporal é muito mais que um estilo próprio, é uma concepção do mundo social “incorporada”, uma moral incorporada. Cada um, pelos seus gestos e pelas suas posturas, revela, sem disso dar conta e sem que também os outros tenham necessariamente consciência do facto, o *habitus* profundo que o habita. Por meio da *hexis* corporal, as características sociais são, portanto, de algum modo “naturalizadas”.

Os *habitus* representam, assim, um capital cultural (e, portanto, de recursos e poder) sob a forma incorporada. São um “sentido prático”, o saber prático (capital e “*èthos*”) ou o “saber-poder”, de que fala Foucault (1988). Enquanto sistemas de disposições, os *habitus* não estão apenas na origem da produção específica e imediata das práticas em sentido estrito, mas também das representações sociais (a dimensão simbólica das práticas), em especial das representações sobre as próprias práticas. Tendem a impor-se como esquemas geradores de práticas e de percepção e apreciação das práticas sociais, que Bourdieu (1980) chama “o gosto”, ambos definidores de estilos de vida particulares. Ora, uma das potencialidades teórico-metodológicas mais relevantes que o conceito de *habitus* introduz provém da sua possível leitura nos diversos níveis de análise: societal, classes sociais, meio familiar, e “individual” (falar de *habitus*, é esclarecer que o individual, e mesmo o pessoal, o subjetivo, é social, coletivo). A conceptualização do *habitus* concorre para dispersar a antinomia entre “natureza” e “cultura”. Costa (2007, p. 26), com base nas suas pesquisas de terreno, alerta que a “unicidade do *habitus*” nem sempre se verifica ou ocorre em certa medida. O *habitus* é também “plural”.

Uma das questões colocadas no programa de pesquisa de Bourdieu é a da coerência das escolhas expressas nos diferentes domínios culturais onde o indivíduo se investe, se compromete. Poderemos mostrar que as escolhas em matéria de prática desportiva estão em coerência com outras escolhas culturais pelo mesmo agente social? Ora, parece-nos importante averiguar na nossa investigação no âmbito do karaté interrogando sobre as atividades culturais, a prática desportiva, a leitura, a moral, as crenças religiosas e político-religiosas, por exemplo, mas também as influências nas esferas familiar e dos amigos na escolha do karaté como prática desportiva.

O conceito de *campo* complementa o de *habitus*. Para Bourdieu (2001a), o *campo* consiste no espaço em que ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais, espaço este sempre dinâmico, que obedece a leis próprias, animada sempre pelas disputas ocorridas no seu interior, e cujo móbil é, invariavelmente, o interesse em ser bem-sucedido nas relações estabelecidas entre os seus componentes (seja ao nível dos agentes, seja ao nível das estruturas). Em termos gerais, o *campo* é o local em que as coisas acontecem em sociedade, encontrando-se nestas vários campos, como, por exemplo, o das práticas desportivas como o designou Bourdieu (1987).

Na sociologia do desporto de Bourdieu (1979), o campo das práticas desportivas encontra-se subdividido em campos específicos, dotados de lógicas específicas, como o que designa de campo das práticas desportivas de competição. Poderíamos considerar que o karaté ocuparia um espaço neste campo, mas dado incluir praticantes enquadrados em quadros competitivos (na sua versão mais desportiva), e outros que, justamente se afastam destes quadros competitivos por o considerarem arte (arte marcial), considerámos que não faria sentido. Justamente por assim ser, o karaté poderá constituir-se como um campo específico dentro do campo das práticas desportivas, sendo então importante saber mais sobre o seu *nomos* constitutivo, para continuarmos a usar a linguagem conceptual bourdiana, i.e., quais as características que lhe dão identidade ou existência e o que o diferenciam.

Um exemplo disto é o facto de que a dinâmica de cada campo tem um tipo diferente de luta pelo poder nesse mesmo campo. No campo das práticas desportivas as “lutas” pelos atletas se afirmarem não é o mesmo tipo de luta que um professor deve realizar para se afirmar no campo académico. Tais lutas seguem regras diferentes devido ao fato de serem campos diferentes. Será então de saber quais os tipos de lutas que se estabelecem no âmbito do *campo* do karaté, quais as afirmações e resistências, como o karaté se insere no espaço dos estilos de vida. Isso leva-nos a dizer, na esteira de Bourdieu (1987), que o desporto, enquanto prática corporal socialmente construída, encerra um conjunto de questões teóricas importantes, que merecem reflexão, nomeadamente sobre como o *habitus*, esta forma de produtora de condutas e de escolhas culturais, é coerente nos diversos setores (coerência do *habitus*) e que pode assumir uma forma comparável nos indivíduos que estão na mesma posição social (carácter construído do *habitus*).

2.2 Proposta de Investigação e Modelo de Análise

A problematização do nosso objeto de estudo no ponto anterior, através das diferentes abordagens e contributos teóricos dos autores chamados a debate no Capítulo I, permitiram-nos definir o nosso objeto de estudo ou tese a demonstrar na presente investigação. Pretendemos então saber, **se a mítica tradição guerreira dos Samurais do Japão se encontra presente de forma dominante no processo de globalização do karaté, traduzida na conceção de treino enquanto expressão do *Budô*, veiculado por uma filosofia oriental constitutiva de um estilo de vida identitário, e envolvimento organizacionais particulares, que se afirmam como forma de resistência ao modelo de competição desportiva ocidental, apesar da existência de diferentes usos e disposições sociais por parte dos praticantes dos diferentes estilos, ainda que independentemente do sexo, idade e escolaridade, o que a verificar-se lhe concederá uma especificidade identitária de campo inserido no campo das práticas desportivas.**

No aprofundamento do nosso objeto de estudo delimitámos o objeto empírico aos karatecas portugueses graduados (cintos castanhos e negros), por serem aqueles que apresentam maior continuidade na modalidade. No aprofundamento do objeto de estudo, definimos três hipóteses teóricas, a serem objeto de análise e discussão de modo a averiguar da sua veracidade.

Como primeira hipótese, partimos do pressuposto que se encontra um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes do karaté, ainda que, decorrente de usos e disposições sociais particulares, se encontre alguma diferenciação segundo o estilo adotado na prática, independentemente do sexo, idade e escolaridade. Na sua análise, iremos analisar os envolvimento no karaté (participação associativa no clube e associação), o investimento no karaté de outras modalidades desportivas, as afinidades com as artes marciais, as identidades e a relevância do karaté na vida dos praticantes, o uso do karaté no espaço público, os valores, os preconceitos de género e étnicos, a alimentação, saúde e bem-estar, a influência linguística do japonês, a religião e o espectro político-ideológico.

Na segunda hipótese, considerámos que a maioria dos praticantes experientes de karaté concebe a sua prática como expressão do *Budô*, reproduzida de forma dominante pelos agentes de ensino da modalidade através de práticas de luta convencionais, imagens, símbolos e veiculação de valores, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

Nesta hipótese, procura-se investigar as orientações da prática do karaté, as razões para a sua prática, a arte, tradição e competição, as técnicas, aprendizagens e performances, as imagens e símbolos, a transmissão de valores e os estilos, autoridade e violência física.

Por fim, na terceira hipótese, considerámos que as relações entre os praticantes experientes de karaté da vertente de não-competição e de competição desportiva têm vindo a caracterizar-se por tensões, dinâmicas de resistência e conflitos, geradores de cisões entre agentes de ensino, espaços de prática ou clubes e estrutura federativa, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade. Iremos analisar a cooperação e demarcação no karaté, as relações institucionais, os aspetos federativos e política desportiva, a sociabilidade entre karatecas, as resistências e as tensões no karaté e os conflitos.

Na operacionalização das hipóteses definimos o nosso modelo de análise alicerçado na relação de um conjunto alargado de variáveis³⁰ e indicadores capazes de as tornar observáveis. Como elucida a Quivy & Campenhoudt (2008), o modelo de análise, que operacionaliza as hipóteses, nada mais é do que a constituição de uma charneira entre a problemática fixada por nós e o trabalho de elucidação sobre o campo de análise preciso. Como diz Quéau (1989, p. 51), “não é mais uma simples representação (...). Ele tem uma vida autónoma. A modelização é uma redução simbólica, mas essa redução nunca é neutra”. Também, “o modelo é sempre uma escolha do observador, perante o espectro de alter-realidades que o catálogo dos modelos oferece”, como refere Silva (1999, p. 73).

No nosso modelo de análise definiram-se quatro dimensões (cf. Quadro 2.1 “Modelo de Análise Desagregado”), expondo um conjunto de “conceitos classificatórios aptos à medida”, variáveis e indicadores quando necessário. Na primeira dimensão, que designámos de “Representações sociais do karaté” (D.1), procura-se analisar as variáveis “Identidades e os usos sociais no karaté” (1.1), “Expressão *Budô*” (1.2) e “Disposições sociais para com a modalidade” (1.3). Na segunda dimensão, o “Estilos de vida” (D.2), as variáveis “Valores” (2.1), “Envolvimentos no karaté” (2.2) e “Religião/Espectro político-ideológico” (2.3). Na terceira, que intitulámos “Cooperação/Demarcação” (D.3), recorrendo a variáveis como as “Relações institucionais” (3.1), as “Sociabilidades” (3.2), “Competição e o *Budô*” (3.3), “Afirmção/resistência” (3.4) e “Conflitos” (3.5). Por último, na quarta dimensão “Perfil dos

³⁰ As variáveis são conceitos operacionais e classificatórios que, através da participação de um conjunto teoricamente relevante, assume vários valores. Chama-se variável a todo o atributo, dimensão ou conceito suscetível de assumir várias modalidades (Quivy & Campenhoudt, 2008).

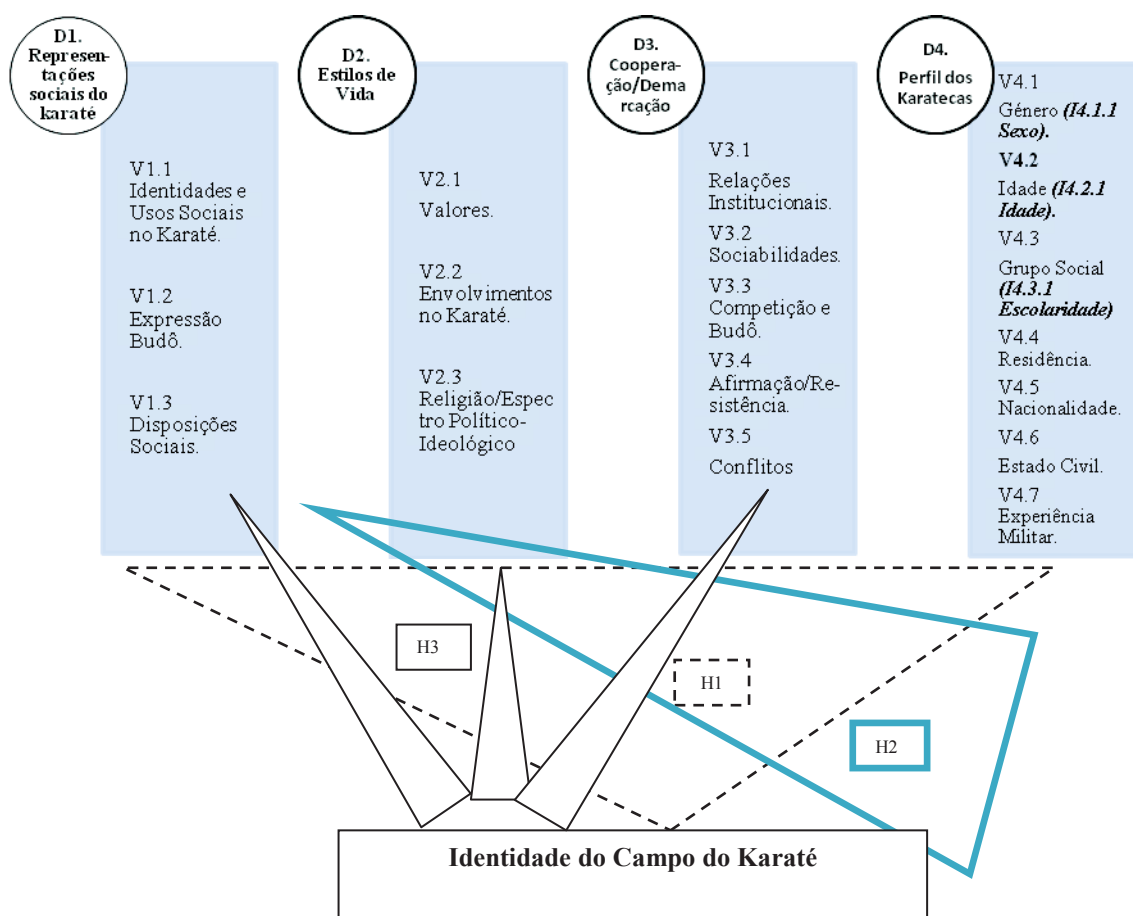
karatecas” (D.4), aprofundamos o perfil sociológico dos praticantes através do “Sexo” (I4.1.1) e Orientação sexual (I4.1.2) da V4.1 “Gênero”, “Idade” (V4.2), “Escolaridade” (I4.3.1) “Condição perante o trabalho” (I4.3.2) “Profissão” (I4.3.3) e “Rendimento mensal” (I4.3.4) da V4.3 “Grupo social”, “Residência” (V4.4), “Nacionalidade” (V4.5), “Estado civil” (V4.6) e “Experiência militar” (V4.7). Para cada uma das variáveis, foram definidas um conjunto de indicadores de modo a poderem ser medidas, conforme consta no Quadro 2.1, na página seguinte.

Quadro 2.1: Modelo de Análise Desagregado

Dimensões	Variáveis	Indicadores
D1. Representações sociais do karaté	1.1 Identidades e Usos sociais no karaté	1.1.1 Sacrifícios pessoais e familiares (QP15) 1.1.2 Violência do karaté/utilização em espaço público (QP42, 43, E-A21) 1.1.3 Significados do karaté (E-A4; E-B28)
	1.2 Expressão <i>Budô</i>	1.2.1 Âmbito da prática (QP21, 22, 23; E-A6) 1.2.2 Importância das especificidades do karaté/Budô (QP34; E-A21 E-A7, 8; E-B12) 1.2.3 Imagens e símbolos (QP34.1; E-A15, 18) 1.2.4 Estilo de liderança (QP40)
	1.3 Disposições Sociais para com a modalidade	1.3.1 Razões para o início da prática (QP18; E-A2,3; E-B27) 1.3.2 Razões para a manutenção da prática (QP19) 1.3.3 Aquisição/divulgação técnica do karaté (QP33, 35; E-A14, 15; E-B15; E-A22) 1.3.4 Conceções da prática (QP39; E-A4, 8; EB28) 1.3.5 Transmissão de valores (E-A19, 20)
D2. Estilos de Vida	2.1 Valores	2.1.1 Identidades étnicas/sexo (QP25, 26, 49, 50) 2.1.2 Discriminação/Preconceitos (QP27, 28, 29) 2.1.3 Alimentação, Saúde e Bem-Estar (QP36, 37; E-A12, 15) 2.1.4 Influência linguística (QP38)
	2.2 Envolvimentos no Karaté	2.2.1 Estilo de karaté (QP1) 2.2.2 Características e afinidades da prática (QP4-14; 16; 17, 20, 41; E-A1.1, 1.2, 1.5, 5, 6, 23, 24) 2.2.3 Participação associativa (QP2, 3, 30, 31; E-A1.3, 1.4)
	2.3 Religião/Espectro Político-Ideológico	2.3.1 Religião (QP54) 2.3.2 Prática religiosa (QP55) 2.3.3 Espectro político-ideológico (QP56)
D3. Cooperação/ Demarcação	3.1 Relações Institucionais	3.1.1 Relações entre associações nacionais (E-A16; E-B6, 7, 16) 3.1.2 Aspetos federativos/ política desportiva (E-B1-5,8,10-11, 18-25)
	3.2 Sociabilidades (QP24)	
	3.3 Competição e Budô (E-A6-9, 11, 13, 17; E-B 9, 17)	
	3.4 Afirmção/resistência (E-A10 E-B13)	
	3.5 Conflitos (E-A10; E-B14)	
D4. Perfil dos Karatecas	4.1 Género	4.1.1 Sexo (QP45; E-A25.2) 4.1.2 Orientação sexual (QP58)
	4.2 Idade (QP44; E-A25.1)	
	4.3 Grupo social	4.3.1 Escolaridade (QP46; E-A25.5) 4.3.2 Condições perante o trabalho (QP51; E-A25.7) 4.3.3 Profissão (QP52; E-A25.7) 4.3.4 Rendimento mensal (QP53)
	4.4 Residência	4.4.1 Região/Distrito de Residência (QP48; E-A25.8)
	4.5 Nacionalidade (QP49; E-A25.3)	
	4.6 Estado civil (QP47; E-A25.4)	
	4.7 Experiência militar (QP57; E-A25.6)	

No esquema seguinte (cf. Figura 2.1) encontram-se as relações que estabelecemos entre as diferentes dimensões e as respetivas variáveis, de modo a obtermos resposta às nossas hipóteses de investigação, i.e., tecermos conclusões acerca da sua veracidade e decorrentemente do nosso objeto de estudo que constitui a tese em discussão na presente investigação sobre a cultura dos karatecas graduados em Portugal.

Figura 2.1: Modelo de Análise



Para a primeira hipótese, que como acima referimos, pretende-se saber se se encontra um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes do karaté, ainda que, decorrente de usos e disposições sociais particulares, se encontre alguma diferenciação segundo o estilo adotado na prática, independentemente do sexo, idade e escolaridade. As variáveis dependentes foram: Identidades e Usos Sociais (V1.1); o I1.3.1 Valorização e investimento

numa prática e da V1.3 Disposições Sociais para com a Modalidade; Valores (V2.1); I2.2.5 Características da Prática da V2.1 Envolvimentos no Karaté; Religião/Espectro Político-Ideológico (V2.3). Como variáveis independentes, definimos o I1.3.6 Estilos adotados na sua prática da V1.3 Disposições Sociais para com a Modalidade; I4.1.1 Sexo da V4.1 Género, Idade (V.4.2), a V4.3 Grupo Social.

Para a segunda hipótese, em que considerámos como pressuposto a investigar que a maioria dos praticantes experientes de karaté concebe a sua prática como expressão do *Budô*, reproduzida de forma dominante pelos agentes de ensino da modalidade através de práticas de luta convencionais, imagens, símbolos e veiculação de valores, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade, definimos como variáveis dependentes: Expressão do Budô (V1.2), Disposições sociais para com a Modalidade (V1.3). Para as variáveis independentes, definimos o I1.3.6 Estilos de karaté da V2.2 Envolvimentos no karaté; I4.1.1 Sexo da V4.1 Género, Idade (V.4.2), I4.3.1 Escolaridade da V4.3 Grupo Social.

Para a terceira hipótese, que pretende saber se as relações entre os praticantes experientes de karaté da vertente de não-competição e de competição desportiva têm vindo a caracterizar-se por tensões, dinâmicas de resistência e conflitos, geradores de cisões entre agentes de ensino, espaços de prática ou clubes e estrutura federativa, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade, definimos como variáveis dependentes: Relações institucionais (V3.1), Relações sociais (V3.2), Competição e Budô (V3.3); Afirmação/resistência (V3.4), Conflitos (V3.5), da D3 Cooperação/Demarcação. Nas variáveis independentes definimos: I2.2.1 Estilos de karaté da V2.2 Envolvimentos no Karaté; I4.1.1 Sexo da V4.1 Género, Idade (V.4.2), I4.3.1 Escolaridade da V4.3 Grupo Social.

2.3 Métodos e Técnicas de Investigação

2.3.1 Fases e Estratégia da Investigação

O estudo foi conduzido em quatro grandes etapas: i) “estado da arte”, obtido a partir da revisão bibliográfica realizada para a elaboração do projeto; ii) em simultaneamente com a primeira, consistiu fundamentalmente na realização de “um estudo exploratório” (Rosa, 2007, 2008a,b) para a captura e descrição de informação específica relacionada com o karaté e a

elaboração e teste do questionário para o *Survey* de natureza exploratória, iii) consistiu na problematização e consequente definição do objeto e hipóteses de investigação, e decorrentemente da elaboração, avaliação e aplicação de um questionário a uma amostra aleatória (pré-teste) de um número representativo de praticantes de karatê graduados (cintos castanhos e negros). A primeira versão do questionário foi ajustada após os resultados do pré-teste; iv) por último, na quarta fase consistiu no tratamento, análise e interpretação da informação recolhida através dos questionários tendo em vista averiguar a veracidade das hipóteses e consequentemente da tese em discussão e redação final.

O estudo foi então inicialmente conduzido por uma abordagem do tipo *Survey* (Fase 2), uma vez que a população-alvo de indivíduos envolvia diferentes tipos de informação cuja medição seria feita através de um número considerável de variáveis sobre as quais o investigador não tinha qualquer controlo. O método *Survey* em ciências sociais implica a necessidade de utilização e aplicação a uma amostra de indivíduos retirada da população-alvo de um instrumento específico (questionário), tendo em vista recolher os dados adequados e necessários para dar resposta às questões relacionadas com o objeto de estudo.

A abordagem *Survey* é utilizada com frequência para identificar e definir variáveis que intervêm em situações reais. Essas variáveis podem mais tarde ser usadas em *designs* experimentais para confirmar a relação causa-efeito inferida no *Survey*. Para além da abordagem *Cross Sectional Survey*, o método *Survey* pode ser conduzido de forma longitudinal em que os dados são recolhidos sistematicamente em diferentes momentos da vida dos indivíduos em estudo tendo em vista explorar mudanças ao longo do tempo ou, ser realizado num determinado momento, simulando um estudo longitudinal, através da recolha de informação de diferentes grupos de indivíduos, pertencentes à mesma população-alvo, mas que se encontram em fases diferentes com o objetivo de simular diferentes fases do desenvolvimento do grupo em estudo. É, por isso, um método aconselhado para o estudo de crenças, motivações, atitudes e comportamentos. Por outro lado, os estudos em que são utilizadas abordagens do tipo *Survey* representam uma proporção relativamente importante na pesquisa realizada em diferentes campos de análise (Borg & Gall, 1989).

No presente estudo optou-se pela abordagem *Cross Sectional Survey*, uma vez que se pretendia conhecer um conjunto de indicadores das unidades em análise, num determinado momento. Esta abordagem consiste num estudo sincrónico, em que informação padronizada

de todos os indivíduos de uma amostra é recolhida num dado momento da sua vida (Borg & Gall, 1989) com a finalidade de identificar e descrever as relações existentes entre diferentes características desses mesmos indivíduos.

Em termos de procedimentos, este trabalho teve o seu início em maio de 2005 com a análise e definição dos objetivos e das linhas orientadoras da estratégia de investigação. Foram revistos, posteriormente, seguindo as recomendações de alguns especialistas na matéria, dando uma maior consistência à investigação, em particular a identificação do problema em estudo, a definição do objeto de investigação, e, decorrentemente, a construção metodológica de modo a operacionalizar as hipóteses, justificando e integrando a informação recolhida através das técnicas utilizadas. Nas reuniões e trocas de experiências foram revistas e analisadas as fases e as actividades a desenvolver na condução do estudo.

A base de dados construída a partir da informação disponível foi analisada com o recurso a técnicas estatísticas multivariadas. A estratégia da análise multivariada dos dados foi delineada, tendo em vista estimar as relações existentes entre as variáveis ou indicadores em estudo, de acordo com o nosso modelo de análise (ver Figura 2.1) tal como explicitamos no ponto anterior. Em termos de instrumentação, e tendo em vista a natureza do objeto de estudo, considerou-se como mais adequado delinear uma estratégia de recolha de informação combinando métodos e técnicas, de modo a obter dados que garantissem a discussão das hipóteses em análise de modo a avaliar a sua veracidade.

2.3.2 Procedimentos e Técnicas de Recolha de Informação

Baseado na nossa própria observação direta e participante, começou-se por um estudo exploratório (Rosa, 2007; 2008a,b) na Fase 2, tal como referimos no ponto anterior. O objeto de estudo e a natureza da nossa problemática assim o impuseram. Para além de reforçar a credibilidade do estudo, o cruzamento das diversas fontes de informação, de observação e compreensão, alarga os horizontes e revela as dimensões do fenómeno que, de outro modo, permaneceriam ocultas (Guerra, 2008).

A observação é um dos primeiros passos na procura da explicação para os comportamentos sociais e constitui uma etapa determinante na pesquisa sociológica. De uma forma geral, a observação direta é particularmente adaptada para investigar “os

comportamentos que não são facilmente verbalizados ou que o são demasiado” (Peneff, 1992, p. 233). Ela é, igualmente, fecunda para compreender as práticas não oficiais, sejam estas ocultas ou muito visíveis pelos atores.

A observação requer um triplo trabalho: percepção, memorização e anotação. Precisa de um saber-fazer e de uma técnica. É uma técnica de descoberta e de verificação. A observação “sem armas” é vazia. A observação “demasiado armada” não apreende nada (Beaud & Weber, 2010, p. 128). Cabe-nos construir o que queremos verificar. A observação direta surge como uma prática de investigação fracamente normalizada, quer pelos terrenos de pesquisa, quer pelos objetos que ela estuda. E escolher um modo de observação consiste, de forma razoável, em escolher um papel social a ocupar na situação observada. Esta escolha é importante, na medida em que envolve um conjunto de características quanto às informações a serem recolhidas. Mas não se observa sem referências, sem pontos de reconhecimento. O guia de observação é já um produto de investigação.

Na observação direta procurámos visitar diferentes centros de prática pelo território nacional e registar alguns dos comportamentos. Durante seis anos (2006 a 2012) observámos os locais de prática, os objetos, os símbolos, os modos de vida, as condutas instituídas, os códigos de comportamentos, a relação com o corpo, as situações, os ritmos, os acontecimentos. Procurou-se registar com exatidão e sistematizar o que observámos. A nossa experiência situou-se entre dois pólos: envolvimento e distanciamento nas/das comunidades de praticantes por curtos e longos períodos de tempo.³¹

No decurso do trabalho de campo cultivámos “um relacionamento mais frequente e mais intenso com algumas pessoas” – “interlocutores preferenciais” (Costa, 1986, p. 139) ou “testemunhas privilegiadas” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 71), no sentido de se obter informações sobre aspetos que não se encontraram na documentação disponível. Temos consciência que as meras descrições dos informantes podem induzir em erro. Isso porque, com frequência, os indivíduos são arrastados por ideais ou pela noção que têm dos fatos sociais e poderão dar uma visão deturpada da vida real e objetiva. Tal como nos lembra Costa (1986), temos também consciência de que a presença do investigador no terreno introduz neste uma série de novas relações sociais. Através das técnicas de pesquisa, procurou-se

³¹ Elias (1997, p. 19) refere que entre estes dois pólos existe um *continuum*, constituindo, assim, o verdadeiro problema para determinar com rigor a posição de atitudes e produções humanas.

manter a distância em relação ao objeto de análise, evitando a imposição dos próprios valores do investigador (Stoer, 1986; Lévi-Strauss, 1986; Lienhardt, 1989).

Inicialmente, não foi definido um guião ou um protocolo de observação. Esta observação decorreu entre 2006 e 2012 em vários centros de prática em Évora, Beja, Almada, Lisboa, Viseu, quer durante os treinos, quer durante os estágios. Só mais tarde, foi necessário definir um guião de entrevista semi-estruturada (cf. Anexo A). A entrevista teve por função reconstruir o sentido vivido dos comportamentos dos atores sociais. É, de certa forma, uma “improvisação regulada” (Bourdieu, 1980). Uma improvisação porque cada entrevista é uma situação singular suscetível de produzir os efeitos de conhecimento particulares; regulada porque para produzir estes efeitos de conhecimento a entrevista solicita um certo número de ajustamentos que constituem a técnica da entrevista.

Mas, é preciso dizê-lo, a entrevista é um percurso e não se pode reduzir a uma pura manipulação técnica. É um encontro com o outro. Por isso, é necessário integrar a situação de interação. A entrevista é um instrumento privilegiado de exploração dos fatos, em que a palavra é o vetor principal. Os fatos dizem respeito aos sistemas de representações (pensamentos construídos) e as práticas sociais (fatos experienciados). Neste sentido, a entrevista é particularmente pertinente quando queremos analisar o sentido que os atores dão às suas práticas, aos acontecimentos que eles puderam ser testemunhos ativos, quando queremos colocar em evidência os sistemas de valores e os sistemas normativos a partir do qual eles se orientam e se determinam. Ela dá acesso às ideias incarnadas e não pré-fabricadas (Guittet, 2008; Kauffmann, 2007; Singly, 1992).

No nosso estudo, efetuámos trinta e uma entrevistas a diferentes atores que se tornaram nossos interlocutores privilegiados (informantes-chave). A escolha recaiu sobre responsáveis pela FNK-P, representantes e dirigentes de associações e clubes de karaté e de outras artes marciais, treinadores/instrutores, assistentes/monitores, formadores, árbitros, praticantes, famílias, médicos, fisioterapeutas, farmacêuticos, juristas, professores do ensino secundário e superior, investigadores, etc. (cf. Anexo B). As respostas obtidas serviram para reforçar as nossas hipóteses de trabalho e também para fundamentar a escolha da problemática em estudo. Com quietude de espírito, sem ter que precipitar as coisas ou atropelar os nossos interlocutores, procurámos que os entrevistados exprimissem, na sua linguagem, as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações

ou as suas experiências. No contexto da interação particular, cada um dos entrevistados expressou o seu ponto de vista singular. E quanto mais fizemos aparecer a singularidade desse ponto de vista, mais interessante se tornou a entrevista.

Como diz Goffman (1973), “o universal está no particular”. As perguntas abertas permitiram aceder a uma maior autenticidade e profundidade. Para todos os entrevistados, adotou-se uma atitude mais de facilitador da exposição do que de perguntador, na medida em que o entrevistador deve esforçar-se por fazer o menor número possível de perguntas (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 74), recorrendo a alguns dos “empurrões” linguísticos sugeridos por Quivy & Campenhoudt (2008, p. 75). Os entrevistados ao saberem do nosso “estatuto” de doutorando investigador e não de jornalismo³², a realizar um trabalho sobre o karaté e a descobrir o que nele se oculta, permitiu-nos tirar partido de um “capital simbólico” (Bourdieu, 2001a, p. 113) de confiança e ultrapassar rapidamente esses silêncios³³ embaraçosos, que, por vezes, acontecem quando existe uma “interação face-a-face” (Goffman, 1973), mas que não é preciso ter receio.

O nosso “estatuto” de praticante (“insider”) permitiu também evitar certas generalizações dos entrevistados e obter informações suplementares. Ao contrário do questionário, que padroniza as respostas e neutraliza a relação de pesquisa, a entrevista fica dependente tanto da relação entrevistador/entrevistado quanto do saber fazer (habilidade) do entrevistador. Será também importante sublinhar que a construção de um inquérito por questionário a aplicar a um universo alargado, necessita de conhecimento aprofundado da realidade em estudo por parte do investigador, de modo a fechar o maior número de perguntas, isto é, na sua capacidade de criar hipóteses de resposta que traduzam as possíveis representações sociais da realidade em estudo.

Com a autorização prévia dos interlocutores, quando foi possível utilizou-se um gravador (este evita a tomada de notas quando se tenta desesperadamente seguir todos os propósitos do nosso interlocutor) para registar as conversas e procurou-se que as mesmas se desenrolassem num ambiente e num contexto adequados. O tratamento dos dados consistiu na transcrição das respostas, obtidas nas trinta e uma entrevistas. A fiabilidade da informação de

³² A diferenciação assumida relativamente aos jornalistas não é para os criticar, mas para mostrar bem aos entrevistados que fizemos um trabalho diferente, mais longo, mais aprofundado, “científico”.

³³ Entre muitas outras coisas, os silêncios são um jeito de reivindicar a sua dignidade social, de resistir à pesquisa ou uma das últimas maneiras de se “defender”.

base foi validada, quando possível, através da confrontação de dados e do trabalho apurado no terreno.

Mobilizaram-se algumas questões para a verificação de hipóteses: “significados do karaté (E.A4, E-B28), a “importância do Budô” (E.A6; E-A7), a “transmissão de valores” (E.A19), as “relações entre associações nacionais” (E.A16, E-B6, 7, 16), “a relação com sociais com o Japão” (E.A14, 15, E.B15).

Recorremos também à “observação-participante” (expressão da autoria de Malinowski, 1922), que é uma técnica que se baseia na recolha de elementos de informação, a partir da observação feita por um investigador que se encontra intencionalmente no grupo a observar, ou dele fazendo, efetivamente, parte. Participámos, enquanto praticante de karaté cinto castanho e, posteriormente, negro, em diversas comunidades de praticantes, aprofundando o conhecimento da alteridade cultural (o observador se torna outro para se olhar), a fim de ser capaz de não incorrer no etnocentrismo” (Costa, 1986; Ramos, 1992), cujo conceito, em Sociologia, designa uma atitude de sobrevalorização da cultura a que se pertence ou a avaliação de padrões de culturas diferentes em função dos padrões ou valores da sua própria cultura.

No decurso da investigação várias notas foram compiladas num *Diário de Campo*, e alguns depoimentos serão mobilizados, a título elucidativo, nos Capítulos (do III ao VI).

Com base na experiência e observação direta, procedemos à recolha de dados através de um primeiro inquérito por questionário de carácter exploratório, especificamente elaborado para o efeito (Fase 2 como acima referimos), e aplicado a uma amostra de praticantes graduados de karaté. Se a entrevista tem por função reconstruir o sentido “subjetivo”, o sentido vivido dos comportamentos dos atores sociais, o questionário tem por ambição conseguir o sentido “objetivo” das condutas, cruzando com os indicadores das determinantes sociais selecionadas para o efeito e que foram definidas no nosso modelo de análise já explicitado.

A primeira versão do questionário foi submetida a um pré-teste em três centros de prática de karaté (Évora, Almada e Lisboa). Para o efeito, foram selecionados 20 sujeitos da população em estudo. Com base nos indicadores do Modelo de Análise Desagregado (ver Quadro 2.1, onde se encontram identificadas à frente dos indicadores o respetivos números das perguntas do questionário (“QP”)), e os resultados dos pré-testes, o instrumento de

recolha de dados foi redefinido (cf. Anexos C e D), tendo em vista melhorar ajustá-lo à necessidade de informação a recolher bem como a sua qualidade,

O inquérito por questionário respeitou as regras técnicas que contribuem para garantir a fiabilidade da análise e dos resultados. Ele foi submetido à apreciação de vários investigadores, merecendo as alterações necessárias. Estatisticamente, procurou-se verificar a correlação média entre as perguntas e a variância dos itens individuais e da variância da soma dos itens de cada avaliador de todos os itens de um questionário que utilizem a mesma escala de medição. Para além disso, o pré-teste permitiu a correção de algumas escalas de medida e das dimensões de análise. Pese embora a extensão do inquérito por questionário, a adesão dos respondentes foi boa.

Em termos de validade, o instrumento foi avaliado por três formas diferentes: validade de conteúdo através dos investigadores (coerência face ao MAD, Quadro 2.1); validades convergente e discriminante com o recurso à correlação. Em função da natureza da informação pretendida, os indicadores incluídos em cada parte do questionário tomaram duas formas diferentes: 1) Na primeira parte do questionário os indicadores tomaram a forma de perguntas fechadas e fatuais uma vez que a informação pretendida diz respeito a questões concretas, tangíveis e fáceis de precisar como sejam variáveis de natureza sociodemográfica e características individuais; 2) Nas restantes partes do questionário, os indicadores tomaram a forma de afirmações a que foram agregadas escalas de concordância do tipo LIKERT, com quatro ou cinco respostas possíveis (1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo e nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente). Como seria de esperar, tentou-se combinar as vantagens respetivas das questões abertas e das questões fechadas.

Os questionários foram entregues pessoalmente aos praticantes a quem se explicou a importância do estudo e das suas respostas ao questionário. O preenchimento do questionário, nalguns centros de prática, foi feito imediatamente após a entrega e recolhidos logo de seguida. Nos centros de prática em que se verificou pouca disponibilidade dos praticantes no momento do contacto ou nos casos em que os praticantes selecionados estavam ausentes, os questionários foram deixados e após oito dias os inquiridores voltaram aos centros de prática para os recolher. No segundo contacto aproveitou-se para explicar àqueles que não tinham respondido ao questionário a importância do estudo, tendo-se agendado novos contactos. O

processo decorreu de forma cabal e satisfatória, permitindo a recolha de um alargado número de questionários.

O inquérito por questionário permitiu-nos compreender melhor as atitudes dos praticantes, as suas opiniões, as suas preferências, as expectativas, os motivos, as crenças, os valores, as normas, as suas representações, os significados da sua prática, os entendimentos, as ideologias comuns das comunidades de praticantes, da identidade social daí derivada, etc., em suma, permitiu-nos medir os indicadores e variáveis no “Modelo de Análise Desagregado”, de modo a podermos discutir as nossas hipóteses e assim aprofundarmos o nosso objeto de estudo.

A informação coligida foi ainda confrontada quer com os resultados das entrevistas, quer com as observações realizadas nos diferentes centros de prática, situados em Évora, Beja, Almada, Lisboa e Viseu, entre 2006 e 2012.

Em termos de análise, a base de dados construída a partir dos dados recolhidos pelos questionários junto dos praticantes aleatoriamente selecionados foi trabalhada com o recurso ao programa estatístico informático SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), para *Windows*. Os dados foram submetidos a um conjunto de análises estatísticas descritivas (frequências, médias, modas, medianas e desvios-padrão), e à utilização dos testes paramétricos (*t-student*, ANOVA II) e não paramétricos (binomial, qui-quadrado, etc.). Os resultados preliminares foram apresentados e discutidos com outros investigadores em vários eventos científicos.

A aplicação do questionário decorreu na época desportiva 2010/2011, abrangendo o território nacional e regiões autónomas.

2.4 Características dos Karatecas Inquiridos: Perfil e Práticas

A população-alvo do estudo foi constituída pelos praticantes de karaté graduados (cintos castanhos e negros) em Portugal. Considerámos que os karatecas com nível avançado de prática (cintos castanhos e negros) são os pilares das comunidades e das estruturas organizativas (clubes, associações), justamente por demonstrarem uma continuidade ao longo dos anos. Neste sentido, não é a aprendizagem (ou a socialização) para esta cultura-comunidade que está aqui em causa. Consideramos que, geralmente, é só a partir do grau de

cinto castanho que a própria comunidade de karatecas reconhece a pertença “em pleno estatuto” do praticante. É, em princípio, a partir desse grau que se pode ensinar karaté.

A partir deste reconhecimento de competência e qualificação, a própria comunidade estabelecida de praticantes recruta e induz um membro devidamente credenciado. Da nossa observação direta e participante notámos que a graduação técnica (a hierarquização) tem um peso considerável nas relações dentro dos grupos de praticantes e serve como indicador de uma pertença, bem como de uma experiência suficientemente longa para permitir o domínio dos códigos de comunicação do(s) grupo(s). Para além de comportamentos diferenciados, a existência de hierarquias traz consequências a vários níveis, inclusivamente ao nível da comunicação. De facto, é mais simples comunicar com aqueles que consideramos nossos iguais do que comunicar com os restantes indivíduos, quer sejam de estatutos superiores, quer inferiores. Entre os iguais há todo um conjunto de códigos linguísticos e comportamentais que torna mais simples a comunicação.

Visto não ter sido possível dispor de uma listagem com os praticantes graduados com cintos castanho e pretos no ativo, tivemos de recorrer à técnica de amostragem não-aleatória, por “bola de neve”. Assim, partimos de uma pequena amostra de três centros de prática (Clube de Karaté Shotokai de Évora, em Évora, Associação Shotokai de Murakami-Kai, em Almada, e Associação Portuguesa de Karaté-Do, em Lisboa) e, em seguida, fomos adicionando outros elementos que tinham alguma relação com os que já estavam incluídos na amostra. Este tipo de amostragem não é probabilística ou representativa, mas constituída segundo o interesse ou a oportunidade.

Conseguimos o preenchimento de 244 questionários a nível nacional, de indivíduos de ambos os sexos (221 homens e 33 mulheres), dos 13 aos 71 anos, de 15 Distritos e 1 Região Autónoma (Açores), integrados em 58 clubes e 35 associações. Sendo que em 2010, estavam referenciadas na FNK-P 70 organizações (associações, uniões, centros) (cf. Anexo E), somos a considerar que conseguimos reunir uma amostra alargada e por isso próxima da realidade (cf. Anexos F, G e H).

Na definição do perfil dos karatecas graduados (cintos castanho e negro), da nossa amostra, foram mobilizadas as variáveis e indicadores da D4 (Perfil dos karatecas) do Modelo de Análise Desagregado (ver Quadro 2.1), cujos dados foram recolhidos através do inquérito por questionário, aplicado na época desportiva 2010/2011, informação que nos permite

caracterizar a amostra. Também, para a mensuração do I2.2.2 (Características e afinidades da prática) da V2.2 (Envolvimentos no karaté), recolhemos um conjunto de informação que completará esta caracterização.

2.4.1 Perfil dos Karatecas

Género

No que respeita à repartição dos inquiridos por sexos, verifica-se que os homens são mais numerosos (86,5%, n=211) do que as mulheres (13,5%, n=33). Ao recorrermos ao teste da binomial aplicada a variáveis dicotómicas, os resultados revelam que o número observado de homens (0,86) é significativamente superior ao número observado de mulheres (0,14), para um erro do tipo I do analista de 0,05 ou 0,10 (cf. Quadro 1, em Anexo J).

Quer os homens quer as mulheres da nossa amostra encontram-se em maior número no estilo de karaté Shotokai, seguido do estilo Shotokan, e em menor número no estilo de karaté Shito-Ryu. De referir que este último estilo de karaté tem pouca expressão em Portugal e também na Europa, justificada pela sua tardia implementação (Le Rest, 2000; Stoleroff & Rosa, 2008), (cf. Quadro 2.2).

Quadro 2.2: Estilo de karaté praticado e sexo

Estilo de karaté praticado	Sexo				Total	%
	Masculino	%	Feminino	%		
Shotokai	90	42,7	16	48,5	106	43,4
Shotokan	47	22,3	10	30,3	57	23,4
Goju-Ryu	41	19,4	3	9,1	44	18,0
Wado-Ryu	21	10,0	2	6,1	23	9,4
Shito-Ryu	12	5,7	2	6,1	14	5,7
Total	211	100,0	33	100,0	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Sendo uma das preocupações centrais do trabalho encontrar uma relação (ou ausência dela) entre a opinião dos praticantes de karaté sobre diversos aspetos da sua prática, afigurou-se-nos importante garantir o controlo de outras variáveis que pudessem estar correlacionadas

com o sexo. Para isso, precisamos conhecer a probabilidade de existir uma relação entre as duas variáveis na população de onde saiu a amostra³⁴.

No que se refere à orientação sexual dos inquiridos da nossa amostra, tendo em conta a escala dos padrões de sexualidade estabelecida por Kinsey *et al.* (1948), revela que 96,7% (n=236) é “exclusivamente heterossexual”. Nesta classificação, temos dois karatecas que referem ser “predominantemente heterossexual, mas incidentalmente homossexual” e “igualmente heterossexual e homossexual”.

Segundo Brandão (2008), a compreensão das vivências da sexualidade está intimamente ligada às representações do género, que tem como parâmetro central de definição a atração erótica pelo “outro” sexo. Ora na medida em que o género seja entendido como uma escala bipolar com dois opostos claramente distintos e irreconciliáveis, os atores são vistos como cabendo num ou noutro desses pólos.

Idade e sexo

A análise da distribuição por idades permite constatar que se trata de um conjunto de pessoas relativamente jovens. Com efeito, 59% (n=146) dos inquiridos tem idades compreendidas entre os 13 e os 35 anos; 39,3% (n=96) entre os 36 e os 65 anos e 0,8% (n=2) têm 66 e mais anos (cf. Quadro 2.3, na página seguinte).

³⁴ Para estabelecer essa probabilidade, o teste de independência do *Qui-Quadrado* de Karl Pearson, simbolizado por χ^2 , é muito utilizado em conjunto com as tabelas de contingência (*crosstabs*). O teste ($\chi^2=14,178$; d.f.=12; $p=0,289$) não nos permite rejeitar H_0 , logo sugere que é improvável existir uma associação entre as variáveis *escalão etário* e *sexo*. Trata-se de um teste de significância estatística que permite ao investigador determinar a probabilidade de que a associação observada entre duas variáveis tenha ocorrido por acaso. O ponto de partida para a utilização de um teste de *Qui-Quadrado*, tal como para qualquer teste de significância estatística, é uma *hipótese nula* que supõe que não existe relação entre as duas variáveis em análise. Desta forma, para se poder afirmar que existe uma relação entre as duas variáveis na população de onde foi retirada a amostra, é preciso rejeitar a *hipótese nula*. Se se confirmar a *hipótese nula*, então tem de se rejeitar a afirmação da existência de uma associação. Neste caso, H_0 (hipótese nula) diz que não há padrão com a distribuição do escalão etário/classe etária nos homens e nas mulheres, ou seja, as variáveis *classe etária* e *sexo* são independentes; H_1 (hipótese alternativa) afirma que há um padrão como o escalão etário se distribui nos homens e nas mulheres, isto é, existe uma relação de dependência entre as variáveis *classe etária* e *sexo*.

Quadro 2.3: Escalões etários e sexo

Escalões Etários	Sexo				Total	%
	Masculino	%	Feminino	%		
< de 15 anos	18	8,5	6	18,2	24	9,8
16 – 20 anos	21	10,0	3	9,1	24	9,8
21 – 25 anos	20	9,5	5	15,2	25	10,2
26 – 30 anos	27	12,8	8	24,2	35	14,3
31 – 35 anos	32	15,2	6	18,2	38	15,6
36 – 40 anos	18	8,5	2	6,1	20	8,2
41 – 45 anos	29	13,7	1	3,0	30	12,3
46 – 50 anos	26	12,3	1	3,0	27	11,1
51 – 55 anos	11	5,2			11	4,5
56 – 60 anos	4	1,9	1	3,0	5	2,0
61 – 65 anos	3	1,4			3	1,2
66 – 70 anos	1	0,5			1	0,4
71 – 75 anos	1	0,5			1	0,4
Total	211	100,0	33	100,0	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

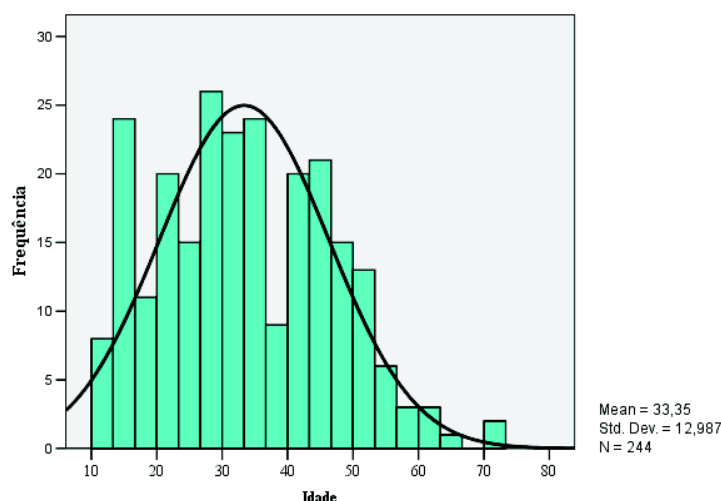
Estes dados permitem atestar dois aspetos: por um lado, que é uma modalidade praticada indiscriminadamente por jovens e menos jovens, assim as condições de saúde o permitam. A este propósito Cynarski & Obodynski (2009, p. 3) afirmam que “It is a good example of sport for all and every day, and for all life. That practice gives excellent fitness also for old instructors”, por outro lado, que um jovem com 13 anos de idade pode ser detentor de uma graduação técnica elevada de karaté³⁵.

O karaté ao ter tantos jovens, permite que numa sala de treino estes se socializem, se associem com os mais velhos. O treino desenrola-se num ambiente convivial com regras pré-estabelecidas, e isso permite viver continuamente situações onde é possível cada um se afirmar perante os outros. A sala é um local de estabelecimento deste sistema de relações, de camaradagem e aprendizagem colectiva (Koukouchkine, 1960; Min-Ho, 1999) como veremos.

³⁵ Segundo o Regulamento de "Homologação de Graduações" da FNK-P a idade mínima para 1.º dan (cinto negro) é de 15 anos. Na nossa amostra, apenas 1 inquirido com 13 anos de idade é detentor de cinto negro. Para que as crianças fiquem mais tempo nas graduações, coloca-se no cinto faixas (e.g. cinto branco, com uma, duas faixas amarelas, etc.). Assim, não é totalmente branco (início da prática), mas também não tem a graduação seguinte (cinto amarelo).

Como elucidada a Figura 2.2, a leitura do histograma com curva normal³⁶, permite-nos constatar que dos 244 inquiridos não se encontram indivíduos com menos de 13 anos nem mais de 71 anos. Existe, assim, uma diferença de 58 anos entre o valor mais baixo e o valor mais alto deste grupo.

Figura 2.2: Histograma com curva normal



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

O estudo da normalidade da distribuição recorre ao teste não paramétrico de aderência à normal *Kolmogorov-Smirnov* (K-S), com a correção de Lilliefors ou ao teste Shapiro Wilks. O teste de Shapiro Wilk, com o nível de significância 0,000, permite-nos rejeitar a hipótese da distribuição de idades ser normal para qualquer erro tipo I³⁷ (cf. Quadro 2, em Anexo J). A confiança nesta afirmação é superior a 99%. Em relação à média aritmética de idades, ela situa-se nos 33 anos, sendo a idade que ocorre com maior frequência (moda) a de 34 anos. O valor que acumula até si 50% das observações (mediana) diz-nos que nesta distribuição metade dos inquiridos têm no máximo 32 anos.

Através da aplicação do teste paramétrico *t-student* para duas médias, verifica-se que a média de idades dos homens situa-se nos 34,35 anos e nas mulheres nos 26,97 anos. Com

³⁶ O termo "normal" pode induzir em erro, porque na realidade é muito raro encontrarem-se distribuições perfeitamente normais (cf. Bryman & Cramer, 1992).

³⁷ O erro tipo I é também designado por alfa ou nível de significância (*sig* ou *p*), é a probabilidade de rejeitar erradamente H0 (hipótese nula).

base nos resultados do *output* produzido pelo SPSS ($t=3,089$; d.f.=242; $p<0,002$) rejeita-se a hipótese nula³⁸, H0, isto é, que a média de idades dos homens e das mulheres são iguais. Se se rejeita H0, então, temos que aceitar H1, que diz que a média de idades dos homens e das mulheres não são iguais. Neste caso, a média de idades dos homens é superior à média de idades das mulheres em 7 anos.

Grupo social

Para a variável Grupo social, como referido no MAD (V4.3), recorreremos aos indicadores escolaridade, condições perante o trabalho, profissão e rendimento mensal. Pela análise de frequências relativas à escolaridade, constatamos elevados “capitais escolares”, na acepção de Bourdieu (1979) por parte dos inquiridos, independentemente do sexo (cf. Quadro 2.4).

Quadro 2.4: Escolaridade e sexo

Escolaridade	Sexo				Total	%
	Masculino	%	Feminino	%		
Doutoramento	3	1,4	0	0,0	3	1,2
Mestrado	15	7,1	1	3,0	16	6,6
Licenciatura	57	27,0	10	30,3	67	27,5
Bacharelato	7	3,3	0	0,0	7	2,9
Secundário completo (10.º, 11.º e 12.º anos)	72	34,1	12	36,4	84	34,4
3.º Ciclo completo (7.º, 8.º e 9.º anos)	45	21,3	7	21,2	52	21,3
2.º Ciclo completo (5.º e 6.º anos)	7	3,3	2	6,1	9	3,7
1.º Ciclo completo (Escola Primária)	4	1,9	1	3,0	5	2,0
Outro	1	0,5	0	0,0	1	0,4
Total	211	100,0	33	100,0	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Verifica-se que 38,2% (n=93) completaram uma formação de nível médio (bacharelato) ou superior (licenciatura, mestrado ou doutoramento), 34,4% (n=84) o ensino

³⁸ Existem três níveis de significância para se rejeitar a hipótese nula (0,05, 0,01 e 0,001). Se dizemos que o valor do *Qui-Quadrado* é significativo ao nível da significância estatística de 0,05, estamos a dizer que esperamos que no máximo cinco em cada cem amostras possíveis retiradas de uma população possam aparentar a existência de uma relação entre duas variáveis quando, de facto, essa associação não existe na população (cf. Bryman & Cramer, 1992).

secundário ou profissional e 27,4% (n=66) o ensino de 1.º, 2.º e 3.º ciclos. O nível de ensino modal, que concluíram, é o ensino secundário.

Relativamente à formação superior, é interessante notar que a área/disciplina que surge em primeiro lugar é a “Engenharia”, com 26,1% (n=23), seguida das “Ciências do Desporto”, com 15,9% (n=14), (cf. Quadro 2.5).

Quadro 2.5: Distribuição dos inquiridos com formação superior, por área disciplinar

Área/Disciplina	Frequência	%
Engenharia (Eletrotécnica, Informática, Civil, Mecânica, etc.)	23	26,1
Ciências do Desporto	14	15,9
Economia e Gestão	9	10,2
Ciências Jurídicas	8	9,1
Ciências da Saúde	7	8,0
Ciências da Comunicação	6	6,8
Ciências Agrárias e Florestais	3	3,4
Arquitetura e Urbanismo	3	3,4
Sociologia	3	3,4
Filosofia	2	2,3
Física e Química	2	2,3
História	2	2,3
Ciências da Educação	1	1,1
Ciências da Terra e do Espaço	1	1,1
Ciências Biológicas	1	1,1
Antropologia	1	1,1
Geografia	1	1,1
Matemática	1	1,1
Total	88	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Quanto à condição perante o trabalho, a distribuição de frequências revela que 47,5% dos inquiridos trabalha por conta de outrem, 26,6% dos inquiridos é estudante, 9,8% trabalha por conta própria, 9,4% é empresário, 2% são reformados, 1,6% encontravam-se na situação de desemprego, 0,8% estavam no serviço militar, 0,4% é doméstica ou trabalhador familiar não remunerado, 0,8% encontram-se noutra situação (cf. Quadro 2.6, na página seguinte).

Quadro 2.6: Condição perante o trabalho

Condição Perante o Trabalho	Frequência	%
Trabalhador por conta de outrem	116	47,5
Estudante	65	26,6
Trabalhador por conta própria	24	9,8
Patrão	23	9,4
Reformado(a)	5	2,0
Desempregado(a)	4	1,6
Serviço militar	2	0,8
Doméstica	1	0,4
Trabalhador familiar não remunerado	1	0,4
Outra situação	2	0,8
NS/NR	1	0,4
Total	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Se agruparmos as profissões encontradas nas respostas dadas pelos inquiridos pela atual Classificação Nacional das Profissões (reportório de todas as profissões existentes em Portugal e dos respetivos descritivos funcionais, apresentando-se agregadas por grupos profissionais), verifica-se que 18% dos inquiridos situa-se na categoria de “Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas” e 14% na de “Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio”. Em pequena percentagem, surgem os “Operários”, os “Operadores de Máquinas”, os “Membros das Forças Armadas” e os “Trabalhadores Não Qualificados” (cf. Quadro 2.7).

Quadro 2.7: Distribuição dos inquiridos, segundo a classificação nacional das profissões

Classificação Nacional das Profissões	Frequência	%
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	44	18,0
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	36	14,8
Pessoal dos Serviços e Vendedores	31	12,7
Pessoal Administrativo e Similares	16	6,6
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	7	2,9
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	3	1,2
Membros das Forças Armadas	3	1,2
Trabalhadores Não Qualificados	3	1,2
<i>Estudantes</i>	65	26,6
<i>Reformados</i>	5	2,0
<i>Desempregados</i>	1	0,4
NS/NR	14	5,7
Total	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Dos 174 inquiridos que responderam ter um rendimento mensal, verifica-se que um terço (33,3%, n=58) recebe entre 501 e 1000 Euros. Muito próximo estão os praticantes que

auferem entre 1001 e 1500 Euros (28,7%). O teste ($t=1,352$; d.f.=39,285; $p=0,184$) revela que as variâncias são iguais. Ou seja, não existe diferenças salariais entre homens e mulheres (cf. Quadro 2.8).

Quadro 2.8: Rendimento mensal

Rendimento Mensal	Frequência	%
Menos de 500 Euros	10	5,7
Entre 501 e 1000 Euros	58	33,3
Entre 1001 e 1500 Euros	50	28,7
Entre 1501 e 2000 Euros	31	17,8
Entre 2001 e 2500 Euros	8	4,6
Entre 2501 e 3000 Euros	12	6,9
Entre 3001 e 3500 Euros	1	0,6
Entre 3501 e 4000 Euros	1	0,6
Mais de 4501 Euros	3	1,7
Total	174	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Territorialidade

Todos os inquiridos da nossa amostra têm a nacionalidade portuguesa. No que respeita ao distrito de residência ou região autónoma dos inquiridos, cerca de metade (49,2%, n=120) responderam residir em Lisboa (cf. Quadro 2.9).

Quadro 2.9: Distribuição dos inquiridos, por distrito de residência ou região autónoma

Distrito ou Região de Residência	Frequência	%
Lisboa	120	49,2
Braga	26	10,7
Porto	26	10,7
Setúbal	22	9,0
Évora	16	6,6
Açores	11	4,5
Beja	6	2,5
Aveiro	3	1,2
Faro	2	0,8
Santarém	2	0,8
Viana do Castelo	2	0,8
Vila Real	2	0,8
Viseu	2	0,8
Castelo Branco	1	0,4
Guarda	1	0,4
Coimbra	1	0,4
Fora de Portugal	1	0,4
Total	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Se cruzarmos o distrito de residência ou região autónoma com os quatro estilos de karaté praticados, verifica-se que o estilo Shotokai está representado com 106 inquiridos, maioritariamente residentes no distrito de Lisboa (cf. Quadro 2.10).

Quadro 2.10: Distribuição dos inquiridos por distrito de residência ou região autónoma segundo o estilo de karaté praticado

Distrito de residência ou região autónoma	Qual o estilo de karaté que pratica?					Total	%
	Shotokai	Shotokan	Goju-Ryu	Wado-Ryu	Shito-Ryu		
Açores		11				11	4,5
Aveiro		3				3	1,2
Beja			6			6	2,5
Braga		9		17		26	10,7
Castelo Branco		1				1	0,4
Coimbra		1				1	0,4
Évora	8		8			16	6,6
Faro					2	2	0,8
Guarda		1				1	0,4
Lisboa	71	17	17	6	9	120	49,2
Porto	10	10	5		1	26	10,7
Santarém		2				2	0,8
Setúbal	16	2	4			22	9,0
Viana do Castelo					2	2	0,8
Vila Real			2			2	0,8
Viseu			2			2	0,8
Fora de Portugal	1					1	0,4
Total	106	57	44	23	14	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Segundo as regiões (NUT II - Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve e Açores), temos: 23,0% - Norte; 3,2% - Centro; 59,0% - Lisboa e Vale do Tejo; 9,1% - Alentejo; 0,8% - Algarve; 4,5% - Açores. Para a economia espacial neoclássica, os praticantes decidem frequentar determinado equipamento em função de diversos elementos, entre os quais a distância entre o local de residência e o local do equipamento, sendo influenciados pelos rendimentos (que infere geralmente sobre a mobilidade) (Thomas, Haumont & Levet, 1987).

A distribuição por distrito de residência afasta-se muito das observadas para homens e mulheres, já que 86,7% dos inquiridos masculinos residem em Lisboa. Na realidade, estas duas variáveis não estão correlacionadas, pois $\chi^2=11,537$; d.f.=16; $p=0,775$. O cruzamento

das variáveis grupo etário e distrito de residência mostra-nos também que não existe uma relação estatística significativa entre estas duas variáveis ($\chi^2=13,982$; d.f.=2; $p=0,301$).

Estado civil

Sobre a conjugalidade dos inquiridos, 113 são solteiros (46,3%), 113 a viver segundo casados ou em regime de união de facto (46,3%), 16 separadas ou divorciadas (6,5%). Não se encontraram casos de viuvez entre os inquiridos. O *output* resultante do cruzamento das variáveis *sexo* e *estado civil* revela que estão associadas ($\chi^2=10,944$; d.f.=4; $p=0,027$). O padrão da distribuição do estado civil dos homens é diferente do padrão da distribuição do estado civil das mulheres. Neste estudo, são os homens que têm uma maior tendência para serem solteiros e casados. O *V de Cramer* ou “*w*” é igual a 0,213, por isso permite-nos evidenciar uma associação baixa³⁹.

Para sabermos se existe diferenças de idades entre solteiros e casados, recorremos ao teste *t-student* para duas médias (idade*estado civil: solteiros e casados). As duas hipóteses são: H0: a média de idades dos solteiros e dos casados são iguais; H1: a média de idades dos solteiros e dos casados não são iguais. O resultado do teste revela que $t=-14,284$; d.f.=213; $p<0,001$. Neste sentido, rejeita-se a *hipótese nula* de igualdade de médias. Dito de outro modo: para um intervalo de confiança de 95%, a diferença de idades dos solteiros e dos casados situa-se no intervalo compreendido entre os 16 e os 21 anos.

Serviço militar

No que se refere ao cumprimento do serviço militar e experiência de combate, 75,9% (n=176) dos inquiridos responderam que não e 24,1% (n=56) que sim. A passagem pelo serviço militar, varia entre os 3 e os 120 meses. A média é de 6 meses. Quando questionados sobre se tiveram experiência de combate, 58 inquiridos responderam positivamente, respetivamente: 77,6% (n=45) cumpriram o serviço militar obrigatório, 19% (n=11) o regime

³⁹ Cohen & Holliday (1982) sugerem o seguinte critério para a correlação: abaixo de 0,19 é muito baixa; de 0,20 a 0,30 é baixa; entre 0,40 e 0,69 é moderada; de 0,70 a 0,89 é alta; e de 0,90 a 1 é muito alta.

de voluntariado e 3,4% (n=2) assinaram um contrato com o Ministério da Defesa. Apenas 4,3% (n=10) inquiridos disseram que não tiveram experiência de combate.

2.4.2 Características da Prática do Karaté

Quando questionados que idade tinham quando começaram a praticar karaté, surge uma enorme dispersão de idades, que vão desde os 2 aos 52 anos, numa média de 15 anos. A idade que ocorre com maior frequência (moda) na distribuição é a de 14 anos. O ponto médio da distribuição de valores (mediana) revela que metade dos inquiridos começou a praticar aos 14 anos. No caso dos homens, é de 14 anos e nas mulheres é de 10 anos.

Porém, um início na prática não significa continuidade. Por diversas razões, é frequente assistir-se a “abandonos” e a “regressos” na prática do karaté. 60,2% (n=147) dos inquiridos referem que já interrompeu a prática regular do karaté, contra 39,3% (n=96). Sobre os motivos dessa interrupção, constatamos que as questões de saúde surgem em primeiro lugar, com 27,3% (n=34), seguidos dos motivos escolares, com 23,8% (n=32), e, em terceiro lugar, surgem os motivos pessoais (22,4%, 32) (cf. Quadro 2.11).

Quadro 2.11: Motivos que levaram à interrupção da prática do karaté

Motivos	Frequência	%
Saúde	39	27,3
Escolares	34	23,8
Pessoais	32	22,4
Profissionais	26	18,2
Familiares	6	4,2
Desportivos	3	2,1
Migração	2	1,4
NS/NR	1	0,7
Total	143	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

As respostas revelam que a média de anos na modalidade, por isso excluindo as interrupções, se situa nos 16 anos, a moda nos 10 e a mediana nos 15 anos. Verifica-se também que existem praticantes com 1 ano de prática e outros com mais de 43 anos de prática.

Regularidade e regime do treino

Na regularidade dos treinos de karaté dos inquiridos da nossa amostra, identificámos que: 47,5% (n=116) tem um ritmo de treino de três ou mais vezes por semana; 30,3% (n=74) treina duas vezes por semana; 12,7% (n=31) afirmou treinar diariamente; 5,3% (n=13) referiu apenas uma vez por semana. Sobre a duração dos treinos, como mostra o Quadro 2.12, 28,7% (n=70) dos inquiridos dedica-se a três sessões/treinos por semana, com uma duração média de 1 hora cada, o que exige uma certa disponibilidade e entrega.

Quadro 2.12: Regularidade do treino de karaté

Sessões (horas) por semana	Frequência	%
3 sessões (+/- 3 horas)	70	28,7
Mais de 5 sessões (+/- 5 horas)	57	23,4
2 sessões (+/- 2 horas)	53	21,7
4 sessões (+/- 4 horas)	40	16,4
1 sessão (+/- 60 minutos)	14	5,7
Menos que 1 sessão por semana	6	2,5
NS/NR	4	1,6
Total	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Com base nos resultados do inquérito realizado, é possível verificar também que 75,8% (n=185) dos inquiridos treina karaté em regime pós-laboral; 17,2% (n=42) em regime pós-laboral e diurno; e apenas 4,1% (n=10) em regime diurno (ou de manhã muito cedo ou durante a hora do almoço, como pudemos constatar na nossa observação direta e participante), (cf. Quadro 2.13).

Quadro 2.13: Regime de prática do karaté

Motivos	Frequência	%
Diurno	10	4,1
Pós-laboral	185	75,8
Ambos	42	17,2
NS/NR	7	2,9
Total	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

No cruzamento das variáveis “regularidade dos treinos de karaté” e “estilos de karaté”, verifica-se que não existem diferenças estatísticas ($\chi^2=25,507$; d.f.=16; $p=0,061$).

Sobre o tempo (médio) gasto nas deslocações para os treinos, 136 dos inquiridos (55,7%) afirmaram levar apenas 15 minutos a chegar ao seu centro de prática onde habitualmente treinam. Embora seja uma minoria, também é interessante notar que 4,1% (n=10) dos inquiridos levava mais de 1 hora a chegar ao seu *dojo* (cf. Quadro 2.14).

Quadro 2.14: Tempo total médio gasto nas deslocações para os treinos

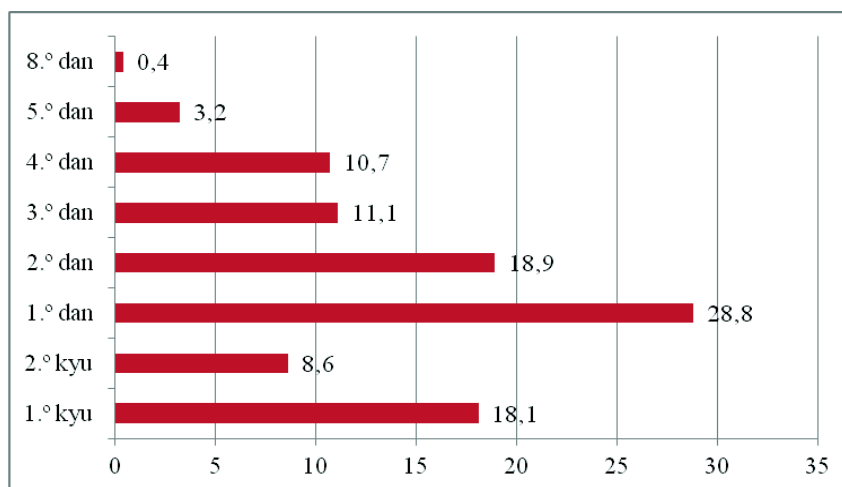
Tempo/Deslocações	Frequência	%
Até 15 minutos	136	55,7
De 16 a 30 minutos	66	27,0
De 31 a 60 minutos	32	13,1
Mais de 1 hora	10	4,1
Total	244	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Graduação técnica

Sobre a graduação (técnica) na prática do karaté, verifica-se que 28,8% é 1.º *dan* (cinto negro). Dos inquiridos, apenas uma pessoa respondeu que tinha uma graduação bastante elevada (8.º *dan*). Numa hierarquia vertical de performance associada a uma autoridade, os cintos negros são os mestres (agentes de ensino) com maior graduação da prática do karaté (Le Rest, 1987; Clément, 2001; Braunstein, 1999). Como se pode concluir da leitura da Figura 2.3 (na página seguinte), verifica-se que a maioria dos inquiridos é detentora da graduação de 1.º *dan*. Esta graduação varia consoante o estilo de karaté praticado. No karaté Shotokai, a graduação máxima é de 5.º *dan*. No Goju-Ryu a graduação máxima é a 10.º *dan*.

Figura 2.3: Distribuição dos inquiridos segundo a graduação no karaté (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Curso de treinador

A FNK-P defende que para os centros de prática de karaté a formação deverá ser a de treinador de nível I para a responsabilização técnica, e de treinador monitor para a de coadjuvação. Em Portugal existem vários tipos de treinadores de karaté no que se refere à sua formação: aqueles que ministram treinos suportados apenas pela sua graduação técnica; aqueles que, a par da sua graduação, possuem um curso associativo; aqueles que possuem habilitação académica de nível superior na área do desporto⁴⁰. Os dados do Quadro 2.15 (na página seguinte) revelam que a maioria dos inquiridos possui o 1.º Grau ou Treinador Monitor (63,1%).

⁴⁰ Conforme o estabelecido pela Lei n.º 40/2012, de 28 de agosto, em conjugação com a Portaria n.º 326/2013, de 01 de novembro, é necessário o Título Profissional de Treinador de Desporto, que tem uma validade de 5 anos, podendo ser revalidade por igual período, desde que sejam obtidas 10 Unidades de Crédito em ações de formação contínua certificadas pelo IPDJ-IP, e realizadas no período de vigência do Título em questão.

Quadro 2.15: Detenção de um curso de treinador de karaté

Curso de Treinador	CDAM	FPK	FPKDA	FNK-P	Outra entidade	Total	%
1.º Grau ou Treinador Monitor	8	9	3	86		106	63,1
2.º Grau ou Treinador de Nível I	3	3		37		43	25,6
3.º Grau ou Treinador de Nível II			2	6	2	10	6,0
Treinador de Nível IV	2			2		4	2,4
Treinador de Nível V						0	0,0
Oficial de Mesa - Juiz Regional de Comité				1		1	0,6
Arbitragem de Competição						0	0,0
Outro Curso		1	1	1	1	4	2,4
Total	13	13	6	133	3	168	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Na nossa investigação, 27,5% (n=66) dos praticantes exercem uma ou mais actividades profissionais relacionadas com o karaté, auferindo, por via dela, uma remuneração. O Quadro 2.16 revela que a principal actividade é a de instrutor/monitor. Em termos de distribuição dos inquiridos, segundo o desenvolvimento de uma actividade profissional relacionada com o karaté, essas actividades são desenvolvidas, essencialmente, a tempo parcial (menos de 35 horas por semana), obtendo 90,9% das respostas. 76,2% (n=48) dos inquiridos referem que esta actividade realiza-se em acumulação com uma outra actividade profissional.

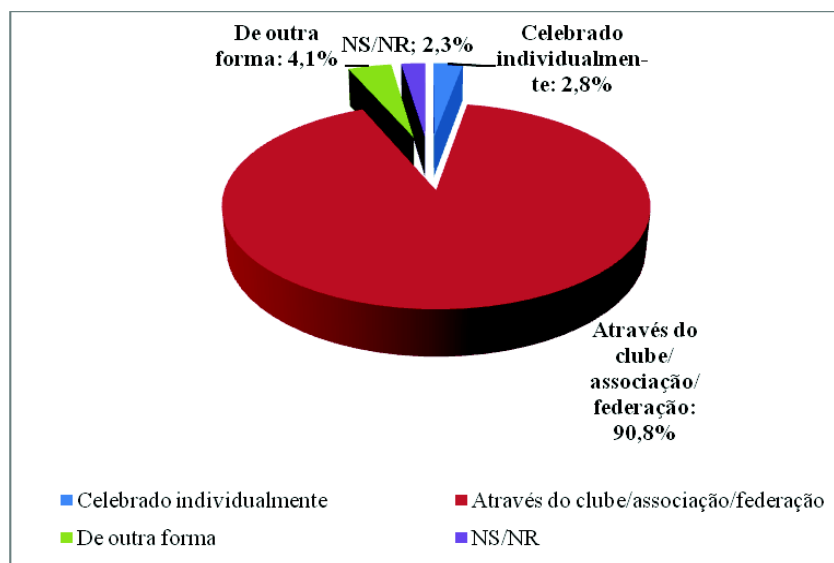
Quadro 2.16: Desempenho de uma actividade profissional relacionada com o karaté

Actividade profissional	Frequência	%
Instrutor/Treinador	58	78,4
Técnico de Arbitragem	4	5,4
Formador de Recursos Humanos	4	5,4
Administrativo(a)	3	4,1
Dirigente	4	5,4
Outra	1	1,4
Total	74	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Em termos de contrato, e de acordo com a Figura 2.4 (na página seguinte), verifica-se que é celebrado, maioritariamente, através do clube, associação ou federação (90,8%).

Figura 2.4: Distribuição dos inquiridos segundo a forma de celebração do contrato (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Seguro desportivo

A questão da defesa da saúde e da segurança é importante para os karatecas avançados (Brilha, 2009), sendo de obrigatoriedade legal para todos os praticantes desportivos⁴¹ (Decreto-Lei, n.º 10/2009 de 12 de janeiro), pelo que 86,1% (n=210) declarou possuir um seguro desportivo, embora 13% (=34) tenha afirmado não possuir. Os dados permitem também concluir que 82,4% (n=197) dos karatecas, independentemente do estilo praticado, declaram que o seguro desportivo é feito através do clube/associação/federação a que pertencem, cujo valor ronda os cinco euros anuais.

⁴¹ Apesar da importância do seguro, nada obriga a que os praticantes se submetam regularmente a exames de “check-up” num centro médico-desportivo, de modo a assegurar que os treinos não tenham consequências prejudiciais para a sua saúde. Tanto quando pudémos concluir através da nossa observação participante, poucos instrutores, todavia, solicitam aos seus alunos um atestado médico a referir que a prática do karaté, salvo por razões de saúde, não tem contraindicações, embora este procedimento seja igualmente uma exigência legal (Decreto-Lei, n.º 10/2009 de 12 de janeiro).

2.4.3 Atributos Marcantes do Perfil dos Karatecas Inquiridos

Da presente análise das características dos karatecas em análise, podemos traçar, grosso modo, um perfil da população em estudo, que aponta para o fato de serem maioritariamente jovens masculinos, solteiros, com elevadas habilitações literárias, residentes nos centros urbanos, com uma regularidade de treino semanal, de vários estilos de karaté, detentores de elevadas graduações técnicas (cintos castanho e negro), e possuidores do curso de treinador-monitor de karaté.

CAPÍTULO III – KARATÉ: COMUNIDADES, TRADIÇÃO E PRÁTICAS

3.1 História e Tradição

A palavra “karaté” é composta por dois ideogramas: “kara”, que, na sua versão original, significava “chinês(a)” e “te” que significa “mão”. Kara também se refere à “ausência de qualquer intenção agressiva”, evocando a experiência *Zen* do “vazio”.

As origens desta forma de luta (karaté) proveniente do Oriente são incertas, embora a bibliografia especializada refira que as suas raízes surgiram na Índia, seguiu para a China e chegou ao arquipélago de Okinawa, província mais a sul do Japão.

Prática secreta de autodefesa no passado, acabaria por ser introduzida no Japão, no início do século XX, pela mão de Gichin Funakoshi (1868-1957), e aí institucionalizou-se como disciplina marcial moderna na charneira entre preparação física militar e desporto. As primeiras demonstrações de Funakoshi em Okinawa (em 1906) e em Tóquio (em 1922) entusiasmaram deveras os japoneses com esta arte espetacular (Funakoshi, 1975, pp. 42, 77 e 81-82). Em 15 de Outubro de 1924, forma-se o primeiro *dojo* de karaté na Universidade de Keio (Japão). Em 1926, abre-se um centro de prática na Universidade Imperial de Tóquio (conhecida por *Todai*). O sucesso foi tal que entre 1928 e 1935 mais de 30 *dojos* foram abertos em estabelecimentos de ensino superior ou em empresas (Funakoshi, 1975, p. 82; Cook, 2004, pp. 82 e 92).

A década de trinta do século XX, no Japão, caracterizou-se por um ambiente de belicismo, marcado pela preparação militar tendo por alvo a China, e mais tarde a entrada na Segunda Guerra Mundial. A componente educativa do sistema nacional nipónico deu lugar à militância e à impregnação nacionalista fascizante, do mesmo género da hitleriana ou mussoliniana, na Europa, e a instrução militar dos jovens estudantes e soldados exigia um rigor mais marcial, o que obrigou os mestres, das “escolas” e estilos, a colaborarem nesta campanha nacionalista, militarista e fanática (Cook, 2004, pp. 97 e 98). Como refere Fiadeiro (1984, p. 37): “Neste contexto, não nos espanta imaginar o místico Ueshiba super ocupado,

como esteve, na preparação intensiva dos altos quadros militares, numa via diametralmente oposta às suas mais profundas convicções pessoais”.

Mas enquanto que Ueshiba (considerado o “pai” do aikido) esteve hipotecado aos altos quadros militares, civis e familiares do Imperador, de certo modo coerentes no elitismo inerente ao aikido, no outro extremo, o karaté com a sua inerente agressividade “colava” perfeitamente à necessidade do treino duro dos soldados, das forças da ordem e dos serviços dos partidos políticos (Braunstein, 2001).

As exigências dos instrutores de karaté e artes aparentadas eram enormes, tanto que os seus melhores expoentes eram integrados nas tropas de elite, o que deu como resultado um decréscimo do nível de instrução, a tal ponto que a brutalidade ocupou o lugar da competência, com lamentáveis resultados (Cook, 2004, pp. 98, 121 e 122). De um modo geral, no final da guerra, e ao dar-se a ocupação americana, um dos primeiros cuidados dos invasores foi encerrar as “escolas” que tinham sido responsáveis pelo treino e doutrinação da juventude nipónica.

Ao redor de 1940 quase todas as importantes universidades do Japão tinham os seus clubes. Em 1948, formou-se a primeira associação japonesa de karaté (Boaventura, 1995, p. 10).

Na sequência da Segunda Guerra Mundial, a prática do karaté mundializou-se, tornando-se numa arte marcial relativamente massificada. Esta modalidade, de inspiração nipónica, teve um acolhimento extraordinário por parte da juventude, sobretudo universitária, o que ajudou a criar um clima de aceitação na opinião pública, exposta, pela primeira vez, perante os novos meios de comunicação social, com especial relevo para a televisão.

O karaté, bem como outras modalidades aparentadas, foram vistas pelos ocidentais, não apenas como novidades fascinantes, mas também como artes exotéricas, tendo um significado profundo, misterioso, secreto e oculto, transformando o praticante num especialista de combate e num mestre espiritual; daí a sua forte motivação e grande adesão que ainda persiste (Boaventura, 1995).

Em Portugal, as artes marciais surgiram no início do século XX (Rosa, 2007; Rosa, 2016; Rosa, García & Gutiérrez, 2010), tendo-se assistido ao seu sucessivo crescimento (Rosa, 2008). O karaté, em particular, começou a ser praticado de forma mais sistemática a partir de 1963.

Esta arte de combate de “mãos vazias” poderá ser comparada com a luta pela sobrevivência nos primórdios do homem primitivo. Os seus ensinamentos incidem sobre autodefesa pelo combate desarmado e uma preparação a nível físico, mental e espiritual, através de meditações e exercícios especiais. Todas as armas possíveis, sejam “armas brancas”, de fogo ou mesmo mísseis, não são na realidade meios de ataque-defesa concebidos na história como um prolongamento do combate com as mãos vazias. Se não houver nenhuma arma, o desafiado acaba por se defender, inevitavelmente, à forma mais “primitiva” de confronto físico: com o corpo.

Ninguém inventou um pontapé para a frente ou um ataque de braço. Os mestres do Oriente não fizeram mais do que racionalizar esses movimentos “naturais”⁴², e intuitivos numa arte normatizada e racionalizada de combate, e transmitida de geração em geração ao longo dos séculos.

Atualmente, o karaté é praticado em todo o mundo por milhões de pessoas de todas as idades, agregadas a associações, bem como a federações, organismos que superintendem o karaté. Todavia, não figura no programa dos Jogos Olímpicos. A FMK continua a “lutar” pela sua representação. Porém, para se entrar no programa olímpico, o Comité Olímpico Internacional (CIO) decidiu que é preciso uma modalidade sair para poder outra entrar, e a última vez que isso aconteceu foi com o pólo, em 1936 (foi incluído pela última vez nos Jogos Olímpicos de Berlim).

Também é de realçar o importante papel desta arte, como método de defesa pessoal, sendo treinado com regularidade pelas forças armadas e militarizadas.

3.1.1 Escolas e Estilos de Karaté

Se a segunda década do século XX marca a saída da arte de Okinawa para a ilha principal do Japão (Hondo), as décadas de vinte e trinta marcam a institucionalização mais personalizada dos nomes a dar à arte.

⁴² O conceito de natural reenvia-nos para algo que existe para além da intervenção humana, mas também construídos a partir de uma incorporação de práticas, formas, valores e significados. As técnicas corporais, através dos quais os corpos se fazem, são práticas, ações incorporadas, que Mauss (1950c) enumera, como andar, correr, escalar, saltar, dança, etc. Bourdieu (1980, p. 89) diz que o *habitus* naturaliza o corpo, conferindo-lhes a capacidade de realizar gestos, movimentos, ações sem que, e de cada vez que os realiza, tenha consciência da forma como o faz, tal como acontece com a linguagem.

Entre os nomes específicos que os fundadores vão dando às suas “escolas” e estilos⁴³ (ryu), destacam-se as quatro principais consagradas pela Federação Mundial de Karaté (FMK): *Goju-Ryu*, por Chojun Miyagi (1888-1953), *Shito-Ryu*, por Kenwa Mabuni (1888-1952), *Shotokan*⁴⁴, por Gichin Funakoshi (1868-1957) e *Wado-Ryu*, por Hironori Ohtsuka (1892-1982).

Entre os vários estilos/”escolas” “as tensões dominam” e, como escreve Tokitsu (2002, p. 192), cada estilo tende a fechar-se sobre si próprio, persuadido a deter a verdade, como um microcosmo hierarquizado de graduações.

Cada estilo (ou variantes) tem imensos prosélitos. A maioria dos praticantes, sobretudo os mais graduados, verbaliza que o estilo que pratica os prepara melhor do que os outros. Não lhes faltam argumentos para justificarem a razão da técnica aplicada. Como diz Bourdieu (2001a, p. 157b), “(...) cada agente tem a sua visão idiossincrática do mundo, visão que ele pretende impor”. Ou seja, cada um, com maior ou menor força, pretende impor a sua visão singular da realidade, o seu ponto de vista. A “força do melhor argumento”, de que fala Habermas (1982), tem razoáveis hipóteses de se impor.

Barth (1969) também faz um alerta. No processo de identificação, existe essa vontade de marcar o limite entre “eles” e “nós” e, portanto, de estabelecer e manter aquilo a que se chama uma “fronteira”. No topo do “microcosmos” está o mestre. Resumindo, cada praticante julga estar na posse da verdadeira ciência e do verdadeiro segredo, caminhando, pois, na via do karaté que considera melhor.

Cada um dos estilos corresponde, assim, a uma interpretação particular, por parte dos respetivos fundadores e dos ensinamentos originais legados pelos mestres das artes mais antigas. Surgiram ou por cisão de mestres – que, desejando exprimir a sua visão própria, lhe introduziram alterações e acabavam por criar um novo nome – ou então por razões históricas, políticas e geográficas, e conseqüente isolamento e quem era o senhor feudal que aí dominava.

⁴³ Tomamos os termos “estilos” e “escolas” no sentido dado pelos praticantes de artes marciais. São a interpretação da técnica marcial de acordo com as características pessoais do praticante. Alguns praticantes para obter um resultado imediato em termos de defesa pessoal praticam vários estilos de karaté em simultâneo.

⁴⁴ Segundo, Giraud (2001), o *Shotokan* é um dos estilos de karaté mais praticado no mundo.

Para um observador não conhecedor, um estilo de karaté, praticado por este ou aquele clube, ou por esta ou aquela associação, parece não possuir diferenças nem apresenta uma especial particularidade. Porém, para os praticantes dos diversos estilos, as diferenças de conceção das técnicas e mesmo das bases fundamentais, são bem distintas e, muitas vezes, irreduzíveis.

Stoleroff (2000, pp. 1-2) sustenta que as distinções entre estilos manifestam-se sobretudo ao nível da técnica e da execução, na conceção dos gestos e movimentos corporais, bem como na postura corporal, mas também nos objetivos e fins da própria prática. O autor refere ainda que “os karatecas poderão classificar os estilos conforme os objetivos sejam desportivos, combativos ou de desenvolvimento pessoal”.

A consciência de praticar um estilo de karaté não é contudo imediata (Figueiredo & Inocentes, 2009). A este propósito Stoleroff (2000, p. 2) argumenta que:

Geralmente um principiante não escolhe o seu instrutor ou o local da prática em função de uma opção em termos de estilo. Geralmente a consciência de diferenças significativas entre estilos emerge com a acumulação de experiência da prática e convívio com os praticantes do estilo inicial. Os mais experientes contam histórias de competições, da sua frequência em estágios ou treinos de outros estilos. Nos estágios dos mais graduados refere-se frequentemente os contrastes do estilo que praticam com um estilo “rival” para salientar certas características próprias do estilo, o que conduz à integração de estereótipos na consciência de muitos praticantes que nunca tiveram experiência em primeira mão do outro estilo. Quer-se acreditar na superioridade do estilo próprio. Portanto, quando falo na aderência à comunidade não estou a referir a um momento de inscrição, mas antes a um processo de indução e socialização que resulta de uma acumulação de prática no estilo.

3.1.2 Graduações

Quem entrar num *dojo* de karaté, quer em Portugal, quer em outra parte do mundo, verá, na generalidade dos casos, os karatecas (praticantes de karaté) vestidos com um denominado “kimono” branco, do qual faz parte um cinto cromático que distingue os praticantes por graduações (*kyus*, desde o branco até ao castanho; *dans*, a partir do cinto negro).

Cada estilo de karaté tem o seu programa de graduações (atribuição oficial de um nível de prática de karaté). É uma forma de verificar o desempenho e o desenvolvimento dos alunos, e o seu método de recompensa⁴⁵.

Cada grau corresponde a um nível de desempenho, associado a um estatuto progressivamente mais nobre (Fiadeiro, 1986). Quanto mais alto for o grau, mais exigentes serão os requisitos e maior o desafio para o karateca. Stoleroff (2000, p. 5) refere que “a passagem para o cinto negro é um grau que se pode pensar como equivalente para a obtenção de uma licenciatura para uma disciplina académica. Os graus ulteriores do cinto negro representariam assim níveis de formação equivalentes aos graus académicos de mestrado e doutoramento”. Também, tanto quando pudemos constatar, para muitos praticantes, “*a verdadeira prática do karaté começa quando se atinge o cinto negro*” (Diário de campo, de 2 de maio de 2009).

O cinto diferencia os valores de cada um deles, e tem repercussões nas relações sociais que se estabelecem entre os praticantes. Coloca em ordem o caos, reduz a ambivalência e baliza o espaço interior. No *dojo* (centro de prática) não existe uma anarquia. Ao contrário, é a graduação que dita o lugar a ocupar: à direita o mais graduado e à esquerda o menos graduado.

Como bem lembra Foucault (1979), a disciplina procede, em primeiro lugar, à distribuição dos indivíduos no espaço. A partir do cinto negro os graus não são visíveis. Contudo, os cintos negros geralmente têm consciência de quem é 1.º *dan*, de quem é 2.º *dan*, e assim sucessivamente. O cinto negro é o símbolo que transporta os mitos (Le Rest, 2001a), e o mito:

Religa o homem de hoje ao homem de todos os tempos, o de ontem e o de amanhã, pelo facto de o ser humano, por mais civilizado que seja, manter aquele estado original que lhe permite ultrapassar a via sensitivo-racional do conhecimento, e sentir aberto o acesso a um plano cognoscitivo que difere dos esquemas da vulgar inteligência (Sérgio, 2003b, p. 40).

A entrevista que realizámos a João Camacho⁴⁶ torna-se elucidativa a este respeito, como afirmou

⁴⁵ Obriga a um tempo mínimo de permanência e à frequência de estágios, e “nunca” passam para categoria superior se não dominarem as técnicas da graduação anterior. Embora isto seja subjetivo, como veremos mais adiante.

⁴⁶ Instrutor de judo tradicional, praticante de yôga e conhecedor do karaté.

Portugal sofre um défice cívico. Seja nas artes marciais, seja nas assembleias das câmaras municipais, etc. É a nossa cultura. A maneira de estar da maior parte da população. São eles... (silêncio) eles é que sabem e depois somos nós. Nas artes marciais, com uma dificuldade acrescida, diferente do que acontece com o resto do movimento associativo, que resulta da própria estrutura hierarquizada das artes marciais. Eu tenho mais *dans*, logo tenho mais poder. Max Weber não falou desta, mas da legitimidade técnica. Mesmo quem tem um peso e uma autoridade os cargos diretivos de uma associação, quem tem não sei quantos *dans*, já tem um peso e uma autoridade carismática. Era necessário equilibrar isso com uma direção democraticamente eleita, com gente com *dans* e sem *dans*, a dirigir as associações e não as comissões técnicas (graduados de cintos negros). O não sei quantos *dans* lá sabe isso? Sabe lá se é oportuno fazer um estágio...; se deve ser daqui a duas semanas...; se temos de convidar A ou B...; se é mais vantajoso relacionar-se com este organismo internacional ou com outro... Tudo deveria ser gerido pelas direções democraticamente eleitas e não pelo não sei quantos *dans* (João Camacho, 46 anos, judo tradicional).

Neste sistema de hierarquização, e se recorremos a Foucault (1998), o sistema de classificação vale como recompensa ou punição. Ela funciona como uma relação de poder: procede a uma hierarquização, seleciona, exclui e integra. Também Gil (2009, p. 25) acrescenta que “como exemplo dominante de subjetivação nas sociedades contemporâneas, pode-se apontar a avaliação enquanto método universal de formação de identidades necessárias à modernização”. A avaliação, continua o autor, aplica-se “(...) ao campo social em geral” (Gil, 2009, p. 50). Os seus efeitos são múltiplos, criando um tipo particular de subjetividade, como refere:

A avaliação tende a aplicar-se a todo o tipo de actividade, estende-se da esfera da sexualidade e da saúde mental à do desporto, da cidadania e da integração social. Em todos os campos avaliados, o ser homem mede-se pela sua posição nas escalas das performances a que incessantemente é submetido (Gil, 2009, p. 52).

É, inevitável, assim, que a avaliação como diagrama transversal a toda a sociedade, tenda a transformar todas as relações humanas em relações funcionais de poder” (Gil, 2009, p. 52). A avaliação induz “no indivíduo a convicção de que está sempre numa situação (a que corresponde a um sentimento) de inferioridade e de impoder face ao avaliador e à imagem ideal do avaliado (que vai esforçar-se por a atingir)” (Gil, 2009, p. 53).

Na realidade, os cintos *kyus* podem ser conferidos pelo instrutor de um centro de prática, desde que esteja habilitado e credenciado para isso, enquanto que o exame de *dan* é feito por um júri ou conselho técnico, constituído por *dans* mais elevados. Figueiredo (2003a, p. 45), a este respeito, menciona que existe uma “avaliação técnica” (função avaliativa da prestação corporal) e uma “avaliação política” (relação de poder e empática).

A passagem de graduação também acarreta um valor monetário para o candidato. Quando os instrutores exercem esta actividade a tempo inteiro, faz-nos crer que a passagem de graduação tem um intuito claramente comercial. No karaté, de uma forma geral, a passagem de graduação não é remunerada. No entanto, se o praticante requerer o diploma de graduação terá de despende um valor que pode variar entre os cento e cinquenta e os trezentos euros.

3.2 *Kihon, Katas, Kumité e Dojo*

O karaté pode ser dividido em três partes distintas: *kihon* (base), *kata* (forma, movimentos padronizados) e *kumité* (combate), e é praticado num centro de prática apelidado de *dojo*.

O kihon

O *kihon* é o treino base. O corpo deve, através de exercícios básicos, ganhar a possibilidade de trabalhar de um modo correto. Estiramentos, saltos, flexões, cambalhotas abrem ao praticante mil e uma posições e movimentos possíveis e que transformam o seu corpo.

Capazes de todos os gestos e expressões, os praticantes fazem do seu corpo um símbolo. É através dos exercícios de *kihon* que se suprimem as mais elementares deficiências do movimento e também onde se começa a entender a necessidade de que os braços e as pernas se devem coordenar. Mais tarde, as ancas devem ser integradas nessa coordenação, de modo a que um simples movimento de mão tenha a energia total do corpo a servi-lo.

No *kihon*, é preciso dizê-lo, o corpo sofre. O corpo desgasta-se, é usado até à exaustão. É impressionante observar como a “transmissão” deste capital obedece a um trabalho incessante, quotidiano, por vezes, de grande fôlego e, por vezes, doloroso. Os karatecas, por “paixão à modalidade”, aprendem a “banalizar a dor”, ao ponto de a ignorar.

Os katas

Os movimentos, que em *kihon* foram aprendidos isoladamente um a um, são depois encadeados no *kata* (formas, matrizes). Tokitsu (2002, p. 35) opina que: “pour celui qui exécute une kata, l’effort consiste à incorporer cette écriture dans son propre corps”.

Le Rest (2001a, p. 138), influenciado por Dibia (1993), diz que o *kata* “não está muito longe de uma oração”. O *kata* tem muito simplesmente a finalidade de dar forma, beleza e estética aos movimentos simples do *kihon*. É um exercício tradicional de treino de karatê constituído por um conjunto ordenado e codificado de ações técnico-táticas de combate, executadas de forma encadeada em várias direções e sem oposição, permitindo o treino solitário ou em grupo.

Os *katas* são um conjunto ordenado e codificado de ações técnico-táticas de combate, executadas de forma encadeada sem oposição; são uma história individual e grupal sedimentada no “corpo-cultura”.

Tokitsu (2002, p. 201) opina que o *kata* “estrutura a ação e a relação com o outro”, no sentido mais amplo do termo, e inscreve-se num “sistema social estável e hierarquizado”. O *kata* é, simultaneamente prático e “uma concepção de vida”, como refere: “le kata est une structure de l’acte et du rapport à l’autre (entendu au sens le plus large du terme) qui s’inscrit dans un système social stable et hiérarchisé. / Le kata recouvre donc à la fois une pratique et une conception sociale de vie”.

Cook (2004) refere que os *katas* melhoram a velocidade, o equilíbrio e a força, assumindo dificuldades inegáveis.

Mal comparado, o *kata* assemelha-se a uma dança, uma *performing art*, de acordo com a ideia geral de McFee (1996), ou uma arte que dá expressão à alma humana através do movimento, na perspetiva de Duncan (1928, p. 101), onde o gesto entra num *continuum* “movimentante” (Duncan em Silva, 2003, p. 103) que o transporta (o *karateca*) a partir dos movimentos múltiplos que o engendraram: movimentos de visão, do pensamento, da emoção, de o querer mostrar a outrem.

O *kata* não é apenas uma questão de técnica motriz ou de “forma artística”. É também uma questão de dimensão identitária e de perceção: um elemento “espiritual” entra na composição do sistema.

O dever de transmissão do *kata*, segundo Tokitsu (2002, p. 33), “efetua-se num grupo social homogêneo, que aceita um código gestual”, e assume o sentido social de trocas simbólicas, ou na linguagem de Mauss (1950b) e Lévi-Strauss (1986, 1987) de “dom” e de “contra-dom”⁴⁷. Para Bourdieu (2001b, p. 128), “a troca de dons pode estabelecer-se entre iguais e contribui para reforçar a “comunhão”, a solidariedade, através da comunicação que a ligação social cria”, reforçando assim a comunidade. Aquele que recebe fica “na situação de obrigado, de dominado” (Bourdieu, 1997). Nessa perspectiva, Godbout (1996, p. 174) fala-nos num “valor do vínculo”, que exprime a intensidade da relação entre os parceiros do dom. Uma outra propriedade do dom é a de que este não precisa de ser um objeto material para se tornar uma espécie de mensagem ou símbolo de molde a criar uma ligação social.

As aprendizagens são acompanhadas de indicações orais, mas estas são secundárias. O mestre ou professor transmite os *katas* que ele mesmo aprendeu da geração precedente. A origem desta mensagem dissimulada nos tempos mais recuados evolui ao longo das gerações (Tokitsu, 2002, p. 34).

Cada *kata* tem um nome específico, que varia consoante os estilos de karaté. Os *katas* são verdadeiros instrumentos culturais transmitidos no seio das “escolas” de karaté. À medida que os alunos vão sendo mais graduados, o *kihon* e o *kata* vão sendo mais difíceis, e revelam o nível técnico de quem o executa. Salvo raras exceções, todos os *katas* começam e terminam por uma técnica de defesa. Desta forma, procura-se demonstrar a ideia de que o karaté é uma arte marcial pacífica. Recomenda nunca atacar o adversário em primeiro lugar.

Nos treinos normais, o executante do *kata* coloca-se no centro do *dojo* e demonstra o seu valor. O karateca quando executa um *kata* dá atenção ao espaço circundante. Está consciente dele, mas os seus gestos introduzem nele o infinito. O exercício não é simples para o executante, na medida em que não teve tempo de preparar esta “prova”. O praticante deve estar sempre pronto para executar e fazer prova do seu valor diante das graduações inferiores e “comprovar” a legitimidade do seu cinto. Quando os praticantes menos graduados ficam a ver as demonstrações dos mais antigos, estes redobram os esforços para obter graduações mais elevadas. Nas demonstrações públicas, normalmente, tudo é preparado previamente e ao pormenor.

⁴⁷ Mauss descrevia a troca de dons como sucessão descontínua de atos generosos; definia-a como a estrutura de reciprocidade transcendente aos atos de troca, em que o dom remete para o contra-dom.

Ao contrário de outras práticas desportivas, nomeadamente o futebol, nas demonstrações de karaté não existe pavilhões cheios e um grande entusiasmo. Tokitsu (2002, p. 118) observa um facto curioso:

Quando das apresentações dos katas em público, como é o caso do karaté, uma modificação se opera no sentido do espetáculo e as sequências começam a integrar movimentos inúteis, mas sedutores, para um público pouco iniciado.

De fato, como diz O'Neill (1985), existe um “corpo físico” e um “corpo comunicativo”. Os praticantes com a repetição exaustiva procuram a perfeição e a melhoria constante das *performances* e das habilidades. É o “toujours plus” de que fala Vigarello (2004, p. 20), ou seja, “l’image d’un corps capable de déplacer les normes physiques, celle d’une amélioration indéfinie des performances et des habilités” e a “pureza”, com o “rigueur extrême, elle prétend au respect absolu des intégrités physiques, comme à la perfection absolues des attitudes et des comportements”.

O kumité

O *kumité* é a aplicação dos conhecimentos adquiridos. Remete para a capacidade de controlar um “golpe” para derrotar um adversário. É também no *kumité* que se desenvolve o sentido de oportunidade, distância e controlo. Como observam Murphy, Williams & Dunning (1994, p. 25), “quase todas as formas de luta modernas consistem em atuações que, apesar de não seguirem um guião preciso, estão sujeitas a um elevado de planeamento prévio”.

Na verdade, quase que somos tentados, neste contexto, a usar o termo “coreografia”, no sentido de “um conjunto de movimentos que possui um nexos, quer dizer uma lógica de movimento, próprio”, segundo Gil (2001, p. 81). Existem várias formas de *kumité*, e que foram desenvolvidos e aprimorados no final da década de vinte, após a introdução desta arte no Japão.

No caso do karaté, verifica-se que é hoje em dia uma prática desportiva com regras e sanções institucionalizadas e determinadas pela federação mundial de karaté. Neste sentido, Brilha (2010) rejeita a tese de Meirim (1995), que considera que a violência seja uma expressão normal, até pretendida pelas regras da própria modalidade, qualificando certos desportos como violentos por natureza e assumindo que a violência é intrínseca a toda e qualquer prática desportiva, mormente no que diz respeito aos desportos de combate, onde se

inclui o karaté. Na sua perspectiva, as federações são titulares do poder regulamentar, discriminam e tipificam quais são os comportamentos considerados violentos.

Ora, o estrito respeito das leis do jogo, após passagem do crivo do Estado, não permite que o cumprimento do jogo seja considerado violência, justamente uma das características do desporto moderno (Elias, 1986) tal como vimos no Capítulo I. No entanto, para um espectador comum, as regras de competição são um enigma, na medida em que são difíceis de seguir e não são evidentes. No caso do *kumité*, as proteções nas mãos atenuam o risco de lesões e ferimentos, mas os contactos no rosto são frequentes.

Sobre a competição no karaté, Julhe (2006, p. 87) avança que “é um meio de socialização e de funcionamento do campo, marcada por uma forte presença institucional”. As competições são uma forma indireta de conhecer os agentes (árbitros, professores, etc.). Pouco a pouco o indivíduo socializa-se às hierarquias explícitas e implícitas da sua disciplina de predileção. Da mesma forma, permite conhecer outros praticantes no seio do *dojo*. De fato, a competição favorece a acumulação de um capital social (Bourdieu, 1979) e a constituição de uma rede social (Degenne, Forsé, 1994) específica ao mundo das práticas marciais, que poderão ser mobilizadas e reinvestidas fora do quadro das competições.

A competição é a paixão partasana que dá sentido à confrontação, apesar de ser aí que as críticas mais se fazem sentir. Para muitos karatecas, tal como nos confidenciaram no nosso trabalho de campo⁴⁸ “a competição leva ao empobrecimento da modalidade”, na medida em que “grande parte das técnicas aprendidas são reduzidas ao mínimo na competição”. “A prova é a de que os campeões de karaté são forçosamente o que se chama especialistas técnicos”.

O centro de prática (dojo)

O karateca evolui num espaço próprio, espaço esse que impõe um código normativo e um conjunto de condutas. É apelidado, pelos praticantes, de *dojo*, que podemos traduzir como *dô*, caminho ou via, e *jô*, lugar de treino.

⁴⁸ Diário de campo, de 15 de maio de 2007.

No conceito processual de Merton (1987), os centros de prática de karaté são um “lugar estratégico de investigação”, isto é, eles são de grande importância, nomeadamente para o trabalho de campo.

Do ponto de vista normativo, o *dojo* insere-se nas chamadas instalações desportivas de base formativa (Artigo 4.º, do Decreto-Lei n.º 317/97, de 25 de Novembro), observando-se que:

São instalações de base formativa as infra-estruturas concebidas e organizadas para a educação desportiva de base e para as actividades propedêuticas que garantam o acesso a níveis de actividade desportiva especializada, reunindo as seguintes características de ordem geral: a) polivalência na utilização, conjugada para o exercício de actividades desportivas e afins; b) elevado grau de adaptação e integração, ajustado aos programas e objectivos da educação desportiva no âmbito do ensino e das actividades de formação desenvolvidas no quadro do associativismo desportivo.

Porém, mesmo que se trate de um ginásio, o *dojo* tem um significado mais abrangente do que o atribuído do ponto de vista legal. Para os praticantes de artes marciais, “o *dojo* não é apenas um ginásio”, mas um lugar “sagrado” de “iluminação”, uma “catedral” (Le Rest, 2001a, p. 39), onde, sem hierarquia de classes sociais, se vai treinar o corpo e o espírito, segundo a via (*dô*), desenvolver, através da dura aprendizagem das técnicas, as qualidades físicas e morais (endurecimento, vontade, perseverança, lealdade, força de carácter), combater os defeitos como as vaidades, orgulho, preguiça, etc.

A este propósito é elucidativa a entrevista a João Camacho (cf. nota de rodapé n.º 46), ao afirmar:

Surge nas artes marciais uma distinção. O desporto treina-se no ginásio. As artes marciais treinam-se no *dojo*, no local de iluminação. A diferença é de atitude mental. Para quem inicia a prática, isso não faz sentido. Tem que ser educado. No desporto não educam. Para nós, quando alguém entra é logo ensinado a fazer uma saudação. Para nós, é o local onde vamos evoluir. Temos que mostrar respeito (João Camacho, 46 anos, praticante de judo e yôga).

O *dojo* pode ser uma sala de treino privada, equipada com espelhos⁴⁹ e sacos de boxe, ou uma sala de um clube público devidamente apetrechada. É o local onde os karatecas

⁴⁹ O espelho (quando existe na sala) é um objecto que auxilia a projecção e visualização do professor na aula. Possibilita que o seu reflexo chegue a todos. Mas também funciona como meio de admiração do praticante e como um meio de auto-regulação, nos termos de Santos (2000). De facto, a auto-regulação faz parte de um ascetismo que pretende produzir um *self* aceitável, cujo sucesso depende da habilidade de o gerir (Turner, 1996). Num sentido mais filosófico, e recorrendo a Gil (2009, p. 36), o espelhamento pode criar um écran que nos impede de ver mais longe. Daí a nossa superficialidade em tudo, nas percepções e nos afectos.

partilham os seus treinos e conhecimentos, num espaço longe do ambiente familiar. Os rituais (conjunto de signos – fórmulas, sinais e palavras – destinados a regular certos atos) praticados no *dojo* mergulham os praticantes no tempo dos samurais, dos mestres de karaté, cujos retratos, “totens do grupo” (Le Rest, 2001a, p. 142), figuram no local.

Para além de ser um local de prática e de ensino de artes marciais, onde se encontram homens e mulheres, com diferentes ideologias partidárias, crenças e caracteres, outros acontecimentos ritmam o *dojo* como a organização de almoços e jantares, passeios, e festas entre amigos, colóquios, seminários, etc.

É frequente escutar durante os aquecimentos musculares (*warm-ups*) os praticantes falarem sobre temas sociais variados que vão desde a política à religião, ou às relações familiares, sexualidade, vida quotidiana, entre outros. No fundo, os centros de prática são as células base deste desporto e funcionam como espaços de sociabilidade.

A adesão a um centro de prática não é, por vezes, um critério satisfatório, i.e., os membros-praticantes não estão no mesmo plano. Por exemplo, tanto quanto fomos recolhendo durante o nosso trabalho de campo, alguns pagam a sua mensalidade e dão-se conta que não gostam da disciplina que imaginavam ser diferente (ou seja, um plano sonhado pode não corresponder um plano prático); outros acabam por deixar a actividade (aborrecem-se ou têm impedimentos familiares ou profissionais); outros, apesar de gostarem, não se adequam aos esforços físicos exigidos; outros ainda vão às aulas porque os seus pais ou encarregados de educação os abrigam a ir.

O karaté, tal como o universo desportivo, é vítima da distância entre a prática “desejada” e a prática “real” (Vigarello, 2004, p. 20). A este propósito tornam-se elucidativas as palavras de Defrance (1995, p. 24), ao sintetizar bem esta questão:

A prática desportiva corresponde a um compromisso gradual e, muitas vezes, não obrigatório: livres de aderir ou de abandonar, as populações desportivas conhecem, em permanência, uma forte taxa de entradas (iniciantes) e de saídas (abandonos). Pelo fluxo de adesões, por um sistema de qualificação desportiva promovida por um nível superior e pela eliminação de não-qualificados, opera-se uma triagem e uma verdadeira construção social das populações desportivas, com características bem particulares.

Para frequentar os treinos, os praticantes pagam uma mensalidade (entre os vinte e cinco e os trinta e cinco euros), um selo anual (impresso no cartão pessoal), que lhes permite ir a estágios e a treinos especiais, igualmente pagos. Para além disso, é exigido o pagamento

de um seguro desportivo⁵⁰, caso não o tenham já (Brilha, 2009, p. 293) na ordem dos cinco euros. Como refere Inocentes (2009, p. 145):

(...) O atleta suporta monetariamente a inscrição no *dojo*, mensalidade do mesmo, a quotização anual para a associação, a correspondente para a Federação e o seguro desportivo. Ao participar num estágio, quer seja regional, nacional ou internacional, o atleta suporta a sua inscrição no mesmo. Quando compete, a taxa de inscrição na prova também fica à responsabilidade do atleta. Ao ser proposto a exame de graduação, a taxa associativa correspondente ao mesmo é igualmente suportada pelo praticante, que também suporta a homologação federativa da sua graduação. / Estamos em presença de um desporto em que, para além do esforço e do sacrifício, o praticante sofre fisicamente, durante a prática, e economicamente, perante o poder da organização.

O montante de encargos com a modalidade torna-se avultado, levando a que muitos jovens se vejam forçados a renunciar à prática do karaté por falta de recursos financeiros.

A observação da realidade da vida quotidiana de um *dojo* permite verificar que a frequência destes centros de prática implica um “conjunto de regras/normas básicas”, que poderão ser de comportamento, de saúde e de higiene, quer pessoal, quer das instalações. No conjunto de deveres dos karatecas, haverá a assinalar: antes de se dar início a um treino, alinhar de frente para o instrutor/treinador (da esquerda para a direita) por ordem de graduações; envergar corretamente o “keikogi” durante a prática da modalidade; conservar o “keikogi” limpo e em bom estado; respeitar os superiores e os colegas; estar atentos aos ensinamentos do instrutor/treinador; manter o silêncio no *dojo*; é “proibido” o uso de adornos; a assiduidade e a pontualidade para os treinos são factos muito importantes; sempre que um karateca chega atrasado à sua aula deve procurar obter do respetivo instrutor autorização para tomar parte do mesmo; os mais antigos devem procurar ajudar os mais novos; todos os interessados que queiram observar um treino devem pedir licença ao instrutor apresentando-se no *dojo* no mínimo dez minutos antes do treino começar, e comprometer-se a permanecer, sempre que possível, até ao final do mesmo.

O *dojo* é também uma realidade mutável, pois como muitas associações não têm *dojos* próprios, veem-se, por isso, obrigadas a praticar em espaços alugados ou emprestados. Isso leva a que fechem e abram com alguma facilidade, no entanto “o encerramento de um *dojo*

⁵⁰ O Decreto-Lei n.º 146/93, de 26 de Abril, revogando o Decreto-Lei n.º 162/87, de 8 de Abril, estabelece a obrigatoriedade de contratação de seguro desportivo para todos os agentes desportivos inscritos nas federações desportivas dotadas de utilidade pública desportiva.

não implica muitas vezes a diminuição do número de praticantes”⁵¹, pois podem transitar para outro *dojo* que esteja a funcionar. O clube é uma via institucional possível, entre muitas outras, de acesso à prática do desporto, e neste caso do karaté. O associativismo desportivo tem vindo a assumir um aspeto importante na promoção do desporto, pois constitui a base, e por vezes a única via de acesso à prática do desporto.

3.3 *Sempai, Kohai, Sensei*

O mestre ou sensei

No topo da hierarquia da(s) comunidade(s) de praticantes existe um mestre⁵², a que os praticantes chamam de *sensei* (palavra em japonês que significa “nascido primeiro”). Um mestre é um professor, treinador, instrutor, monitor, ou outra denominação semelhante. Tudo isto são termos que se utilizam nas artes marciais para descrever a pessoa que é responsável pela classe e pela transmissão das técnicas de combate.

O termo *sensei* é amplamente usado para qualquer pessoa de *status* respeitado, como médicos e advogados (Kazuo, s/d, p. 18). Carvalho (2005, p. 53) diz que os *sensei* são muito respeitados na sociedade japonesa. Normalmente, os praticantes de karaté de estilos mais tradicionalistas recusam o termo de “treinador”, na medida em que o associam à competição desportiva.

Ensinar, conselheiro, organizador, modelo a seguir, etc., são alguns dos vários papéis desempenhados pelo mestre. Por vezes, não sobra o lugar para o dirigente desportivo. Só quando se verifica a criação de mais *dojos*, é que se começa a sentir a necessidade dos dirigentes, mas mesmo assim tende a ser assumido pelos melhores karatecas (os de segunda linha) e que um dia quererão vir a ser mestres.

⁵¹ Entrevista a José Patrão, Director Técnico da ASP, junho 2010.

⁵² O mestre é o treinador de desporto – agente desportivo responsável pelo treino e orientação competitiva de praticantes desportivos, ou de uma actividade física ou desportiva. A actividade pode ser exercida como profissão exclusiva ou principal, auferindo por via dela uma remuneração, ou ainda de forma habitual, sazonal ou ocasional, independentemente de auferir uma remuneração (Decreto-Lei 248-A/2008, de 31 de Dezembro).

O *sensei* é aquele que domina os “segredos” da prática de karaté e é capaz de executar coisas que os outros, numa fase inicial, não conseguem, assumindo, muitas vezes, um carácter místico. Assim, *sensei* significa uma posição conquistada através de anos de treino, e “*merecimento de reconhecimento social, de respeito e de liderança*” (Diário de campo, de 26 de maio de 2009), conferindo-lhe a capacidade para influenciar a ação de outros elementos ou de lhes impor a sua vontade. A liderança, definida por Burns (1978), é o processo recíproco de mobilização por pessoas, com certos motivos e valores, de recursos económicos, políticos e outros, num contexto de competição e conflito, a fim de realizar objetivos prosseguidos, independente ou mutuamente, tanto pelos líderes como pelos seguidores. No fundo, a liderança é a capacidade de influenciar os outros e o grupo para alcançar um objetivo definido.

Segundo Gonçalves (2009) a figura do mestre é como um cérebro que condiciona a orientação dos alunos, pois a sua imagem surge num movimento protegido de saberes que leva o praticante a idolatrá-lo de uma forma por vezes cega, bloqueadora do pensamento humano. Uma ordem é dada e espera-se que seja obedecida, i.e, um mestre é um instrutor dirigente, um líder carismático, um guia/condutor da comunidade⁵³, uma autoridade, no sentido weberiano (Weber, 1982, p. 99), cabendo-lhe a missão de dirigir o *dojo*, com uma disciplina e um código ético rígido. Para Inocentes (2009b, p. 129), “ao estabelecer-se uma relação vertical, o instrutor acaba por ser o detentor de todo o poder dentro do *dojo*, e o instrutor-chefe (ou, mais modernamente, o diretor-técnico) o detentor do poder sobre os outros instrutores e seus alunos”.

Mas a autoridade cria problemas de tensão e conflito e pode ser desafiada. No caso do karaté, tem havido cisões nas várias associações, como sublinha Stoleroff (2000, p. 5): “os elementos cisionistas – não possuindo autoridade própria numa comunidade suficientemente ampla de karatecas, encontram-se na situação de ter de arranjar um novo *sensei* para lhes prestar legitimidade perante os praticantes”. A este respeito, são também elucidativos alguns dos testemunhos que recolhemos nas entrevistas que realizámos a praticantes:

⁵³ A empatia exercida por determinados indivíduos no cenário social resulta na autoridade da qual são revestidos. Segundo Weber (1982, p. 99), trata-se, “do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, a dedicação absolutamente pessoal e a confiança pessoal na revelação, heroísmo ou outras qualidades da liderança individual. É o domínio 'carismático', exercido pelo profeta ou – no campo da política – pelo senhor de guerra eleito, pelo governo plebiscitário, o grande demagogo ou o líder do partido político”.

“A cisão dos karatecas deve-se a diversos fatores. Um deles é que os instrutores se convencem que são muito bons na modalidade e que os outros não têm nada para ensinar” (George Krug, 76 anos, 2.º dan, Shotokai).

“O ponto mais fraco nas artes marciais é aquilo que o Abel Figueiredo [professor de educação física e realizou uma tese de doutoramento sobre o karaté em Portugal] diz com muita graça, que é a “mestre-frenia”, muito cedo. O ideal era que se convencessem dois minutos antes de morrer. Assim, já não havia perigo. Levantavam um dedo e diziam: – acho que sou mestre!... e morriam. Isso seria o ideal. Já não havia perigo. Assim trabalhavam a vida toda. Convencem-se que são mestres aos 35 anos e afastam-se do grupo... e fazem mais grupos, e mais um grupo, etc. Isso é o problema fundamental das artes marciais. Sobe à cabeça das pessoas a “mestre-frenia” e cultivam a sua própria imagem. Passam a vida a olhar para o espelho... querem que os seus alunos sejam como a imagem deles. É o lado negro das artes marciais. Depois, a rebeldia e a falta de institucionalização das pessoas das artes marciais. São muito avessas à institucionalização. Encaram a institucionalização como negativo. Então, não se organizam. Se juntarmos as duas coisas, temos uma data de mestres todos desorganizados (risos). No karaté junta-se os estilos. Os mestres desorganizados organizam-se em estilos” (José Patrão, 46 anos, 5.º dan Shotokai).

Se Le Rest (2001a, p. 138) compara o mestre ao “padre ou um líder espiritual”, pois a sua presença no seio do grupo, no *dojo*, é vital como numa igreja, Tokitsu (1983b, p. 592) aponta-o como uma “figura de identificação paternal”⁵⁴. Também Stoleroff (2000, p. 5) compara os instrutores a “missionários ou apóstolos”, que “espalham uma mensagem”, “fiel” às fontes” ou fruto “das suas interpretações e capacidades individuais”. No fundo, são uns “profetas”, procurando recrutar os “crentes”.

Por seu lado, Julhe (2006, p. 131), assumindo uma linguagem bourdesiana, define o mestre como um “agente social”, cujo “domínio prático” da prática (*maîtrise pratique*) é completado por um “domínio simbólico” (*maîtrise symbolique*)⁵⁵, que exerce um “poder carismático”, “legitimado pelos seus pares” e detém um “capital específico ao campo” (espaço social relativamente autónomo de relações de força entre agentes que disputam e tentam rentabilizar em seu proveito recursos materiais ou imateriais que são estratégicos em função da forma de dominação específica em jogo nesse espaço). Já Abib (2008) refere que os mestres assumem a função social de “guardiães das tradições”, privilegiando a oralidade na

⁵⁴ Dois trabalhos de Sociologia do Desporto (Callede, 1985; Mennesson, 2000) mostram como um treinador/instrutor pode ser identificado como uma figura paternal junto dos jovens atletas.

⁵⁵ De acordo com Bourdieu (2001a), a ignorância da distinção entre “*maîtrise pratique*” e “*maîtrise symbolique*” impede uma caracterização adequada das diferenças entre mitos e ideologias.

transmissão de saberes. A oralidade e a tradição, como refere Giddens (1994), estão inevitavelmente relacionadas de perto uma com a outra.

Ora, como o conhecimento e a aprendizagem implicam um trabalho sobre o corpo, e é feita, neste caso, por imitação (“ensaio-erro-correção”, com diz Inocentes, 2009), gera-se um clima de obediência consentida, de servidão voluntária, de adulação do instrutor-chefe, de uma submissão às suas diretivas, senão mesmo ao limite do fanatismo, tendente à imitação como refere Herrigel (2007: 50):

Ao início, tudo o que se espera do aluno é que imite conscienciosamente tudo o que o mestre faz. Avesso a longos ensinamentos e justificações, este limita-se a breves indicações e não conta com perguntas por parte do discípulo. Assiste imperturbável aos seus esforços e tentativas, sem dele esperar independência ou iniciativa própria e tem a paciência de aguardar que progrida e amadureça. Ambos dispõem de tempo; o professor não pressiona, e o aluno não se precipita. / Longe de querer despertar prematuramente o artista no discípulo, o professor considera sua primeira tarefa fazer dele um virtuoso que domina magistralmente o seu ofício. O aluno irá ao encontro deste propósito por meio de uma dedicação incansável. Aparentemente resignado, como se não alimentasse aspirações mais altas, submete-se aos mais árduos treinos para descobrir, com o passar dos anos, que o domínio perfeito da técnica, longe de oprimir, libera. Cada dia que passa se vai sentindo mais apto a seguir sem esforço técnico as sugestões do mestre, bem como a retirar novas ideias e mais cuidados de observação.

O mestre ou o mais graduado na sua ausência (também chamado de *sempai*), normalmente cinto negro, é quem dá a aula que se inicia e termina por meticulosos rituais de saudação. É ele que dá as vozes e ordens de comando do treino (algumas delas em japonês) tais como contagem, nomes das técnicas de defesa e de ataque, movimentos corporais, etc.

É ele que decide quando é o momento de ir mais além no treino. As aulas (dois ou três dias por semana) têm, normalmente, a duração de uma hora e meia. Os treinos seguem um clima de ordem (alinhamento por ordem de graduações e tempo de prática) e de respeito (silêncio, obediência).

O mestre corrige a execução dos alunos, dando sucessivos *feedbacks* positivos ou negativos. Exemplifica quando acha necessário, referindo qual o modelo a ser interiorizado. De vez em quando, e à sua ordem, os alunos executam um grito, que chamam de *kiai*.

Como vemos, o corpo integra-se numa “microfísica dos poderes”, como diz Foucault (1979), enquanto lugar de práticas disciplinares e normalizadoras. No fundo, é o efeito da “violência simbólica” de que Bourdieu (2001a, p. 130) fala, ou seja, “é essa violência que

extorque submissões que não são sequer percebidas como tais apoiando-se em “expectativas coletivas”, crenças socialmente inculcadas”. Dito de outra forma,

A violência simbólica assenta no acordo entre as estruturas constitutivas do *habitus* dos dominados e a estrutura da relação de dominação a que se aplicam: o dominado percebe o dominante através das categorias que a relação de dominação produziu e que, por isso, concordam com os interesses do dominante (Bourdieu, 2001a, p. 147).

Ao mestre cabe fazer uma estimativa geral, tão completa quanto possível, das diferentes técnicas e especialidades que compõem o karaté. Dele se espera competência, sabedoria, interesse, mas também disponibilidade, empatia e respeito pela dignidade e autonomia daquele que procura o *dojo* para aprender. A sua autonomia é sustentada pela dominação do seu saber e da sua competência técnica.

Como sustenta Serpa (1992, p. 16), o treinador assume várias funções: orientador técnico, gestor de recursos humanos (atletas e técnicos-adjuntos), financeiro e de relações públicas, acrescentando:

O treinador, ao tornar compatíveis as exigências da organização relativamente aos objetivos pretendidos com os seus interesses pessoais e relacionais, decompõe e coordena a sua gestão através de uma dimensão instrumental relacionada com a realização de tarefas a cumprir pelo grupo, de uma dimensão social, inerente às relações entre membros, e por último, a uma dimensão afetiva, relativa aos sentimentos que gera nos subordinados.

Chelladurai & Carron (1981) descrevem cinco dimensões do comportamento do treinador que revelam os aspetos técnicos e táticos da modalidade (*treino e instrução*), o bem-estar dos atletas (*suporte social*), o grau de participação dos atletas na tomada de decisão (*democrática*), o grau de autoritarismo do treinador (*autocrático*) e o tipo de *reforço* dado ao atleta pelo treinador.

Antes de qualquer interação individual com o *sensei* e antes do início do treino, é usual, para o aluno ou para a turma, fazer-se uma vénia perante este. O gesto repete-se no final da sessão de treino. Além de constituir sinal de respeito, o simbolismo do gesto representa “*pedir para ser ensinado e agradecer o ensinamento*” (Diário de campo, de 26 de maio de 2009). O *sensei* desempenha, assim, um papel fundamental no treino e desenvolvimento do aluno, e representa o topo da pirâmide hierárquica, lugar muito disputado.

O sempai/ O kohai

Designa-se por *sempai* (o que começou primeiro) o(s) aluno(s) mais graduado(s) de um *dojo*, i.e., é aquele que um dia quer ser mestre. Por vezes, ele pode ser o responsável pelo *dojo*, ou pelo treino (*keiko*), sobretudo quando o mestre não pode, por qualquer motivo, estar presente. Le Rest (2001a, p. 153), na esteira dos trabalhos de Malinowski (1970), argumenta que o *sempai* surge como uma “figura de irmão mais velho”, pois aconselha, crítica, motiva e treina com os menos graduados, por isso o seu papel pedagógico torna-se evidente.

Por oposição ao antigo (ao *sempai*), o *kohai* é o novo aluno. Os *kohais* são muito importantes para a vida do grupo e deverão, para progredir, ultrapassar os primeiros graus. Tal como o *sempai*, o *kohai* tem diversos deveres para com os anciãos (expressão de respeito e de humildade), assim como certas tarefas no *dojo*. No caso do karaté, embora de forma mais acentuada na prática desportiva do aikido, os alunos mais novos varrem e lavam os *tatamis*⁵⁶, no início e, por vezes, no fim do treino, limpam o pó dos quadros expostos, etc.

Em comparação, diríamos que se segue um pouco a disciplina militar, o que é corroborado por Figueiredo & Inocentes (2009, p. 29): “a condução de uma aula massificada é, em muitos casos, caracteristicamente autocrática e com um estilo de comando análogo ao da instrução militar”. Assim, é recomendado que os alunos colaborem com os professores, instruindo cordialmente os alunos de graduação inferior. Assim, um aluno com determinada graduação deve considerar seus professores todos os praticantes de graduação superior e os seus alunos todos os praticantes de graduação inferior. A este propósito, valerá a pena aqui citar um trecho das conclusões do relatório não publicado da Comissão Diretiva de Artes Marciais (CDAM)⁵⁷, que:

Todos os grupos sociais fechados e rigidamente hierarquizados, necessitam de uma forte disciplina interna, o que leva normalmente a cerimónias ou ritos de iniciação, onde os neófitos são postos à prova no que respeita à sua capacidade de encaixe, de aceitação das regras do grupo e da sua hierarquia estabelecida, e só depois de terem

⁵⁶ Tapetes para amortecer os eventuais choques provocados pelos movimentos de projeção. É o símbolo da casa japonesa (Dibie, 1987), confirmado pelos viajantes Roussin (1993) e por Dalmas (1993). Um significado mais abrangente pode ser o seguinte: o *tatami* é uma arena em que é possível estabelecer-se uma reputação não só entre os pares, como entre os jovens “aprendizes” que ainda não se “formaram” na “ação” do karaté.

⁵⁷ A CDAM, criada pelo decreto-lei n.º 105/72, de 30 de março e extinta pelo decreto-lei n.º 67, de 9 de fevereiro, tinha por missão autorizar e fiscalizar as artes marciais em Portugal. Sobre a CDAM, veja Rosa (2007).

dado provas de que não vão pôr em causa o status quo, é que são iniciados nos “segredos” próprios do grupo e começam a ser aceites, mas, mesmo assim, sujeitos a um rigoroso regime de mortificação para temperar o corpo e o espírito, e assim adquirirem a forma indispensável para aguentarem a dureza dos treinos que os espera. Estes ritos servem assim para filtrar os candidatos, actuando como uma autêntica selecção, e também para a aprendizagem das regras próprias e da disciplina do grupo em questão. Com um estatuto da ordem de dez furos abaixo de cão, não se pode realmente dizer que o praticante de artes marciais é o centro da actividade, como é o atleta desportivo (relatório da CDAM, cólofon 1985).

O testemunho de Tokitsu (2002, pp. 195-200) é também elucidativo do ambiente vivido no *dojo* no Japão, e do “tratamento” dado aos novos praticantes. O autor analisou as práticas dos grupos dos clubes de karaté da Universidade de Tóquio, onde estudou e treinou assiduamente entre 1967 e 1971. Revela que os treinos, nessa época, eram difíceis, quotidianos, e que cada um se comprometia a preservar os ensinamentos recebidos por muito tempo.

O ensino era fundamentalmente uma transmissão de estudante a estudante, seguindo uma cadeia hierárquica semelhante às “promoções” universitárias. Os treinos tinham lugar no *dojo* da universidade e passavam, principalmente, pela repetição dos gestos técnicos e dos *katas*. Antes e no final de cada treino, os alunos do 1.º ano, ou seja, no mais baixo nível hierárquico, eram obrigados a limpar o *dojo* e deveriam obedecer aos mais graduados. Em algumas universidades, o trabalho que se esperava deles assemelhava-se ao de um escravo, podendo ir mesmo ao limite da “tortura”.

Se a relação de submissão é manifesta, a dependência era equilibrada pelos mais velhos. Cabia pois ao superior (aluno mais avançado) o convite dos restantes praticantes para irem a um restaurante, cabendo a ele, entre outros aspetos, o pagamento dos consumos. Os alunos do último ano representavam uma imagem de boas maneiras, comportando-se e servindo como modelos de identificação. O mestre estava acima de todos os planos. O “capitão” do clube era o chefe de equipa do 4.º ano, escolhido por todos pelas suas capacidades. Sobre ele repousava a harmonia do grupo. Ele era o ponto de passagem que abria os círculos de identificação mais alargados. Ele representava aqueles que com ele treinaram. Ao mesmo tempo, os iniciados sabiam perfeitamente que, quatro anos antes, ele ocupava o seu espaço. Com efeito, tal como enfatiza Braunstein & Pépin (2001, p. 58) “o corpo desempenha aqui plenamente o seu papel, não sexual, mas educativo; o mais novo aprende,

pela imitação do mais velho, a utilizá-lo nas actividades sociais que são o clube, o ginásio, o banquete”.

A prática do karaté compõe-se de toda uma série de tradições, de ritos, de gestos simbólicos, que têm por fim criar um clima próprio a este desporto marcial. A saudação coletiva (no início e no fim de cada aula) dirigida para as fotografias dos mestres antigos é também uma homenagem de reconhecimento ao valor e ao trabalho que realizaram, no seu tempo, em prol do karaté. A saudação entre o mestre e os alunos é de respeito mútuo e cortesia. O parceiro/adversário é necessário para o treino e para o aperfeiçoamento. No treino a dois, a procura de progressos mútuos deve ser baseada numa prática correta, em que o respeito e consideração pelo adversário devem ser uma constante. Como referem Ehrenberg, Yahi & Zylberman (1975, p. 274):

O karateca é um combatente em tempo de paz. Se há um adversário, é sob o olhar do mestre. Mais do que um adversário, é o interlocutor com o qual tece uma ligação que lhe ensinará não somente a evitar o combate fora do *dojo*, mas também a reforçar a relação social pela combatividade.

A saudação entre dois karatecas é feita normalmente de pé, designada de “ritzu-rei”, enquanto a sentada de “zarei”. Durante esta saudação, as vozes “seiza” (sentar), “rei” (saudação) e “kiritsu” (levantar) são dadas pelo aluno mais graduado, depois de verificar que todos tomaram uma atitude e posição corretas.

Como vemos, no *dojo* toma-se consciência dos limites físicos e corporais. Descobre-se um corpo que eventualmente não se conhece na sua totalidade, sendo que esta “redescoberta” constitui o que se poderá chamar uma “reciclagem corporal”, para utilizar as palavras de Baudrillard (1995). De fato, depressa os praticantes dão conta das suas fraquezas, da falta ou não de flexibilidade corporal, de resistência ao esforço, etc.

As técnicas de defesa e de ataque são treinadas até ao mais ínfimo pormenor, submetidas a um imenso espírito de sacrifício (físico e pessoal), e associadas a uma via (*dô*) de perfeição técnica, permitindo adquirir uma certa eficiência no combate. Esse sacrifício e desafio permanentes estão patentes nos discursos proferidos por vários praticantes, como veremos no Capítulo IV. Como veremos, existem diferenças de atitude no empenhamento e fervor associados a estas práticas, quando exercidos por praticantes avançados ou por iniciados. Os primeiros tendem a dizer que “sentem” o que estão a fazer, enquanto os segundos a “imitar”, na esperança de um dia virem também a sentir.

3.4 A Evolução do Karaté em Portugal

A prática desportiva corresponde a um envolvimento gradual, reversível e, muitas vezes, não obrigatório. Livres de aderir e de deixar, as populações desportivas conhecem, em permanência, uma taxa de entradas (iniciantes) e de saídas (abandonos). Pelo fluxo de adesões, por um sistema de qualificação desportivo, promovidos de um nível baixo a um nível superior, e pela eliminação dos não-qualificados se opera uma triagem e uma verdadeira construção social de populações desportivas, com características bem particulares (Defrance, 2003).

De acordo com as *Estatísticas do Desporto* do Instituto do Desporto de Portugal (IDP), de 1998 a 2009, existiam em 2009 16.069 praticantes (11.600 homens; 4.469 mulheres)⁵⁸. O crescimento do número de karatecas foi particularmente acentuado entre as mulheres, que quase duplicaram nestes onze anos, passando a representar cerca de 28% do total de karatecas em 2009.

Apesar do crescimento das mulheres nesta modalidade, o karaté continua a ser praticado, maioritariamente, pelo sexo masculino. Ainda assim, as percentagens entre homens e mulheres nestes onze anos mantêm-se quase idênticas (cf. Quadro 3.1). A taxa média de crescimento anual foi de 58,5% entre 1998 e 2009 (cf. Quadro 1 em Anexo I).

Quadro 3.1: Praticantes de karaté segundo o sexo em Portugal (1998-2009)

Sexo	1998		2009	
	N	%	N	%
Masculino	7497	73,9	11600	72,2
Feminino	2644	26,1	4469	27,8
Total	10141	100,0	16069	100,0

Fonte: IDP – Estatísticas do Desporto 1998-2009.

Relativamente ao escalão etário (cf. Quadro 3.2, na página seguinte), e de acordo com os dados disponíveis, de 2003 a 2009, verifica-se que o maior número de praticantes se concentra no escalão “até juniores”, concluindo-se assim que existem muitos jovens a praticar karaté⁵⁹.

⁵⁸ Segundo o PORDATA, existiam, em 2014, 14.734 praticantes de karaté, ou seja, menos 1.335 praticantes do que em 2009.

⁵⁹ Num estudo de Adelino *et al.* (2005), refere-se que em Portugal existiam, em 2004, 6.375 praticantes entre os 10 e os 16 anos de idade.

Quadro 3.2: Praticantes segundo o escalão etário em Portugal (2003-2009)

Anos	Escalão Etário			Total
	Até Juniores	Juniores	Seniores	
2003	3903	2419	2856	9178
2004	5969	3906	4337	14212
2005	6601	3526	3943	14070
2006	6601*	3526*	3943*	14070
2007	6234	3874	4485	14593
2008	6234*	3874*	4485*	14593
2009	9542	2057	4470	16069
Total	45084	23182	28519	96785

Fonte: IDP – Estatísticas do Desporto 1998-2009. * Valores estimados e provisórios

A taxa de crescimento anual médio (TCAM)⁶⁰ dos praticantes de karaté entre 2003 e 2009 é de 9,8% (para os homens foi de 8,6% e para as mulheres de 13,5%) , até aos Juniores de 16,1%, Juniores -2,7% e Seniores 7,7%, o que permite concluir que são sobretudo os jovens que estão mais presentes na modalidade. Existe, assim, uma “juvenização” dos centros de prática e a participação das mulheres no karaté tem vindo a crescer.

As estatísticas do karaté denotam também uma heterogeneidade no contexto rural/urbano. Em 2007, último ano disponível em termos de informação desagregada, constatamos uma maior concentração de praticantes nos distritos de Lisboa (3744 praticantes), Porto (2738 praticantes) e Setúbal (1347 praticantes); e uma menor presença de praticantes é verificada em dois distritos do interior: Bragança (2 praticantes) e Évora (19 praticantes) (cf. Quadro 3.3, na Figura 3.1, na página seguinte, e Quadro 2 em Anexo I).

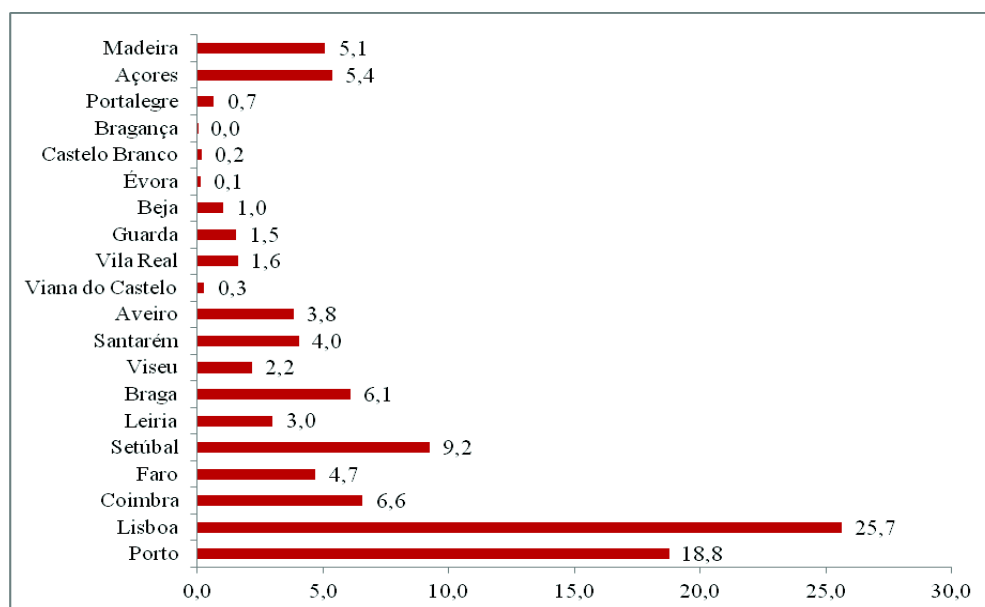
⁶⁰ O crescimento médio anual foi estimado segundo a fórmula $[(Af / Ai)^{1/n} - 1] * 100$, em que Af é o valor do ano final e o Ai o do ano inicial, sendo n o número de anos do período considerado (Marivoet, 2007, p. 434).

Quadro 3.3: Praticantes de karaté em Portugal segundo os distritos, regiões (em 2007)

Distritos/Regiões	Total
Porto	2738
Lisboa	3744
Coimbra	961
Faro	687
Setúbal	1347
Leiria	437
Braga	888
Viseu	318
Santarém	591
Aveiro	560
Viana do Castelo	40
Vila Real	237
Guarda	226
Beja	152
Évora	19
Castelo Branco	25
Bragança	2
Portalegre	96
Açores	782
Madeira	743
Total	14593

Fonte: IDP – Estatísticas do Desporto 1998-2009.

Figura 3.1: Praticantes de karaté em Portugal segundo os distritos, regiões (em 2007) (%)



Fonte: IDP – Estatísticas do Desporto 1998-2009.

Ainda segundo as Estatísticas do IDP, existiam, no final de 2009, existiam 734 clubes inscritos na FNK-P. Este número tem tido oscilações ao longo dos anos: em 2005 e 2006 eram 830, respetivamente; em 2007 é indicado o número de 791; em 2008 totalizam 730. Assim, entre 2005 e 2009 houve uma quebra de 96 centros de prática, -0,68%, numa média anual de decréscimo. Porém, este valor não significa menos praticantes. No caso português, existem associações que têm dois ou três *dojos* a funcionar e outras que têm dezenas (Diário de campo, 26 de outubro de 2013).

CAPÍTULO IV – COMUNIDADES E ESTILOS IDENTITÁRIOS NO KARATÉ

Como primeira hipótese de investigação em discussão neste capítulo, partimos do pressuposto que se encontraria um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes do karaté, ainda que, decorrente de usos e disposições sociais particulares, se encontrasse alguma diferenciação segundo o estilo adotado na prática, independentemente do sexo, idade e escolaridade.

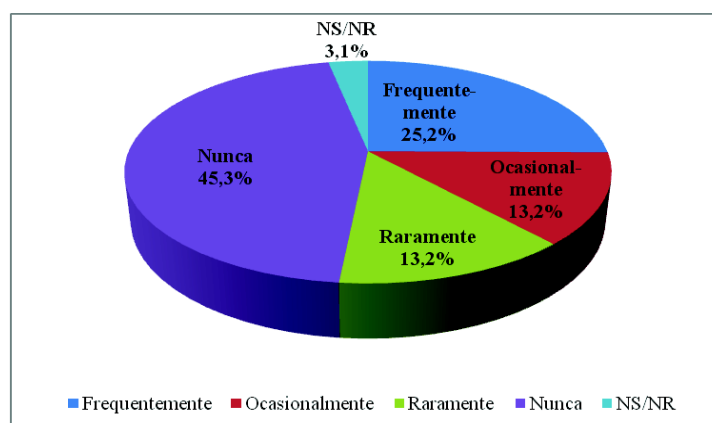
Para a operacionalização desta hipótese, e de acordo com o MAD (Quadro 2.1), mobilizaram-se as seguintes variáveis dependentes: Identidades e usos sociais no karaté (V1.1) da D1 Representações sociais do karaté; Valores (V2.1); Envolvimentos no karaté (V2.2); e Religião/Espectro político-ideológico (V2.3) da D2 Estilos de Vida. Como variáveis independentes, definimos: I1.3.6 Estilos de karaté da V2.2 Envolvimentos no karaté; I4.1.1 Sexo da V4.1 Género, a V4.2 Idade e o I4.3.1 Escolaridade da V4.3 Grupo Social.

Começaremos por analisar os envolvimento do karaté, seguido das afinidades com a modalidade, as identidades e a relevância do karaté na vida dos praticantes, os seus valores, crenças religiosas e espectro político-ideológico, e, por fim, faremos uma síntese conclusiva da acerca da veracidade da hipótese em discussão tendo por base os dados analisados.

4.1 Envolvimentos no Karaté

Os dados permitem verificar que a maioria dos karatecas avançados, que se declararam sócios de um clube, nunca participou nas assembleias-geral (45,3%), 38,4% participam frequentemente ou ocasionalmente, e 13,2% raramente (cf. Figura 4.1, na página seguinte).

Figura 4.1: Participação nas assembleias-geral dos clubes (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karatê em Portugal”, 2010-2011

Porém, numa análise mais detalhada, verifica-se que são os praticantes do estilo Shotokan que participam frequentemente nas assembleias-geral dos clubes (43,5%), seguidos dos praticantes do estilo Goju-Ryu (41,7%) (cf. Quadro 4.1). Elevada percentagem encontra-se para os que nunca participam: Shotokai (35,7%) e Shotokan (21,7%).

Quadro 4.1: Participação nas assembleias-geral dos clubes segundo o estilo de karatê (%)

Participação	Shotokai (n=70)	Shotokan (n=46)	Wado-Ryu (n=42)	Goju-Ryu (n=48)	Shito-Ryu (n=33)	Total (n=244)
Frequentemente	28,6	43,5	19,0	41,7	24,2	31,1
Ocasionalmente	21,4	13,0	23,8	29,2	30,3	22,5
Raramente	14,3	21,7	47,6	20,8	27,3	24,2
Nunca	35,7	21,7	9,5	8,3	18,2	20,1
NS/NR (n=5)						2,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karatê em Portugal”, 2010-2011

Em termos de cruzamento de dados, participação nas assembleias-geral dos clubes segundo o sexo, averigua-se que mais de um terço dos homens participa frequentemente (33,3%) nestas reuniões face a 27% das mulheres. 41,9% das mulheres diz que nunca participou nestes momentos de debate e discussão sobre os destinos e estratégias dos clubes (cf. Quadro 4.2, na página seguinte).

Quadro 4.2: Participação nas assembleias-geral dos clubes segundo o sexo (%)

Participação	Masculino (n=165)	Feminino (n=74)	Total (n=244)
Frequentemente	33,3	27,0	30,7
Ocasionalmente	21,2	12,2	18,0
Raramente	13,9	18,9	15,2
Nunca	31,5	41,9	34,0
NS/NR (n=5)			2,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

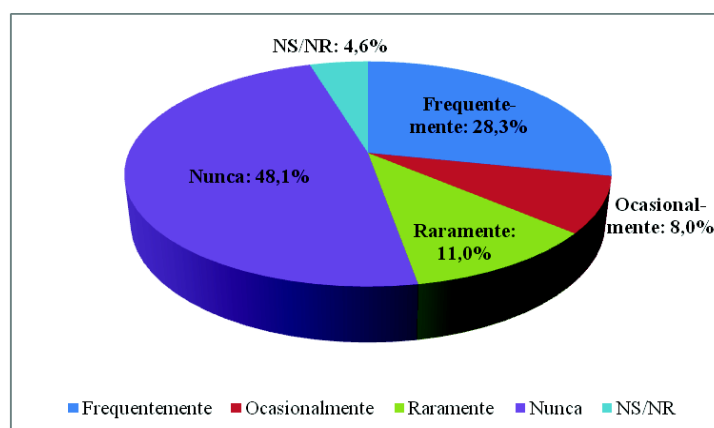
Com base no teste qui-quadrado, não há associação entre a participação nas assembleias-geral do clube e estilos de karaté ($\chi^2=29,326$; d.f.=16; $p=0,022$;) ⁶¹. Através do mesmo teste estatístico, verifica-se de que também não existem diferenças significativas entre a participação masculina/feminina nas assembleias-geral dos clubes: $\chi^2=6,070$; d.f.=4; $p=0,194$, isto é, os homens não participam mais do que as mulheres. Sobre a idade, o resultado apurado foi de $\chi^2=64,986$; d.f.=44; $p=0,021$, o que revela igualmente não existir associação entre as variáveis. O mesmo se passa para a escolaridade, o resultado revela de que não existe associação ($\chi^2=7,295$; d.f.=8; $p=0,505$).

Participação na associação

A maioria dos praticantes esclarece de que não participa igualmente nas assembleias-geral da associação (48,1%), 36,3% regularmente ou ocasionalmente, e raramente 11% (cf. Figura 4.2, na página seguinte).

⁶¹ O χ^2 calculado é menor do que o χ^2 tabelado, logo não há associação entre os grupos. As variáveis são independentes.

Figura 4.2: Participação nas assembleias-geral das associações desportivas (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

No cruzamento da participação nas assembleias-geral da associação e estilos de karaté, averigua-se que são os praticantes do estilo Goju-Ryu que participam frequentemente (48,4%). Os que proporcionalmente nunca participam são os praticantes do estilo Wado-Ryu (47,9%) (cf. Quadro 4.3).

Quadro 4.3: Participação nas assembleias-geral da associação segundo o estilo de karaté (%)

Participação	Shotokai (n=72)	Shotokan (n=57)	Wado-Ryu (n=48)	Goju-Ryu (n=31)	Shito-Ryu (n=25)	Total (n=244)
Frequentemente	31,9	31,6	22,9	48,4	48,0	32,4
Ocasionalmente	16,7	10,5	14,6	19,4	16,0	14,3
Raramente	18,1	10,5	14,6	16,1	20,0	14,8
Nunca	33,3	47,4	47,9	16,1	16,0	34,0
NS/NR (n=11)						4,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Relativamente ao cruzamento por sexo, é notório que os homens participam mais frequentemente do que as mulheres, 29,7% e 23,7%, respetivamente (cf. Quadro 4.4, na página seguinte).

Quadro 4.4: Participação nas assembleias-geral da associação segundo o sexo (%)

Participação	Masculino (n=195)	Feminino (n=38)	Total (n=244)
Frequentemente	29,7	23,7	27,5
Ocasionalmente	8,7	5,3	7,8
Raramente	10,8	18,4	11,5
Nunca	50,8	52,6	48,8
NS/NR (n=11)			4,5
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Com base no teste qui-quadrado, não há associação entre a participação nas assembleias-geral da associação e estilos de karaté ($\chi^2=23,467$; d.f.=16; $p=0,102$)⁶². Não existem diferenças significativas entre a participação masculina/feminina nas assembleias-geral das associações ($\chi^2=0,867$; d.f.=4; $p=0,929$), isto é, os homens não participam mais do que as mulheres. Sobre a idade, o resultado foi de $\chi^2=72,764$; d.f.=44; $p=0,004$, o que revela igualmente não existir associação entre as variáveis. O resultado para a escolaridade revela de que não existe associação ($\chi^2=14,589$; d.f.=8; $p=0,068$).

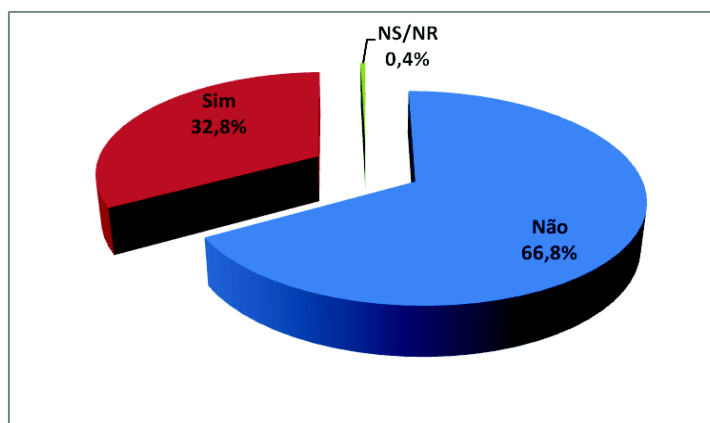
Normalmente, estes momentos e/ou encontros ficam a cargo dos dirigentes (eleitos ou voluntários). No caso do karaté, grande parte dos cargos é exercida a título de voluntariado. Em Portugal, aliás, como na maior parte dos países da Europa ocidental, é um dos fundamentos essenciais da organização desportiva. Mesmo se “não é evidente as motivações dos dirigentes em se investirem nos postos de responsabilidade” (Thomas, Haumont & Levet, 1987, p. 61), a figura de dirigente desportivo voluntário está omnipresente no seio do movimento desportivo. Quando ele é eleito numa associação desportiva, o dirigente voluntário dispõe de uma certa legitimidade, que pode, nalguns casos, confortar a posição de notável reconhecido.

⁶² O χ^2 calculado é menor do que o χ^2 tabelado, logo não há associação entre os grupos. As variáveis são independentes.

Exercício de um cargo (órgãos sociais) num clube ou associação

Em termos percentuais, verifica-se que um terço (32,8%) dos praticantes respondeu que já assumiu um cargo nos órgãos sociais de um clube ou associação, e dois terços (66,8%) não (cf. Figura 4.3).

Figura 4.3: Exercício de um cargo nos órgãos sociais de um clube ou associação (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Em termos de repartição por estilo de karaté, são os praticantes de Shotokai que mais assumiram um cargo nos órgãos sociais de um clube ou associação (73,3%). Os praticantes do estilo Shito-Ryu foram os que menos assumiram cargos (57,1%) (cf. Quadro 4.5).

Quadro 4.5: Exercício de um cargo num clube ou associação segundo o estilo de karaté (%)

Cargo nos órgãos sociais	Shotokai (n=105)	Shotokan (n=57)	Wado-Ryu (n=23)	Goju-Ryu (n=44)	Shito-Ryu (n=14)	Total (n=244)
Sim	73,3	59,6	60,9	72,7	42,9	66,8
Não	26,7	40,4	39,1	27,3	57,1	32,8
NS/NR (n=1)						0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Os dados revelam que são maioritariamente as mulheres (72,7%) que já assumiram um cargo num clube ou associação de karaté (72,7%) (cf. Quadro 4.6, na página seguinte), o que revela que elas não estão afastadas dos cargos de direção (cf. Quadro 4.6).

Quadro 4.6: Exercício de um cargo num clube ou associação segundo o sexo (%)

Exercício de um cargo	Masculino (n=210)	Feminino (n=33)	Total (n=244)
Sim	66,2	72,7	66,8
Não	33,8	27,3	32,8
NS/NR (n=1)			0,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Enquanto informação complementar à discussão da hipótese de estudo, podemos apontar que o tempo (meses/anos) de duração do cargo varia entre 1 e 32 anos, sendo que a média ronda os 3 anos, tal como em outros tipos de associações.

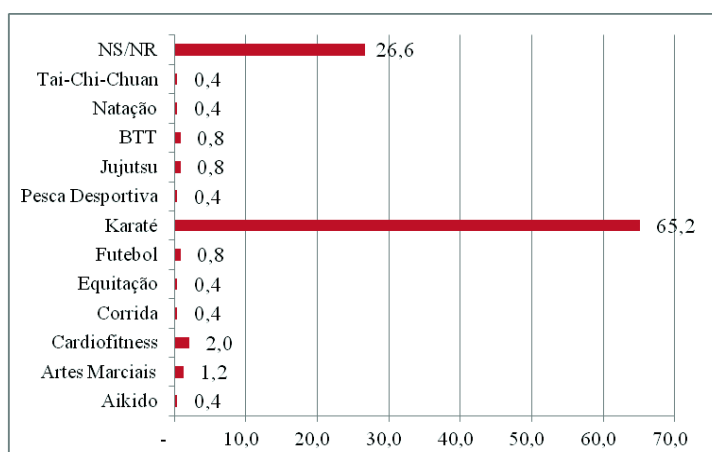
Na assunção de cargos nos clubes ou associações, verifica-se através do cruzamento de dados pelas variáveis independentes estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade, que não se encontram diferenças significativas: $\chi^2=106,462$; d.f.=72; $p=0,005$ (estilos de karaté); $\chi^2=20,469$; d.f.=18; $p=0,307$ (sexo); $\chi^2=36,566$; d.f.=198; $p=0,034$ (idade) e $\chi^2=36,566$; d.f.=36; $p=0,442$ (escolaridade).

Investimento no karaté

Quase dois terços (65,2%) dos inquiridos respondem que investem mais no karaté. De notar que uma elevada taxa de inquiridos (26,6%) não respondeu a esta questão⁶³ (cf. Figura 4.4, na página seguinte).

⁶³ Note-se que quando as não respostas atingem 20% dos dados ou um valor superior, deverão ser analisadas com cuidado, pois se não tiverem um comportamento aleatório irão enviesar os resultados do questionário, podendo caracterizar o segmento da população que se recusou responder. Neste caso, pode enviesar a pergunta feita.

Figura 4.4: Investimento na prática desportiva (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Apesar da maioria dos praticantes ter afirmado que investe mais na prática do karaté, existem algumas pequenas diferenças percentuais segundo o estilo de prática. Por exemplo, são os praticantes do estilo Wado-Ryu os que mais investem (96,4%), logo seguidos dos praticantes do estilo Shotokan (90,7%) (cf. Quadro 4.7).

Quadro 4.7: Investimento em outras modalidades segundo o estilo de karaté (%)

Modalidades	Shotokai (n=78)	Shotokan (n=43)	Wado-Ryu (n=18)	Goju-Ryu (n=28)	Shito-Ryu (n=12)	Total (n=244)
Aikido	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4
Artes Marciais	2,6	0,0	0,0	0,0	8,3	1,2
Cardiofitness	2,6	2,3	0,0	11,1	0,0	2,0
Corrida	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4
Equitação	0,0	2,3	0,0	0,0	0,0	0,4
Futebol	1,3	0,0	0,0	5,6	0,0	0,8
Karaté	87,2	90,7	96,4	83,3	83,3	65,2
Pesca Desportiva	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4
Jujutsu	0,0	4,7	0,0	0,0	0,0	0,8
BTT	1,3	0,0	3,6	0,0	0,0	0,8
Natação	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4
Tai-Chi-Chuan	0,0	0,0	0,0	0,0	8,3	0,4
NS/NR (n=65)						26,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Relativamente ao cruzamento dos dados pelo sexo, apura-se que proporcionalmente são as mulheres que mais investem no karaté (96,3%) face aos homens (87,5%) (cf. Quadro 4.8). As outras modalidades apresentam percentagens muito residuais.

Quadro 4.8: Investimento em outras modalidades segundo o sexo (%)

Modalidades	Masculino (n=152)	Feminino (n=27)	Total (n=244)
Aikido	0,7	0,0	0,6
Artes Marciais	2,0	0,0	1,7
Cardiofitness	2,6	3,7	2,8
Corrida	0,7	0,0	0,6
Equitação	0,7	0,0	0,6
Futebol	1,3	0,0	1,1
Karaté	87,5	96,3	88,8
Pesca Desportiva	0,7	0,0	0,6
Jujutsu	1,3	0,0	1,1
BTT	1,3	0,0	1,1
Natação	0,7	0,0	0,6
Tai-Chi-Chuan	0,7	0,0	0,6
NS/NR (n=65)			36,3
Total	100,0	100,0	136,3

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Apesar das diferenças encontradas na análise percentual, segundo o teste do qui-quadrado, não existe diferenças significativas entre estilos e investimento no karaté: $\chi^2=46,029$; d.f.=44; $p=0,388$. No cruzamento de dados pelas variáveis independentes, sexo, idade e escolaridade, os resultados também revelam a não existência de diferenças significativas no investimento no karaté: $\chi^2=2,959$; d.f.=44; $p=0,991$ (sexo); $\chi^2=154,258$; d.f.=121; $p=0,022$ (idade); $\chi^2=21,358$; d.f.=22; $p=0,499$ (escolaridade).

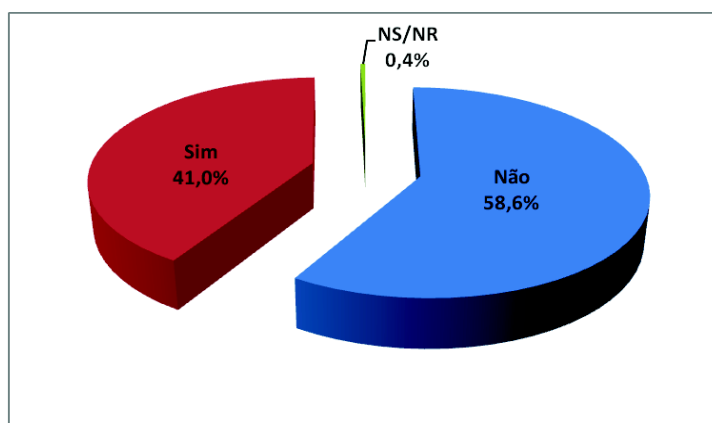
Os rituais do karaté tendem a regular os comportamentos (ordem, hierarquia, distância). Ou como afirmava alguns dos nossos entrevistados, o “respeito e o modo de relacionamento com os outros” (Armando Neves, 54 anos, 4.º dan Goju-Ryu), a “identidade e a organização pessoal” (Nuno Cardeira, 41 anos, 5.º dan Goju-Ryu), o “trabalho harmonioso, confiança, bem-estar” (João Dias, 50 anos, 6.º dan Shito-Ryu), e a “possibilidade de formação do carácter” (José Pascoalinho, 60 anos, 4.º dan Shotokai) são alguns dos argumentos que se podem ouvir por parte dos praticantes.

Como refere Tran Huu-Ha (citado em Silva, 1991, p. 25), “o karaté é uma atitude perante a vida, em todas as circunstâncias, é uma maneira de fazer face a todos os problemas, mental e fisicamente, de encontrar uma certa serenidade e paz interiores na coexistência com os seus semelhantes”.

De fato, a informação que conhecemos corrobora esta conceção, pois nos debates internos sobre as artes marciais foi possível escutar alguns treinadores a defenderem o funcionamento de três domínios: o físico, o emocional e o mental, ligado a três harmonias: ter uma boa saúde, ter um bom carácter e ter uma boa consciência. Estes testemunhos refletem a representação que os praticantes têm da sua prática de predileção, forjando uma identidade e apoiando-se num código de valores morais e éticos tal como aponta a hipótese em discussão neste capítulo, projetando na sua vida quotidiana e na relação com os outros.

Para além do karaté, cerca de 41% dos inquiridos afirmaram praticar outra(s) modalidade(s) desportiva(s) sem ser de combate, como evidencia a Figura 4.5.

Figura 4.5: Prática de outra modalidade desportiva (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Em termos de análise por estilo de karaté, é possível observar que os praticantes de Shotokai que mais optam pelo *cardiofitness* (31,4%), seguidos do estilo Shito-Ryu (40%). No caso do futebol, são os praticantes do estilo Shito-Ryu (20%) (cf. Quadro 4.9, na página seguinte).

Quadro 4.9: Modalidades desportivas segundo o estilo de karaté (%)

Modalidade Desportiva	Shotokai (n=51)	Shotokan (n=20)	Wado-Ryu (n=9)	Goju-Ryu (n=11)	Shito-Ryu (n=5)	Total (n=96)
Cardiofitness	31,4	15,0	27,3	33,3	40,0	28,1
Futebol	7,8	5,0	18,2	0,0	20,0	8,3
Ciclismo/Bicicleta/BTT /Cicloturismo	9,8	10,0	18,2	11,1	0,0	10,4
Corrida	5,9	10,0	9,1	11,1	0,0	7,3
Natação	9,8	20,0	9,1	0,0	0,0	10,4
Body Board/Surf/Windsurf	7,8	0,0	0,0	0,0	20,0	5,2
Atletismo	2,0	5,0	9,1	11,1	0,0	4,2
Futsal	2,0	5,0	9,1	0,0	0,0	3,1
Mergulho	2,0	0,0	0,0	0,0	20,0	2,1
Voleibol	2,0	0,0	0,0	11,1	0,0	2,1
Equitação	0,0	5,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Orientação	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Skate	0,0	5,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Ténis	2,0	0,0	0,0	11,1	0,0	2,1
Tiro (Desportivo/Prático)	2,0	0,0	0,0	11,1	0,0	2,1
Basquetebol	2,0	5,0	0,0	0,0	0,0	2,1
Pedestrianismo	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Voo à vela	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Ioga	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Motociclismo	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Golfe	0,0	5,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Pesca desportiva	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Escalada	0,0	5,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Sapateado	0,0	5,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Danças de Salão	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Segundo Bourdieu (1979), a origem social e o estatuto sociocultural dos indivíduos determinam as escolhas e a intensidade da prática desportiva. O custo material das atividades não pode ser considerado a única variável discriminatória. Os desportos de combate, ao utilizarem fracos “equipamentos”, não implicam despesas muito diferentes, o que poderá justificar os resultados obtidos, pois não se encontraram diferenças significativas segundo o grupo social.

Relativamente às diferenças de género nas afinidades das modalidades praticadas, verifica-se que os homens preferem o *cardiofitness* (17,1%), futebol (15,9%) e o ciclismo/BTT/cicloturismo (13,4%). As mulheres também escolhem o *cardiofitness*, mas em maior número (50%), seguido da natação (21,4%) e um conjunto de outras modalidades que surgem com a mesma percentagem (7,1%) (atletismo, futsal, sapateado e danças) (cf. Quadro

4.10). O índice de diferenciação da prática desportiva é de 1,32, i.e., a média de modalidades praticada por cada praticante (Marivoet, 2001). De referir que estes dados são complementares, mas torna-se pertinente e interessante comparar com outros estudos sobre os hábitos desportivos da população portuguesa.

Quadro 4.10: Modalidades desportivas segundo o sexo (%)

Modalidade Desportiva	Modalidades Praticadas Homens (n=82)	Modalidades Praticadas Mulheres (n=14)	Total das Modalidades Praticadas (n=96)
Cardiofitness	17,1	50,0	21,9
Futebol	15,9	0,0	13,5
Ciclismo/Bicicleta/BTT /Cicloturismo	13,4	0,0	11,5
Corrida	9,8	0,0	8,3
Natação	6,1	21,4	8,3
Body Board/Surf/Windsurf	6,1	0,0	5,2
Atletismo	4,9	7,1	5,2
Futsal	2,4	7,1	3,1
Mergulho	2,4	0,0	2,1
Voleibol	2,4	0,0	2,1
Equitação	1,2	0,0	1,0
Orientação	1,2	0,0	1,0
Skate	1,2	0,0	1,0
Ténis	2,4	0,0	2,1
Tiro (Desportivo/Prático)	2,4	0,0	2,1
Basquetebol	2,4	0,0	2,1
Pedestrianismo	1,2	0,0	1,0
Voo à vela	1,2	0,0	1,0
Ioga	1,2	0,0	1,0
Motociclismo	1,2	0,0	1,0
Golfe	1,2	0,0	1,0
Pesca desportiva	1,2	0,0	1,0
Escalada	1,2	0,0	1,0
Sapateado	0,0	7,1	1,0
Danças de Salão	0,0	7,1	1,0
Total	100,0	100,0	66,3

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

As modalidades como a equitação, o skate, o motociclismo, as danças de salão, o golfe, a pesca desportiva, por exemplo, estão mais afastadas das escolhas femininas. Segundo Duret (2001), as mulheres não praticam desporto nos mesmos momentos, nos mesmos espaços e nas mesmas modalidades que os homens, o que no caso do karaté se encontra contrariado, por isso uma das características que o demarca no seio do campo das práticas desportivas fornecendo-lhe assim identidade como pressupõe a nossa hipótese em discussão.

Com exceção do voleibol, que justamente é a modalidade mais praticada pelas mulheres no campo das práticas de competição (Marivoet, 2014), os homens encontram-se mais representados nos desportos coletivos. As mulheres encontram-se maioritariamente na marcha (caminhada), na natação, nos desportos de água e neve (natação, ski) e na ginástica rítmica.

Como refere Clément (1981, p. 289), o “espaço social reforça a importância dos aspetos culturais”, i.e., as práticas desportivas devem ser apreendidas como práticas sociais e culturais e, a este título, constitutivas de um estilo de vida. Como sugere Bourdieu (1979, p. 240), “podemos colocar em lei geral que um desporto tem mais hipóteses de ser ‘adotado’ pelos membros de uma classe social se ele não contradizer a relação com o corpo, no que ele tem de mais profundo e inconsciente, isto é, no esquema corporal, no qual ele é depositário de toda uma visão do mundo social, de toda uma filosofia da pessoa e do corpo”.

A prática desportiva corresponde também a um “envolvimento gradual”, “reversível” e “não obrigatório”, como refere Defrance (2003, p. 24), livres de aderir e de deixar, as populações desportivas conhecem, em permanência, “uma forte taxa de entradas (iniciantes) e de saídas (abandonos)”. Um envolvimento numa modalidade desportiva implica também tempo e disponibilidade para os treinos.

Enquanto informação complementar à discussão da hipótese, e sem precisarmos de apresentar com detalhe os dados em quadros e figuras, podemos referir que em termos de horas (em média) de prática de karaté por um lado, e de outra(s) arte(s) marcial(ais) ou desporto(s) de combate e outra(s) modalidade(s) desportiva(s) por outro, verifica-se que foram considerados 241 e 238 casos válidos, tendo sido ignorados 3 e 6 casos inválidos, respetivamente. A média semanal da prática de karaté é de 1,13 horas e o desvio padrão é de 3,076. A amplitude (*range*) varia entre 2 e as 20 horas semanais; nas restantes práticas desportivas, a média é de 2,91 horas por semana e o desvio padrão é de 4,560. A amplitude de valores varia entre 1 e 22 horas semanais.

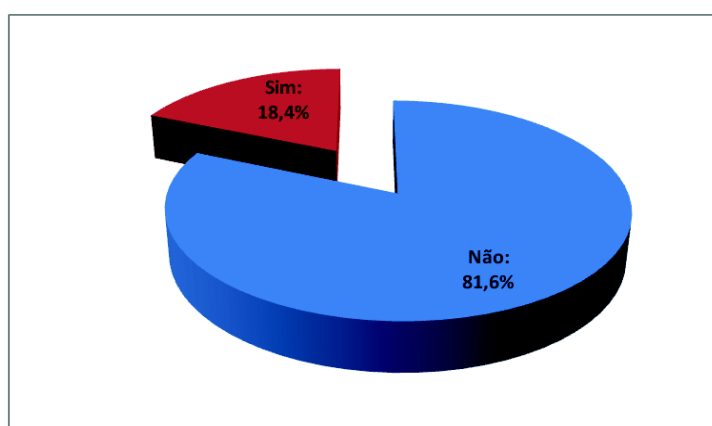
O cruzamento de dados entre tempo (horas), estilos de karaté ($\chi^2=94,707$; d.f.=68; $p=0,652$), sexo ($\chi^2=8,679$; d.f.=11; $p=0,546$), idade ($\chi^2=191,325$; d.f.=187; $p=0,399$) e escolaridade ($\chi^2=42,546$; d.f.=34; $p=0,149$), não permite constatar a existência de significância estatística.

4.2 Afinidades com as Artes Marciais

Como vimos, os karatecas da nossa amostra demonstram uma preferência pelo karaté como elucida a Figura 4.4 (65,2%), sendo que 41% afirmam praticar igualmente outras modalidades desportivas que não de combate (cf. Figura 4.5). Interessa agora saber as preferências por outras artes marciais ou desportos de combate.

Uma esmagadora maioria (81,6%) responde que não pratica outros desportos de combate para além do karaté. Ainda assim, 18,4% responderam que sim (cf. Figura 4.6).

Figura 4.6: Prática de outros desportos de combate (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Numa análise por estilo de karaté, é possível observar que os praticantes dos estilos Shotokai e Shito-Ryu preferem o kobudo (36,8% e 66,7%, respetivamente), os do estilo Shotokan e Goju-Ryu praticam preferencialmente o jujitsu/ujutsu (respetivamente, 55,6% e 46,2%) e os do estilo Wado-Ryu não indicaram praticar nenhuma das artes marciais ou desportos de combate assinaladas(os) (cf. Quadro 4.11, na página seguinte).

Quadro 4.11: Prática de outros desportos de combate segundo o estilo de karaté (%)

Arte Marcial/Desporto de Combate	Shotokai (n=19)	Shotokan (n=9)	Wado-Ryu (n=0)	Goju-Ryu (n=13)	Shito-Ryu (n=3)	Total (n=44/44 resp)
Jujitsu/Jujutsu	0,0	55,6		46,2	0,0	25,0
Kobudo	36,8	0,0		0,0	66,7	20,5
Judo	21,1	0,0		7,7	0,0	11,4
Kyusho	0,0	0,0		23,1	0,0	6,8
Aikido	15,8	0,0		0,0	0,0	6,8
Tai-Chi-Chuan	5,3	0,0		0,0	33,3	4,5
Battojutsu	5,3	0,0		0,0	0,0	2,3
Capoeira	0,0	11,1		0,0	0,0	2,3
Defesa pessoal	5,3	0,0		0,0	0,0	2,3
Savate	0,0	0,0		7,7	0,0	2,3
Wing Tsu	5,3	0,0		0,0	0,0	2,3
Kick-Boxing	0,0	0,0		7,7	0,0	2,3
Krav-Maga	0,0	0,0		7,7	0,0	2,3
Muay-Thay	0,0	11,1		0,0	0,0	2,3
Boxe	0,0	11,1		0,0	0,0	2,3
Iado	5,3	0,0		0,0	0,0	2,3
Full-contact	0,0	11,1		0,0	0,0	2,3
Total	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Os homens preferem o *jujitsu/ujutsu* (23,61%), o kobudo (20,9%) e o judo (11,6%). Apenas uma mulher respondeu praticar aikido (100%) (cf. Quadro 4.12, na página seguinte).

Quadro 4.12: Prática de outros desportos de combate segundo o sexo (%)

Arte Marcial/Desporto de Combate	Modalidades Praticadas Homens (n=43/43 resp.)	Modalidades Praticadas Mulheres (n=1/1 resp.)	Total das Modalidades Praticadas (n=44/44 resp.)
Jujitsu/Jujutsu	25,6		25,0
Kobudo	20,9		20,5
Judo	11,6		11,4
Kyusho	7,0		6,8
Aikido	4,7	100,0	6,8
Tai-Chi-Chuan	4,7		4,5
Battojutsu	2,3		2,3
Capoeira	2,3		2,3
Defesa pessoal	2,3		2,3
Savate	2,3		2,3
Wing Tsu	2,3		2,3
Kick-Boxing	2,3		2,3
Krav-Maga	2,3		2,3
Muay-Thai	2,3		2,3
Boxe	2,3		2,3
Iado	2,3		2,3
Full-contact	2,3		2,3
Total	100,0	100	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

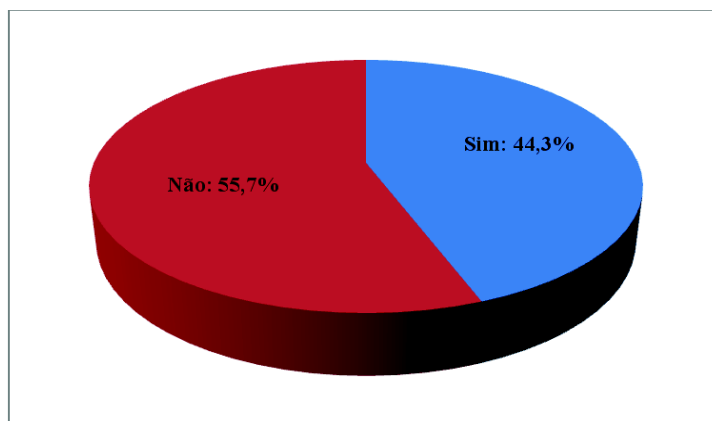
A análise estatística não permite verificar associação entre as variáveis: ($\chi^2=86,154$; d.f.=60; $p=0,854$), sexo ($\chi^2=3,150$; d.f.=2; $p=0,854$), idade ($\chi^2=67,547$; d.f.=77; $p=0,771$) e escolaridade ($\chi^2=35,505$; d.f.=30; $p=0,225$).

Da nossa observação-participante, constatou-se que, nos praticantes que praticam mais do que uma arte marcial ou desporto de combate, o que se procura é a eficácia das técnicas marciais. “Aprender a lutar”, “a procura de máxima eficácia” e “a perfeição” são algumas das palavras que ressaltam das entrevistas efetuadas a alguns praticantes entrevistados. Querem utilizar o seu corpo como uma “arma”, como um meio de autodefesa. Procura-se, assim, colmatar algumas lacunas existentes no karaté, com a aprendizagem de outras técnicas marciais proporcionadas por outras modalidades de combate (e.g. o karaté utiliza poucas técnicas de imobilização quando o adversário se encontra caído no chão, logo procura-se praticar o judo, prática que visa essencialmente imobilizar o adversário no solo).

No processo de iniciação de uma arte marcial, os pais ou encarregados de educação podem desempenhar um papel socializador importante. Neste sentido, quisemos averiguar se havia alguém na entidade doméstica ou nas relações próximas que praticava karaté ou outra

arte marcial? 44,3% dos inquiridos responde que sim, mas 55,7%, por isso a maioria, afirma que não (cf. Figura 4.7).

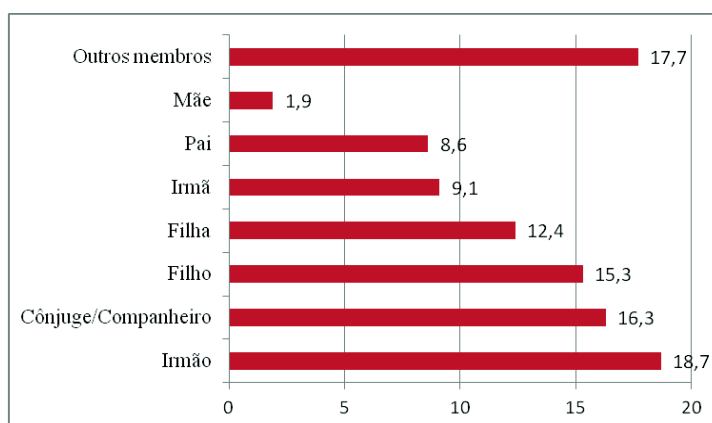
Figura 4.7: Prática de karaté ou outra arte marcial na entidade doméstica ou nas relações próximas (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Na distribuição percentual das respostas dos que afirmaram sim, encontram-se: irmão (18,7%), outros membros (17,7%), cônjuge ou companheiro (16,3%). A figura materna é a pessoa mais afastada da modalidade (1,9%) (cf. Figura 4.8). Nos “outros membros” encontram-se os amigos, os professores, o meio escolar, entre outros.

Figura 4.8: Familiares ou pessoas das relações próximas que praticam karaté ou arte marcial (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Os membros da família podem transmitir diretamente a sua experiência da prática, quando das interações verbais, mas também pode assumir a forma de “lembranças”, de “anedotas”, nos momentos de discussões familiares, tipo de interação que participa na

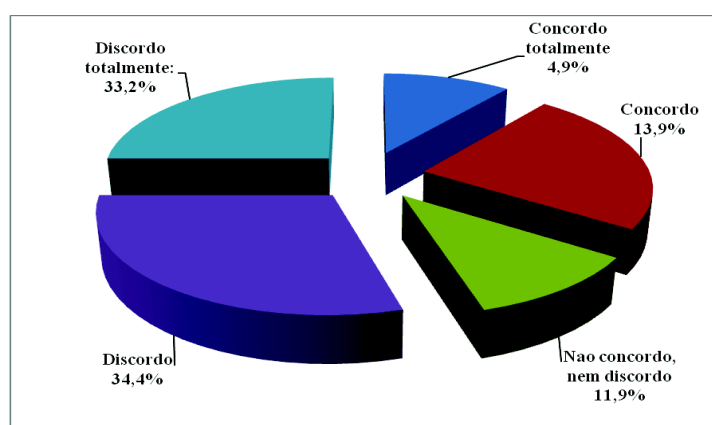
constituição de uma “memória coletiva” familiar (Halbwachs, 1950). O tipo de socialização pode assim favorecer a incorporação de hábitos e de referências culturais específicas.

Cristalizadas num sistema de disposições, o modo de socialização produz um “èthos” e uma “hexis”, como vimos nos Capítulos I e II, podendo facilitar, ou pelo menos a não contradizer, a entrada na prática do karaté. De facto, tanto quanto podemos concluir, quase metade dos karatecas da nossa amostra encontra-se inserida em espaços familiares ou de amigos com afinidades às artes marciais. Deste modo, os dados vão ao encontro de Julhe (2006), quando afirma que a possibilidade de ver o karaté como resultante de uma “cultura familiar” seja pouco conclusiva.

4.3 Identidades e a Relevância do Karaté na Vida dos Praticantes

Se os inquiridos praticam regularmente karaté ou em menor número outras modalidades desportivas ou ainda outras artes marciais ou desportos de combate, isso requer tempo, como já vimos anteriormente. Como elucida a Figura 4.9, em resposta à afirmação “o karaté envolve um sacrifício de tempo, prejudicando os praticantes nos seus compromissos pessoais e familiares”, 34,4% dos praticantes discordou e 33,2% afirmou que discordava totalmente. No entanto, 13,9% afirmaram concordar e 4,9% concordar totalmente, donde para a maioria relativa a prática do karaté não prejudica os compromissos familiares.

Figura 4.9: Sacrifício de tempo (karaté) e compromissos pessoais e familiares (%)

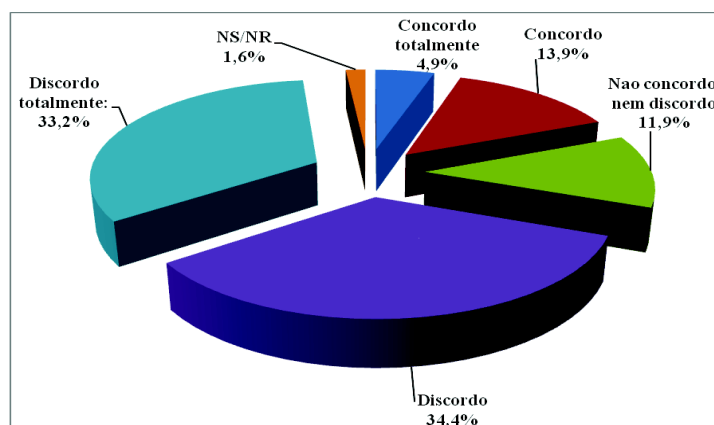


Fonte: Inquérito “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010/2011.

Se cruzarmos esta questão pelo estilo de karaté ($\chi^2=31,518$; d.f.=16; $p=0,012$), sexo ($\chi^2=7,078$; d.f.=4; $p=0,132$), idade ($\chi^2=56,794$; d.f.=44; $p=0,093$) e escolaridade ($\chi^2=10,953$; d.f.=8; $p=0,204$), não se verifica associação entre as variáveis.

Já questionados se a prática do karaté envolve um sacrifício de tempo, prejudicando-os no seu emprego ou na sua actividade profissional, os inquiridos tendem a responder que discordam (34,4%) ou discordam totalmente (33,2%), por isso a maioria 67,6% (cf. Figura 4.10).

Figura 4.10: Sacrifício de tempo (karaté) e emprego ou actividade profissional (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Se cruzarmos esta questão pelo estilo de karaté, não se verifica associação entre as variáveis ($\chi^2=23,201$; d.f.=16; $p=0,108$). O cruzamento destas duas situações para as variáveis independentes sexo ($\chi^2=4,701$; d.f.=4; $p=0,319$), idade ($\chi^2=53,794$; d.f.=44; $p=0,146$) e escolaridade ($\chi^2=6,262$; d.f.=8; $p=0,618$) também não revela associação entre as variáveis.

De fato, o leque horário dos clubes para os treinos das crianças, jovens e adultos adapta-se à realidade da sociedade contemporânea. Pode-se treinar de manhã, à tarde e à noite. Nos fins de semana e feriados também, como pudemos constatar da nossa observação, embora neste caso saiam prejudicados os compromissos familiares como denotam os dados em análise. Ainda assim, os sacrifícios, os compromissos e os desafios permanentes estão patentes nos discursos proferidos por vários praticantes. Por exemplo: “O karaté é uma forma de estar na vida. Mas em Portugal não há apoios. Tudo é feito pelo atleta” (Nuno Dias, 2.º dan, Shukokai, 30 anos), ou “O karaté é um modo de vida e um desafio constante. É fruto de muitas abdições e sacrifícios pessoais” (Fernando Ferreira, 2.º dan, Wado-Ryu, 28 anos).

Ramajal (citado em Silva, 1991, p. 122), concorre neste sentido ao afirmar que: “ser cinto negro, tem que ser o resultado de muito trabalho e dedicação, de, talvez, algum sangue, seguramente muito suor e até, algumas lágrimas. Só assim esse cinto terá algum significado (...)”. Realidade bem elucidada numa das respostas de um dos nossos entrevistados quando afirma:

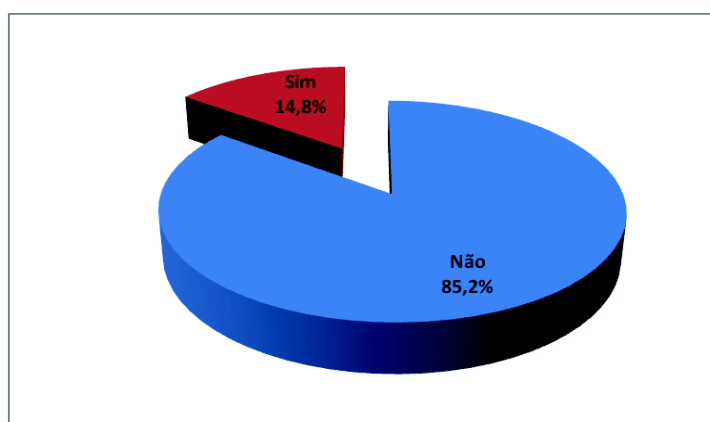
“Se eu não treinar um dia que seja não fico bem comigo. O karaté faz-me desligar dos problemas quotidianos, conseguindo uma grande harmonia e bem-estar físico. Por outro lado, a minha vida resume-se ao karaté. Faço tudo em prol desta modalidade desportiva. Treino todos os dias, incluindo os fins de semana” (Nuno Valente, 1.º *dan*, Goju-Ryu, 23 anos).

Como vemos, o karaté permite a manifestação de paixões individuais e coletivas. A devoção, o sacrifício, a amizade, o impulso que estes homens e mulheres imprimem com ardor, numa espécie de fé e de sentido de vida que caracteriza um estilo de vida identitário tal como pressupõe a hipótese em discussão. A sua prática permite “bronzear” os corpos e os “espíritos” como é usual referir-se no meio.

Usos do karaté no espaço público

Enquanto arte marcial nipónica, o karaté tem por objetivo a aprendizagem de técnicas de autodefesa. Porém, 85,2% dos inquiridos afirmaram que não estiveram envolvidos num ou mais atos de violência fora do centro de prática, face a 14,8% que afirmam que sim (cf. Figura 4.11).

Figura 4.11: Usos do karaté no espaço público (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

São os praticantes do estilo do Shito-Ryu que mais recorreram ao uso das técnicas de karaté no caso de violência em espaço público (28,6%). Os que menos utilizaram foram os praticantes de Shotokai e Shotokan, com igual percentagem (12,3%) (cf. Quadro 4.13).

Quadro 4.13: Uso do karaté num ato de violência em espaço público segundo o estilo de karaté (%)

Uso do karaté	Shotokai (n=106)	Shotokan (n=57)	Wado-Ryu (n=23)	Goju-Ryu (n=44)	Shito-Ryu (n=14)	Total (n=244)
Não	87,7	87,7	87,0	79,5	71,4	85,2
Sim	12,3	12,3	13,0	20,5	28,6	14,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Ao nível do uso do karaté em espaço público por sexo, constata-se que são uma proporcionalidade esmagadora do sexo masculino (13,9%) (cf. Quadro 4.14).

Quadro 4.14: Uso do karaté num ato de violência em espaço público segundo sexo (%)

Uso do karaté	Masculino (n=211)	Feminino (n=33)	Total (n=244)
Não	72,5	12,7	85,2
Sim	13,9	0,8	14,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Apesar das diferenças percentuais identificadas, estas não têm significância estatística. No cruzamento de dados segundo as variáveis independentes, não se encontram diferenças significativas quanto ao uso do karaté para se defenderem no espaço público e estilo de karaté praticado ($\chi^2=4,115$; d.f.=4; $p=0,391$), sexo ($\chi^2=2,293$; d.f.=2; $p=0,099$), a idade ($\chi^2=6,900$; d.f.=11; $p=0,807$) e a escolaridade ($\chi^2=1,638$; d.f.=2; $p=0,441$).

Em termos complementares, podemos referir que, na avaliação dos conflitos, verificamos que 13,1% são devidas a alterações (brigas, conflitos, etc.), 2,9% são no âmbito de legítima defesa⁶⁴ e 1,6% salientam que foi no uso da autoridade/forças de segurança. Nas

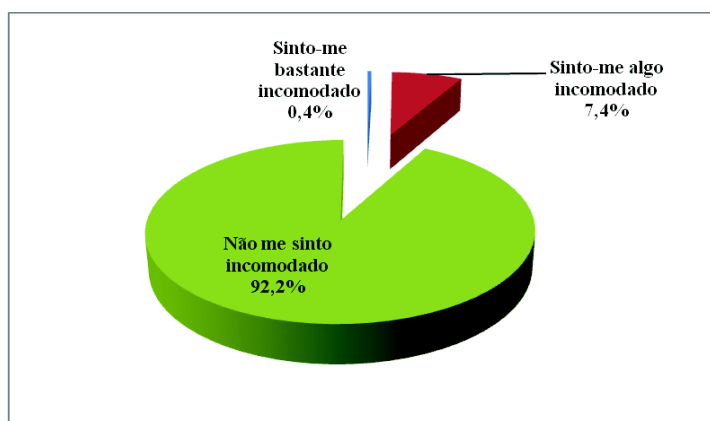
⁶⁴ Refira-se que “constitui legítima defesa o facto praticado como meio necessário para repelir a agressão atual e ilícita de interesses juridicamente protegidos do agente ou de terceiro”, segundo o Artigo 32.º do Código Penal. Para Mendes (2003), no direito de legítima defesa devem ser incluídos a vida, a integridade física, a saúde, a liberdade, o domicílio e o património e, excecionalmente, perante agressões repetidas e de extrema gravidade, todos os demais interesses juridicamente tutelados do agredido ou defendente. Sobre a substância do ato de legítima defesa, veja-se também o *Código Civil*, Artigo 337.º, e Lopes (2009).

entrevistas, não nos foi revelada nenhuma situação de conflito, a não ser um praticante ter sido obrigado a usar as técnicas do karaté para se defender de um assalto cometido na sua própria casa.

4.4 Valores

O karaté é uma prática mista onde homens e mulheres partilham o mesmo espaço: o *dojo* como temos vindo a referir. A maioria dos praticantes (92,2%) diz que não se sente incomodado quando pratica karaté com uma pessoa do sexo oposto, 7,4% diz que se sente um pouco incomodado e 0,4% afirma que se sente bastante incomodado (cf. Figura 4.12).

Figura 4.12: Preconceitos de género (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Numa análise por estilo de karaté, verifica-se que apenas um caso do Wado-Ryu se sente bastante incomodado (4,3%). No caso de se sentir algo incomodado, quando praticam com o sexo oposto, são igualmente os do estilo Wado-Ryu (8,7%) e os do estilo Shotokai (8,5%) e os que não se sentem nada incomodados são os do estilo Shotokan (94,7%), seguido do estilo Shotokai (91,5%) (cf. Quadro 4.15, na página seguinte).

Quadro 4.15: Incómodo na prática com os praticantes do sexo oposto segundo o estilo de karaté (%)

Incómodo	Shotokai (n=106)	Shotokan (n=57)	Wado-Ryu (n=23)	Goju-Ryu (n=44)	Shito-Ryu (n=14)	Total (n=244)
Sinto-me bastante incomodado			4,3			0,4
Sinto-me algo incomodado	8,5	5,3	8,7	6,8	7,1	7,4
Não me sinto incomodado	91,5	94,7	87,0	93,2		92,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Se cruzamos esta questão por sexo, verifica-se que, proporcionalmente, os homens tendem mais a manifestarem-se algo incomodados quando praticam com o sexo oposto do que as mulheres, respetivamente 8,1% face 3% (cf. Quadro 4.16).

Quadro 4.16: Incómodo na prática com os praticantes do sexo oposto segundo o sexo (%)

Incómodo	Masculino (n=211)	Feminino (n=33)	Total (n=244)
Sinto-me bastante incomodado	0,5		0,4
Sinto-me algo incomodado	8,1	3,0	7,4
Não me sinto incomodado	91,5	97,0	92,2
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

O Quadro seguinte apresenta as médias sobre os preconceitos de género pelos estilos de karaté, sexo, idade e escolaridade (cf. Quadro 4.17, na página seguinte). De fato, não se permite constatar grandes diferenças, a não ser para um praticante do estilo Wado-Ryu, que se sente bastante incomodado, com a idade entre os 16 e 20 anos. Ainda assim as médias não são muito elevadas.

Quadro 4.17: Incómodo na prática com os praticantes do sexo oposto, segundo os estilos de karaté, sexo, idade e escolaridade (média e desvio padrão)

	Variáveis	Total	Incómodo
Estilos de karaté	Shotokai	2,92 ± 0,280	Sinto-me algo incomodado
	Shotokan	2,95 ± 0,223	Sinto-me algo incomodado
	Gojo-Ryu	2,93 ± 0,255	Sinto-me algo incomodado
	Wado-Ryu	2,83 ± 0,491	Sinto-me algo incomodado
	Shito-Ryu	2,93 ± 0,267	Sinto-me algo incomodado
Sexo	Masculino	2,91 ± 0,303	Sinto-me algo incomodado
	Feminino	2,97 ± 0,174	Sinto-me algo incomodado
Idade	< de 15 anos	2,75 ± 0,442	Sinto-me algo incomodado
	16 – 20 anos	2,84 ± 0,501	Sinto-me algo incomodado
	21 – 25 anos	2,92 ± 0,282	Sinto-me algo incomodado
	26 – 30 anos	2,97 ± 0,164	Sinto-me algo incomodado
	31 – 35 anos	2,94 ± 0,246	Sinto-me algo incomodado
	36 – 40 anos	2,88 ± 0,338	Sinto-me algo incomodado
	41 – 45 anos	2,78 ± 0,441	Sinto-me algo incomodado
	46 – 50 anos	3,00 ± 0,000	Não me sinto incomodado
	51 – 55 anos	2,92 ± 0,289	Sinto-me algo incomodado
	56 – 60 anos	3,00 ± 0,000	Não me sinto incomodado
	61 – 65 anos	3,00 ± 0,000	Não me sinto incomodado
	66 – 70 anos	3,00 ± 0,000	Não me sinto incomodado
	71 – 75 anos	3,00 ± 0,000	Não me sinto incomodado
Escolaridade	Doutoramento	3,00 ± 0,000	Não me sinto incomodado
	Mestrado	2,94 ± 0,250	Sinto-me algo incomodado
	Licenciatura	2,96 ± 0,208	Sinto-me algo incomodado
	Bacharelato	3,00 ± 0,000	Não me sinto incomodado
	Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos)	2,89 ± 0,348	Sinto-me algo incomodado
	3.º Ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos)	2,90 ± 0,298	Sinto-me algo incomodado
	2.º Ciclo (5.º e 6.º anos)	2,78 ± 0,441	Sinto-me algo incomodado
	1.º Ciclo (escola primária)	3,00 ± 0,000	Não me sinto incomodado
	Outro	2,92 ± 0,289	Sinto-me algo incomodado

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Como as respostas afirmativas são limitadas, não é possível aplicar o teste estatístico. Também o Quadro seguinte dá conta que os praticantes concordam totalmente que em Portugal as relações entre praticantes do sexo oposto são ausentes de atitudes sexistas e discriminatórias (42,6%), que uma mulher pode ser tão boa karateca quanto um homem (65,6%) e que um/uma homossexual pode ser tão bom/boa karateca quanto os outros (55,7%) (cf. Quadro 4.18, na página seguinte).

Quadro 4.18: Tolerância e preconceitos de género entre os praticantes de karaté (%)

Grau de concordância	Em Portugal, as relações entre praticantes do sexo diferente são ausentes de atitudes sexistas e discriminatórias	Uma mulher pode ser tão boa karateca quanto um homem	Um/uma homossexual pode ser um bom/boa karateca	Total (%)
Concordo totalmente	42,6	65,6	55,7	54,6
Concordo	37,3	28,7	25,4	30,5
Não concordo nem discordo	10,7	2,9	13,9	9,2
Discordo	7,0	2,0	2,9	4,0
Discordo totalmente	2,5	0,8	2,0	1,8
Total (n=244)	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

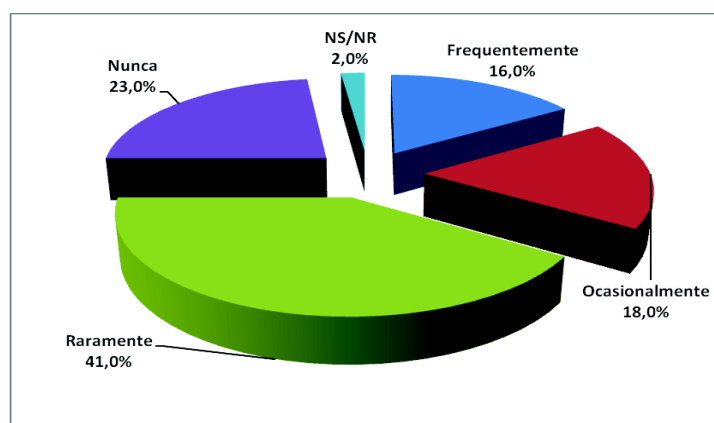
O cruzamento dos preconceitos de género através do qui-quadrado, pelas variáveis estilo de karaté ($\chi^2=10,325$; d.f.=8; $p=0,243$), sexo ($\chi^2=1,227$; d.f.=2; $p=0,541$), idade ($\chi^2=27,665$; d.f.=22; $p=0,187$) e escolaridade ($\chi^2=4,260$; d.f.=4; $p=0,372$), não permite encontrar diferenças estatisticamente significativas. Como vemos, no que respeita à ausência de preconceitos de género, encontra-se uma grande semelhança nos valores portadores dos inquiridos da nossa amostra a este respeito, apesar das diferenças de atitudes referidas, o que vai ao encontro da hipótese em discussão.

Preconceitos étnicos

Os treinos de karaté implicam passar muito tempo com outras pessoas/praticantes, de origens diversas, criando-se afinidades e/ou preconceitos (cf. ponto 2.4 – “Características dos Karatecas Inquiridos: Perfil e Práticas”) onde se apresentam alguns dados referentes às características da prática, nomeadamente os estágios e as deslocações).

Sobre se no *dojo* frequentam praticantes que podem ser identificados como um grupo étnico diferente daquele com que o karateca se identifica, a maioria dos inquiridos responde que raramente (41%), sendo que 18% refere ocasionalmente e 16% frequentemente (Figura 4.13, na página seguinte).

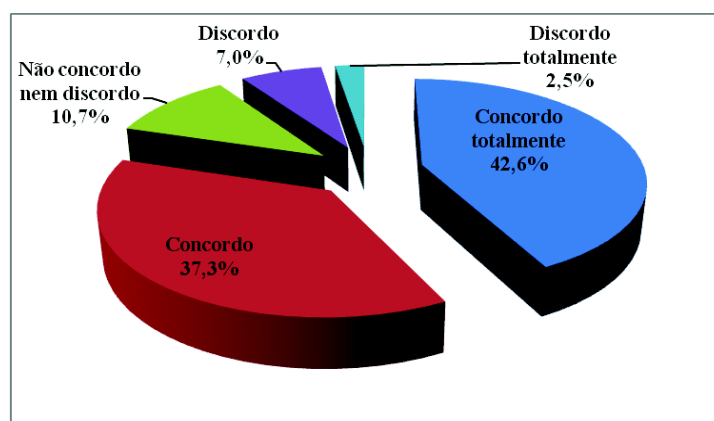
Figura 4.13: Frequência nos treinos com praticantes de grupos étnicos diferentes (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karatê em Portugal”, 2010-2011

Sobre se concordam com a existência de preconceitos étnicos, a maioria concorda que as relações entre praticantes de diferentes origens étnicas são geralmente de respeito (79,9%), mas 9,5% discorda e 10,7% manifesta dúvida (cf. Figura 14).

Figura 4.14: Relações entre praticantes de grupos étnicos diferentes (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karatê em Portugal”, 2010-2011

Os praticantes também consideram que os karatecas negros são geralmente mais agressivos na prática do karatê (65,6%) e que os karatecas de origem asiática são geralmente mais dotados na prática do karatê (55,7%) (cf. Quadro 4.19, na página seguinte).

Quadro 4.19: Frequência nos treinos com praticantes de grupos étnicos diferentes (%)

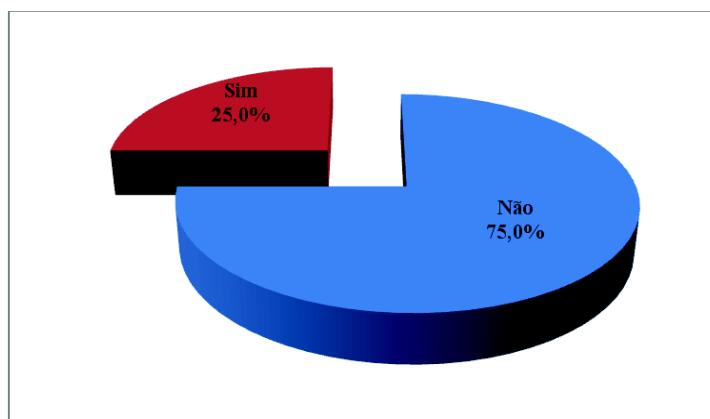
Grau de concordância	Na minha experiência de prática do karatê, em Portugal, as relações entre praticantes de diferentes origens étnicas são geralmente de respeito	Os karatecas negros são geralmente mais agressivos na prática do karatê	Os karatecas de origem asiática são geralmente mais dotados na prática do karatê
Concordo totalmente	42,6	65,6	55,7
Concordo	37,3	28,7	25,4
Não concordo nem discordo	10,7	2,9	13,9
Discordo	7,0	2,0	2,9
Discordo totalmente	2,5	0,8	2,0
Total (n=244)	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karatê em Portugal”, 2010-2011

Alimentação, saúde e bem-estar

Como defendem Turner (1994) e Wacquant (2000), o corpo do atleta requer disciplina, vigilância e regulação. Essa disciplina e vigilância passa por um cuidado relativamente ao que se come e ao que se bebe. Porém, os inquiridos da nossa amostra afirmam na sua esmagadora maioria (75%), que a prática do karatê não influencia ao nível das práticas alimentares, embora 25% tenham afirmado que sim (cf. Figura 4.15).

Figura 4.15: Influência ao nível das práticas alimentares (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karatê em Portugal”, 2010-2011

Eis alguns exemplos das respostas que obtivemos em entrevistas e a observação participante: “algumas restrições”; “melhoria dos hábitos alimentares”; “alimentação à base

de massas e carnes brancas”; “alimentação mais racional/equilibrada (para controlar o peso)”;

“evitar carne (por causa da flexibilidade)”;

“ingestão de maior quantidade de vegetais e menos açúcar”;

“menos vezes carne e mais frutas e vegetais”;

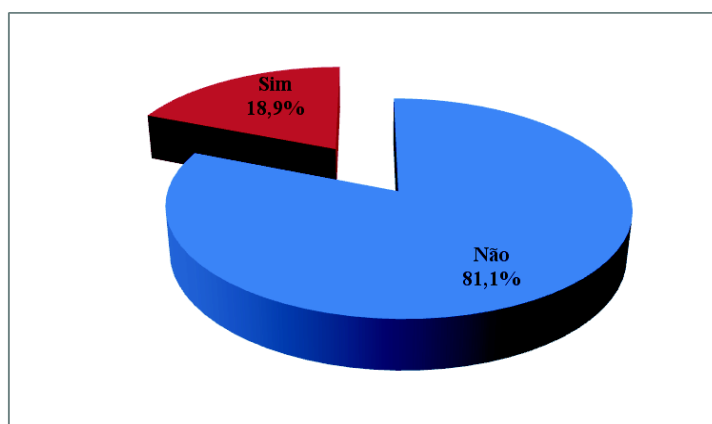
“não consumo fritos nem refogados”;

“regime alimentar para baixar o peso nas competições”;

“plano alimentar cuidado”.

Para além da influência ao nível alimentar, constatamos que alguns praticantes afirmam recorrer a terapias alternativas ou complementares à medicina convencional (18,9%) (cf. Figura 4.16).

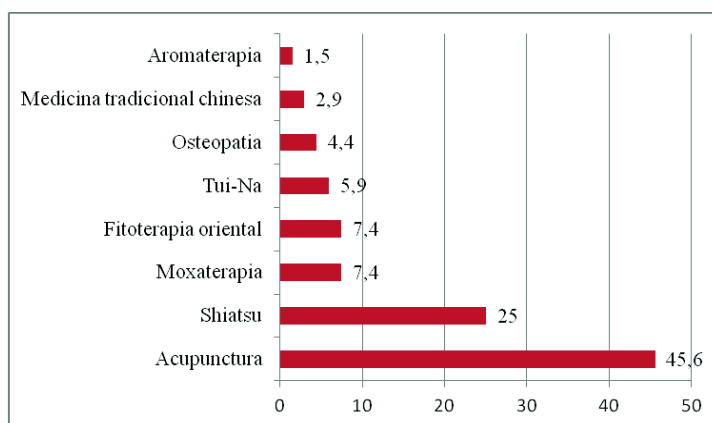
Figura 4.16: Recurso a terapias alternativas ou complementares à medicina convencional (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Destes, em primeiro lugar, surge a acupunctura (técnica medicinal que consiste na colocação de agulhas muito finas em pontos específicos do corpo, com o fim de melhorar o estado de saúde) com 45,6%, seguido de shiatsu (forma de manipulação, utilizando o polegar, os dedos e a palma das mãos), com 25%. A terapia alternativa ou complementar menos utilizada pelos praticantes avançados de karaté é a aromaterapia (tratamento baseado no efeito da influência dos aromas de plantas no bem-estar do indivíduo), com 1,5% (cf. Figura 4.17).

Figura 4.17: Tipo de terapias alternativas ou complementares à medicina convencional (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Como sublinha Lipovetsky (1988, p. 21), o recurso às terapias alternativas ou complementares às práticas terapêuticas da medicina convencional têm-se tornado cada vez mais frequente nos tempos presentes:

A medicina sofre uma evolução paralela: acupunctura, visualização do corpo interno, tratamento natural por meio de ervas, homeopatia, as terapias “suaves” conquistam terreno, advogando a subjetivação da doença, a gestão “holística” da saúde pelo próprio indivíduo, a exploração mental do corpo em rutura com o dirigismo hospitalar; o doente já não deve continuar a sofrer passivamente o seu estado, é responsável pela sua saúde, pelos seus sistemas de defesa, graças às potencialidades da autonomia psíquica.

Também Clément (2001) defende que as significações e os usos das artes marciais devem ser situadas(os) no espaço das práticas culturais que possuem a sua própria historicidade, o seu universo simbólico, e uma dinâmica de aculturação singular. Por outro lado, como referimos, o recurso a tratamentos alternativos é fruto de um cada vez maior reconhecimento da sociedade Ocidental a estas práticas, ainda assim com fraca expressão nos karatecas da nossa amostra.

Influência linguística do japonês

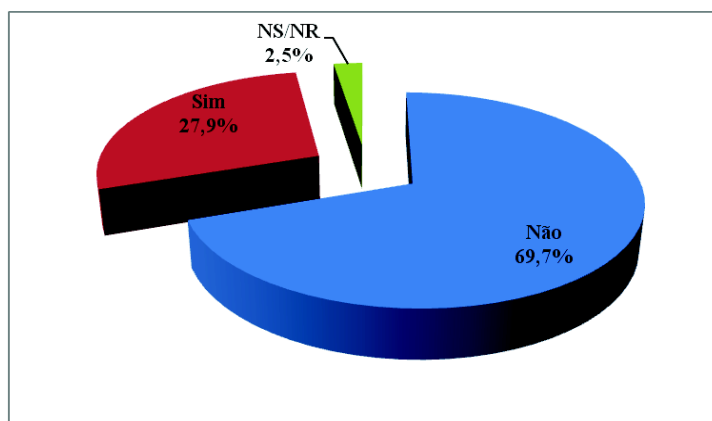
Como vimos no Capítulo III, é o mestre/treinador que dá as vozes e as ordens de comando do treino. Estas caracterizam-se por serem em japonês: contagem, nomes das técnicas de defesa e de ataque, movimentos corporais, etc., o que leva, de uma forma natural, os praticantes a terem um primeiro contacto com a língua e assimilarem algumas palavras em

japonês. O mesmo se verifica quando os mestres japoneses são convidados a orientarem os treinos ou estágios.

Num treino em que participámos em Lisboa, em 2007, um mestre japonês (convidado) falou durante duas horas de treino em japonês. O intérprete, com sete anos de aprendizagem de japonês, disse, no final a todos os praticantes, que teve muita dificuldade em perceber o que ele disse e que apenas percebeu algumas palavras. A maioria dos praticantes comentou que, sem compreenderem uma palavra, tinha sido “*um dos melhores treinos que tiveram e que aprenderam muito*” (Diário de campo, 25 de março de 2007). De fato, a aprendizagem do karaté faz-se por imitação dos movimentos dos outros, num processo de alteridade.

No entanto, o envolvimento dos karatecas não os leva a aprender a língua japonesa de forma formal, tal como evidenciam as respostas dos nossos inquiridos, pois apenas 27,9% afirmou que sim, face a 69,7% que não (cf. Figura 4.18).

Figura 4.18: Aprendizagem de língua japonesa (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

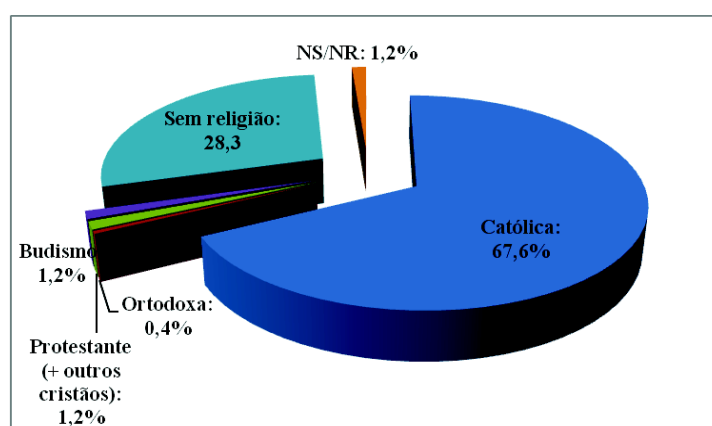
Numa análise utilizando o teste inferencial χ^2 , os dados revelam não existir associação entre a influência linguística e o estilo de karaté ($\chi^2=1,581$; d.f.=4; $p=0,812$), o sexo ($\chi^2=1,140$; d.f.=2; $p=0,286$), a idade ($\chi^2=13,341$; d.f.=11; $p=0,272$) e a escolaridade ($\chi^2=2,503$; d.f.=2; $p=0,286$), por isso, também na aprendizagem da língua japonesa encontramos bastante semelhança nas práticas.

4.5 Religião e Espectro Político-Ideológico

Crenças e prática religiosa

A maioria dos karatecas inquiridos declarou ser da religião católica (67,6%) ou de outras Igrejas cristãs (1,6%), por isso crenças do Ocidente. Apenas 1,2% afirmou perfilhar o Budismo do Oriente. Os restantes 28,3% afirmam não ser crente (Figura 4.19).

Figura 4.19: Distribuição dos inquiridos segundo a religião (%)

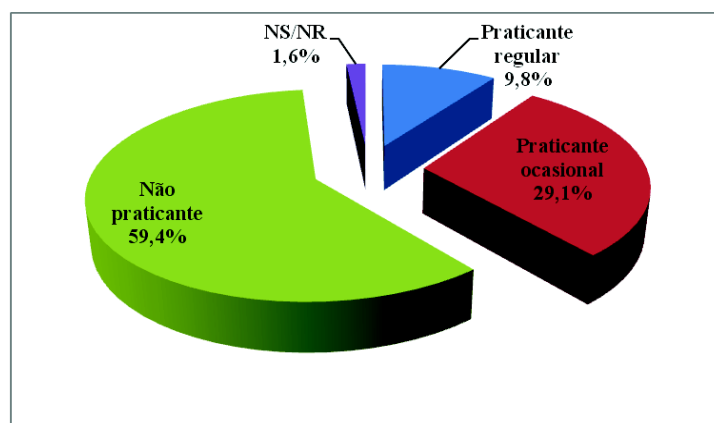


Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Tal como vimos no Capítulo I, Braunstein (2001, p. 251) refere que a prática das artes marciais oferece uma forma (não obrigatória) de espiritualidade (um universo de sentido), que não se insere numa tradição religiosa (oriental ou ocidental) bem definida, mas numa forma de “bricolagem” em torno de “vagos denominadores comuns de sabor oriental”. Por outro lado, as “religiões éticas” do Oriente englobam o budismo, o confucionismo e o taoísmo, embora no universo dos karatecas da nossa amostra, apenas o budismo tenha sido referido por 1,24%. Estas religiões não têm Deuses, valorizam e fundamentam-se em ideais éticos que relacionam o crente com a coesão e unidade naturais do Universo.

Com respeito à prática religiosa, realiza-se que 59,4% não é praticante, 29,1% é praticante ocasional e apenas 9,8% afirma que tem uma prática regular (cf. Figura 4.20).

Figura 4.20: Distribuição dos inquiridos segundo a prática religiosa (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Na análise sobre a prática religiosa por estilo de karaté, como evidencia o Quadro 4.20, é possível observar que os praticantes do estilo Wado-Ryu são proporcionalmente mais regulares do que os restantes estilos de karaté (13,6%). No que diz respeito à prática ocasional, constata-se que são os praticantes Shotokan e Wado-Ryu (40,4% e 40,9%, respetivamente).

Quadro 4.20: Prática religiosa segundo o estilo de karaté (%)

Prática religiosa	Shotokai (n=93)	Shotokan (n=45)	Wado-Ryu (n=15)	Goju-Ryu (n=39)	Shito-Ryu (n=14)	Total (n=244)
Praticante regular	12,3	10,5	13,6	4,9	0,0	9,8
Praticante ocasional	25,5	40,4	40,9	22,0	21,4	29,1
Não praticante	62,3	49,1	45,5	73,2	78,6	59,4
NS/NR						1,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Na repartição por sexo, constata-se que homens e mulheres têm percentagens quase semelhantes em termos de prática ocasional (29,4%, mulheres e 29,3%, homens). Em termos de prática regular, são proporcionalmente mais as mulheres (20,6%) do que os homens (8,2%), (cf. Quadro 4.21, na página seguinte).

Quadro 4.21: Prática religiosa segundo o sexo (%)

Prática religiosa	Masculino (n=208)	Feminino (n=36)	Total (n=244)
Praticante regular	8,2	20,6	9,8
Praticante ocasional	29,3	29,4	29,1
Não praticante	62,5	44,1	59,4
NS/NR			1,6
Total	100,0	100,0	100,0

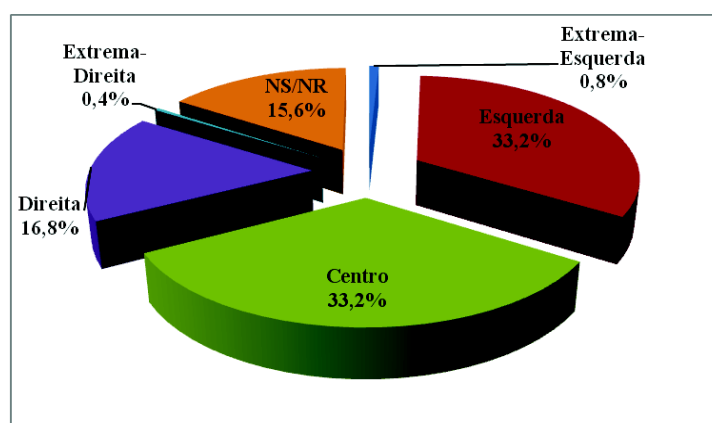
Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Apesar das diferenças proporcionais referidas, o teste inferencial χ^2 revela não existir associação entre a prática religiosa e as variáveis estilo de karaté ($\chi^2=12,187$; d.f.=8; $p=0,143$), sexo ($\chi^2=6,362$; d.f.=2; $p=0,042$), idade ($\chi^2=32,771$; d.f.=22; $p=0,065$) e escolaridade ($\chi^2=18,722$; d.f.=4; $p=0,001$). Os dados permitem-nos concluir que o universo em análise não apresenta nos seus quotidianos uma afinidade com as práticas religiosas, fornecendo-lhe por essa via, identidade, apesar das diferenças assinaladas, tal como pressupõe a hipótese em discussão neste capítulo.

Espectro político-ideológico

No caso do espectro político-ideológico, a maioria dos karatecas inquiridos situa-se no espectro da “Esquerda” e “Centro”, ambos com 33,2%), e de “Direita” 16,8%. Os restantes quadrantes (“Extrema-Direita” e “Extrema-Esquerda”) apresentam uma menor adesão como evidencia a Figura 4.21, na página seguinte. De notar que 15,6% não sabe ou não respondeu a esta questão (devido talvez à idade muito jovem (< de 18 anos), ou por se considerarem apartidários, ou por simplesmente não quererem responder).

Figura 4.21: Espectro político-ideológico (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

No cruzamento do espectro político com o estilo de prática do karaté, encontramos algumas diferenças, pois verifica-se que os de Shotokai se posicionam proporcionalmente mais ao “Centro” (46,2%), e os do estilo Shotokan ao “Centro e à Esquerda”, com igual percentagem (40%), enquanto os do estilo Wado-Ryu à “Direita”, os do estilo Goju-Ryu e Shito-Ryu claramente à “Esquerda” (46,2% e 71,4%, respetivamente) (cf. Quadro 4.22).

Quadro 4.22: Espectro político segundo o estilo de karaté (%)

Espectro Político	Shotokai (n=93)	Shotokan (n=45)	Wado-Ryu (n=15)	Goju-Ryu (n=39)	Shito-Ryu (n=14)	Total (n=244)
Extrema-Esquerda	1,1	0,0	0,0	2,6	0,0	0,8
Esquerda	35,5	40,0	13,3	46,2	71,4	33,2
Centro	46,2	40,0	33,3	28,2	28,6	33,2
Direita	17,2	20,0	46,7	23,1	0,0	16,8
Extrema-Direita	0,0	0,0	6,7	0,0	0,0	0,4
NS/NR						15,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Na análise sobre as diferenças de género na perfilhação político-ideológica ou partidária, os homens são proporcionalmente mais de esquerda (41,9%), enquanto as mulheres essencialmente centristas (55,6%) (cf. Quadro 4.23, na página seguinte).

Quadro 4.23: Espectro político segundo o sexo (%)

Espectro Político	Masculino (n=179)	Feminino (n=27)	Total (n=244)
Extrema-Esquerda	1,1	0,0	0,8
Esquerda	41,9	22,2	33,2
Centro	36,9	55,6	33,2
Direita	19,6	22,2	16,8
Extrema-Direita	0,6	0,0	0,4
NS/NR			15,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karatê em Portugal”, 2010-2011

Porém, relativamente ao cruzamento do espectro político-ideológico com o estilo de karatê, o sexo, a idade e a escolaridade, verifica-se que não existem diferenças significativas: estilo de karatê ($\chi^2=33,178$; d.f.=16; $p=0,007$), sexo ($\chi^2=4,930$; d.f.=4; $p=0,295$), idade ($\chi^2=54,406$; d.f.=44; $p=0,135$) e escolaridade ($\chi^2=9,888$; d.f.=8; $p=0,273$).

Como vemos, no que se refere ao espectro político ou partidário dos karatecas em análise, encontramos uma variedade de diferenças que não nos permite traçar um perfil, ainda que em termos estatísticas estas não apresentem significância.

4.6 O Karatê como Estilo de Vida Identitário

Importa aqui fazer uma análise dos resultados deste capítulo e discutirmos a nossa primeira hipótese. Recordamos que partimos do pressuposto que se encontraria um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes do karatê, ainda que, decorrente de usos e disposições sociais particulares, se encontrasse alguma diferenciação segundo o estilo adotado na prática, independentemente do sexo, idade e escolaridade. Tendo por base as variáveis e indicadores mobilizados para medir as práticas, atitudes e valores identificadores de um estilo de vida identitário, tanto quando pudéssemos constatar, os dados apontam para a confirmação da hipótese, grosso modo.

Os dados permitiram constatar que a maioria dos karatecas sócios de um clube ou associação nunca participou nas assembleias-geral (45,3% e 48,1%, respetivamente), estando,

assim, afastados das decisões das direções. São sobretudo os do estilo Shotokai que mais participam, e os mais afastados são os do estilo Shito-Ryu.

Quando se fala em investimento (envolvimento), é no karaté que os inquiridos mais apostam (65,2%), no entanto, afirmam praticar outras modalidades desportivas incluindo outras artes marciais ou desportos de combate, ainda que em reduzido número (18,4%).

Em termos de sacrifícios pessoais, familiares e profissionais devido à dedicação à prática do karaté, a maioria dos praticantes afirma que não interfere com os seus compromissos familiares (67,6%), nem com os profissionais (67,8%), conseguindo, assim, conciliar a sua vida.

O karaté, enquanto arte marcial nipónica, traz as marcas das suas origens e tem por objetivo a aprendizagem de técnicas de autodefesa. Todavia, a maioria dos praticantes nunca estiveram envolvidos num ou mais atos de violência fora do centro de prática, facto só referido por uma minoria (14,8%). Quando isso acontece, são sobretudo os homens, 13,9% face a 0,8%. Os dados apontam assim para o facto, de que a cultura do karaté reserva-o ao *dojo*, onde se jogam valores de ascese e não de violência capazes de serem transportados para a sociedade civil.

Nos centros de prática cruzam-se homens e mulheres, jovens e adultos, e de forma menos presente pessoas de diferentes etnias, ainda assim, os valores dominantes não apresentam preconceitos sociais de género ou étnicos. Na realidade esta heterogeneidade da prática do karaté dota-o de uma singularidade propensa à criação de uma identidade própria ou específica. A este respeito verificámos que 44,3% dos inquiridos afirmam ter familiares ou pessoas próximas a praticar karaté.

Sobre a alimentação, saúde e bem-estar, os inquiridos da nossa amostra afirmam, na sua esmagadora maioria, de que a prática do karaté não influencia ao nível das práticas alimentares (13,5%). Também o seu envolvimento no karaté, não os leva a aprender a língua japonesa de forma formal, apenas 27,9% afirmam que sim.

Na realidade, os dados denotam que as influências da cultura oriental não se encontram muito presentes nos seus quotidianos. Também, em termos crenças religiosas, os inquiridos são maioritariamente cristãos (67,6% católicos e 1,6% de outras Igrejas), e sem religião 28,3%. As crenças de índole oriental apresentam uma diminuta adesão (Budismo,

1,2%). Ainda assim, apenas uma minoria afirma ter uma prática religiosa regular (9,8%), proporcionalmente superior nas mulheres face aos homens (respetivamente, 20,6% e 8,2%).

No que concerne ao espectro-político, verifica-se que os karatecas maioritariamente têm uma afiliação política situada no centro-esquerda (ambas com 33,2%). Os que se posicionam nas extremidades (extrema-esquerda ou extrema-direita) são por isso minoritários. Ainda assim, os homens proporcionalmente afirmam mais ser de esquerda (41,9%), e as mulheres do centro (55,6%). A análise percentual do espectro-político segundo os estilos de karaté permitiu-se igualmente encontrar variações. Grosso modo, os de Shotokai posicionam-se proporcionalmente mais ao “Centro” (46,2%), enquanto os do estilo Wado-Ryu à “Direita”, e os do estilo Goju-Ryu e Shito-Ryu claramente à “Esquerda” (46,2% e 71,4%, respetivamente).

Para concluirmos, e com base nos resultados apurados, podemos comprovar, em parte, a nossa primeira hipótese de investigação, isto é, de que se encontra um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes de karaté, ainda que decorrente de usos e disposições sociais particulares se encontre alguma diferenciação, mas independentemente do estilo adotado na prática, em contradição com o pressuposto inicial, pois as diferenças encontradas não apresentam significância estatística.

Já relativamente à influência das restantes variáveis independentes, os dados confirmam que, de facto, elas são independentes, tal como pressupunha a nossa hipótese, pois apesar das diferenças assinaladas, estas não revelaram ter significância estatística. De fato, não existem diferenças entre os estilos de karaté, tal como entre as restantes variáveis independentes consideradas (sexo, idade e escolaridade), fato que reforça o sentido da nossa hipótese central em discussão neste capítulo, i.e., encontra-se um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes do karaté da nossa amostra.

CAPÍTULO V – A EXPRESSÃO *BUDÔ* E AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS NO KARATE

No presente capítulo encontra-se em análise e discussão a segunda hipótese, que traçamos para o aprofundamento do nosso objecto de estudo (cf. Capítulo II), cujo pressuposto aponta para que a maioria dos praticantes experientes de karaté conceba a sua prática como expressão do *Budô*, reproduzida de forma dominante pelos agentes de ensino da modalidade através de práticas de luta convencional, imagens, símbolos e veiculação de valores, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

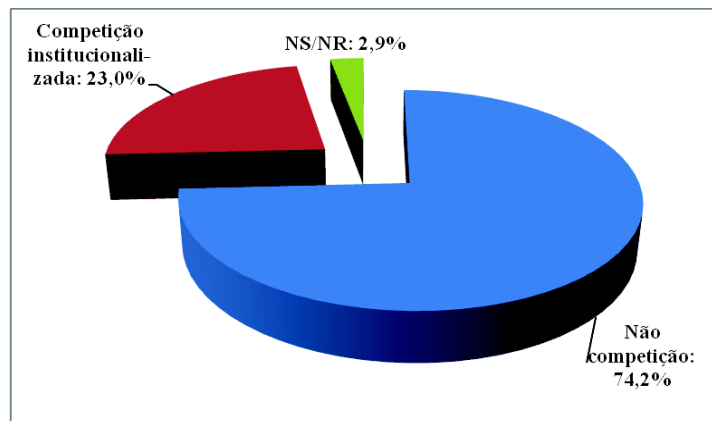
De acordo com o MAD (Quadro 2.1), foram definidas as variáveis dependentes: Expressão do *Budô* (V1.2) e Disposições Sociais para com a Modalidade (V1.3). Como variáveis independentes, definimos: I1.3.6 Estilos de Karaté da V2.2 Envolvimentos no Karaté; I4.1.1 Sexo da V4.1 Género, Idade (V.4.2), I4.3.1 Escolaridade da V4.3 Grupo Social.

Iremos começar por analisar as orientações da prática do karaté, seguindo-se as razões para a prática, concepções sobre a modalidade, a que intitulámos arte, tradição e competição, os estilos de autoridade dos agentes de ensino, e por fim, a título conclusivo da segunda hipótese em discussão, o ponto que designámos orientações e trajetórias.

5.1 Orientações da Prática do Karaté

Segundo os inquiridos da nossa amostra, 74,2% pratica o karaté de não competição e apenas 23% pratica competição institucionalizada, isto é, enquadrada pelos clubes, associações e federação (cf. Figura 5.1, na página seguinte).

Figura 5.1: Âmbito da prática do karaté (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Os praticantes que fizeram competição institucionalizada (23%), mas que interromperam, enunciaram razões como a saúde (16%), os motivos escolares (13,9%) e os pessoais (10,7%). Em menor escala, encontram-se os motivos familiares (2,5%), os desportivos (e.g. idade) (1,2%), e, por fim, motivos de migração (0,8%), como vimos no Capítulo II (cf. Quadro 2.11).

Três excertos de entrevistas são elucidativos dos principais motivos para a desistência da competição – desportivos, idade e saúde –, aqui apresentados enquanto tipo de testemunhos (cf. Quadro 5.1):

Quadro 5.1: Motivos para a desistência da competição segundo os entrevistados

Desportivos e pela idade	“Pratiquei karaté de competição porque gostei de testar as minhas capacidades, conhecimentos com adversários e ser avaliado por tal. Abandonei pelo facto de desempenhar a função de treinador e pela idade” (João Dias, 50 anos, 6.º <i>dan</i> Shito-ryu).
Desportivos	“Abandonei [a competição], ponderando ter atingido todos os objetivos pretendidos, após vários títulos de campeão nacional e ter representado várias vezes a seleção nacional. Optei, então, por me manter no sistema competitivo enquanto treinador e árbitro” (Nuno Carneira, 41 anos, 5.º <i>dan</i> Goju-ryu).
Saúde	“Sim, pratiquei karaté de competição. Fiz esta escolha para saber ensinar competição e para ter a noção do que se sente quando se está num ambiente competitivo e saber passar essa mensagem aos meus competidores, procurando ajudá-los tanto psicologicamente como técnica e estrategicamente Abandonei pelo facto de ter um desvio com rotação na coluna e o início de duas hérnias discais” (Armando Inocentes, 54 anos, 4.º <i>dan</i> Goju-ryu).

Fonte: Entrevistas efetuadas entre 2011 e 2012

Numa análise do âmbito de prática, segundo o estilo de karaté, consta-se que é o estilo Wado-Ryu que mais pratica competição (47,6%), seguido do estilo Shotokan (37%) (cf. Quadro 5.2).

Quadro 5.2: Âmbito de prática segundo o estilo de karaté (%)

Modo de prática	Shotokai (n=105)	Shotokan (n=54)	Goju-ryu (n=43)	Wado-ryu (n=21)	Shito-ryu (n=14)	Total (n=244)
Não competição	90,5	63,0	72,1	52,4	71,4	74,2
Competição institucionalizada	9,5	37,0	27,9	47,6	28,6	23,0
NS/NR (n=7)						2,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Os homens praticam proporcionalmente mais o karaté de não competição (78%), enquanto as mulheres a competição institucionalizada (34,4%) (cf. Quadro 5.3).

Quadro 5.3: Âmbito de prática segundo o sexo (%)

Modo de prática	Masculino (n=181)	Feminino (n=56)	Total (n=244)
Não competição	78,0	65,6	74,2
Competição institucionalizada	22,0	34,4	23,0
NS/NR (n=7)			2,9
Total	100,0	100,0	100,0

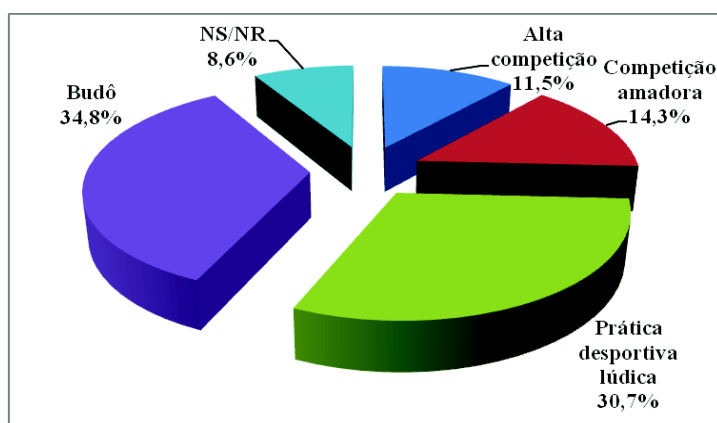
Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Esta tendência dos karatecas da nossa amostra parece constituir uma das especificidades das artes marciais menos envolvidas nos quadros competitivos do desporto tradicional, o que poderá fazer crer que são pouco praticadas, dada a sua fraca visibilidade.

Sobre a orientação ou conceção do karaté que os praticantes privilegiam (vertente pessoal), e a orientação da prática do karaté que é privilegiado no centro de prática (vertente externa, direccionada pelo instrutor), os dados revelam-se praticamente semelhantes: *Budô* (via marcial) (34,8%), prática lúdica desportiva (30,7%), para a primeira vertente, e *Budô* (38,1%) e a prática lúdica desportiva (30,7%) (cf. Figuras 5.2, e 5.3, na página seguinte)⁶⁵.

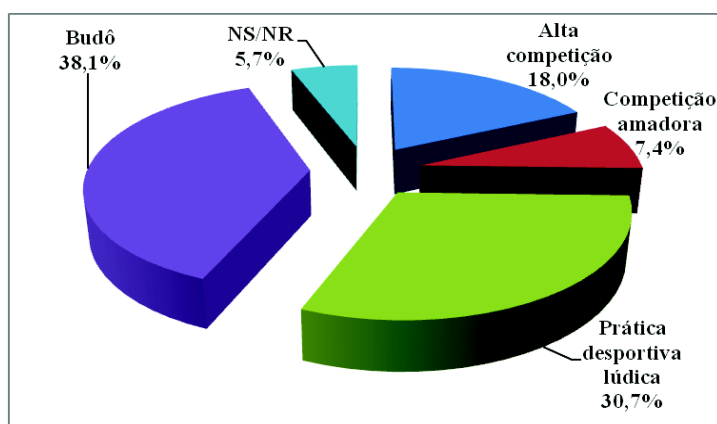
⁶⁵ O tipo de categorias em análise compreende-se dado as características dos karatecas da nossa amostra. Como vimos no Capítulo II, trata-se de detentores de graduações técnicas superiores, e que por isso, se encontram iniciados nos sentidos da terminologia fundamental do karaté.

Figura 5.2: Conceção ou orientação do karaté que privilegiam (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Figura 5.3: Conceção ou orientação do karaté que é mais privilegiada nos centros de prática (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

As duas figuras mostram que a maior percentagem dos nossos respondentes, mas não a maioria, indica a preferência por uma conceção da sua prática enquanto *Budô*. Esta questão é ainda comprovada com a importância que os praticantes dão aos códigos das normas de conduta do *dojo* associado aos princípios éticos do *Budô* e à manutenção dos ritos e símbolos oriundos do país do Sol-Nascente, como veremos mais à frente neste trabalho e pressupõe a nossa hipótese.

O conceito de *Budô*, visto em detalhe no Capítulo I, e apresentado pelo sociólogo japonês Tokitsu (1979), é uma disciplina que integra as práticas de combate e o modo de existência, desenvolvido pelos guerreiros Samurais, na época feudal nipónica. Não é apenas uma dialética dos elementos das técnicas de combate, mas uma prática que inclui elementos

contraditórios. Na Europa, um número considerável de pessoas interessa-se pelas artes marciais, nomeadamente o *Budô* japonês. No entanto, se a prática do *Budô* é relativamente popular, o seu estudo é limitado a um quadro reduzido. Uma das principais razões é que o *Budô*⁶⁶ não encontrou o seu lugar adequado, na medida em que ele se situa à margem do desporto tradicional da cultura do Ocidente, onde domina a competição (Tokitsu, 2001), daí a pertinência da hipótese em discussão.

Na análise segundo os estilos, constata-se que são sobretudo os praticantes de karaté Shotokai que preferem o *Budô* (44,1%), seguidos do Goju-Ryu (42,1%). No caso da preferência pela competição, são principalmente os praticantes do estilo Wado-Ryu (40,9%) como elucida o Quadro 5.4.

Quadro 5.4: Orientação do karaté que mais privilegia segundo o estilo de karaté (%)

Orientação ou conceção do karaté que mais privilegia	Shotokai (n=102)	Shotokan (n=56)	Goju-ryu (n=38)	Wado-ryu (n=22)	Shito-ryu (n=12)	Total (n=244)
Alta competição	13,7	26,8	13,2	40,9	8,3	18,0
Competição amadora	5,9	10,7	13,2	4,5	0,0	7,4
Prática desportiva lúdica	36,3	26,8	31,6	22,7	50,0	30,7
Budô	44,1	35,7	42,1	31,8	41,7	38,1
NS/NR (n=14)						5,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Também os homens e as mulheres continuam a preferir o *Budô* (39,5% e 46,7%, respetivamente), como mostra o Quadro 5.5, na página seguinte. Na alta competição verificam-se percentagens maiores para as mulheres (30%) face aos homens (17,5%).

⁶⁶ O espírito do *Budô* é totalmente diferente do desporto moderno de índole britânico que, como vimos no Capítulo I, no final do século XIX se desportivizou à escala mundial ou global (Elias, 1992). Nos anos 30, como vimos no Capítulo III, o conhecimento das práticas corporais japonesas e chinesas era ainda fraco e inexato (Rey, 2001), sendo que os japoneses utilizam, atualmente, este termo justamente para designar as artes marciais. O termo tem, à partida, uma dimensão ética e uma certa ideia de “japonitude”. Por outro lado, o termo “artes marciais”, no seu sentido verdadeiro das artes da guerra, não designa somente as artes do manejo das armas, mas compreende também a arte das fortificações e a estratégia.

Quadro 5.5: Orientação ou conceção do karaté que mais privilegia segundo o sexo (%)

Orientação ou conceção do karaté que privilegia	Masculino (n=200)	Feminino (n=30)	Total (n=244)
Alta Competição	17,5	30,0	18,0
Competição amadora	8,5	3,3	7,4
Prática desportiva lúdica	34,5	20,0	30,7
Budô	39,5	46,7	38,1
NS/NR (n=14)			5,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Apesar das diferenças assinaladas, o teste estatístico revela que não há associação entre a orientação e os estilos: ($\chi^2=17,751$; d.f.=5; $p=0,123$), e também não permite verificar diferenças para o sexo ($\chi^2=5,034$; d.f.=3; $p=0,169$), para a idade ($\chi^2=73,781$; d.f.=33; $p=0,123$) e para a escolaridade ($\chi^2=21,813$; d.f.=6; $p=0,105$). No entanto, e tal como enunciado na nossa hipótese, verifica-se que a maioria dos praticantes experientes de karaté concebem a sua prática como expressão do *Budô*.

Para a orientação que é mais privilegiada no *dojo* e o estilo de karaté praticado, verifica-se que continua a ser mais privilegiado o *Budô* (34,8%). São os praticantes do estilo Shotokai (44,1%) e os de Goju-Ryu (42,1%) que mais o afirmam (cf. Quadro 5.6).

Quadro 5.6: Orientação que é mais privilegiado no *dojo* segundo o estilo de karaté (%)

Orientação ou conceção do karaté que é mais privilegiado	Shotokai (n= 102)	Shotokan (n= 52)	Goju-ryu (n= 38)	Wado-ryu (n= 19)	Shito-ryu (n= 12)	Total (n=244)
Alta competição	9,8	15,4	10,5	26,3	8,3	11,5
Competição amadora	8,8	28,8	15,8	15,8	16,7	14,3
Prática desportiva lúdica	37,3	30,8	31,6	31,6	25,0	30,7
Budô	44,1	25,0	42,1	26,3	50,0	34,8
NS/NR (n=21)						8,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

O quadro seguinte cruza a orientação que é mais privilegiada no *dojo* segundo o sexo. Os homens e mulheres afirmam ser o *Budô* (38,1% e 37,7%, respetivamente). No caso da alta competição, encontra-se uma percentagem mais elevada nas mulheres (20,5%) (cf. Quadro 5.7, na página seguinte).

Quadro 5.7: Orientação ou conceção do karaté que é mais privilegiada no *dojo* segundo o sexo (%)

Orientação ou conceção do karaté que privilegia	Masculino (n=194)	Feminino (n=29)	Total (n=244)
Alta Competição	9,8	31,0	11,5
Competição amadora	14,9	20,7	14,3
Prática desportiva lúdica	37,1	10,3	30,7
Budô	38,1	37,9	34,8
NS/NR (n=21)			8,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

O teste do qui-quadrado também não permite verificar diferenças para o estilo de karaté ($\chi^2=18,383$; d.f.=12; $p=0,105$), para o sexo ($\chi^2=14,970$; d.f.=3; $p=0,002$), para a idade ($\chi^2=59,703$; d.f.=33; $p=0,003$) e para a escolaridade ($\chi^2=21,261$; d.f.=6; $p=0,002$).

O karaté oferece, assim, uma grande diversidade de âmbitos de prática (da alta competição ao *Budô*) e, por isso, de usos sociais diferentes. De fato, como refere Defrance (2003), a natureza da atividade física não é a mesma num quadro de lazer/competição. As populações praticantes são diferentes. Quando se passa de uma prática ligeira, amigável, lazer, a uma prática competitiva, de bom nível, as exigências físicas, os constrangimentos sociais, a significação da prática, podem mudar radicalmente e atrair públicos diferentes. As atividades desportivas de lazer não têm o mesmo recrutamento social que os desportos praticados em competição (Pociello, 1999).

Observam-se variações sistemáticas em função do âmbito de prática, e os objetivos são decorrentemente também heterogéneos. No caso do karaté, encontramos uma especificidade, pois, apesar da nomenclatura do âmbito dos desportos remeter os que não se encontram na competição para os de lazer, na realidade, eles inserem-se numa categoria específica e com características próprias que é o *Budô*, tal como pressupõe a hipótese em discussão.

5.2 Razões para a Prática do Karaté

Como se pôde verificar no item anterior, os praticantes indicam uma preferência para uma conceção (que privilegiam e que é mais privilegiada) da sua prática como *Budô*.

O quadro seguinte revela o grau de importância a aspetos da prática do karaté (cf. Quadro 5.8). Como vemos os karatecas da nossa amostra dão muita importância códigos das normas de conduta do *dojo* associados aos princípios éticos do *Budô* e à manutenção dos ritos e símbolos oriundos do Japão na prática do karaté.

Quadro 5.8: Grau de importância a aspetos da prática do karaté (médias e desvio padrão)

Atribuição do grau de importância relacionados com a prática do karaté	Médias e Desvio Padrão
Ao código das normas de conduta do dojo associado aos princípios éticos do <i>Budô</i> (n=240)	Muito Importante 1,358 ± 0,036
À manutenção dos ritos e símbolos oriundos do Japão na prática do karaté (n=243)	Muito importante 1,658 ± 0,045
À dimensão espiritual da modalidade (n=242)	Muito importante 1,798 ± 0,048
Às passagens de graduação e à hierarquização pelas graduações entre os praticantes (n=243)	Algo importante 1,856 ± 0,049
À manutenção da ligação com/e liderança com mestres japoneses (n=241)	Pouco importante 1,876 ± 0,045
À leitura e ao estudo da literatura especializada em artes marciais e desportos de combate (n=241)	Nada importante 1,896 ± 0,042
À introdução do karaté no programa dos Jogos Olímpicos (n=243)	Nada importante 1,901 ± 0,065

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Na realidade, estes aspetos apresentam-se como momentos de reprodução dos usos e costumes, dos valores partilhados, tal como é usual nos diferentes espaços sociais e visíveis nas suas cerimónias e protocolos. A este propósito torna-se elucidativo o depoimento recolhido por um dos nossos entrevistados:

“Embora de forma diferente, todos os estilos e associações utilizam tradições, ritos e símbolos para enquadrarem a prática. Como exemplo pode-se referir o vestuário, cintos/graduações, cerimonial nos locais de prática, os já referidos elementos decorativos, imagens, etc. Julgo que nos tempos atuais, como nos passados, toda a actividade humana institucional ou organizacional recorre ou recorreu a esse tipo de enquadramento” (José Pascoalinho, 60 anos, 4.º *dan* Shotokai).

De fato, os dados permitem-nos concluir que se encontra uma tendência assumida pelos karatecas da nossa amostra, para um forte compromisso com valores que temos vindo a associar à conceção da prática do karaté enquanto *Budô*, tal como pressupõe a nossa segunda

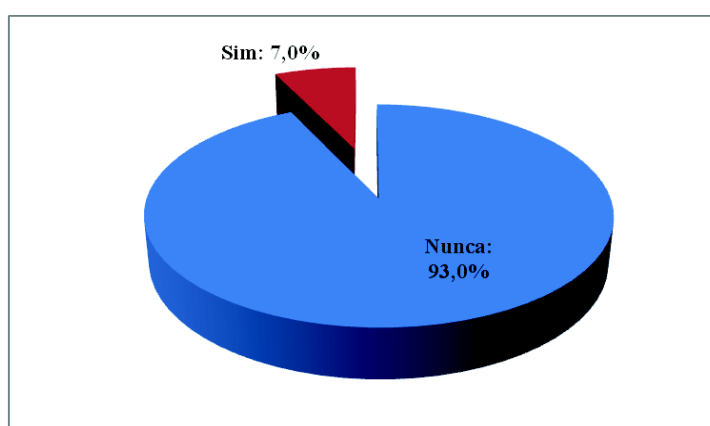
hipótese em discussão. Há assim uma identificação com o “orientalismo” por via do carácter “japonês” da modalidade mais do que pelos usos e costumes, crenças ou manifestações culturais como seja a alimentação ou a língua japonesa, tal como vimos no Capítulo IV, na discussão da nossa primeira hipótese.

5.3 Arte, Tradição e Competição

Como acabámos de referir, o karaté continua a ter uma ligação com a “terra berço” do karaté, assim como existem relações institucionais e afetivas com o Japão (e Okinawa). Também, os praticantes (atletas, competidores e agentes de ensino) ainda se encontram “dependentes” dos ensinamentos dos mestres japoneses, daí as associações procurarem uma filiação numa associação japonesa. Como refere Inocentes (2009, p. 120): “Os modelos orientais continuam a influenciar os nossos... e sabemos como a cultura, a organização e a mentalidade deste povo são bastante diferentes das suas congéneres ocidentais”.

No entanto, 93% dos inquiridos afirmam que nunca foram ao Japão para participar em estágios, treinos ou passagens de graduação, face uma minoria que afirmou já ter ido (7%) (cf. Figura 5.4).

Figura 5.4: Ida ao Japão para treinos, estágios e passagens de graduação (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Naturalmente, que existem obstáculos financeiros por parte dos praticantes para fazerem face às despesas que acarretaria uma deslocação ao Japão, por isso, a forma de obviar

isso é solicitar a vinda de mestres japoneses a Portugal, para promover estágios ou treinos específicos. As custas das viagens e de estadia ficam, geralmente, a cargo das associações e dos praticantes. A participação num treino ou estágio tem um custo (variável) associado.

Alguns excertos tipo das respostas dos nossos entrevistados são elucidativos sobre a questão da ida ou não ao Japão, quer pela ligação, utilidade ou curiosidade (cf. Quadro 5.9).

Quadro 5.9: Excertos tipo das entrevistas sobre o interesse na visita ao Japão

Ligação ao Japão	“Sim, é importante a ida. Já visitei o Japão. Respira-se outra atmosfera, mais propícia à prática do karaté” (José Pascoalinho, 60 anos, 4.º <i>dan</i> Shotokai).
Utilidade na ida ao Japão	“Eu não acho que é útil... Não digo que seja absolutamente necessário... É algo que se respira, que se sente quando se entra no <i>dojo</i> central... [longo silêncio] (Mário Rebola, 74 anos, 5.º <i>dan</i> Shotokai).
Curiosidade no Japão	“Nunca visitei o Japão, mas gostaria e tenciono fazê-lo já que como praticante de karaté também sou mais atento em relação ao Japão que em relação a muitos outros países mais próximos” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º <i>dan</i> Shotokai).

Fonte: Entrevistas efetuadas entre 2011 e 2012

Porém, através das entrevistas, pudemos também compreender que a ligação afetiva dos karatecas ao Japão se encontra especialmente centrada na tradição do karaté de Okinawa, como nos afirmaram: “Não concordo com a ligação afetiva ao Japão. Existe sim, uma ligação afetiva com Okinawa”. O interesse das visitas ao Japão parece assim ser dirigido a esta localidade onde o karaté apresenta particularidades valorizadas pelos karatecas da nossa amostra. Nas palavras deste nosso entrevistado:

“Já visitei o Japão, duas vezes, com particular durabilidade em Okinawa. A cultura japonesa tem as suas particularidades e difere do Japão continental, da de Okinawa. Assim, o karaté de Okinawa, também difere nos seus modelos e práticas, do japonês (...). Okinawa é mais tradicionalista, turística, aberta aos estrangeiros, comercial, assim como o karaté, visitado há pelo menos duas gerações (...). Padrões de comportamento, saudações, formas de cumprimento, conversação, modelos de comportamento em classe, forma de entender o combate, a vitória e a derrota, o processo de aprendizagem, o respeito por quem ensina e os colegas. Aspetos culturais, visíveis na ética e etiqueta do karaté de Okinawa” (Nuno Carneira, 41 anos, 4.º *dan* Goju-Ryu).

O karaté no Ocidente apresenta-se atualmente como um espaço de confluência entre o passado e o futuro. Por um lado, produz-se na cultura consensual dominante, inscrita no *nomos* do campo na aceção de Bourdieu (1979, 2003), a valorização da reprodução da tradição, mesmo assumindo por vezes alguma forma de veneração mítica, e, por outro, a consciência da globalização do karaté e a sua relativa autonomia face à tradição. Dando continuidade às palavras deste nosso entrevistado, aqui trazidas pelo seu carácter elucidativo:

“Existe em paralelo o misticismo imagético das origens, do conhecimento, da fonte da perfeição. Pessoalmente, e conhecendo a realidade de Okinawa e do Japão, entendo-a mais como respeito histórico e fonte de pesquisa. Reitero que a maior dependência é a das graduações técnicas e vínculo organizativo a instituições idóneas”.

Como vemos, nos tempos presentes, as relações estabelecem-se mais ao nível institucional e não tanto através de deslocações peregrinas tão características da tradição religiosa ocidental. Ainda assim, as ligações com a tradição transportam também laços afetivos e de reverência que dificilmente são cortados, como se depreende das entrevistas que realizámos, como por exemplo:

“Apesar do valor dos grandes Mestres Japoneses, que graças à sua mentalidade diferente da nossa se aplicam e progridem de outra maneira, nós ainda não nos soubemos libertar do seu domínio e criar os nossos próprios modelos” (Armando Inocentes, 54 anos, 4.º *dan* Goju-Ryu).

“O karaté, ainda que já uma prática globalizada, ainda tem o seu cordão umbilical preso ao seu local de origem, portanto, é natural que uma série de rituais colaterais o acompanhem na sua expansão” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º *dan* Shotokai).

De facto, a ruptura com a tradição não se torna imediata no atual estágio do processo de globalização, apesar de existir consciência que as dinâmicas das sociedades contemporâneas poderão alterar a realidade do karaté no futuro. Como nos dizia um dos nossos entrevistados: “Há mestres e treinadores noutros continentes com conhecimentos também eles muito elaborados e desenvolvidos” (João Dias, 50 anos, 6.º *dan* Shito-Ryu), e outro precisava:

“Parece-me natural num processo de desenvolvimento da modalidade que ainda é muito jovem. Entre a chegada do karaté ao ocidente e os dias de hoje inicia-se agora a segunda geração. Daqui a uns anos fará sentido continuarmos a seguir mestres japoneses, mas apenas se forem melhores do que aqueles que teremos por cá e não acredito que isso aconteça em exclusividade. Neste momento, como praticantes desta modalidade estamos em igualdade de condições e logo em igualdade de circunstâncias. Começarão a ser mais frequentes casos de mestres ocidentais que darão a volta ao mundo dando cursos acerca do treino do karaté. Inclusivamente no Japão” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º *dan* Shotokai).

Como se constata pelos depoimentos dos nossos entrevistados, a manutenção com a ligação ao Japão de Okinawa, ainda que relativizada, é importante para o karaté quer ao nível da manutenção da tradição, quer dos aspetos técnicos da modalidade nomeadamente a passagem de graduação, o reconhecimento dos mestres ou treinadores e a cooperação institucional.

Imagens e símbolos

Quem visita um centro de prática (*dojo*), vê, na maior parte dos casos, uma decoração associada ao Japão e aos mestres de karaté japoneses. Como refere Le Rest (2001a, p. 21) são os “totens do grupo”. E como se pôde verificar, no Quadro 5.8, é importante para os praticantes os ritos, as imagens e os símbolos ligados ao karaté (como vimos mais acima, considerados “Muito Importantes”, com uma média de 1,658). Na construção dessas imagens e símbolos, recorre-se também a vários meios de comunicação.

O discurso dos praticantes é importante nesta questão, como se verifica pelo Quadro 5.10:

Quadro 5.10: Excertos tipo sobre imagens e símbolos tidos como relevantes para os karatecas

Imagens e símbolos	“Elementos decorativos, imagens ou símbolos, são universalmente utilizados em todas as actividades humanas e no caso da actividade física e desporto desde o jogo do pau ao basquete da NBA. A prática do karaté (seja tradicional ou desportivo) não difere” (José Pascoalinho, 60 anos, 4.º <i>dan</i> Shotokai). “As fotos no kamiza, os exames de graduação, os estágios com determinado mestre japonês... Algumas não fazem sentido, mas estão de tal maneira enraizadas que será difícil libertarmo-nos delas” (Armando Inocentes, 54 anos, 4.º <i>dan</i> Goju-Ryu). “Sim, são importantes, são valores pouco observados noutras actividades físicas e desportivas” (João Dias, 50 anos, 6.º <i>dan</i> Shito-Ryu). “De dois em dois meses temos um treino “teórico” em que o karaté é explorado de um ponto de vista histórico e filosófico (adaptado aos mais novos, à sua linguagem e recorrendo a imagens em PowerPoint) (Armando Inocentes, 54 anos, 4.º <i>dan</i> Goju-Ryu).
Filmes	“Tenho uma vasta coleção de vídeos e filmes relativos ao Japão e às artes marciais e ajudam-me na prática do karaté e à transmissão nos treinos” (José Pascoalinho, 60 anos, 4.º <i>dan</i> Shotokai). “Recorro à visualização de vídeos, assim como de todos os meios de informação de pesquisa sobre o tema” (Nuno Cardeira, 4.º <i>dan</i> Goju-Ryu, 41 anos).

Fonte: Entrevistas efetuadas entre 2011 e 2012

Como vemos, a importância das imagens e dos símbolos das origens *Budô* do karaté, afiguram-se importantes para os karatecas da nossa amostra, sendo, por isso, colecionadas ou dando-lhes visibilidade nos espaços que frequentam. Fatos que reforçam a nossa hipótese de que os praticantes de karaté concebem a sua prática como expressão do *Budô*, reproduzida pelos agentes de ensino da modalidade através de imagens e símbolos.

Transmissão de valores

Os agentes de ensino, os mestres ou treinadores, procuram também veicular valores no âmbito do karaté: o respeito pelas regras, o *fair-play*, o respeito pelo outro e por si próprio, o espírito de sacrifício, entre outros. São, numa linguagem beckeriana, os “empreendedores da moral” (aqueles que criam as normas e as procuram aplicar), Becker (1985, p. 204).

Alguns excertos das entrevistas permitem testemunhar os valores que os agentes de ensino dignificam e tentam transmitir aos seus discípulos/alunos, como de respeito pelo outro, éticos, pedagógicos, sacrífico ou ajuda, bem-estar e de *Sensei*⁶⁷, “guardiães das tradições”, como refere Abib (2008), cujos atributos na tradição oriental e do karaté como vimos no Capítulo III, vão para além do comportamento esperado de um treinador, no fundo é o mestre, daí a manutenção da designação no espaço do *dojo* (cf. Quadro 5.11):

Quadro 5.11: Excertos tipo sobre a transmissão de valores pelos agentes de ensino

Respeito pelo outro	“Procuro transmitir o respeito por quem ensina, pelos mais velhos, pelos colegas de treino e pelos vencedores e derrotados” (Nuno Cardeira, 41 anos, 4.º <i>dan</i> Goju-Ryu). “Procuro transmitir valores de relação, superação, respeito, resiliência. Os mesmos valores que procuro transmitir enquanto professor na minha actividade profissional (educação física)” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º <i>dan</i> Shotokai). “Principalmente o respeito pelo outro, o que terá um retorno no respeito por si próprio” (Armando Inocentes, 54 anos, 4.º <i>dan</i> Goju-Ryu).
Éticos	“Os conteúdos éticos do karaté, como de qualquer outro objeto de ensino, não se transmitem, “são-se”. É pelo exemplo que se ensina a ética. É pela verdade e pela palavra. É pelo respeito pelo outro e pelo gosto no seu (nosso) crescimento enquanto praticante, logo como pessoa” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º <i>dan</i> Shotokai).
Pedagógicos	“Relativamente aos conteúdos pedagógicos, procuro sempre abordar as questões técnico-táticas de forma crítica, reflexiva e com base científica, não sentindo por isso qualquer vocação para me vincular a nenhum determinismo técnico com carácter dogmático” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º <i>dan</i> Shotokai). “Utilizando metodologias diversificadas e adaptadas aos escalões etários. Primeiro de um modo global e concreto, exemplificando e demonstrando, depois deixando executar para corrigir de seguida. Estando correto deve-se passar à automatização” (Armando Inocentes, 54 anos, 4.º <i>dan</i> Goju-Ryu).
Perseverança, amizade e cooperação	“Cumplicidade no sacrifício e interajuda. Dedicação e reorganização pessoal, física e mental, em função de objetivos concretos. Uma atitude marcial para decisões e momentos radicais e uma atitude desportiva como visão predominante na vida em sociedade. O treinador pode ser motor de transformação e ajuda. A sua responsabilidade é atuar” (Nuno Cardeira, 41 anos, 4.º <i>dan</i> Goju-Ryu).

⁶⁷ Como referido no Capítulo III, o termo *Sensei* é utilizado para uma pessoa de *status* respeitado (médicos, advogados, etc.) (Kazuo, s/d, p. 18).

Bem-estar	“Procuro transmitir prazer, bem-estar, melhoria da componente física e psicológica com respeito pela integridade humana” (João Dias, 50 anos, 6.º <i>dan</i> Shito-Ryu).
<i>Sensei</i>	“O treinador deve ter a capacidade de discernir e identificar problemas de comportamento entre os seus praticantes. Adequar a linguagem, perceber a natureza de tais comportamentos ou tendências e ajudar, enquadrar, com soluções na medida das suas capacidades de intervenção. O papel é de <i>Sensei</i> , dar pistas, caminhos, abrir horizontes e facultar ferramentas. A opção é sempre do discípulo. Se desadequada, deve privilegiar a classe e o bem geral do grupo” (Nuno Cardeira, 41 anos, 4.º <i>dan</i> Goju-Ryu).

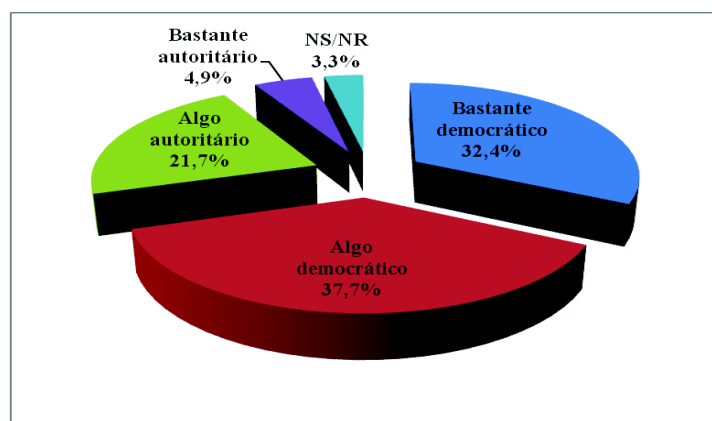
Fonte: Entrevistas efetuadas entre 2011 e 2012

5.4 Estilos de Autoridade dos Agentes de Ensino

As cores dos cintos ou as medalhas devem atestar que o “praticante iniciado” respeitou os diferentes patamares de uma progressão pedagógica. Como vimos no Capítulo III, a complexidade e a distância das aprendizagens (do cinto branco ao cinto negro), verdadeiros “rituais” de ascensão na prática, não se estabelecem somente em relação às necessidades da transmissão do saber-fazer das técnicas e de competências culturais específicas. A história do karaté, através da profusão dos equipamentos de treino, e da sucessão de métodos, torna indispensável a presença de um agente e de ensino (mestre/treinador), do seu saber e da sua autoridade, seja ela mais democrática ou mais autoritária.

Sobre o estilo de liderança dos agentes de ensino nos seus centros de prática, as opiniões dos karatecas da nossa amostra dividem-se: 37,7% dizem que é “algo democrático”, 32,4% “bastante democrático”, 21,7% dizem que é “algo autoritário” e 4,9% “bastante autoritário” (cf. Figura 5.5, na página seguinte).

Figura 5.5: Estilo de liderança dos agentes de ensino (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Se cruzarmos o estilo de liderança com o estilo de karaté praticado, verifica-se que a maioria dos praticantes do estilo Shotokai considera que a liderança do agente de ensino é “algo democrática” (44,3%). Os dos estilos Shotokan, Goju-Ryu e Wado-Ryu, já consideram que o estilo de liderança é “bastante democrático” (34,6%, 40,5% e 54,5%, respetivamente). No caso do estilo Shito-Ryu, os praticantes consideram que o estilo de liderança é “algo autoritário” e “bastante autoritário”, com percentagens semelhantes (28,6%) (cf. Quadro 5.12).

Quadro 5.12: Estilo de liderança do agente de ensino segundo o estilo de karaté (%)

Estilo de liderança	Shotokai (n=106)	Shotokan (n=52)	Goju-ryu (n=42)	Wado-ryu (n=22)	Shito-ryu (n=14)	Total (n=244)
Bastante democrática	28,3	34,6	40,5	54,5	14,3	32,4
Algo democrático	44,3	32,7	38,1	36,4	28,6	37,7
Algo autoritário	23,6	26,9	19,0	9,1	28,6	21,7
Bastante autoritário	3,8	5,8	2,4	0,0	28,6	4,9
NS/NR (n=8)						3,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Estes resultados levam-nos a concluir que existem diferenças nos ambientes do *dojo* nos diferentes estilos de karaté, tendo por base as representações sobre os estilos autoritários dos agentes de ensino. Ainda assim, na análise inferencial, verifica-se que não existe associação entre as variáveis tipo de liderança e estilos de karaté ($\chi^2=27,724$; d.f.=12; $p=0,006$), por isso as diferenças não têm significância estatística.

Relativamente ao cruzamento dos dados, estilo de liderança e sexo, verifica-se que os homens consideram que a liderança é “algo democrática” (39%). No caso das mulheres elas consideram, em igual percentagem (38,7%), que ela é “algo democrática” e “bastante democrática” (cf. Quadro 5.13).

Quadro 5.13: Estilo de liderança segundo o sexo (%)

Estilo de liderança	Masculino (n=205)	Feminino (n=31)	Total (n=244)
Bastante democrático	32,7	38,7	32,4
Algo democrático	39,0	38,7	37,7
Algo autoritário	22,9	19,4	21,7
Bastante autoritário	5,4	3,2	4,9
NS/NR (n=8)			3,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Apesar das diferenças percentuais, no cruzamento pelo sexo ($\chi^2=0,688$; d.f.=3; $p=0,876$), idade ($\chi^2=39,997$; d.f.=33; $p=0,187$) e escolaridade ($\chi^2=8,128$; d.f.=6; $p=0,229$), os dados não nos permitem verificar igualmente diferenças estatísticas.

5.5 Orientações e Trajetórias

Neste capítulo esteve em discussão a nossa segunda hipótese que, como começamos por afirmar no início do texto, pressupõe que a maioria dos praticantes experientes de karaté concebe a sua prática como expressão do *Budô*, reproduzida de forma dominante pelos agentes de ensino da modalidade através de práticas de luta convencional, imagens, símbolos e veiculação de valores, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

Como vimos, de facto, nas orientações da prática do karaté, constata-se que a maioria dos inquiridos da nossa amostra, pratica karaté de não competição (74%), face a 23% que diz praticar competição institucionalizada, isto é, enquadrada pelos clubes, associações e federação. Resultados que atestam a nossa hipótese, pois a maioria encontra-se fora do sistema de competição.

Proporcionalmente, os homens praticam mais o karaté de não competição face às mulheres (respetivamente, 78% e 65,6%), enquanto as mulheres a competição institucionalizada face aos homens (respetivamente, 34,4% e 22%).

Os praticantes que fizeram competição institucionalizada, mas que interromperam, evocam razões como a saúde, a escola, os pessoais, os familiares, a idade e os desportivos.

Sobre a orientação ou concepção do karaté que os praticantes privilegiam (vertente pessoal), e a orientação da prática do karaté que é privilegiado no centro de prática ou *dojo* (vertente externa, direcionada pelo instrutor), os dados revelam-se praticamente semelhantes, havendo uma preferência pelo *Budô* (30,7%) e a prática lúdica desportiva (30,7%). A prática do *Budô* é reforçada com a importância que os praticantes atribuem aos códigos das normas de conduta do *dojo* associado aos princípios éticos do *Budô*, e à manutenção dos ritos e símbolos oriundos do Japão, em particular de Okinawa.

Por outro lado, é possível concluir que existem relações institucionais e afetivas com o Japão (e Okinawa). O karaté continua a ter uma ligação com a “terra berço” do karaté. Os praticantes (atletas, competidores e agentes de ensino) ainda se encontram “dependentes” dos ensinamentos dos mestres japoneses. Todavia, a maioria dos praticantes de karaté nunca foi ao Japão (93%) para participar em estágios, treinos ou passagens de graduação, face uma minoria que disse que sim (7%). A forma de obviar esta situação é solicitar a vinda de mestres japoneses a Portugal para promover estágios ou treinos específicos.

Em torno do karaté, existem um conjunto de imagens e símbolos que têm uma relação direta com a prática. Para alguns agentes de ensino, i.e., mestre ou treinadores, “é o respeito pelo seu legado à iconografia ou idolatria japonesa ou oriental”, que afirmam transmitir.

Existe também uma preocupação em transmitir valores associados à prática, tais como o respeito para com o outro, éticos, pedagógicos, perseverança, espírito de amizade e cooperação, bem-estar e de *Sensei*, de mentor, orientador (na tradição oriental encontra relação com o guia espiritual que visa a ascese dos seus discípulos), testemunhos recolhidos junto dos nossos interlocutores privilegiados, como vimos, que atestam a hipótese em discussão.

Relativamente ao estilo de autoridade ou liderança dos agentes de ensino nos seus centros de prática, os karatecas da nossa amostra consideram que ela é “algo democrático” (37,7%). Como reforça Gaudin (2009), é organização estruturada das aprendizagens, fundada

sobre uma progressão pedagógica, enquadrada por agentes de ensino investidos de uma autoridade “estatutária” (mais democrática ou mais autoritária) e formalizada. Por outro lado, ao começarem a ser um profissional remunerado pelos seus serviços, os alunos/atletas passam a ser “clientes”, logo pouco compatível com uma liderança “bastante autoritária”.

Assim, nesta lógica, os agentes de ensino que se “apregoam de Samurais” (Diário de campo, 14 de junho de 2012) são “tudo menos Samurais” (Gaudin, 2009, p. 7). Julhe (2009, p. 94) também acrescenta que a evolução do contexto conduz a uma diversificação de entradas na atividade, de conceber o ensino e as instituições desportivas. Os agentes de ensino são levados a produzirem estratégias que se querem ajustadas com a “evolução estrutural do campo”, bem retratado por Bourdieu (1979).

Em suma, com base nos resultados analisados ao longo deste capítulo, cuja síntese acabámos de apresentar, podemos comprovar a nossa hipótese de estudo, ou seja, de que a maioria dos praticantes experientes de karaté concebe a sua prática como expressão do *Budô*, reproduzida de forma dominante pelos agentes de ensino da modalidade através de práticas de luta convencional, imagens, símbolos e veiculação de valores, independentemente do estilo de karaté, e do sexo, idade e escolaridade tal como pressupunha a hipótese em discussão, na medida em que nos testes de associação com estas variáveis não se encontram diferenças com significância estatística.

CAPÍTULO VI – COOPERAÇÃO E DEMARCAÇÃO NO KARATÉ

Na terceira hipótese de investigação em discussão no presente capítulo, pressupomos que as relações entre os praticantes experientes de karaté da vertente de não-competição e de competição desportiva, têm vindo a caracterizar-se por tensões, dinâmicas de resistência e conflitos, geradores de cisões entre agentes de ensino, espaços de prática ou clubes e estrutura federativa, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

De acordo com o MAD (Quadro 2.1), como variáveis dependentes definimos: Relações institucionais (V3.1), Relações sociais (V3.2), Competição e *Budô* (V3.3); Afirmação/resistência (V3.4), Conflitos (V3.5), da D3 Cooperação/Demarcação. Para as variáveis independentes: I2.2.1 Estilos de Karaté da V2.2 Envolvimentos no Karaté; I4.1.1 Sexo da V4.1 Género, Idade (V.4.2), I4.3.1 Escolaridade da V4.3 Grupo Social.

Damos início à análise com as relações institucionais associativas, seguindo-se as sociabilidades entre karatecas, as relações entre competição e *Budô*, a afirmação, resistência, e tensão, e por fim, a título de síntese conclusiva o ponto que designámos, dinâmicas de afirmação e conflitualidade.

6.1 Relações Institucionais Associativas

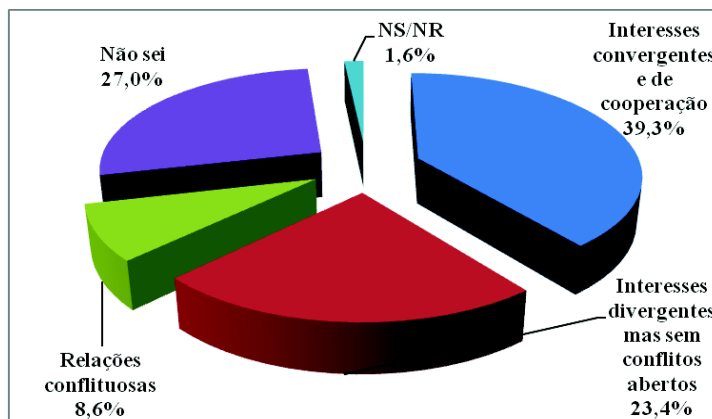
Em Portugal, tem-se vindo a verificar a criação de vários clubes e associações de karaté. Esse fato, deve-se à “conquista de terreno” por parte das associações, em determinadas localidades onde o karaté tem menos expressão, ou resultam de “clivagens entre dirigentes e instrutores” (Diário de campo, de 15 de maio de 2014).

Existem perto de uma centena de associações (a FNK-P, em 2015, dava conta de 81), legalmente constituídas, proliferando os “presidentes”, os “diretores-técnicos”, “os treinadores/instrutores”, os “selecionadores”, etc.

Nas relações entre associações, 39,3% dos inquiridos afirma e que são marcadas por interesses convergentes e de cooperação, 27% diz que não sabe, 23,4% diz que são interesses

divergentes, mas sem conflitos abertos. Apenas uma minoria diz que as relações são conflituosas (8,6%) (cf. Figura 6.1).

Figura 6.1: Opinião relativamente às relações entre a sua associação e outras similares (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Na análise da relação entre associações e o estilo de karaté praticado, verifica-se que, com exceção da maioria dos praticantes do estilo Shotokai (40%) que afirma não saber como são as relações institucionais, todos os outros apresentam proporcionalmente representações idênticas à totalidade da amostra. De realçar, que no caso do estilo Shotokai, apesar de se afastar desta tendência, 27,6% dizem que são interesses divergentes mas sem conflitos abertos (cf. Quadro 6.1). São maioritariamente os praticantes dos estilos de Wado-Ryu (65,2%), Goju-Ryu (54,5%), Shotokan (51,9%) e Shito-Ryu (50%) que referem que os interesses são convergentes e de cooperação.

Quadro 6.1: Relações entre as associações segundo o estilo de karaté (%)

Relações entre Associações	Shotokai (n= 105)	Shotokan (n= 54)	Goju-ryu (n= 44)	Wado-ryu (n= 23)	Shito-ryu (n= 14)	Total N=244
Interesses convergentes e de cooperação	21,0	51,9	54,5	65,2	50,0	39,3
Interesses divergentes mas sem conflitos abertos	27,6	25,9	20,5	17,4	7,1	23,4
Relações conflituosas	11,4	5,6	4,5	0,0	28,6	8,6
Não sei	40,0	16,7	20,5	17,4	14,3	27,0
NS/NR (n=4)						1,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Pelos resultados apresentados, verifica-se que existe alguma tensão entre os centros de prática, mas não sem que isso impeça uma cooperação institucional. Ainda assim, é de notar que existe um número elevado (27%) de agentes de ensino que não sabe se as relações são boas ou más, e 1,6% não sabe ou não responde (NS/NR).

Relativamente ao cruzamento com o sexo, verifica-se que tanto os homens como as mulheres referem que são interesses convergentes e de cooperação, ainda que numa proporcionalidade superior nas mulheres face aos homens (53,1% e 38%, respetivamente) (cf. Quadro 6.2).

Quadro 6.2: Relações entre as associações segundo o sexo (%)

Relações entre Associações	Masculino (n=208)	Feminino (n=32)	Total (n=244)
Interesses convergentes e de cooperação	38,0	53,1	39,3
Interesses divergentes mas sem conflitos abertos	24,5	18,8	23,4
Relações conflituosas	9,1	6,3	8,6
Não sei	28,4	21,9	27,0
NS/NR (n=4)	0,0	0,0	1,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

As relações sociais institucionais ou individuais tornam-se nos tempos atuais de tardo-modernidade cada vez mais estratégicas, onde imperam as solidariedades contingentes em detrimento das orgânicas, como defende Marivoet (2007, p. 163). Nas suas palavras:

Será de admitir que a radicalização de interesses nas sociedades tenha vindo a provocar o estabelecimento de formas de solidariedade ou cooperação contingentes e estrategicamente calculadas, tornando a ação social mais instrumental, segundo as conveniências de cada indivíduo ou grupos de indivíduos, e por isso sugerindo a redução dos laços afetivos à esfera dos grupos de interesse.

Explicação, que se aplica igualmente à compreensão dos nossos resultados sobre as relações institucionais entre as associações de karaté.

Os resultados apurados para o estudo da relação estatística (através do qui-quadrado) entre associações com os estilos de karaté, o sexo, a idade e a escolaridade são respetivamente: $\chi^2=42,229$; d.f.=12; $p=0,322$ (estilos de karaté), $\chi^2=2,667$; d.f.=3; $p=0,446$ (sexo), $\chi^2=28,50$; d.f.=36; $p=0,809$ (idade) e $\chi^2=6,801$; d.f.=6; $p=0,340$ (escolaridade), não

nos permitindo assim concluir sobre a existência de uma relação significativa entre estas variáveis.

Aspetos federativos e política desportiva

As federações desportivas dispõem de um poder de organização e de promoção da prática da sua disciplina. A FNK-P, fundada em 15 de junho 1992⁶⁸, é a instituição com o estatuto de utilidade pública desportiva⁶⁹ responsável pelo desenvolvimento e promoção do karaté nacional. Ela tem por função a regulamentação, a direção e o controlo da prática de todos os praticantes federados que se encontram a participar nos quadros competitivos que organiza. No extrato do Artigo 3.º dos Estatutos da FNK-P pode ler-se que “tem âmbito nacional e prossegue os seguintes fins: promover, regulamentar e dirigir a nível nacional a prática do karaté”.

Um dos papéis importantes é a promoção da formação de treinadores. A formação é obrigatória para o treinador beneficiar de uma legitimidade (certificado) da prática e de garantia. Ela qualifica os ensinamentos, a organização, a formação e o aperfeiçoamento teórico-prático. Assim, os praticantes e os treinadores seguem as instruções e as diferentes regras (técnicas e deontológicas).

O regulamento das competições e as modificações das técnicas têm mudado pouco a pouco a prática do karaté. A federação organiza os campeonatos e competições, demonstrações, estágios, publicação de revistas ou livros. A sua visão é unitária, visando o controlo e/ou a agregação dos vários estilos. A política levada a cabo não encoraja os praticantes e dirigentes, na medida em que nem todos se afiliam à FNK-P. Por outro lado, as reuniões de trabalho são consideradas improdutivas e um “palco de interesses e de discórdias” (Diário de campo, de 14 de maio de 2012). Ainda que mantenha o desenvolvimento de particularidades de cada associação de estilos, procura a uniformização de regras.

⁶⁸ Até 1985, o movimento associativo das artes marciais e desportos de combate estava inserido na Comissão Diretiva das Artes Marciais (CDAM). De 1985 a 1992, emergem duas instituições que reivindicam a gestão do karaté nacional: a Federação Portuguesa de Karaté (FPK) e a Federação Portuguesa de Karaté e Disciplinas Associadas (FPKDA). Sobre o enquadramento legal e institucional das artes marciais e desportos de combate em Portugal, ver Rosa (2007).

⁶⁹ Reconhecida com utilidade pública desportiva pelo DR, II Série, n.º 213, de 14 de setembro de 1995, de utilidade pública pelo DR, II Série, n.º 15, de 18 janeiro de 1996, e renovação de utilidade pública desportiva DR, II Série, n.º 78, de 22 de abril de 2013.

Os cargos federativos são, na sua maioria, exercidos a título de voluntariado. Mesmo se “não é evidente as motivações dos dirigentes em se investirem nos postos de responsabilidade” (Thomas, Haumont & Levet, 1987, p. 61), a figura de dirigente desportivo voluntário está omnipresente no seio do movimento desportivo. Ele assume funções políticas (relações exteriores com os poderes públicos, os parceiros financiadores, os eleitos locais), administrativos (presidente de associação, secretariado, tesoureiro), técnicos (organizador, acompanhante, treinador).

Situados a diferentes níveis da hierarquia desportiva (local, regional, nacional), o dirigente associativo distingue-se segundo a sua designação (e.g. dirigente voluntário, dirigente jovem). Quando eleito numa associação desportiva, o dirigente voluntário dispõe de uma certa legitimidade, que pode, nalguns casos, confortar a posição de notável reconhecido. O dirigente associativo dispõe, de fato, de um poder de representar a associação e a possibilidade de pesar nas decisões, as escolhas a efetuar e a política a adotar. No entanto, é necessário rodear-se de um conselho de administração e de um apoio executivo, composto de outros voluntários, igualmente eleitos ou cooptados, nas funções de gestão. O voluntário não eleito ocupa, muitas vezes, as funções de enquadramento técnico, de acompanhamento, que podem ser menos gratificantes e menos valorizadas (Miège, 1996).

As críticas feitas pelos karatecas entrevistados, que como vimos estão na sua maioria afastados dos quadros federativos (ou que fizeram parte mas saíram dos órgãos sociais em fim de mandato ou em rutura), e por isso também da respetiva federação da modalidade, fazem-se sentir no âmbito federativo. Segundo nos afirmaram, tecem críticas sobre o fato das direções estarem nas “mãos dos professores de educação física”, que são defendidos os interesses das associações “minoritárias”, “falta de transparência financeira”, por haver “contenciosos entre dirigentes e técnicos”, pelas “deslocações abusivas dos dirigentes” com os “dinheiros públicos”, pelo apoio ao “karaté competitivo (para uma minoria) em detrimento do karaté não competitivo (uma maioria)”, pela “qualidade da formação realizada”, pela “organização dos campeonatos” (Diário de campo, 14 de maio de 2011).

Nas assembleias-gerais, e fora delas, é possível escutar estes e outros aspetos. Alguns excertos tipo permitem atestar esta questão (cf. Quadro 6.3, na página seguinte):

Quadro 6.3: Aspetos federativos da política desportiva

Aspetos federativos	“A federação desportiva organizou e deu cobertura institucional às associações tradicionais de karaté e seus diretores técnicos, mas ao mesmo tempo, aumentou as exigências formativas, incrementou a especialização, facultando oportunidades a treinadores e jovens praticantes sequiosos de conhecimentos e liberdade participativa, fugindo muitos ao controle associativo tradicional. Agravado pelo modelo de apoio institucional (organismos oficiais, autarquias e empresarial), suportado no requisito do sucesso desportivo mediático, muitas associações tradicionais viram dissolvido o seu papel de fonte do conhecimento, de controlo da prática e de exclusivo do vínculo hierárquico pela via da graduação técnica” (Nuno Cardeira, 41 anos, 5.º dan Goju-Ryu).
Constrangimentos	“Exemplo das situações em que tenho estado envolvido ao longo dos últimos anos, em variados papéis de agente desportivo, é o conflito entre uma visão conservadora e teimosa de oposição política a grupos de trabalho, associativos e federativos, cujos envolvidos (dirigentes e técnicos), manipulam em função de interesses e ideais pessoais, prejudicando ora a vertente competitiva, ora a mais tradicional. Sonegar informação, proibir a participação, denegrir modelos de trabalho, impedir ou dificultar exames de graduação em conveniência da fidelidade às orientações dos diretores técnicos, são prática corrente dentro das associações de karaté” (Nuno Cardeira, 41 anos, 5.º dan Goju-Ryu).

Fonte: Entrevistas efetuadas entre 2011 e 2012

Um ex-responsável pelas funções de Diretor do Departamento de Formação da FNK-P demitiu-se e escreveu uma carta aberta (em 23 de novembro de 2009)⁷⁰, dando conta, dos problemas existentes ao nível do funcionamento e forma de exercício dos cargos federativos, como refere:

“Demiti-me, principalmente, em confronto com um modelo de gestão autocrático imprimido por uma única pessoa. Demiti-me principalmente por falta de informação que me era sistematicamente sonogada. Uma Federação sem estruturas profissionalizadas não passará daquilo que tem eternamente sido: uma funcionária administrativa que sozinha não consegue dar vazão a todo o trabalho burocrático, um Presidente que procura estar sempre em todo o lado e dentro de todos os assuntos deliberando por vezes coisas que não são da sua competência e não dando o respetivo espaço de manobra aos vários Departamentos e Diretores que em vez de dirigirem, gerirem e organizarem, acabam por fazer todo o trabalho de sapa. Moral da história: escasseiam os meios humanos, fracassa a organização e deteriora-se a realização”.

Abel Figueiredo, ex-diretor técnico do departamento de formação da FNK-P, também nos referiu que:

⁷⁰ <http://karatedopt.blogspot.com/2009/11/demitiu-se-o-director-do-departamento.html> (consultado em 21/12/2009).

“Fiz todos os possíveis pelo arranque de uma política de formação de treinadores de karaté desde que integrei na FNK-P o gabinete de Apoio à Formação (1994-95), evoluindo para o Departamento de Formação em 1996, cuja ação é estrangulada de forma inexplicável. De 1996 a 1997 a formação de treinadores ficou estagnada na FNK-P e nada se conseguia fazer dentro da própria estrutura federativa” (Rosa, 2010).

Estes testemunhos dão conta do ambiente vivido na federação, com tensões e conflitos (latentes e manifestos), onde se jogam interesses. Já as declarações do ex-Presidente da FNK-P, Raúl Cerveira⁷¹, elucidam a perspetiva institucional da FNK-P:

“A FNK-P tem passado por fases boas e menos boas, mas tem conseguido levar a cabo a sua missão. O karaté tem crescido em Portugal, como atestam o número de praticantes, bem como a constituição de associações, mesmo se estas são fruto de dissidências. Cada um pensa que é detentor da verdade, no seu estilo. A federação tem dignificado o nome de Portugal lá fora, no estrangeiro. Os resultados competitivos também são importantes, mesmo se não estamos ao mesmo nível de outros países” (Diário de campo, 22 de junho de 2012).

O falecimento do presidente da FNK-P, João Salgado, vogal do Comité Olímpico de Portugal (COP) e presidente honorário da Associação de Karaté-Do Seigokan de Portugal (AKSP), e que viria a exercer o cargo de 2005 a 2013, veio agravar a gestão interna da federação. A direção foi assumida por Jorge Perestrelo, de 2013 a 2014, e atualmente é dirigida por Carlos Silva, antigo tesoureiro na direção de João Salgado.

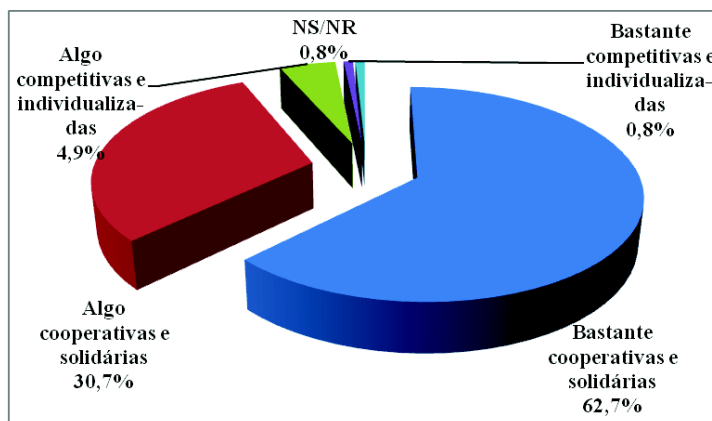
Como dizem Crozier & Friedberg (1977, p. 45), “uma organização não pode ser analisada como um conjunto transparente, mesmo se muitos dirigentes assim o desejem”. Ela é o “reino de relações de poder, de influência, de ‘mercadorias’ e de cálculo”. No entanto, elas “não são um instrumento de opressão” (a menos que sejam totalitárias), na medida em que “as relações conflituais não se ordenam a apenas um esquema lógico integrado”. Elas constituem um meio onde “os atores se podem manifestar e de pesar sobre o sistema e dos seus parceiros, mesmo se de uma forma desigual”.

⁷¹ Presidente de 1992 a 1993 e de 2001 a 2005.

6.2 Sociabilidades entre Karatecas

No cruzamento de dados, relação entre praticantes e estilo de karaté, podemos ver que os praticantes consideram as relações “bastante cooperativas e solidárias”, com quase dois terços (62,7%) (cf. Figura 6.2).

Figura 6.2: Sociabilidade entre karatecas (%)



Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Numa análise inter-estilos, quase todos corroboram esta questão, com exceção para o estilo Shito-Ryu, considerando as relações são “algo cooperativas e solidárias” (61,5%) (cf. Quadro 6.4).

Quadro 6.4: Relação entre os praticantes segundo o estilo de karaté (%)

Relações entre Praticantes	Shotokai (n= 106)	Shotokan (n= 56)	Goju-ryu (n= 44)	Wado-ryu (n= 23)	Shito-ryu (n= 13)	Total N=244
Bastante cooperativas e solidárias	65,1	58,9	61,4	82,6	38,5	62,7
Algo cooperativas e solidárias	30,2	28,6	36,4	13,0	61,5	30,7
Algo competitivas e individualizadas	3,8	10,7	2,3	4,3	0,0	4,9
Bastante competitivas e individualizadas	0,9	1,8	0,0	0,0	0,0	0,8
NS/NR (n=2)						0,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Como vimos, as relações entre praticantes são “bastante cooperativas e solidárias” (62,7%) nos centros de prática, opinião partilhada quer pelos homens (61,7%), quer pelas mulheres (72,7%). Apenas uma minoria considera que elas são “bastante competitivas e individualizadas” (0,8%). (cf. Quadro 6.5).

Quadro 6.5: Relação entre os praticantes segundo o sexo (%)

Relações entre os Praticantes	Masculino (n=209)	Feminino (n=33)	Total (n=244)
Bastante cooperativas e solidárias	61,7	72,7	62,7
Algo cooperativas e solidárias	32,5	21,2	30,7
Algo competitivas e individualizadas	4,8	6,1	4,9
Bastante competitivas e individualizadas	1,0	0,0	0,8
NS/NR (n=2)			0,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”, 2010-2011

Ainda assim, para 30,7% elas não são totalmente cooperativas, e para 4,9% são algo competitivas e individualizadas. Opiniões, com proporções próximas segundo o sexo, ainda que proporcionalmente superiores nos homens para as respostas de algo cooperativas e solidárias (32,5%) e para as mulheres de algo competitivas e individualizadas (6,1%).

Porém no cruzamento de variáveis, é possível verificar que não existem diferenças com significância estatísticas na relação com: $\chi^2=16,362$; d.f.=12; $p=0,175$ (estilos de karaté), $\chi^2=2,134$; d.f.=3; $p=0,545$ (sexo), $\chi^2=68,345$; d.f.=33; $p=0,001$ (idade) e $\chi^2=3,251$; d.f.=6; $p=0,777$ (escolaridade).

As sociabilidades produzidas nos eventos de convívio que organizam criam proximidade entre os praticantes, permitindo a partilha e entreaajuda, e também a aceitação do aconselhamento, ou até mesmo orientação por parte dos treinadores tal como vimos no capítulo anterior, ao assumir o papel do *Sensei*, do mestre, como se tornam elucidativos os seguintes excertos das entrevistas realizadas, enquanto tipo de testemunhos (cf. Quadro 6.6, na página seguinte):

Quadro 6.6: Relações de sociabilidade entre os karatecas

Convívio	“Procuramos organizar, sempre que possível, eventos, como almoços, jantares, passeios no campo, com a observação da flora e fauna, organizamos idas à praia. Há também as festas anuais da criação do clube, reforçando os laços entre os praticantes” (Cidália Barreto, 43 anos, 1.º kyu Shotokai).
Cooperação	“Os treinadores são responsáveis pelos comportamentos dos seus alunos, para o bem e para o mal, outros há que dependem da própria essência da pessoa enquanto ser humano e sobre os quais o treinador pode ter dificuldade em intervir ou modificar” (João Dias, 50 anos, 6.º dan Shito-Ryu). “O treinador deve ter a capacidade de discernir e identificar problemas de comportamento entre os seus praticantes. Adequar a linguagem, perceber a natureza de tais comportamentos ou tendências e ajudar, enquadrar, com soluções na medida das suas capacidades de intervenção” (Nuno Cardeira, 41 anos, 5.º dan Goju-Ryu).
Aconselhamento e orientação	“O treinador é o elemento fulcral na orientação daqueles que tem a seu cargo. Existe um grande vínculo identitário entre os praticantes e o seu treinador” assim sendo, “se o treinador não estiver bem situado relativamente aos seus valores e àqueles valores que pretende transmitir, o resultado não poderá ser socialmente positivo” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º dan Shotokai). “O papel do treinador é dar pistas, caminhos, abrir horizontes e facultar ferramentas. A opção é sempre do discípulo” (Nuno Cardeira, 41 anos, 5.º dan Goju-Ryu).

Fonte: Entrevistas efetuadas entre 2011 e 2012

Como vemos, as dinâmicas de cooperação assumem diferentes formas no espaço das práticas desportivas, encontrando-se as sociabilidades como uma das suas características (Marivoet, 2001). Os nossos resultados vêm assim, ao encontro desta conclusão do estudo nacional realizado pela autora sobre os hábitos desportivos da população portuguesa.

Apesar dos conflitos existentes na defesa dos diferentes interesses como pressupõe a hipótese em discussão, também se encontram dinâmicas de cooperação, de amizade e solidariedade que devem ser assinaladas como uma característica do campo das práticas desportivas (Marivoet, 2007). Na linha de outros autores, a autora defende que a especificidade da unidade social não exclui conflito, e que pelo contrário, os conflitos resultam do sentido de pertença a uma dada unidade ou figuração social, de um conjunto social como constitui um dado campo social como constitui o desportivo. Como afirmava Bourdieu (1979) em cada campo social emergem estratégias e dinâmicas de afirmação de poder dos vários interesses que aí se jogam.

6.3 Relações entre Competição e *Budô*

Já demos conta neste trabalho da importância do *Budô* e da competição para os praticantes de karaté da nossa amostra. No entanto, importa agora analisar as tensões, as dinâmicas e os conflitos e/ou resistências, decorrente da hipótese em discussão.

Segundo os testemunhos dos nossos entrevistados, o facto de se praticar karaté de competição, não significa que o espírito de *Budô* seja ignorado, ele não assume é a mesma valorização dos praticantes que desenvolvem a sua prática afastada da competição. A este propósito, torna-se elucidativo o testemunho de um dos nossos entrevistados:

“Embora procure que os valores e o espírito do *Budô* estejam presentes, a prática é essencialmente virada para o desenvolvimento motor e técnico, explorando um desporto que tem raízes numa arte marcial. Tento equilibrar as duas vertentes [competição e *Budô*], embora com mais ênfase na competitiva devido aos condicionamentos da sociedade atual” (Armando Inocentes, 54 anos, 4.º *dan* Goju-Ryu).

Como vemos, falar-se de karaté de *Budô* e de competição, não significa que as duas realidades sejam antagónicas, pois elas encontram-se presentes em ambos os âmbitos, o que difere, como temos estado a concluir, são as valorizações de uns e de outros, e os interesses que se jogam na afirmação de poder no seio do campo do karaté, inserido no campo das práticas desportivas dotadas de uma especificidade própria, de uma identidade. Ora, é justamente por assim ser, que a conflitualidade entre os âmbitos existe, pois se assim não fosse o campo estaria dividido, com as perdas daí decorrentes para a afirmação da modalidade do karaté, naturalmente com o qual todos se identificam, estimam e defendem.

É também importante referir, que a tradição *Budô* oriental tem a sua história dentro da História, pois a sociedade japonesa de onde emergiu, tem estado tão sujeita à mudança como as sociedades ocidentais, tendo-se assistido de resto à sua ocidentalização como as sociedades ocidentais têm de forma crescente aculturado valores e práticas orientais, tal como referido por Mishima (1985)⁷², e como constituem justamente as artes marciais e nestas em particular

⁷² Sobre a crescente aculturação do Japão, veja Mishima (1985), escritor japonês que se suicida em 1970, através do *seppuku* (corte do ventre; como nos tempos tradicionais dos samurais), evocando a perda dos valores tradicionais do Japão, refletidos na *Via do Hagakuré* (antigo samurai), neste processo de aculturação e ocidentalização, livro, aliás, que serviu de base de inspiração do espírito nacionalista e de fanatização dos jovens kamikazes durante a Segunda Guerra Mundial, como atesta Mishima.

o karaté, tal como vimos no Capítulo I. O depoimento que nos foi prestado numa das nossas entrevistas torna-se a este propósito elucidativo:

“O karaté no Japão não é visto como uma modalidade nobre, antes pelo contrário, e os conceitos do *Budô* ainda que presentes na maioria dos dojos, não evitam a imagem rude que a modalidade tem na sociedade. A expressão “Oss”, tão proferida pelos karatecas, é em si mesmo sinónimo de baixo nível de educação. Eu entendo o *Budô* no contexto atual como uma forma de estar perante a prática de uma determinada modalidade, no caso o karaté em que a prática e o ensino da mesma devem demonstrar o respeito pelo próximo e pela integridade humana, naquilo que considero um combate” (João Dias, 50 anos, 6.º *dan* Shito-Ryu).

Nos tempos presentes, o *Budô* expressa-se também em novos significados, voltados para a ascese individual, o conhecimento do corpo, os seus usos e os seus limites, e como este se interliga com o espírito ou com a mente, no sentido de aumentar as capacidades, mas também como meio de melhorar o Ser que nos dá humanidade. Como afirmava um dos nossos entrevistados:

“O conceito de *Budô* tem vindo a acompanhar a evolução das sociedades. Se na origem tinha a ver com artes marciais, na era da “guerra das estrelas” o carácter marcial ficou reservado só para o “inimigo interno”. Este sempre existiu e seria sempre necessário obter vitórias sobre ele, para se conseguir com segurança defrontar fisicamente e na guerra os inimigos externos. Hoje, no *Budô* a possibilidade que existe de confronto “de mãos vazias”, com um inimigo externo é diminuta, mas talvez os aspetos que se prendem com a formação do carácter, respetivos valores e princípios estejam menos presentes nas sociedades atuais. O conceito *Budô* permanece atual, sendo esse “Do” no Karaté-Do praticado em todos os momentos e técnicas. Como exemplos mais avançados pode-se referir a aplicação permanente (dentro e fora do treino) dos vinte princípios fundamentais, enunciados pelo mestre Gichin Funakoshi” (José Pascoalinho, 60 anos, 4.º *dan* Shotokai).

As palavras deste nosso entrevistado de 60 anos de idade, por isso contando já com uma longa experiência da modalidade e da sua evolução ou das mudanças por que tem passado em Portugal e no Japão, exprimem bem como o *Budô* tem vindo a transformar-se. Naturalmente que os karatecas mais novos encontram-se já socializados pelos valores emergentes, e, nesse aspeto, nem se apercebem das diferenças. Como nos afirmava um dos nossos entrevistados mais novos:

“Mais do que chamar-lhe competição desportiva ou *Budô* interessam os princípios que lhes estão subjacentes. Há valores, que considero serem os valores de bem, que

são imutáveis e que se desenvolvem tanto nas práticas clássicas como nas desportivas atuais. O desenvolvimento e a metaconsciência destes valores é o princípio fundamental a ser desenvolvido numa classe de treino. Depois podemos chamar-lhe *Budô* ou outra coisa qualquer. A prática de competição é outra problemática falsamente colocada. É boa ou má? Depende, por isso é neutra” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º *dan* Shotokai).

Mas, como temos estado a analisar através dos dados mobilizados para esta investigação, existem diferenças entre o karaté de competição e o designado karaté de *Budô*, mais virado para a designada vertente individual, de combate, ainda que, como temos estado a argumentar através da análise dos dados, não se tratam de práticas antagónicas, mas pelo contrário, são manifestações da mesma identidade, isto é, do karaté, tal como elucida o testemunho de um outro nosso entrevistado:

“Pratico ambas as vertentes [competição e *Budô*]. Não encontro diferença, nem separação entre essas duas componentes. O *Budô* é intrínseco a toda a prática do karaté, mesmo o de competição desportiva. O objetivo vencer, o aperfeiçoamento técnico e físico ao limite, o espírito desportivo de respeito pelo outro e pelas regras de arbitragem, para mim, são também *Budô*. O treino mais marcial, sem os limites das regras desportivas, a prática e treino de técnicas mais danosas e letais, comportam o mesmo tipo de atitude, dedicação, entrega, princípios e valores. O instinto da sobrevivência, o impulso animal da luta, só diferem da selvajaria pelo uso da inteligência humana, de uma tática adequada e da prática reiterada assente em sistemas desenvolvidos para o efeito. O *Budô* identifica essa inteligência, comportando a orientalidade cultural da origem do karaté e artes antecessoras. O *Budô* é anterior ao karaté e comum a essas artes marciais” (Nuno Carneira, 41 anos, 4.º *dan* Goju-Ryu).

Somos, assim, levados a concluir, que mais do que enfatizar a conflitualidade entre as vertentes competitivas e de *Budô* como pressupunha a nossa terceira hipótese em discussão, a realidade pode ser explicada nas diferenças que se expressam como possibilidades do sentir, de estar e dos usos que o karaté proporcionam, existindo naturalmente interesses que se “jogam”.

Como diria Bourdieu, nas suas *Raisons Pratiques* (2004, p. 55) cada um tem um certo peso no “jogo”, podendo criar eixos de conflitualidade próprios de um campo social, como constitui o do karaté no seio do campo das práticas desportivas. Nas especificidades do karaté encontram-se valores específicos orientadores da “ação e sistema” (Crozier & Friedberg, 1977), expressos numa ética própria sintetizada nos vinte princípios fundamentais do karaté enunciados pelo mestre Gichin Funakoshi, que na realidade dão expressão ao que os karatecas atribuem como *Budô*.

6.4 Afirmação, Resistência e Tensão

Segundo Bourdieu (1979), como vimos na problematização da presente investigação (Capítulo II), a realidade social assenta numa relação de forças entre grupos sociais historicamente em luta e, como diria Crozier & Friedberg (1977, p. 42), “o homem tem sempre uma margem de liberdade, não se impedindo de a utilizar para ‘bater’ no sistema”. As configurações sociais são justamente o produto de lutas e o “resultado de uma negociação” (Crozier & Friedberg, 1977, p. 43).

Com o conceito de estrutura e de campo, Bourdieu define uma grelha de leitura pluridimensional do espaço social. Um “campo”, como vimos, é um sistema de forças “coercivo”, de constrangimento, que pesa sobre os atores sociais, nos quais os indivíduos lutam para modificar ou conservar o estado das relações de força. Esta competição permanente, para o autor, é o motor dos sistemas sociais. Todo o fenómeno social é produto da ação dos indivíduos, e estes dão um sentido aos seus comportamentos. Desta realidade nos dá conta, justamente, as afirmações de um dos nossos entrevistados:

“Na minha opinião, devemos entender as situações de resistência/oposição, não como movimentos doutrinários consagrados, mas sim episódios opinativos pontuais e pessoais. No caso referenciado, o aluno mais graduado de Kenei Mabuni na Europa, e certo como seu sucessor na organização mundial de Shito-Ryu, Hidetoshi Nakahashi, destacou-se como competidor desportivo e está ligado à federação francesa por essa via e não pela tradicional. As situações de resistência identificadas têm muito a ver com as dinâmicas internas associativas, vocações técnicas e controlo por parte dos instrutores-chefes. São motivadas mais por razões de política interna, do que conceptualização da modalidade ou sobre o desporto em geral. Pior, algumas resistências derivam da inépcia e falta de conhecimento técnico específico para a competição, e da falta de vontade em se exporem ao confronto salutar de conhecimentos. Hoje, o karaté está consagrado como uma modalidade desportiva e todo o aparelho organizativo institucionalizado oficialmente é espelho disso mesmo” (Rodrigo Ramalho, 47 anos, 2.º dan Goju-ryu).

Um outro entrevistado, mais novo, traçou-nos igualmente uma análise panorâmica desta realidade, cujo sentido crítico e de análise das condições de afirmação da própria modalidade no Ocidente, e fruto do seu modelo hegemónico no desporto mundial através das estruturas olímpicas, os desportos se veem obrigados a estabelecer relações com o Estado no

quadro legal institucionalizado⁷³, torna-se por demais elucidativo da questão em análise neste ponto acerca da afirmação *versus* resistência, nas suas palavras:

“Creio que o universo do karaté é muito amplo e que a dificuldade em estabelecer diálogo é um dos principais travões ao seu desenvolvimento. Torna-se difícil evoluir quando internamente não se chega a consenso. Uns pretendem impingir a sua versão da prática a todos os outros. Como uma prática humana, o karaté tem diferentes manifestações e dimensões (e teve-as sempre ao longo da sua história ainda antes de ter esta designação). Como tal, é da aceitação destas diferentes manifestações e da cooperação entre pares que se poderá fazer o desenvolvimento da modalidade em termos institucionais. Nos nossos dias, apenas poderemos perspetivar o desenvolvimento do karaté enquanto prática associativa na medida em que esta se afirma enquanto modalidade desportiva vinculada ao movimento olímpico. No entanto, este vínculo não rejeita nem despreza o património próprio construído pela própria trajetória da arte. Bem pelo contrário. Afirma-o. E afirma também a sua capacidade de evolução. Do meu ponto de vista, existe apenas um karaté. E este karaté é pluridimensional. Uns dedicam-se à prática desportiva competitiva, outros ao estudo da técnica e outros ao entendimento do seu ambiente social. Mas todos devem remar para o mesmo lado, enaltecendo o nome da modalidade que representam e assumindo o seu carácter plural. No entanto, num aspeto sou inflexível: um processo de treino com qualidade só é possível mediante a utilização de princípios base detetáveis apenas no estudo científico do karaté, normalmente vinculado ao âmbito desportivo” (Bruno Rosa, 29 anos, 1.º *dan* Shotokai).

Somos, pois, levados a concluir, que as dinâmicas de afirmação e resistência sentidas pelos praticantes do karaté tida como pressuposto da hipótese em análise, e corroborada de algum modo pelos testemunhos das entrevistas que acabámos de chamar à nossa análise, assim como da nossa observação de campo, se inscrevem na especificidade do próprio campo do karaté inserido no campo das práticas desportivas de competição de uma sociedade europeia, como é a portuguesa.

Conflitos

Como já vimos anteriormente, os praticantes evocam existirem conflitos (manifestos ou latentes). Os conflitos são um antagonismo entre indivíduos ou grupos na sociedade (ou

⁷³ O estatuto de utilidade pública concedido pelo Estado (Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro) dota as federações desportivas de existência legal, sem o qual os seus atletas não podem representar o país nas competições internacionais, sendo que no exercício da missão de representação nacional, podem usufruir de subvenções financeiras, o que naturalmente se torna atrativo, e diríamos mesmo indispensável, ao desenvolvimento das modalidades desportivas não profissionalizadas como é o caso do karaté.

entre sociedades). Ele surge quando uma decisão não pode ser tomada pelos procedimentos habituais. Comumente aceita na sociologia das organizações, ela mostra que os conflitos dependem dos modelos organizacionais, uma das razões de conflito que foi justamente apontada por um dos nossos entrevistados, nas suas palavras:

“O conflito existe a nível associativo pelo monopólio que as associações criam em torno do dito karaté tradicional e a nível desportivo pelas avaliações do desempenho feita pelos juízes em função daquilo que as regras permitem e possibilitam para a vitória de um competidor, mesmo que este não o mereça!...”
(João Dias, 50 anos, 6.º *dan* Shito-Ryu).

Mas as relações de poder que se estabelecem na defesa dos interesses de uns e de outros nas organizações, podem também ter como força maior a afirmação pessoal, como salientou um dos nossos entrevistados:

“Tensões e conflitos existem sempre entre as organizações/associações dos seres humanos. Possivelmente, o referido ‘inimigo interior’, o confronto dos egos será a principal causa. Pessoalmente, envolvo-me o menos possível nesses conflitos, mas julgo que algumas medidas relativas à institucionalização das organizações têm demonstrado ser benéficas para todos. Por exemplo, Federações desportivas separadas de Federações tradicionais” (José Pascoalinho, 60 anos, 4.º *dan* Shotokai).

Há correntes sociológicas que privilegiam o consenso e a integração para caracterizar as sociedades (Durkheim, Parsons), não vendo neles o carácter ameaçador da ordem social e o disfuncionamento a regular, enquanto outros sociólogos (Simmel) pensam que, ao contrário, o conflito não é necessariamente destruidor, pois pode ser um elemento de regulação e um fator de integração (Marivoet, 2007).

As necessidades institucionais federativas obrigam-nas a um conjunto de procedimentos, que, por vezes, aos olhos dos praticantes não são bem aceites como vimos. Ainda assim, as ações que empreendem para dar cumprimento a essas exigências legais, nomeadamente de formação e de legitimação dos agentes de ensino, visam criar um reforço da modalidade em termos de unidade, justamente essa que é mal vista por alguns estilos que tendem a sentir a perda justamente da sua especificidade (e do seu poder legitimador imbuído pelo saber da prática), daí as resistências, as críticas e, por vezes, as cisões, como elucida o testemunho de um dos nossos entrevistados:

“A federação desportiva organizou e deu cobertura institucional às associações tradicionais de karaté e seus diretores técnicos, mas ao mesmo tempo, aumentou as

exigências formativas, incrementou a especialização, facultando oportunidades a treinadores e jovens praticantes sequiosos de conhecimentos e liberdade participativa, fugindo muitos ao controle associativo tradicional. Agravado pelo modelo de apoio institucional (organismos oficiais, autarquias e empresarial), suportado no requisito do sucesso desportivo mediático, muitas associações tradicionais viram dissolvido o seu papel de fonte do conhecimento, de controlo da prática e de exclusivo do vínculo hierárquico pela via da graduação técnica. Multiplicaram-se associações novas, de estilo e inter-estilos, geridas por jovens treinadores com acesso direto a certificação federativa e assentes num modelo de formação desportiva e já não tradicional” (Nuno Cardeira, 41 anos, 4.º *dan* Goju-Ryu).

Como se verifica da análise da informação recolhida, quer pelos testemunhos dos nossos entrevistados privilegiados, quer pela nossa observação-participante, os conflitos passam pelo protagonismo que algumas associações querem ter, até pelo número elevado de praticantes que têm inscritos nos seus centros de prática, pela visão do karaté (competição, não competição), pela competição entre clubes e associações, o vínculo hierárquico das graduações e as representações das associações japonesas em Portugal. Esta realidade vai ao encontro da hipótese em discussão, apesar da análise da informação recolhida nos leve a concluir, que esta conflitualidade resulta da afirmação dos diferentes interesses no campo do karaté.

6.5 Dinâmicas de Afirmação e Conflitualidade

Na terceira hipótese de investigação, partimos, pois, do pressuposto de que as relações entre os praticantes experientes de karaté da vertente de não-competição e de competição desportiva, têm-se vindo a caracterizar por tensões, dinâmicas de resistência e conflitos, geradores de cisões entre agentes de ensino, espaços de prática ou clubes e estrutura federativa, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

Os resultados apurados sobre a cooperação e demarcação no karaté permitem constatar que os interesses são essencialmente convergentes e de cooperação (39,3%). Ainda assim, verifica-se uma percentagem elevada quando dizem que são interesses divergentes, mas sem conflitos abertos (23,4%). Apenas uma minoria diz que as relações são conflituosas (8,8%).

Segundo os inquiridos, as relações entre praticantes são “bastante cooperativas e solidárias” (62,7%) nos centros de prática, e isso verifica-se quer para os homens (61,7%), quer para as mulheres (72,7%).

Existe alguma tensão entre os clubes, associações e a federação não impedindo uma cooperação institucional. As tensões, dinâmicas de resistência e conflitos passam pela percepção da modalidade (competição *versus* *Budô*), pelas dinâmicas internas associativas, vocações técnicas e controlo por parte dos agentes de ensino mestres ou treinadores, ao papel que a federação tem vindo a desempenhar, ainda que esta disponha de meios e poderes limitados.

Os dados analisados, apesar de fornecerem evidências dos pressupostos da hipótese em discussão, incluindo a independência do estilo de karaté, o sexo, a idade e a escolaridade, levaram-nos a concluir que a leitura que se expressa da realidade se afigura redutora, e deste modo só em parte podemos afirmar que a hipótese se verifica.

Como refere Bourdieu (1979), os interesses, os gostos, as preferências dependem da posição que cada um ocupa na hierarquia do espaço social. E, neste sentido, os indivíduos, ocupando diferentes posições estão em luta uns contra os outros para ocuparem as melhores posições no seio do espaço social. Uns que estão “no alto” defendem a sua posição, os que estão “em baixo” aspiram a substituir os que estão “no alto”.

Esta imagem pode parecer ser de enfoque marxista, mas no sentido de Bourdieu não se fala de classes, mas de indivíduos que se opõem. É possível que as classes se formem e se mobilizem, mas na perspetiva do autor isso é raro. Na vida quotidiana são os indivíduos que se confrontam. Assim sendo, compreende-se a ideia de Bourdieu quando descreve o espaço social (1979) como um “campo de forças” e um “campo de lutas”⁷⁴, na medida em que o espaço social é um espaço de poder que é distribuído de maneira assimétrica. Cada um tem um certo peso no “jogo”, peso (capital que pode ser simbólico ou social) que utiliza para melhorar a sua posição.

Ora, no caso da confrontação dos praticantes de karaté entre os aspetos do *Budô* e a competição é isso que se verifica. Somos então levados a concluir, que esta realidade reforça a nossa tese, pois fornece evidências à existência de uma identidade de campo do karaté, onde a cooperação não pode ser analisada sem que com ela existam eixos de tensão, de resto

⁷⁴ Bourdieu (2004, p. 55) utiliza deliberadamente a imagem da guerra, onde os indivíduos (agentes) se “batem” para um lugar ao sol.

conclusão da tese de doutoramento em sociologia sobre a ética do desporto de Marivoet (2007). É, neste contexto, que concluimos que a nossa terceira hipótese apenas se verifica em parte, pois apenas colocou em foco uma parte da realidade.

CONCLUSÃO

O desporto institucionaliza-se no final do século XIX, quando os jogos desportivos se organizam em competições regulares e regulamentadas, sob o controle de uma burocracia especializada. A grande maioria dos desportos (boxe, futebol, rãguebi, atletismo, ténis...) chega-nos de Inglaterra. Mas outras atividades corporais chegam-nos do Oriente, como, por exemplo, as artes marciais. Pela sua variedade de origens, pela sua diversidade de especialidades e pela diferenciação dos seus “usos”, as artes marciais e os desportos de combate ocupam um lugar importante no âmbito das práticas desportivas codificadas.

Contrariamente aos desportos ditos “maiores” (desportos-jogos, atletismo, natação, entre outros), que são, na maior parte dos casos, de inspiração anglo-saxónica, os desportos de combate distinguem-se pelas suas origens culturais: karaté, judo, aikido (japonesas); kung-fu, tai-chi (chinesas), taekwondo (coreana), viet-vo-dao (vietnamita), etc.

As artes marciais, ao se colocarem numa relação com as práticas tradicionais locais, deram aos praticantes ocidentais a impressão de “exotismo” e “novidade”. Como refere Bourdieu (2003, p. 181), “uma *oferta* destinada a encontrar uma certa *procura social*”, o que pode levar a questionar como chega o ‘gosto’ das artes marciais e desportos de combate em detrimento de outros desportos, enquanto práticas ou enquanto espetáculos?

A partir dos anos sessenta, integrado no movimento designado da contracultura, as práticas marciais, vindas do Oriente, globalizaram-se e integraram progressivamente a “paisagem” desportiva europeia, incluindo Portugal. Se no início dos anos sessenta havia uma centena de praticantes de karaté, sendo quase uma prática confidencial, hoje conta com mais de dezasseis mil praticantes e quase uma centena de associações, repartidos(as) pelo território nacional. O crescimento anual médio, como vimos entre 2003 e 2009, é de 9,8% em particular nos escalões jovens, onde se cifra em 16,1%, releva o lugar importante ocupado no “campo” das práticas desportivas. Podemos pois afirmar continuando a recorrer ao conceito de Bourdieu (1979), que o karaté se constitui como um campo específico das práticas de combate na sociedade portuguesa.

Como muitas outras atividades físicas e desportivas, este desenvolvimento quantitativo é acompanhado de profundas mudanças: as instâncias, encarregadas da organização e da promoção do karaté, institucionalizaram-se gradualmente. Ao mesmo tempo as relações entre praticantes e as formas de se investirem também se modificaram. No fundo, a prática do karaté inscreve-se nas novas formas de representação do corpo e corporeidade emergente nos anos setenta. Por outro lado, o campo das práticas do karaté é um lugar de lutas, que visam a imposição legítima da prática desportiva (amadorismo *versus* profissionalismo, desporto-prática *versus* desporto espetáculo, desporto distintivo (de elite) *versus* desporto popular (de massas)).

Na nossa investigação, quisemos saber, se no processo de globalização das artes marciais, o karaté terá preservado as suas características de arte marcial oriental? Considerámos que a tradição guerreira dos Samurais do Japão se encontraria presente no processo de globalização do karaté, traduzida na conceção de treino enquanto expressão do *Budô* (via marcial), veiculado por uma filosofia oriental constitutiva de um estilo de vida identitário, e envolvimento organizacionais particulares, que se afirmam como forma de resistência ao modelo de competição desportiva ocidental, independentemente do estilo de karaté, do sexo, da idade e da escolaridade.

No aprofundamento do nosso objeto de estudo, da tese que se pretende demonstrar nesta investigação, definimos três hipóteses e construímos um modelo de análise para a sua operacionalização. Nas opções metodológicas recorremos a técnicas qualitativas complementares e a quantitativas. Assim, utilizámos técnicas de investigação social: observação direta, observação-participante, entrevista semi-diretiva e inquérito por questionário. O universo da nossa amostra foi de 244 praticantes de karaté avançados (cintos castanho e negro), a nível nacional, tendo sido realizadas de forma a completar a informação 31 entrevistas junto de interlocutores privilegiados.

Partimos então do pressuposto, na primeira hipótese, de que se encontraria um estilo de vida identitário entre os praticantes experientes do karaté, ainda que, decorrente de usos e disposições sociais particulares, se encontrasse alguma diferenciação segundo o estilo adotado na prática, independentemente do sexo, idade e escolaridade.

A realidade dos dados obtidos revela que podemos comprovar, em parte, a nossa hipótese de estudo. Apesar de alguma diferenciação, existe, de fato, um estilo de vida

identitário entre os praticantes experientes de karaté ainda que, decorrente de usos e disposições sociais particulares, independentemente do estilo adotado na prática, contrariamente à nossa hipótese que o colocava como explicativo das diferenças encontradas, mas também do sexo, idade e escolaridade tal como considerado inicialmente, na medida em que as diferenças encontradas não apresentam significância estatística. Assim, o espaço dos estilos de vida, pelo intermediário do *habitus*, evocado por Bourdieu (1979), é transponível para o karaté, enquanto princípio unificador e gerador de práticas. Como acrescenta Clément (1981, p. 289), “as práticas desportivas podem ser apreendidas como práticas sociais e culturais, e a este título constitutivas de um estilo de vida”.

A segunda hipótese definida, considerava que a maioria dos praticantes experientes de karaté conceberia a sua prática como expressão do *Budô*, reproduzida de forma dominante pelos agentes de ensino da modalidade através de práticas de luta convencional, imagens, símbolos e veiculação de valores, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

A realidade analisada fornece evidências que comprovam a nossa segunda hipótese. Nestas destaca-se o carácter multidimensional na orientação e valorização de diferentes aspetos do karaté. Ele oferece uma grande diversidade de âmbitos de prática (competição, lazer, *Budô*) e, por isso, diferentes usos sociais. Os dados demonstram que os praticantes na vertente de competição e de não competição concebem a sua prática como *Budô*, ainda que com uma valorização diferente, como seria de esperar superior nos segundos, dando grande importância à manutenção dos ritos e símbolos a ele associados, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

Ao refutar a ideia de competição (numa perspetiva de *Budô*), os praticantes de karaté querem-se demarcar do processo de desportivização hegemónico do Ocidente, daí a nossa questão de partida pretender saber, justamente, se os praticantes de karaté seriam portadores de uma arte marcial que os demarcava de ser desportivos, constituindo-os numa comunidade identitária com um estilo de vida próprio.

A terceira hipótese de estudo traçada, pretendia averiguar se as relações entre os praticantes experientes de karaté da vertente de não-competição e de competição desportiva têm vindo a caracterizar-se por tensões, dinâmicas de resistência e conflitos, geradores de

cisões entre agentes de ensino, espaços de prática ou clubes e estrutura federativa, independentemente do estilo de karaté, sexo, idade e escolaridade.

Apesar da estabilização institucional, algumas tensões e conflitos persistem e inscrevem-se num processo de lutas de poder, visando reafirmar as suas prerrogativas. Ainda assim, os praticantes da nossa amostra referem que as relações entre as associações são convergentes e de cooperação. Como corrobora Bourdieu (1979), os indivíduos são portadores de determinadas estratégias que derivam de uma lógica de *campo*, nos quais evoluem. Ou seja, existe um espaço em que ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais, espaço este sempre dinâmico, que obedece a leis próprias, animado pelas disputas ocorridas no seu interior, e cujo móbil é o interesse em ser bem-sucedido nas relações estabelecidas entre os seus componentes (seja ao nível dos agentes, seja ao nível das estruturas).

Existe, assim, um “*campo de concorrência* onde se afrontam agentes sociais específicos ligados à posição que nele ocupam” (Bourdieu, 2003, p. 182). As tensões, conflitos, contestações, etc., no caso do karaté, são, sobretudo, pela vontade de se ter o protagonismo na modalidade, a conquista de terreno, ou seja, ter-se mais clubes e praticantes, à perceção da forma de prática, ao reconhecimento (ou a forma de entrega) das graduações e associações representativas de determinado estilo de karaté, a variedade e eficácia das técnicas utilizadas, no entanto, isso não impede uma boa cooperação institucional. Os dados apontam que as relações entre os praticantes experientes de karaté da vertente de não-competição e de competição desportiva têm vindo a caracterizar-se por tensões, dinâmicas de resistência e conflitos, geradores de cisões entre agentes de ensino, espaços de prática ou clubes e estrutura federativa, independentemente do estilo de prática, sexo, idade e escolaridade, como afirmava a nossa terceira hipótese, embora a análise realizada nos permita concluir que a leitura que se expressa da realidade se afigura redutora, e deste modo só em parte podemos afirmar que a hipótese se verifica.

Como concluiu Marivoet (2007; 2010b) acerca da análise da ética do desporto, princípios práticas e conflitos, na sociedade portuguesa entre 1974 e 2000, a cooperação tem implícito o conflito. Tratam-se, pois, de dinâmicas de afirmação de interesses e de poder dentro do campo do karaté, que coexistem com várias formas de cooperação, ambas contribuindo para o reforço da identidade do mesmo.

Para concluirmos, podemos afirmar que, mergulhado nos contextos históricos, sociais e culturais específicos (Oriente e Ocidente), o karaté se transforma e se encontra em constante interação e mudança, tanto mais que no Oriente, em particular no Japão, país de que é originário, as tendências de globalização atuais também se fazem sentir, e com estas as mudanças sociais, os usos e costumes, e decorrentemente, o próprio desenvolvimento do karaté como referimos.

Deste modo, o karaté pode ser entendido como uma manifestação desportiva que dá expressão ao cruzamento de culturas (Oriental e Ocidental), em perpétua evolução, onde é possível verificar as linhas força, de se apreender o que está em jogo e compreender o seu estado presente.

Em jeito de síntese, para finalizar, podemos então afirmar, grosso modo, que a tradição guerreira dos Samurais do Japão se encontra presente no processo de globalização do karaté, traduzida na conceção de treino enquanto expressão do *Budô* (via marcial). Podemos ainda afirmar que, apesar da diferente valorização por parte dos praticantes da vertente não competitiva e competitiva, esta se torna agregadora de um estilo de vida identitário baseado em valores orientais. Também, apesar dos diversos envolvimento nos clubes, associações e federação da modalidade, encontram-se dinâmicas de afirmação e resistência por parte dos karatecas da vertente não desportiva face ao modelo de competição desportiva ocidental, ainda assim, os eixos de conflitualidade encontrados, reforçam o carácter de campo específico das práticas do karaté, pois fornecem-lhe identidade alicerçada em variadas formas de cooperação.

BIBLIOGRAFIA

- Abib, P. (2008). Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. Actas do VI Congresso Português de Sociologia - Mundos Sociais: Saberes e Práticas, 25 a 28 de Junho. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Adelino, J., Vieira, J. & Coelho, O. (2005). *Caracterização da prática juvenil federada – estudo comparativo 1998-2004*. Lisboa: IDP.
- Allison, L. (2000). *Sport and Nationalism. Handbook of Sports Studies*. J. Coakley & E. Dunning (eds.). London: Sage Publications.
- Almada, F. (1980). *Judo – análise mecânica das técnicas de projecção do góquio*, Cruz Quebrada, UTL-ISEF.
- Almada, F. (1992). Apresentação da base conceptual da sistemática das actividades desportivas – taxonomia e modelos de tratamento do conhecimento. *Cadernos da Sistemática das Actividades Desportivas* n.º 2. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Almeida, J. F. & Pinto, J. M. (1986). *Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais*. Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (org.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, 55-78.
- Almeida, J. F. & Pinto, J. M. (1976). *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Editora Presença.
- Almeida, J. F. (1984a). Temas e conceitos nas teorias da estratificação social. *Análise Social*, vol. XX, n.º 81-82. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 167-190.
- Almeida, J. F. (1984b). *Valores e representações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Akamatsu, P. (1972). Meiji 1868: revolution and counter-revolution in Japan. London: George Allen and Unwin.
- Andrieu, B. (2004). *A nova filosofia do corpo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Appadurai, A. (1990). Difference and disjuncture in the global cultural economy. *Theory, Culture and Society*, vol. 7, 295-310.
- Araújo, J. (1995). *Manual do treinador desportivo*. Porto: Campo das Letras.
- Attali, M. & Saint-Martin, J. (dir.) (2010). *Dictionnaire culturel du sport*. Paris: Armand Colin.
- Attali, M. (dir.) (2010). Sports et médias, du XIXe siècle à nos jours. Paris : Atlantica.
- Augustin, J.-P. (2003). *Le sport et ses métiers : nouvelles pratiques et enjeux d'une professionnalisation*. Paris : Editions La Découverte.
- Bairner, A. (2008). Sport, nationalism and globalization: relevance, impact, consequences. *Hitotsubashi Journal of Arts and Sciences* (49). Hitotsubashi University, 43-53.
- Bairner, A. (2001). *Sport, nationalism and globalization: European and North American Perspectives*. Albany, NY: SUNY Press.
- Barreira, C. (2004). *A arqueologia da intenção do caminho do karaté: análise psicológica e fenomenológica*. Tese de Doutoramento em Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Barth, F. (1969). *Les groupes ethniques et leur frontières*. (trad. fr., 1.ª ed. em inglês em 1969). Poutignant, Ph. & Streiff-Fenart, J. (1995). *Théories de l'ethnicité*. Paris : PUF, 203-249.

- Batista, J. S. & Pires, R. P. (1989). O desporto nas sociedades modernas. *Sociologia: Problemas e Práticas*, n.º 6, 11-21.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Beaurepaire, P.-Y. (2010). *Franç-maçonnerie*. Attali, M. & Saint-Martin, J. (dir.) (2010). *Dictionnaire Culturel du Sport*. Paris: Armand Colin, 468-471.
- Beaud, S.; & Weber, F. (2010). *Guide de l'enquête de terrain*. Paris : La Découverte.
- Beck, U. (1992). *Risk society*. London: Sage Publications.
- Becker, C. B. (1982). Philosophical perspectives on the martial arts in America. *Journal of the Philosophy of Sport*, 9, 19-29.
- Berger, P. & Luckmann, T. (2004). *A Construção Social da Realidade*. Lisboa: Dinalivro.
- Bergeret, R. (1983). La relation maître-disciple: sa présence dans le jûdô, son rapport à la voie dans les arts martiaux, Thèse de 3ème cycle, Sciences de l'éducation. Grenoble : Université de Grenoble II.
- Birrel, S. & Cole, C. (1994). *Women, Sport, and Culture*. Human Kinetics: Champaign, IL.
- Birrel, S. (2000). Feminist theories ans sport. In J. Coakley e E. Dunning (eds.) (2000). *Handbook of sport studies*. London : Sage, 61-76.
- Boaventura, J. C. (1995). *Estudo sobre as artes marciais orientais e as organizações não-governamentais: mundiais, internacionais e nacionais*. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto do Desporto, INDESP/IDP.
- Bodin, D., Héas, S. & Robène, L. (2004). Les goûts sportifs : entre distinction et pratique élective raisonnée. *Sociologie et sociétés*, vol. 36, nº 1, 2004, 187-207.
- Boltanski, L. (1989). *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Edição Graal.
- Boltanski, L. (1979). Taxinomies sociales et luttes de classes. La mobilisation de “la classe moyenne” et l'invention des “cadres”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 29, 1979, 75-105.
- Boltanski, L. (1971). Les usages sociaux du corps. *Annales Economies Sociétés Civilisations*, vol. XXVI, n.º 26, 1, 205-233.
- Boniface, P. (2006). *Football & Mondialisation*. Paris: Armand Colin.
- Borg, W. R., & Gall, M. D. (1983). *Educational research*. New York: Longman.
- Boudon, R. (1993). *Les méthodes en sociologie*. Paris : PUF, col. “Que sais-je ?”.
- Boudon, R. (1977). *Effets pervers et ordre social*. Paris : PUF.
- Bouet, M. (1968). *La signification du sport*. Paris : PUF.
- Bourdieu, P. (2002). Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 145, 3-8.
- Bourdieu, P. & Haacke, H. (1994). *Libre-échange*. Paris : Seuil.
- Bourdieu, P. & Wacquant, L. (1998a). A nova vulgata planetária. *Le Monde Diplomatique*, Maio, p. 5.
- Bourdieu, P. & Wacquant, L. (1998b). Sur les ruses de la raison impérialiste. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 121-122, 109-110.
- Bourdieu, P. (2004). *Raisons pratiques: sur la théorie de l'action*. Paris : Poche.
- Bourdieu, P. (2001b). *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, P. (2001a). *Razões práticas: sobre a teoria da acção*. Lisboa: Celta Editora.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editora.

- Bourdieu, P. (1997). *Méditations pascaliennes*. Paris : Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel 82.
- Bourdieu, P. (1988). *La domination masculine*. Paris: Le Seuil.
- Bourdieu, P. (1987). Programme pour une sociologie du sport. *Choses dites*. Paris : Éditions de Minuit, 203-216.
- Bourdieu, P. (1980). *Questions de sociologie*. Paris : Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris : Les Éditions de Minuit.
- Brandão, A. M. (2008). Dissidência sexual, género e identidade. *Actas do VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais : Saberes e Práticas*, 25 a 28 de Junho. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Braunstein, F. & Pépin, J.-F. (2001). *O lugar do corpo na cultura ocidental*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Braunstein, F. (1999). *Penser les arts martiaux*. Paris : PUF.
- Brilha, A. (2010). *A ausência de violência nos desportos de combate*. Monografia do curso de pós-graduação em Direito do Desporto Profissional. Coimbra: Universidade de Coimbra, Instituto de Direito das Empresas e do Trabalho.
- Briot, A. (2000-01). Le budô pris au mot ou la voie des armes suivie à la lettre. *Daruma: revue d'études japonaises*, n.º 8/9, Automne 2000/Printemps 2001. Université de Toulouse – Le Miral : Editons Philippe Picquier, 21-30.
- Brohm, J.-M. (1992). *Sociologie politique du sport*. Nancy : Presses Universitaires de Nancy.
- Brohm, J.-M. (1978). *Sociologie politique du sport*. Paris : J.-P. Delarge.
- Brousse, M. (2000). Les origines du judo en France. De la fin du XIX siècle aux années 1950. Histoire d'une culture sportive (tesis doctoral), Thèse de 3ème cycle. Bourdeaux : Université Victor Segalen.
- Bryman, A. & Cramer, D. (1992). *Análise de dados em ciências sociais* (2.^a ed.). Lisboa: Celta Editora.
- Bryson, L. (1994). Sport and the maintenance of masculine hegemony. S. Birrell, C.L. Cole (Org.), *Women, Sport and Culture*. Champaign, Ill: Human Kinetics: 47-64.
- Bui-Xuân, G. (2011). Les sports de combat comptent parmi les plus éducatifs. In Jean-François Loudcher et Jean-Nicolas Renaud (2011). *Education, sports de combat et arts martiaux*, Grenoble : PUF, 8-14.
- Bui-Xuân, G. (1993). Pour une approche psychanalytique du judo. *Quel Corps ?*, n.º 45-46 (“Sciences Humaines Cliniques et Pratiques Corporelles”), 65-80.
- Burns, J. M. (1978). *Leadership*. New York: Harper & Row.
- Buy, F. (2002). *L'Organisation contractuelle du spectacle sportif*. Thèse de Doctorat. Aix Marseille : Presses Universitaires d'Aix Marseill.
- Caillois, Roger (1958). *Les jeux et les hommes*. Paris. Gallimard.
- Callède, J. P. (1985). La sociabilité sportive : intégration sociale et expression identitaire. *Ethnologie française*, n° 4, 327-344.
- Callebat, L. (1988). *Pierre de Coubertin*. Paris : Fayard.
- Carmel, C. & Vinsonneau, G. (1996). *Psychologie et culture: concepts et méthodes*. Paris : Armand Colin.

- Carvalho, E. K. (2005). *Sushi bar: nós e os japoneses*. Lisboa: Editorial Tágide.
- Carvalho, M. J. (2009). O Estado e desporto profissional: relação política e regulativa. In Jorge Bento e José Manuel Constantino (eds.) (2009). *O Desporto e o Estado: Ideologias e Práticas*, Porto: Edições Afrontamento, 85-107.
- Casanova, J. L. (1995). Uma avaliação conceptual do habitus. *Sociologia: problemas e práticas*, n.º 18, 45-68.
- Castells, M. (2003a). A internet e a Sociedade em rede. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, 2, 83-94.
- Castells, M. (2003b). *O poder da identidade*, vol.II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2002) [2001]. *A galáxia internet – reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Chamberlain, B.-H. (1931). *Mœurs et coutumes du Japon*. Paris : Payot.
- Chamerois, N. (2002). *The globalisation of the Olympic Games: from Seoul (1988) to Sydney (2000)*. Thèse doctoral. Franche-Comté: University of Franche-Comté.
- Champagne, P. (2007). A mediatização do campo intelectual. Intelectuais “mediáticos” e intelectuais “mediatizados”. A análise da polémica em torno de Sur La Télévision de Pierre Bourdieu. José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira (orgs.), *Pierre Bourdieu: a teoria da prática e a construção da Sociologia em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 182-202.
- Charlot, E. & Denauld, P. (1999). *Les arts martiaux*. Paris : PUF.
- Chelladurai, P. & Carron, A. (1981). Applicability to youth sports of the leadership scale for sport. *Perceptual and Motor Skills*, 53, 361-362.
- Chesnais, J.-C. (1981). *Histoire de la violence*. Paris : Laffont.
- Chevallard, Y. (2002). Approche anthropologique du rapport au savoir et didactique des mathématiques. *Actes du colloque des troisièmes journées franco-québécoises des didactiques : didactiques et rapport au savoir*. Paris : La Sorbonne, 194.
- Chevallard, Y. (1992). Concepts fondamentaux de la didactique : perspectives abordées pour une approche anthropologique. *Recherches en didactiques des mathématiques*. Grenoble : La Persée Sauvage, 74.
- Chevallard, Y. (1985). *La transposition didactique : du savoir savant au savoir enseigner*. Grenoble : La Pensée Sauvage.
- Clément, J.-P. (2001). Les arts martiaux et la société française: sociologique historique de l’implantation du jûdô et de l’aikidô. *Daruma*, n.º 8/9, Automne 2000/Printemps 2001, 175-199.
- Clément, J.-P. (1987). L’aikido et le karaté. *Esprit*, n.º 125, 110-122.
- Clément, J.-P. (1985). *Étude comparative de trois disciplines de combat (lutte, judo, aikido) et de leurs usages sociaux*. Thèse de doctorat. Paris : Université Paris-VII.
- Clément, J.-P. (1983). La pratique l’aikido en France : “contre-culture” ou “avant-garde” culturelle ?. *VIIIe Symposium de L’ICSS*, juillet. Paris : INSEP.

- Clément, J.-P. (1981). La force, la souplesse et l'harmonie: étude comparée de trois sports de combat : lutte, judo, aikido. In Christian Pociello (org.) (1981). *Sport et société : approche socio-culturelle des pratiques*. Paris : Éditions Vigot, 285-301.
- Clément, J.-P.; Defrance, J.; & Pociello, C. (1994). *Sport et pouvoirs au XXe siècle. Enjeux culturels, sociaux et politiques*. Grenoble : PUG.
- CODS (1982), 25, *Carta Europeia do Desporto* (1992). Ministério da Educação, Conselho da Europa.
- Coelho, R. C. (2008). *O perfil social e os valores do jovem atleta de taekwondo*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra.
- Cohen, L. & Holliday, M. (1982). *Statistical for social scientists*. London: Harper & Row.
- Comissão Directiva de Artes Marciais (1985, colofon). *Relatório sobre artes marciais*. Lisboa (não publicado).
- Conselho da Europa (1995). *Le rôle du sport dans la société*. Strasbourg : Conseil de l'Europe.
- Conselho da Europa (1990). O Conselho da Europa e o Desporto para Todos. *Desporto e Sociedade*, n.º 7.
- Conselho da Europa (1977), CCC/DC (77) 11 - F 1979, Conselho da Europa, CDDS (78) 19 - e 1988, *Inquérito Sociográfico à Prática Desportiva ou Recreativa*, DGD/ Ministério da Educação 1991, CPPD - Carta da Procura da Prática Desportiva. Atlas Desportivo Nacional, vol. 00, Parte I, ME/DGD, 1998, IHDPP-Inquérito aos Hábitos Desportivos da População Portuguesa, CEFD/ Secretaria de Estado do Desporto.
- Conselho da Europa (s/d), Carta Europeia contra a dopagem no Desporto - Exposição dos Motivos, col. Desporto e Sociedade, n.º 1, DGD.
- Constantino, J. M. (2006). *Desporto: geometria de equívocos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Constantino, J. M. (2003). *(Re)pensar o Desporto. O Desporto para Além do Óbvio*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal, 55-60.
- Cook, H. (2004). *La grande histoire du karaté shôtôkan*. Noisy-sur-École : Budo Editions-Éditions de l'Eveil.
- Costa, A. F. (2007). Pierre Bourdieu. A teoria da prática e a construção da sociologia em Portugal. José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira (orgs.), *Pierre Bourdieu: a teoria da prática e a construção da Sociologia em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 15-29.
- Costa, A. F. (1998). *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Tese de doutoramento. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Costa, A. F. (1992). *Sociologia*. Coimbra: Quimera.
- Costa, A. F. (1986). *A pesquisa de terreno em sociologia*. Silva, Augusto e Pinto, José Madureira (org.), Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento, 141-142.
- Costa, A. S. (1989). Football, spectacle de compétition: alliance du merveilleux et du dramatique. *Recherches Sociologiques*, U. C. L., Louvain, vol. XX, n.º 1, 41-43.
- Costa, F. C. (2013). Educar para uma vida activa : como ultrapassar o paradoxo que caracteriza a Educação Física no contexto internacional. *Revista Gymnasium*, vol. 4: 1/5, 38-73.
- Coubertin, P. (1992). *Pédagogie sportive*. Lausanne: BIPS.

- Coubertin, P. (1972 [1919]. *Pédagogie sportive*. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin, p. 154.
- Crespo, J. (1990). *A História do Corpo*, “Memória e Sociedade”. Lisboa: Difel.
- Crozier, M. & Friedberg (1977). *L’acteur et le système*. Paris. Points.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of test. *Psychometric*, 16, 297-334.
- Cuche, D. (2003). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século.
- Cunha, M. J. (2008). O corpo, o consumo e o investimento corporal: as dietas e o exercício. Actas do VI Congresso Português de Sociologia, subordinado ao tema “Mundos Sociais: Saberes e Práticas”, de 25 a 28 de Junho. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Cynarski, W. J. & Obodynski, K. (2009). A lifestyle of martial arts teachers – example from Poland. *Actas do II Congresso Científico de Artes Marciais e Desportos de Combate*, 16 e 17 de Maio, Viseu: Instituto Politécnico de Viseu.
- Cynarski, W. J. (eds.) (2009). Martial arts and combat sports – humanistic outlook, Wydawnictwo Uniwersytetu. Rzeszów Rzeszowskiego.
- Cynarski, W. J. (2008b). Una vision geral de las artes marciales polacas. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, vol. 3, n.º 3, 8-25.
- Cynarski, W. J. (eds.) (2008a). Proceedings of the 2nd International Scientific Conference of Experts – Researchers on Martial Arts and Humanists: Martial arts, Combat Sports, Humanism (budô, kagugi, jindô), 25th-26th, Krono and Targowiska (Poland): Rzeszów, Rzeszów University Press.
- Davis, A. & Louveau, C. (1988). *Sports, école et société: la part des femmes*. Paris : L’Harmattan.
- Defrance, J. (2003 [1995]). *Sociologie du Sport*. Paris : La Découverte.
- Defrance, J. (1978). *La fortification des corps. Essai d’histoire sociale des pratiques d’exercice corporel*, Thèse E.P.H.E. : Paris.
- Degenne, A ; & Forsé, M. (1999). *Introducing social networks*. London : Sage.
- Dalmas, R. (1993). *Les japonais, leur pays et leurs mœurs*. Paris : Kimé.
- Dibie, P. (1993). *La tribu sacrée*. Ethnologie des prêtres. Paris : Grasset.
- Dibie, P. (1987). *Ethnologie de la chambre à coucher*. Paris : Grasset.
- Dumazedier, J. (1962). *Vers une civilisation des loisirs*. Paris : Le Seuil.
- Duncan, Isadora (1928). *The art of the dance*. New York: Theatre Arts.
- Dunning, E. (2001). Le rôle du sport dans le processus d’eupéanisation. In Pascal Boniface (dir.). *L’europe et le sport*. Paris: PUF, 89-94.
- Duret, P. (2006). Discussion : pourquoi les chercheurs américains parlent-ils de “race” et pas les Français ? Fabien Ohl (dir.). *Sociologie du sport : perspectives internationales et mondialisation*. Paris : PUF, 104-108.
- Duret, P. (2001). *Sociologie du sport*. Paris: Armand Colin.
- Durkheim, É. (2001). *The elementary forms of religious life*. New York: Oxford University Press.
- Durkheim, É. (1996 [1912]). *Formas elementares da vida religiosa*. Rio de Janeiro: Edição Martins Fontes.
- Eco, U. (1988). *Le signe: histoire et analyse d’un concept*. Paris : Labor.
- Ehrenberg, A. (1991). *Le Culte de la Performance*. Paris: Calmann-Lévy.

- Ehrenberg, A., Yahji, J.-P. & Zylberman, P. (1975). *Archanges, guerriers, sportif et petits pervers : genèse d'un sport de compétition et destin de la violence physique : analyse des politiques des promoteurs japonais et français du karaté, de l'implantation à l'institution, 1953-1976*. Paris : Cordes - Association de Recherche et d'Études l'Environnement.
- Elias, N. (2006). *O processo civilizacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Elias, N. (2008 [1970]). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, N. (1997). *Envolvimento e distanciamento: estudos sobre sociologia do conhecimento*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Elias, N. (1994). Sur le sport et la violence. Elias, N. & Dunning, E. (dir.). *Sport et civilisation : la violence maîtrisée*. Paris : Fayard, 205-238.
- Elias, N. & Dunning, E. (1986). *Quest for excitement: sport and leisure in the civilising process*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Elias, N. (1975). *La dynamique de l'ocident*. Paris : Calmann-Lévy.
- Elias, Norbert e Dunning, Eric (1992 [1986]). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Esteves, J. (1999). *O Desporto e as Estruturas Sociais: Um ensaio sobre a interpretação do fenómeno desportivo* (4.^a ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Ferreira, A. F. (2003). *O Desporto e a cidade. O Desporto para além do óbvio*. Lisboa: IDP, 199-204.
- Ferreira, V. (1978). *Invocação ao meu Corpo*. Lisboa: Bertrand.
- Fiadeiro, J. M. (1986). O processo de formação nas artes marciais”. *Revista Horizonte*. Lisboa: Livros Horizonte, vol. II, n.º 12, Março-Abril, 194-198.
- Fiadeiro, J. M. (1984). Artes marciais/desportos de combate – evolução ou vias diferentes?. *Ludens*, 8 (3), 35-39.
- Figueiredo, A. & Inocentes, A. (2009). *O karaté do século XXI: para uma abordagem pós-moderna. Salgado, João e Pereira, Leonardo (2009). Karaté: entre a tradição e a modernidade... ou dos princípios à contemporaneidade*. Lisboa: Edições FNK-P, 11-56.
- Figueiredo, A. (2006). *A institucionalização do karaté: os modelos organizacionais do karaté em Portugal*. Tese de doutoramento. Lisboa: UTL-FMH.
- Figueiredo, A. (2003a). A institucionalização das graduações dos budô. *Revista Mon – Actualizações Budo*. Monte de Caparica, n.º 2, Abril, 45-49.
- Fiske, J. (1992). *Power Plays, Power Works*. London : Verso.
- Fonseca, A. M. (2001). *A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: estudos sobre motivação*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Fontanel, J. (2007). *A globalização em “análise”: geoeconomia e estratégia dos actores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Foucault, M. (1998). *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro : Editora Vozes.
- Foucault, M. (1994a). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Foucault, M. (1994b). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Foucault, M. (1994c). *História da sexualidade II: o cuidado de si*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Foucault, M. (1993). About the beginning of the hermeneutic of the self: two lectures at Darmouth”. *Political Theory*, 21 (2), 198-227.

- Foucault, M. (1988). Technology of the self. In L. Martin, H. Gutman & P. Hutton (org.). *Technologies of the self: a seminar with Michel Foucault, Amherst*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 16-49.
- Foucault, M. (1984). *L'usage des plaisirs*. Paris : Gallimard.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica del poder*. Madrid: La Piqueta.
- Foucault, M. (1975). *Surveiller et punir*. Paris : Gallimard.
- Funakoshi, G. (1975). *Karaté-Do: my way of life*. Tokyo: Kodansha International.
- Friedman, J. (2000). *Cultural Identity e Global Process*. London: Sage Publication.
- Gaudin, B. (2009). La codification des pratiques martiales: une approche socio-historique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 179, 4-31.
- Garcia, C. G. (2004). Introducción y desarrollo del judo en España (de principios de siglo XX a 1965). Léon: Universidad de León.
- Gasparini, W. (2000). *Sociologie de l'organisation sportive*. Paris : La Découverte.
- Gentis, R. (1980). *Leçons du corps*. Paris : Flammarion.
- Gentis, R. (1995). *Le corps sans qualités*. Paris : Érés.
- Genet, C. (2005). *Encyclopédie du cinéma d'arts martiaux*. Paris: Chiron.
- Giddens, A. (2004 [1994]). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (1997). *A modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora.
- Gil, J. (2009). *Em busca da identidade: o desnorte*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Gil, J. (2001). *O movimento total: o corpo e a dança*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Gil, J. (1988). *Corpo, Espaço e Poder*. Lisboa: Litoral.
- Gil, J. (1985). *Métamorphoses du corps*. Paris : La Différence.
- Giulianotti, R. & Robertson, R. (2007). *Globalization and Sport*. London. Blackwell Publishing.
- Giulianotti, R. (1999). *Football: a sociology of the global game*. Cambridge: Polity.
- Giraud, J.-P. (2001). L'image du guerrier dans les mythes et les légendes du Japon. *Daruma: revue d'études japonaises*, n.º 8/9, Automne 2000/Printemps 2001. Université de Toulouse – Le Miral : Editons Philippe Picquier, 37-54.
- Godbout, J. (1996). Les bonnes raisons de donner. *La revue du Mauss semestrielle* : l'obligation de donner. *La découverte sociologique capitale de Marcel Mauss*, n.º 8.
- Goffman, E. (1973). *La mise en scène de la vie quotidienne : la présentation de soi*. Paris : Editions de Minuit.
- Goffman, E. (1968). *Asiles. Études sur la condition sociale de maladies mentales*. Paris : Editions de Minuit.
- Gomes, R. (org.) (2005). *Os lugares do lazer*. Lisboa: IDP.
- Gomes, R. (1992). O ócio da Lisboa de 1900 – tradição e mudança nas práticas e representações do ócio urbano. *Actas do Congresso Mundial do lazer/World Leisure Congress*, 3-5 de Junho de 1992. Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, J. (2009). Concepções: “o tradicional” versus “o desportivo”. Salgado, João e Pereira, Leonardo (2009). *Karaté: entre a tradição e a modernidade... ou dos princípios à contemporaneidade*. Lisboa: Edições FNK-P, 75-82.

- Goodger, B. C. (1981a). *The development of judo in Britain: a sociological study*. PhD Thesis. London: Institut of Education, University of London.
- Goodger, J. M. (1981b). *Judo a Changing Culture*. PhD Thesis. London: Institut of Education, University of London.
- Guerra, I. (2008). Metodologias qualitativas: qualidades epistemológicas e heurísticas ainda por explora. *Comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia*, 25 a 28 de Junho, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Guittet, A. (2008). *L'entretien: techniques et pratiques*. Paris: Armand Colin.
- Guttmann, A. (1994). *Games & empires: modern sports and cultural imperialism*. New York: Columbia University Press.
- Guttmann, A. (1986). *Sports spectators*. New York: Columbia University Press.
- Guttman, A. (1978). *From ritual to record – the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press.
- Habermas, J. (1982). *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Hargreaves, J. (2006). Les approches féministes du sport. In Fabien Ohl (dir.). *Sociologie du sport : perspectives internationales et mondialisation*. Paris : PUF, 109-130.
- Hargreaves, J. (1994). *Sporting females. Critical issues in the history and sociology of women's sports*. London: Routledge.
- Hargreaves, J. (1986). The Social Production of Gender Through Sport. *Theory, Culture and Society*, vol. 3, n. 1, 114-119.
- Hargreaves, J. (1986). *Sport, power and culture*. London: Polity Press.
- Hasse, M. (2010). A montanha: institucionalização das práticas, das imagens e dos discursos. *Materiales para a Historia del Deporte*, n. ° 8, Asociación Andaluza de Historia del Deporte, Sevilha: Wanceulen Editorial Deportiva, 66-82.
- Hasse, M. (1999). *O Divertimento do Corpo: Corpo, Lazer e Desporto na Transição do Século XIX para o Século XX, em Portugal*. Lisboa: Editora Temática.
- Halbwachs, M. (1950). *La mémoire collective*. Paris : PUF.
- Heelas, P. (2008). *Spiritualities of life: new age romanticism and comsumptive capitalism*. Oxford: Blackwell.
- Heelas, P. (1996). *The new age movement: the celebration of the self and the sacralization of modernity*. Oxford: Blackwell.
- Held, D., McGrew, A., Goldblatt, D. & Perraton, J. (1999). *Global transformations*. Cambridge: Polity.
- Herrigel, E. (2007). *Zen e a arte do tiro ao arco*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Horne, J., & Manzenreiter, W. (2006). An introduction to the sociology of sports megaevents. *The Sociological Review*. Oxford: Blackwell, 1-24.
- Horne, J. & Manzenreiter, W. (2004). Accounting for mega-events: forecast and actual impacts of the 2002 Football World Cup Finals on the host countries Japan and Korea. *International Review for the Sociology of Sport* 39 (2), 187–203.
- Horne, J. (2006). *Sport and consumer culture*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

- Horton, P. & Hunt, C. (1980). *Sociologia*. McGraw-Hill.
- Huizinga, J. (1971). *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Inocentes, A. (2009). Ritos, reproduções e crenças: uma análise sócio-pedagógica. Salgado, João e Pereira, Leonardo (2009), *Karatê: entre a tradição e a modernidade... ou dos princípios à contemporaneidade*. Lisboa: Edições FNK-P, 117-158.
- Jacquard, A. (2004). *Halte aux jeux!*. Paris: Stock.
- Jaqueira, A. R. (2009). *Fundamentos histórico-sociais do processo de desportivização e de regulamentação desportiva da Capoeira*, Tesde de Doutoramento. Coimbra: FCDEF: Universidade de Coimbra.
- Jeu, B. (1972). *Le sport, la mort, la violence*. Paris : PUF.
- Julhe, S. (2006). *Les enseignants d'arts martiaux: de la vocation à la profession. Construction des trajectoires sociales et modes d'engagement dans le champ des pratiques martiales*. Thèse de doctorat, Toulouse : Université Toulouse III – Paul Sabatier.
- Julhe, S. (2009). Les pratiques martiales japonaises en France. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 179, 92-111.
- Katshuhisa, K. (1983). *Budô hōkan (A alegria das Artes Marciais)*. Tōkyō: Kōdansha.
- Kazuo, I. (s/d). *Educação escolar no Japão*. Série de Referência 5, International Society for Educational Information, Inc.
- Kinsey, A. C., et al. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: W.B. Saunders. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- Kauffmann, J. C. (2007). *L'enquête et ses méthodes: l'entretien compréhensif*. Paris: Armand Colin.
- Koukouchkine, G. I. (1960). *Sport, travail, culture*. Paris: UNESCO.
- Kuhn, T. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Krawczyk, Z. (2000). *Sport in a changing society*. Warszawa: AWF.
- Lacroix, M. (2000). *A ideologia do new age*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Laure, P. ; & Falcoz, M. (2004). *Sociologie : Licences STAPS, Éducateurs sportifs*. Paris : Ellipes.
- Lasch, C. (1980). *The culture of narcissism*. London : Abacus.
- Le Breton, D. (1995). *La sociologie du risque*. Paris : PUF.
- Le Breton, D. (1991). *Passions du risque*. Paris : Métailié.
- Le Goff, J. & Truong, N. (2005). *Uma história do corpo na idade média*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Le Rest, P. (2001a). *Le karatéka et sa tribu : mythes et réalités*. Paris : L'Harmattan.
- Le Rest, P. (2001b). *Prévenir la violence*. Paris : L'Harmattan.
- Le Rest, P. (2000). *Le karaté, sport de combat ou art martial*. Chartres : Comité Départemental de Karaté d'Eure-et-Loir.
- Le Rest, P. (1999). *Sur une voie de l'intégration des limites : le karaté éducatif*. Chartres : Comité Le Rest, P. (1997). *La voie du karaté : une technique éducative*. Chartres : Imprimerie Durand. Département de Karaté d'Eure-et-Loir.
- Lejeune, D. (2001). *Histoire du sport: XIXe – XXe siècles*. Paris : Editions Christian.
- Lenoir, F. (2003). *Les métamorphoses de Dieu. La nouvelle spiritualité occidentale*. Paris : Plon.

- Léonard, J.-R. (1993). Aikido et corporéité, approche anthropologique psychologique. *Quel Corps?*, n.º 45-46, ("Sciences Humaines Cliniques et Pratiques Corporelles"), (vol. 2), mars, 81-94.
- Léonard, J.-R. (1992). *La voie de l'aikido: approche anthropologique des pratiques au Japon et en France*, Thèse nouveau régime, Nice.
- Levine, D. (2006). The masculinity ethic and the spirit of warriorhood in Ethiopian and Japanese cultures. *International Journal of Ethiopian Studies*, vol. 2, n.º 1-2.
- Levine, D. (1994). Social conflict, aggression, and the body in Euro-American and Asian Social Thought. *International Journal of Group Tensions*, vol. 24, n.º 3, 205-217.
- Levine, D. (1991). Martial Arts as a Resource for Liberal Education: The Case of Aikido, in *The Body: Social Process and Cultural Theory*, eds. M. Featherstone, M. Hepworth, & B.S. Turner (London: Sage), 209-224.
- Levine, D. (1990). Martial arts as a resource for liberal education: the case of aikido. *Japanese Martial Arts and American Sports: Cross-Cultural Perspectives on Means to Personal Growth*, eds. M. Kiyota & H. Kinoshita (Tokyo: Nihon University), 173-187.
- Levine, D. (1989). *The Liberal Arts and the Martial Arts*. *The Overlook Martial Arts Reader: An Anthology of Historical and Philosophical Writings*, ed. Randy R. Nelson (Woodstock, NY: Overlook Press), 301-319.
- Lévi-Strauss, C. (1987). *L'identité*. Paris : PUF.
- Lévi-Strauss, C. (1986). *O olhar distanciado*. Lisboa: Dom Quixote.
- Lienhardt, G. (1989). O observador observado. *Revista Diálogo*, 3, 61-62.
- Lima, A. (1990). Desportos de combate: Contributo terminológico e sistematização das actividades. *Revista Horizonte*, n.º 40, 119-125.
- Lima, M., Martinez, B. & Filho, J. L. (1991). *Introdução à Antropologia Cultural* (9.^a ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, G. (2000 [1997]). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lipovetsky, G. (1994). *O crepúsculo do dever. A ética indolor dos tempos democráticos*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Lipovetsky, G. (1988). *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa. Relógio d'Água.
- Lopes, A. (2007). *Níveis harmoniais (testosterona e cortisol) e factores psicológicos em diferentes situações de desafio no karaté*. Monografia de licenciatura em Psicologia Social e das Organizações. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Lopes, C. (2009). O direito e o karaté: algumas noções de legítima defesa. Salgado, João e Pereira, Leonardo (coord.), *Karaté: entre a tradição e a modernidade... ou dos primórdios à contemporaneidade*. Lisboa: Edições FNK-P, 101-110.
- Luschen, G; & Weiss, K. (1979). *Sociologia del Desporte*. Valladolid: Ed. Minon.

- Lunt, P. & Livingstone, S. (1996). *Mass consumption and personal identity: every-day economic experience*. Lury, C. (1996). *Consumer Culture*. Cambridge: Polity Press.
- Mabuni, K. (1989). Shitô-Ryu. Paris : Sedirep.
- Magrane, G. (1964). *Sociologie du Sport*. Paris : Gallimard.
- Maguire, J. (2006). Sociologie des configurations et mondialisation du sport: thématiques, questions et objects. Fabien Ohl (dir.). *Sociologie du sport : perspectives internationales et mondialisation*. Paris : PUF, 65-84.
- Maguire, J., Jarvie, G., Mansfield, L. & Bradely, J. (2002). *Sport Worlds: a Sociological Perspective*. London: Human Kinetics.
- Maisonneuve, J. (1999). *Les conduites rituelles*. Paris : PUF.
- Malinowski, B. (1970). *Une théorie scientifique de la culture*. Paris : Seuil.
- Malinowski, B. (1922). *Argonauts of the Western Pacific*. Londres.
- Malizsewski, M. (1996). *Spiritual Dimension of the Martial Arts*. Vermont: Charles E. Tuttle.
- Malenfant-Dauriac, C. (1977). *L'économie du sport en France. Un compte satellite du sport*. Paris : Editions Cujas.
- Mandel, R. D. (1984). *Sport. A cultural history*. New York: Columbia University Press.
- Marivoet, S. (aceite em 2014). Relações de Género no Desporto e no Futebol em Particular: Percursos e Tendências'. In Campos, F. (org.) *Actas do II Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol – Expressões, Memórias, Resistências e Rivalidades*. Edições Ludens: São Paulo (no prelo).
- Marivoet, S. (2013). *Corpo, tradição e mudança social: entre a incorporação da individualidade e a corporeidade da vida*. Brás, José Viegas e Gonçalves, Maria Neves (2013). *O corpo – memória e identidade*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 37-42.
- Marivoet, S. (2010a). Educação física, ginástica e desportos na Primeira República. Comunicação apresentada no Colóquio Internacional República, 4-6 de Março. Coimbra: Universidade e Academia, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, 1-18.
- Marivoet, S. (2010b). Sociological Approach on Sports Ethics in a Context of Social Change. *Physical Culture and Sport. Studies and Research*, vol. XLIX, 39-52.
- Marivoet, S. (2007). *Ética do Desporto – Princípios, práticas e conflitos. Análise sociológica do caso português durante o Estado Democrático do Século XX*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: ISCTE.
- Marivoet, S. (2006a). UEFA Euro 2004TM Portugal: The social construction of a sports mega-event and spectacle. *Sports Mega-Events: Social Scientific Analyses of a Global Phenomenon. Sociological Review Monographs*, 125-143.
- Marivoet, S. (2006b). *Euro 2004 – Um evento global em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marivoet, S. (2006c). UEFA Euro 2004 tm Portugal: the social construction of a sports mega-event and spectacle. John Horne & Wolfram Manzenreiter (2006). *Sports mega-events: social scientific analyses of a global phenomenon*. London: Blackwell Publishing, 127-143.
- Marivoet, S. (2005). Assimetrias de género na participação desportiva: Portugal no contexto europeu. *Revista Horizonte*, vol. XXI - nº 120, 3-12.

- Marivoet, S. (2003). Assimetrias na participação desportiva: os casos de Portugal e Espanha no contexto europeu. *Movimento*, 2, 53-70.
- Marivoet, S. (2002a). Sociologia do desporto: percursos e desafios do futuro. Um Olhar Sociológico sobre o Desporto no Limiar do Século XXI – Actas das III Jornadas de Sociologia do Desporto, organizadas pelo Sesd da Associação Portuguesa de Sociologia e Faculdade de Motricidade Humana, Centro de Estudos e Formação Desportiva. Lisboa: Secretaria de Estado da Juventude e Desporto, 17-20.
- Marivoet, Salomé (2002b). Assimetrias e afinidades de género no desporto. *Actas do Colóquio Internacional “Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas”* de Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia.
- Marivoet, S. (2000). Práticas desportivas na sociedade portuguesa. *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*. Coimbra.
- Marivoet, S. (1998). *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marivoet, S. (1997a). Dinâmicas sociais nos envolvimento desportivos. *Sociologia: problemas e práticas*, n.º 23, 101-113.
- Marivoet, S. (1997b). Dinâmicas sociais nos envolvimento desportivos. *Revista Horizonte*, vol. 13, n.º 73, Agosto-Setembro, 35-39.
- Marivoet, S. (1994). *Hábitos desportivos: valores socioculturais em mudança*. *Actas do Congresso Mundial de Lazer*. Lisboa: Edições ICS-UL.
- Marivoet, S. (1993). *Envolvimento Sociais no Desporto – Abordagem Sociológica das Práticas Desportivas em Quadros Competitivos: Um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural e Urbana, Lisboa: ISCTE.
- Maroco, J.; & Garcia-Marques (2016). Qual a fiabilidade do alfa de Cronsbach? Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratorio Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Masayasu, F. (2001). Notes pour un mémoire sur les arts martiaux: recherche sur la conception actuelle du budô. *Daruma: revue d'études japonaises*, n. ° 8/9, Automne 2000/Printemps 2001. Université de Toulouse – Le Miral : Editons Philippe Picquier, 125-147.
- Mauss, M. (1950a). *Sociologie et anthropologie*. Paris : PUF.
- Mauss, M. (1950b). *Essai sur le don. Sociologie e Anthropologie*. Paris : PUF, 274.
- Mauss, M. (1950c). Les techniques du corp. *Sociologie et anthropologie*. Paris : PUF, 363-386.
- Moscovici, S. (1961). La psychanalyse, son image et son public. Paris : PUF.
- McFee, G. (1996). *Understanding dance*. London: Routledge.
- Meirim, J. (1995). *Dicionário jurídico do desporto*. Lisboa: Record, 89-91.
- Mendes, O. (2003). *Legítima defesa. Recurso Penal n.º 2021/03*, Acórdão do Tribunal de Recurso Criminal da Figueira da Foz, 17 de Setembro.
- Merleau-Ponty, M. (1962), *Phenomenology of Perception*. Evanston, IL: Northwestern University Press.
- Merton, R. K. (1987). Three fragments from a sociologist's notebooks: establishing the phenomenon, specified ignorance, and strategic research materials. *Annual Review of Sociology*, XIII, 1-28.
- Merton, R. K. (1973). *The sociology of science*. Chicago: University of Chicago Press.

- Mestre, A. (2002). *Desporto e União Europeia: uma parceria conflituante*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Mestre, A. (2004). *O Desporto na constituição Europeia: o fim do “dilema de Hamlet”*. Coimbra: Almedina.
- Messner, M. (1994a). *Sport and male domination*. S. Birrel et C. Cole (eds.). *Women, Sport and Culture*. Champaign, Human Kinetics, 65-80.
- Mennesson, C. (2005). *Être une femme dans le monde des hommes. Socialisation sportive et construction du genre*. Paris : L’Harmattan.
- Messner, M. (1994b). *Sports and male domination: the female athlete as contested ideological Terrain*. S. Birrell e. C. L. Cole (org.), *Women, Sport, and Culture*. Champaign, IL: Human Kinetics, 65-80.
- Meyers, C. (2001). *Great martial arts movies*. Chicago : Citadel Press.
- Michela, M. & Parisoli, M. (2002). *Penser le corps*. Paris : PUF.
- Miège, Colin (1996). *Le sport européen*. Paris : PUF.
- Mishima, Y. (1985). *Le Japon moderne et l’éthique samouraï. La voie du Hagakurê*. Paris : Gallimard.
- Mignon, P. (1998). *La passion du football*. Paris: O. Jacob.
- Miller, T., Lawrence, G., McKay, J. & Rowe, D. (2001). *Globalization and Sport*. London: Sage Publication.
- Min-Ho, K. (1999). *L’origine et le développement des arts martiaux: pour une anthropologie des techniques du corps*. Paris : L’Harmattan.
- Montenegro, M. (2000). *New age: ruptura ou continuidade*. Comunicação apresentada nas 1.^a Jornadas da Casa Comum, realizadas em maio 10 (2000). Universidade Fernando Pessoa. Acedido em agosto 26 (2013), em <http://miguel-montenegro.com>.
- Morin, E. (1977). *La méthode*. Paris : Editions du Seuil.
- Murphy, P., Maguire, W. & J. Dunning, E. (1994). *O futebol no banco dos réus*. Oeiras: Celta Editora.
- Natali, M. (1987). *Vajramushti: a arte marcial dos monges budistas*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint.
- Noakes, T. D (s.d.). *Improving athletic performance or promoting health through physical activity*. (s.d), University of Cape Town/Sports Science Institute of South Africa. Acedido em janeiro 18 (2012), em http://www.jonentine.com/reviews/world_congress_MM.html.
- Nyozekan, H. (1940). *Les fondements de la culture du peuple Japonais*. Tokyo : Kokusia Bunka Shinkokai.
- O’Neill, J. (1985). *Five bodies. The human shape of modern medicine*. Ithaca & London: Cornell University Press.
- Parlebas, P. (1999). *Jeux, sports et sociétés. Lexique de praxéologie motrice*. Paris : INSEP.
- Peirot, P. (1991). *Le travail des apparences, le corps féminin (XVIIIe, XIXe siècles)*. Paris : Le Seuil.
- Perelman, M. (2008). *Le sport barbare : critique d’un fléau mondial*. Paris : Éditions Michalon.
- Peneff, J. (1992). *L’hôpital en urgence. Etude par observation participante*. Paris : Métailié.
- Pociello, C. (1999). *Sports et sciences sociales – Histoire, Sociologie et Prospective*. Paris : Vigot.
- Pociello, C. (1995). *Les cultures sportives: pratiques, représentations et mythes sportifs*. Paris : PUF.

- Pociello, C. et al. (dir.) (1981). *Sports et sociétés. Approche socio-culturelle des pratiques*. Paris : Editions Vigot.
- Puig, N. (2001). La contribution des femmes dans le monde sportif du XXe siècle. *Revue Olympique*, 41, 55-61.
- Quéau, P. (1989). *Metaxu, Théorie de l'art intermédiaire*. Seyssel : Edition Champs Vallon.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Edição Gradiva.
- Ramos, F. (1992). *Os proprietários da sombra: Vila Velha revisitada*. Tese de doutoramento, Évora: Universidade de Évora.
- Rey, A. (2001). Quand le dieu Mars s'envole vers l'Asie. In Daruma : revue d'études japonaises, n.º 8/9, Automne 2000/Printemps 2001. Université de Toulouse – Le Miral : Editons Philippe Picquier, 17-19.
- Roche, M. (2006). *Mega-events and modernity revisited: globalization and the case of the Olympics*. Horne & Manzenreiter (2006). *Sport Mega-Events*. London: Blackwell, 27-40.
- Rosa, V. (2016). Perspetivas e entendimentos dos praticantes portugueses de karaté sobre o conceito de Budô. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, Universidad de León, Vol. 10(2), 124-134.
- Rosa, V. (2013). Turismo e desporto: o turismo desportivo como fator de desenvolvimento da região do Alentejo. *Revista Turismo e Desenvolvimento/Journal of Tourism and Development*, n.º 19. Aveiro: Universidade de Aveiro, 149-176.
- Rosa, V. (2010). A credencialização dos treinadores/instrutores das artes marciais e desportos de combate em geral e do karaté em particular em Portugal. In Manuel Carlos Silva (org.). *Actas do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, 4 a 7 de fevereiro de 2009, vol. VI. Braga: Universidade do Minho, 1236-1249.
- Rosa, V. (2009). Demografia desportiva: que preocupações?. Paper submetido no 9th ESA Conference, 2 a 5 de Setembro. Lisboa: ISCTE (texto policopiado).
- Rosa, V. (2008a). Las artes marciales y los deportes de combate en números: una mirada exploratoria sobre los datos numéricos o estadísticos en Portugal. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, León: Universidad de León, vol. 3, n.º 2, junio, 38-49.
- Rosa, V. (2008b), “Reasons for the karate practice in Portugal: synthesis of an inquiry”, Comunicação apresentada no 2nd International Scientific Conference of Experts – Researchers on Martial Arts and Humanists: Martial arts, Combat Sports, Humanism (budô, kakugi, jindô), Krono and Targowiska (Poland), Rzeszów University of Physical Education, 25th-26th April.
- Rosa, V. (2007). Encuadramiento Legal e Institucional de Las Artes Marciales y Deportes de Combate en Portugal. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, vol. 2, n.º 4, Diciembre, León: Universidad de León, 8-31.
- Rosa, V., García, C. e Gutiérrez, M. (2010). Introducción de las artes marciales asiáticas en Portugal. *Revista Materiales para la Historia del Deporte*. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide, 9-17.
- Roussin, A. (1993). *Une campagne sur les côtes du Japon*. Paris : Littératures, manuscrits retrouvés.
- Santos, A. (2005). *A globalização, um processo em desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Santos, B. S. (dir.) (2001). *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*. Porto: Edições Afrontamento.

- Sanzô, M. (1967). *Sekaibudôshi (História mundial das artes marciais)*. Tôkyô: Kôyûsha.
- Savage, M., Barlow, J., Dickens, P. & Fielding, T. (1992). Property, bureaucracy and culture, middle class formation in contemporary Britain. London: Routledge.
- Sérgio, M. (2003a). O desporto e o ser. *O Desporto para Além do Óbvio*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal, 111-125.
- Sérgio, M. (2003b). *Para uma nova dimensão do desporto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, M. (1987). *Para uma epistemologia da motricidade humana*. Educação física e desporto. Lisboa: Compendium.
- Serpa, S. (1992). Motivação para a prática desportiva. Sobral, F. e Marques, A. (coord.). FACDEX: “Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa”, Lisboa: ME, DGEBS – DGD – GCDE, 1-9.
- Shilling, C. (1993). *The body and social theory*. London: Sage Publications.
- Silva, J. (org.) (1991). *Soshinkai – 25 anos de presença (1996-1991)*. Porto: Shotokan Kokusai Karate-Do Portugal.
- Silva, P. (2003). O corpo que dança: uma análise bioestética do movimento. *O Desporto para além do óbvio*. Lisboa: IDP, 103-108.
- Silva, P. (1999). *O lugar do corpo – elementos para uma cartografia fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Simon, J.-P. (1999). *La Bretonnitte. Une ethnicité problématique*. Rennes, Terre de Brume Éditions/Presses Universitaires de Rennes.
- Singly, F. (1992). *L'enquête et ses méthodes : le questionnaire*. Paris : Nathan Université.
- Smith, G. (1986). Rumbling with rusty. *Sports Illustrated*, LXIV, March, 70.
- Steger, M. (2006 [2003]). A globalização: compreender. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições.
- Stoer, S. (1986). Educação e mudança social em Portugal, 1970-1980. Uma década de transição. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Stoleroff, A. & Rosa, V. (2008). Samurais na modernidade europeia: motivações e entendimentos dos karatecas portugueses. APS - Actas do VI Congresso Português de Sociologia, sob o título “Mundos sociais: saberes e práticas”, 25 a 28 de Junho, Universidade Nova de Lisboa, Faculdades de Ciências Sociais e Humanas.
- Stoleroff, A. (2000). Profissão ou vocação: instrutores de karaté em Portugal. Coimbra: APS - Atas do IV Congresso Português de Sociologia, 1-7.
- Stirk, D. (1974). *Golf, histoire d'une passion*. Paris: Gallimard.
- Synnott, A. (1993). *The body social. Symbolism self and society*. London: Routledge.
- Terret, T. (2008). *História do desporto*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Thibault, L. (2009). The globalization of sport : an inconvenient truth. *Journal of sport management*, 23, 1-20.
- Travaillot, Y. (1998). *Sociologie des pratiques d'entretien du corps : l'évolution de l'attention portée au corps depuis 1960*. Paris: PUF, coll. «Pratiques corporelles».
- Toffler, A. (1984). *La 3ème vague*. Paris : Denoël.
- Tokitsu, K. (2002). *Les katas, arts martiaux, transformations sociales au Japon*. Paris : Editions DésIris.

- Tokitsu, K. (2001). Le budô par delà les barrières culturelles. *Daruma: revue d'études japonaises*, n. ° 8/9, Automne 2000/Printemps 2001. Université de Toulouse – Le Miral, Editions Philippe Picquier, 149-173.
- Tokitsu, K. (2000). *Budô-Le Ki et le sens du combat*. Paris : Editions DésIris.
- Tokitsu, K. (1983a). Influences réciproques du sport et des arts martiaux au Japon. VIIIe Symposium de l'ICSS. Paris, juillet.
- Tokitsu, K. (1983b). *Sports et sociétés contemporaines*. Paris : INSEP.
- Tokitsu, K. (1979). *La voie du karaté. Pour une théorie des arts martiaux japonais*. Paris : Editions du Seuil.
- Tomlinson, A., & Young, C. (2006). *Culture, politics, and spectacle in the global sports events*. An introduction. In A. Tomlinson & C. Young (Eds.), *National identity and global sports events* (pp. 1–14). Albany, NY: State University of New York Press.
- Touraine, A. (1998). *Iguais e Diferentes. Podemos Viver Juntos?*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tubino, M. J. G. (1992). Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In W. W. Moreira (org.), *Educação Física e Esporte, Perspectivas para o Século XXI*. Rio de Janeiro: Papirus, 125-139.
- Turner, B. (1994). *Orientalism, postmodernism and globalism*. London & New York: Routledge.
- Thomas, R.; Haumont, A.; & Levet, J.-L. (1987). *Sociologie du sport*. Paris: PUF.
- Ulmann, J. (1965). *De la gymnastique aux sports modernes*. Paris : Vrin.
- Yonnet, P. (2004). *Huit leçons sur le sport*. Paris : Gallimard.
- Vale de Almeida, M. (org.) (1996). *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Lisboa: Celta Editora.
- Vigarello, G. (dir.) (2004). *L'esprit sportif aujourd'hui: des valeurs en conflit*. Paris : Universalis.
- Wacquant, L. (2000). *Corps et âme. Carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur*. Marseille: Agone.
- Waters, M. (1999). *Globalização*. Lisboa: Celta Editora.
- Wearing, B. (1998). *Leisure and feminist theory*. London: Sage Publications.
- Weber, M. (1997). *Conceitos sociológicos fundamentais*. Lisboa: Edições 70.
- Weber, M. (1989). Classes, Status e Partidos. Manuel Braga da Cruz, *Teorias Sociológicas*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 737-752.
- Weber, M. (1983). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Weber, M. (1982). *Ensaio de sociologia* (5.^a ed.). Rio de Janeiro: LTC Editora.
- Wertheim, L. J. (2004). The whole world is watching. *Sports Illustrated*, 100 (24), 72–86.
- Westerbeek, H., & Smith, A. (2003). *Sport business in the global marketplace*. Hampshire, UK: Palgrave Macmillan.
- Wheaton, B. (dir.) (2004). *Understanding Lifestyle Sport: Consumption, Identity and Difference*. Londres: Routledge.
- Wright, G. (1999). Globalisation and sport. *New Political Economy* 4.2, 267-281.

Zarilli, P. (1995). Repositioning the body, practice, power, and self in Indian martial arts. A. Appadurai & C. Breckenridge (eds). *Consuming Modernity: public culture in a South Asian World*. Minneapolis MN: University of Minnesota Press.

Outras fontes:

Diário da República, II Série, n.º 78, de 22 de abril de 2013.

Decreto-Lei n.º 10/2009, de 12 de Janeiro de 2009.

Decreto-Lei n.º 248-A/2008, de 31 de Dezembro de 2008.

Decreto-Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro de 2007.

Decreto-Lei n.º 317, de 25 de Novembro de 1997.

Diário da República, II Série, n.º 15, de 18 janeiro de 1996.

Diário da República, II Série, n.º 213, de 14 de setembro de 1995.

Decreto-Lei n.º 146/93 de 26 de Abril de 1993. (Rectificado, nos termos da Declaração de Rectificação n.º 134/93, publicada no DR, I-A, supl., n.º 178, de 31.07.93.

Decreto-Lei n.º 162/87, de 8 de Abril de 1987.

Diário da República, I Série, n.º 33, Decreto-Lei n.º 69, de 9 de Fevereiro de 1987.

Diário do Governo n.º 76, I Série, 30 de Março de 1971, Decreto-Lei n.º 105/72, de 30 de Março.

Instituto de Desporto de Portugal (IDP). Estatísticas do Associativismo Desportivo 1996-2003, 2005.

Instituto de Desporto de Portugal (IDP). Estatísticas do Desporto 1996-2009, 2010.

Instituto Nacional de Estatística (INE). Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio, de 1979 a 2008.

Instituto Nacional de Estatística (INE). Estatísticas da Educação, de 1943 a 1978.

ANEXOS

A – Guião de Entrevista

B – Entrevistados

C – Inquérito por Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”

D – Coeficiente alfa

E – Listagem das Organizações de Karaté Filiadas na FNK-P

F – Nome dos Clube de Karaté

G – Nome das Associações de Karaté

H – Amostra do Estudo

I – Número de Praticantes de Karaté em Portugal

J – *Outputs (Frequencies & Crosstabs)*

K – *Outputs (Statistic Level)*

Anexo A

Guião de Entrevista: Para os Agentes de Ensino de Karaté

1. Começaria por lhe pedir que fizesse uma apresentação sua relativamente à prática do karaté:
2. O estilo de karaté que pratica?
3. A sua actual graduação técnica?
4. É sócio de algum Clube de Karaté? Qual o nome?
5. É sócio de uma Associação de karaté? Qual o nome?
6. É detentor de algum curso de treinador? Qual/Quais? Nome(s) da(s) entidade(s) formadora(s)?
7. Quando é que começou a praticar karaté?
8. Qual foi a principal razão que o levou à prática do karaté?
9. O que é significa para si o karaté?
10. Pratica ou praticou karaté de competição? Se sim, porquê esta escolha? Se abandonou, poderia explicar os motivos ou razões que o levaram a isso? Se não, por que nunca optou por esta via?
11. É actualmente instrutor de karaté? Desenvolve esta actividade a tempo inteiro ou em *part-time*? Acumula com uma outra actividade profissional? Se é instrutor, é responsável por quantos centros de prática? No total, quantos alunos-praticantes frequentam os centros de prática que dirige?
12. Na prática do karaté os instrutores falam muito sobre um termo ou conceito: Budô (arte marcial tradicional). O que significa para si o Budô? Será que nos poderá dar alguns exemplos de como se concretiza o Budô na prática do karaté?
13. No âmbito da sua prática, e enquanto agente de ensino, procura desenvolver ou incentivar a prática de competição desportiva ou preconiza o karaté na sua vertente Budô? E porquê a escolha de uma ou outra vertente ou ambas?
14. Considera que a competição desportiva do karaté desvirtua as técnicas do karaté, afastando-o do modelo mais tradicionalista?
15. Considera que a prática do karaté nas suas vertentes não-competição e competição provoca tensões ou conflitos na forma de treino e organização da modalidade e participação associativa? Como se manifestam estas situações? Será que nos poderia dar alguns exemplos recentes, e eventualmente realçar situações em que esteve envolvido?
16. Ken'ei, filho de Kenwa Mabuni, criador do estilo de karaté Shito-Ryu, afirma, no livro *La Voie de la Main Nue – Initiations et Karate-Do*, Editions Dervy, Paris, 2004, que alguns instrutores de karaté preconizam a introdução de ensinamentos da religião e princípios filosóficos Zen na prática desta modalidade como forma de ela deixar de ser cada vez mais um desporto de competição. Como avalia esta situação de resistência/oposição à competição desportiva do karaté? Como entende a recusa do karaté de competição por parte de muitos praticantes e instrutores e associações a nível nacional?
17. No seu caso particular, aderiu à filosofia Zen? Se sim, como se expressa no treino ou na sua maneira de estar na vida? Recorre, por exemplo, a práticas terapêuticas tradicionais?
18. Os entendimentos sobre o que é o karaté são muito díspares e ambíguos: para uns é uma prática desportiva, para outros é uma arte marcial, que nada tem a ver com o desporto, e para outros ainda é arte do ponto de vista artístico. Como interpreta esta realidade sobre a modalidade?
19. O karaté tem uma ligação afectiva com o Japão. Os praticantes (atletas, competidores e treinadores) ainda se encontram muito dependentes dos mestres japoneses, as associações procuram sempre uma filiação

numa associação japonesa, os modelos orientais continuam a influenciar os nossos. Como vê esta dependência relativamente aos nossos agentes de ensino e dirigentes com o Japão?

20. Qual é a sua opinião sobre a cultura japonesa e como ela se expressa no karaté? Já visitou o Japão? Recorre à visualização de vídeos sobre artes marciais e desportos de combate? Quais são as suas práticas alimentares? Como interpreta alguns elementos decorativos de alguns centros de práticas com imagens (fotografias de mestres japoneses ou templos budistas) e símbolos (bandeira do Japão, kanjis, etc.) associados com a cultura oriental ou com a prática do karaté?
21. Para si, a proliferação de estilos de karaté prejudica a modalidade, as relações entre associações e a sua integração no Programa dos Jogos Olímpicos?
22. Em que medida a globalização do karaté preserva as características de arte marcial oriental, demarcando-o da competição desportiva ocidental?
23. Que tradições, ritos (passagens de graduação), símbolos procuram criar um clima próprio ao karaté? Nos tempos actuais, para si faz sentido esta organização na modalidade?
24. Sendo da responsabilidade do treinador tudo o que se passa na sua aula, como transmite aos seus alunos as competências técnicas, pedagógicas, éticas e deontológicas da modalidade?
25. Que valores procura transmitir aos seus alunos-praticantes relacionados com o karaté?
26. Apesar do “auto-controle” e da “disciplina” serem algumas das bandeiras do karaté, quer se encare este como “desporto” ou como “arte marcial”, continuamos a verificar que esta actividade é bivalente, isto é, tanto serve para formar o carácter do indivíduo orientado por valores positivos como serve para certos indivíduos o poderem utilizar a seu bel-prazer e até com intenções malévolas. O que se lhe oferece dizer sobre esta questão? Que papel tem o treinador nas suas vidas e qual é a sua responsabilidade?
27. Em 2007, surgiram dois casos de *doping* no karaté em Portugal. Tem conhecimento se os seus alunos recorrem a substâncias para uma maior *performance* nos treinos ou nas competições?
28. É detentor de algum seguro desportivo para a prática do karaté?
29. Nos centros de prática verifica-se que muitos alunos-praticantes não têm seguro desportivo. Em caso de algum incidente mais grave no centro de prática, de quem é a responsabilidade?
30. Pedia-lhe que fizesse uma apresentação sua:

Nome

Idade

Sexo

Habilitações académicas

Profissão

Residência

Contactos (telefone, e-mail)

Guião de entrevista: Para o Presidente da FNK-P

1. Assumi o cargo de Presidente da FNK-P em 2007, verdade? E termina em 2011? Mês?
2. O que o levou a candidatar-se a Presidente da FNK-P? Pensa voltar a candidatar-se a novo mandato?
3. Quais são as principais dificuldades com que se depara no exercício do seu mandato?
4. Actualmente, quantas associações estão filiadas na FNK-P?
5. Estima-se que existam cerca de 500 centros de prática em Portugal. Sabe exactamente quantos centros de prática existem? Se existem dificuldades no apuramento do número de centros de prática, a que se deve isso?
6. Na sua perspectiva, como são as relações institucionais entre a FNK-P e as associações associadas e não associadas? Quais são os principais problemas?
7. Muitas associações de karaté deixaram de ser sócias da Federação. A que se deve esta falta de institucionalização? Quais são as principais razões que as levam a sair da Federação?
8. O Dr. Armando Inocentes, um membro da sua Direcção, assumiu as funções de Director do Departamento de Formação da FNK-P, em Julho de 2007. Em 23 de Novembro de 2009, publica no seu blogue a sua demissão da federação. Escreve: «Demiti-me principalmente em confronto com um modelo de gestão autocrático imprimido por uma única pessoa. Demiti-me principalmente por falta de informação que me era sistematicamente sonegada». E depois apresenta um conjunto de questões muito arrasadoras, que poderão ser até alvo de um processo de averiguações, quer pelo IDP, quer por outras instâncias.

Exemplos:

«Para o 10º CTNI (Almada), 11º CTNI (St.º Tirso) e 2º CTNII (Carcavelos e Barreiro) foram aceites pelo Presidente inscrições de formandos que não possuíam os créditos necessários para frequentar esses cursos, o que é completamente ilegal de acordo com o Regulamento de Formação de Treinadores, sem o Director do Departamento de Formação de tal ter conhecimento dado as inscrições nos mesmos não serem da sua responsabilidade. Porque o serviço administrativo tem de ser feito pelo Director? E quantos atletas participaram nos campeonatos sem estarem inscritos na própria Federação? E quantos Treinadores não renovaram as suas inscrições mas participam nas actividades? Falta de controlo? Falta de meios humanos? Não há diplomas com o novo logótipo? Não estão as cadernetas de treinador actualizadas? Não há diplomas dos cursos de treinadores e de árbitros? O pessoal administrativo é insuficiente? O que se tem feito sobre isto? Qual a receita do 1º Congresso Nacional de Treinadores de Karaté, realizado em Janeiro de 2009 na FMH e qual a receita do 20º CTM realizado na Tapada das Mercês? (...) O que foram as Jornadas do Conhecimento Desportivo? Como apoiou a FNK-P o Torneio Manuel Sousa? Tal torneio não constava no calendário federativo mas até o Presidente da FMK cá veio! Como foram a Itália de 14 a 21 de Junho de 2008 Joaquim Gonçalves e Rui Diz? Se foram participar num projecto relacionado com a formação, porque não foi dele dado conhecimento à Direcção ou ao Departamento de Formação? Com tanta ida lá fora “a expensas próprias”, como é que o Tesoureiro não sabe quantas pessoas foram a Tóquio, a Paris ou a Zagreb, não sabe quantos dias, não sabe quantos almoços, jantares e dormidas se pagaram, pois só sabe quanto se pagou? Segundo o relatório e contas, como é que em 2008 o Tesoureiro consegue ter a receber mais do que qualquer formador? E como é que esse relatório e contas é apresentado a uma Assembleia-Geral sem ser aprovado em reunião de Direcção e com as assinaturas dos Directores fotocopiadas do relatório do ano anterior? E com que periodicidade reúne a Direcção? A última reunião de Direcção efectuou-se a 12 de Setembro (sem eu ter estado presente, pois foi convocada após se saber que nessa data eu iria estar nos Açores a fazer formação) e hoje já são... Como é que um curso de formação de treinadores projectado para Carcavelos (no próximo fim de semana) passa de repente para Ermesinde? Como Director do Departamento de Formação solicitei ao Presidente da FNK-P uma listagem nominal dos formadores e das respectivas quantias que eram devidas a cada um; como Director solicitei ao

Presidente da FNK-P uma listagem nominal dos técnicos de arbitragem e das respectivas quantias que eram devidas a cada um. Porque não obtive respostas? Por último, o Artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 248-B/2008 de 31 de Dezembro, no seu ponto 1 alínea b) diz que as federações desportivas devem publicitar as suas decisões através da disponibilização na respectiva página da Internet de todos os dados relevantes e actualizados relativos à sua actividade, em especial as decisões integrais dos órgãos disciplinares ou jurisdicionais e a respectiva fundamentação (embora observado o regime legal de protecção de dados pessoais). Mas como é possível termos neste momento dois treinadores suspensos e continuar a participar nas actividades da FNK-P? Apresentaram recurso para o Conselho Jurisdicional, alegam eles, mas apresentaram-no a quem? Ao Sr. Presidente? Então não deveriam ter seguido os órgãos hierárquicos e apresentá-lo ao Conselho de Disciplina? Ou não deveria o Sr. Presidente ao ter recebido esses recursos enviá-los de imediato ao Conselho de Disciplina para este os remeter ao Conselho Jurisdicional?»

Vindo de um membro de Direcção e com estas responsabilidades, o que se lhe oferece dizer sobre isso, até porque é alvo de bastantes críticas?

9. Critica-se também a FNK-P por privilegiar a formação para uma pequena franja de praticantes competidores, deixando de fora os praticantes que procuram uma via não competitiva. Que resposta lhe merece estas críticas?
10. Como tem sido a relação entre a FNK-P e os estabelecimentos de ensino, de forma a promover esta prática desportiva junto dos jovens?
11. Julgo que em 2010 foi assinado um protocolo entre a FNK-P e a Rádio e Televisão de Portugal, S.A. Quais são os seus objectivos? Procura-se dar maior visibilidade para a modalidade?
12. Na prática do karaté os instrutores falam muito sobre um termo ou conceito: Budô (arte marcial tradicional). O que significa para si o Budô? Será que nos poderá dar alguns exemplos de como se concretiza o Budô na prática do karaté?
13. Ken'ei, filho de Kenwa Mabuni, criador do estilo de karaté Shito-Ryu, afirma, no livro *La Voie de la Main Nue – Initiations et Karate-Do*, Editions Dervy, Paris, 2004, que alguns instrutores de karaté preconizam a introdução de ensinamentos da religião e princípios filosóficos Zen na prática desta modalidade como forma de ela deixar de ser cada vez mais um desporto de competição. Como avalia esta situação de resistência/oposição à competição desportiva do karaté?
14. Considera que a prática do karaté nas suas vertentes não-competição e competição provoca tensões ou conflitos na forma de treino e organização da modalidade e participação associativa? Como se manifestam estas situações? Será que nos poderia dar alguns exemplos recentes, e eventualmente realçar situações em que esteve envolvido?
15. O karaté tem uma ligação afectiva com o Japão. Os praticantes (atletas, competidores e treinadores) ainda se encontram muito dependentes dos mestres japoneses, as associações procuram sempre uma filiação numa associação japonesa, os modelos orientais continuam a influenciar os nossos. Como vê esta dependência relativamente aos nossos agentes de ensino e dirigentes com o Japão?
16. Para si, a proliferação de estilos de karaté prejudica a modalidade, as relações entre associações e a sua integração no Programa dos Jogos Olímpicos?
17. Em que medida a globalização do karaté preserva as características de arte marcial oriental, demarcando-o da competição desportiva ocidental?
18. O Novo Programa Nacional de Treinadores, emanado do novo quadro jurídico-legal, decorrente do decreto-lei n.º 248-A/2008 de 31 de Dezembro e do despacho n.º 5061/2010, que foi referenciado e enquadrado pela Secretaria de Estado da Juventude e do Desporto e pelo Instituto do Desporto de Portugal, vem colocar alguns desafios à FNK-P, nomeadamente em matéria de formação (linhas

programáticas, conteúdos, carga horária). O Dr. Armando Inocentes referia também que quando entrou havia um atraso de 2 anos na avaliação dos cursos de formação. A que se deve a isso? Como é que a FNK-P se está a preparar neste âmbito e que respostas espera dar no futuro?

19. Com a nova legislação, os candidatos a treinador de karaté têm de ser licenciados, ou não? Ou será que vamos voltar a treinar às escondidas como noutros tempos?
20. Começaria por lhe pedir que fizesse uma apresentação sua relativamente à prática do karaté:
 - a. O estilo de karaté que pratica?
 - b. A sua actual graduação técnica?
 - c. Se é sócio de algum Clube de Karaté e qual o seu nome?
 - d. Se é sócio de uma Associação de karaté e qual o seu nome?
 - e. Se é detentor de algum curso de treinador e qual (ou quais)?
21. Quando é que começou a praticar karaté? E quais foram as razões que o levaram a isso?
22. O que é significa para si o karaté?
23. Pedia-lhe que fizesse uma apresentação sua:
 - 1.1 Nome
 - 1.2 Idade
 - 1.3 Sexo
 - 1.4 Habilitações académicas
 - 1.5 Profissão
 - 1.6 Residência
 - 1.7 Contactos (telefone, e-mail)

Anexo B

Entrevistados

- E1 - Bruno Rosa (praticante de karaté, licenciado em Ciências do Desporto, formador da FNK-P).
- E2 - Davide Gomes (praticante de karaté, licenciado em Ciências do Desporto, formador da FNK-P).
- E3 - Nuno Valente (praticante/instrutor de karaté *Wado-Ryu* (competição), estudante de Educação Física, Instituto Superior de Ciências da Saúde).
- E4 - Fernando Ferreira (praticante/instrutor de karaté *Goju-Ryu* (competição), estudante de Ciências do Desporto e de Educação Física, Faculdade do Porto).
- E5 - Nuno Dias (praticante/instrutor de karaté *Shukokai* (competição), estudante de Ciências da Comunicação, Faculdade Nova de Lisboa).
- E6 - Raúl Cerveira (presidente da FNK-P, Presidente da APK, instrutor a tempo inteiro de karaté *Shotokai* (via Harada) em vários *dojos* na Área Metropolitana de Lisboa).
- E7 - Georges Krug (praticante de karaté *Shotokai* (via Murakami), licenciado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Especialidade Cirurgia (aposentado), vice-presidente da ASP, praticante mais idoso da ASP).
- E8 - José Patrão (praticante/instrutor de karaté *Shotokai* (via Murakami), licenciado em Engenharia Civil pelo Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa (IST-UTL), Coordenador Técnico Nacional da ASP).
- E9 - Mário Rebola (praticante/instrutor de karaté *Shotokai* (via Murakami), reformado de uma companhia aérea, Presidente do conselho de graduações da ASP, é um dos principais impulsionadores do karaté *Shotokai*, via Murakami, em Portugal).
- E10 - Marta Sofia Patrício Garcia (licenciada em Farmácia pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, familiar de um praticante de karaté).
- E11 - Carlos Grácio (praticante/instrutor de karaté *Goju-Ryu* (associação APOGK), licenciado em Educação Física pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro).
- E12 - João Correia Boaventura (ex-subdirector-geral dos Desportos, Membro do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, licenciado em Educação Física, sócio fundador da Sociedade de Língua Portuguesa, da Associação Portuguesa de Psicologia do Desporto, do Núcleo de Estudos de Sociologia do Desporto (Associação Portuguesa de Sociologia), em 1995, e por solicitação do Conselho Superior do Desporto, realizou um trabalho de investigação sobre as artes marciais e as organizações não-governamentais para que se pudesse ajuizar sobre a outorga da Utilidade Pública Desportiva). *Faleceu em 2012.*
- E13 - José Alexandre Pereira Gueifão (praticante/instrutor de karaté *Shotokai* e de judo, membro da União Portuguesa de Budo, desde 1964, presidente de direcção da ASP).
- E14 - José Pascoalinho Pereira (professor e fisioterapeuta, praticante/instrutor de karaté *Shotokai*).
- E15 - Fernando Costa Matos (licenciado em Educação Física, Professor de judo (1968/1971, no INEF), Trabalhou como contratado civil na Direcção do Serviço de Educação Física da Armada, colocado na Escola de Fuzileiros onde exerceu as funções de instrutor de defesa pessoal e judo, ex-presidente da Federação Portuguesa de Judo – 1969-1973, árbitro nacional e internacional da modalidade, participou como treinador da selecção nacional de judo nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1992, e de Barcelona, em 2002).

- E16 - Pedro Miguel Nunes Escudeiro (4.º ano de Engenharia das Matérias, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova, licenciado em Osteopatia, pela Oxford Brookes University, com o grau académico BSc(Hons) in Osteopathy, em fase de conclusão de licenciatura bietápica em Fisioterapia, pela Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, praticante de várias artes marciais (aikido, full-contact, jogo do pau), realizou várias entrevistas a praticantes/instrutores de artes marciais).
- E17 - Cidália Conceição Freixial Barreto (empregada de escritório, praticante de karaté, desde 2001, e aikido *Iwama Ryu*, desde 16 de Novembro de 2003).
- E18 - José Manuel Monteiro Fiadeiro (capitão-de-fragata, ex-conselheiro técnico e ex-presidente da Comissão Directiva de Artes Marciais (CDAM), membro do Comité Olímpico Português e foi presidente da mesa da assembleia geral da Federação Portuguesa de Taekwondo).
- E19 - João Camacho (advogado, praticante e professor de judo tradicional, presidente da Associação Portuguesa de Judo Tradicional).
- E20 - Celeste Loureiro Franco Martins (viúva de João Pires Martins, nasceu em 21 de Julho de 1925, desempenhou a função de rececionista da *Academia de Budo*). Faleceu em 2011.
- E21 - José Manuel da Silva Araújo (frequência do 3.º ano de Filologia Clássica, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, presidente de direcção da UBU desde 4 de Abril de 2002, Professor do Conservatório Nacional e da Academia de Amadores de Música de Lisboa, instrutor de aikido).
- E22 - Vítor Pecante de Jesus (antigo praticante da *Academia de Judo*, reformado do sector bancário).
- E23 - Maria Teresa Semeão Frade da Silveira Durão (viúva de Sebastião Durão).
- E24 - Maria Cecília Freire de Almeida (viúva de João Luís Freire de Almeida).
- E25 - Hugo Rodrigo Valadas (ex-praticante de karaté).
- E26 - José Nuno Rosado (arquitecto paisagista, praticante de *Goju-Ryu*).
- E27 - Abel Figueiredo (professor universitário, praticante e dirigente de karaté. Doutorado em Ciências do Desporto, abordando o karaté). Promovemos, em conjunto, 2 Congressos Internacionais sobre Artes Marciais e Desportos de Combate, em Viseu.
- E28 - Dina Hilmar (viúva de António Corrêa Pereira).
- E29 - Rosa Magalhães (familiar de António Corrêa Pereira).
- E30 - Maria Helena Pecante (esposa de Vítor Pecante, e amiga de António Corrêa Pereira).
- E31 - José Paulo Abrantes Simões (praticante de artes marciais e ex-praticante na *Academia de Budo*).

Anexo C
Inquérito por Questionário “Estudo sobre o Karaté em Portugal”

QUESTIONÁRIO

ESTUDO SOBRE O KARATÉ EM PORTUGAL

Estimado(a) karateca,

Com este questionário pretende-se traçar o perfil dos praticantes portugueses de karaté com respeito aos seus comportamentos, as suas motivações e as suas crenças para com a prática desta modalidade. Trata-se de um inquérito no âmbito de um projecto de investigação. Este questionário destina-se, em particular, **aos praticantes cintos negro e castanho**.

A sua colaboração activa e sincera é imprescindível, pelo que solicitamos que preencha este questionário com o máximo cuidado e exactidão. Nós queremos saber a sua resposta. **Todas as respostas são confidenciais e serão apenas usadas para fins científicos.**

O questionário, depois de devidamente preenchido, pode ser entregue pessoalmente aos inquiridores ou enviado de diversas formas:

- Correio normal: A/c de Vítor Rosa (indicação da morada...)
- Correio electrónico: questionariokarate@gmail.com

Agradecendo desde já a sua colaboração, apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

DE FORMA A FACILITAR O PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO, QUEIRA SEGUIR AS SEGUINTE INSTRUÇÕES:

- Leia com atenção as perguntas, de modo a evitar emendas ou rasuras.
- Marque uma cruz na resposta que corresponde à sua escolha ou se aplica ao seu caso. Exemplo: ☐
- Quando lhe é pedido, escreva tudo por extenso e de forma legível.

1. Qual o estilo de karaté que pratica (wado-ryu, shotokan, shotokai, shito-ryu, goju-ryu, ishin-ryu, kyokushinkai, etc.)?

2. É sócio(a) de algum clube de karaté?

NÃO ☐

SIM ☐ → Se respondeu Sim, indique o nome do clube (Escreva por extenso): _____

3. É sócio(a) de alguma associação de karaté?

NÃO ☐

SIM ☐ → Se respondeu Sim, indique o nome da associação (Escreva por extenso): _____

4. Qual é a sua actual graduação?

1	10.º dan	☐	4	7.º dan	☐	7	4.º dan	☐	10	1.º dan	☐
2	9.º dan	☐	5	6.º dan	☐	8	3.º dan	☐	11	1.º kyu (cinto castanho)	☐
3	8.º dan	☐	6	5.º dan	☐	9	2.º dan	☐	12	2.º kyu (cinto castanho)	☐

5. Que idade tinha quando começou a treinar karaté? IDADE:

6. Descontando as interrupções que eventualmente tenha feito, há quanto tempo pratica karaté?

ANOS:

7. Com que regularidade treina karaté?

1	Diariamente	☐	3	Duas vezes por semana	☐	5	Outra situação: _____	☐
2	Três ou mais vezes por semana	☐	4	Uma vez por semana	☐	Qual?: _____		

8. Quantas sessões de treino de karaté pratica por semana?

1	Mais de 5 Sessões (+/- 5 horas)	☐	3	3 Sessões (+/- 3 horas)	☐	5	1 Sessão (+/- 60 minutos)	☐
2	4 Sessões (+/- 4 horas)	☐	4	2 Sessões (+/- 2 horas)	☐	6	Menos que 1 Sessão por semana	☐

9. Treina karaté em que regime? Diurno ☐ Pós-Laboral ☐ Ambos ☐

10. Qual o tempo total médio gasto nas deslocações que tipicamente tem que realizar para chegar e regressar do local de treino de karaté (ou seja, na ida e no regresso de um ponto de partida a um ponto de chegada - quer seja do emprego, escola ou casa)?

1	Até 15 minutos	☐	2	De 16 a 30 minutos	☐	3	De 31 a 60 minutos	☐	4	Mais de 1 hora	☐
---	----------------	--------------------------	---	--------------------	--------------------------	---	--------------------	--------------------------	---	----------------	--------------------------

11. Para além do karaté, pratica outras artes marciais ou desportos de combate?

NÃO ☐

SIM ☐



Se respondeu afirmativamente, indique qual, ou quais, e a sua graduação (se se aplicar):

Outra modalidade: _____	Graduação: _____
Outra modalidade: _____	Graduação: _____
Outra modalidade: _____	Graduação: _____

Indique o total de horas semanais, em média, que despende no treino do karaté e de outras artes marciais ou desportos de combate que pratica: horas

12. Para além do karaté ou outras artes marciais, pratica outra(s) modalidade(s) desportiva(s)?

NÃO ☐

SIM ☐



Se respondeu afirmativamente, indique qual ou quais: _____

Indique o total de horas semanais, em média, que despende no treino do karaté, de outras artes marciais e de outras modalidades desportivas que pratica: horas

13. Das artes marciais ou desportos de combate e de outras modalidades desportivas que pratica, qual é que valoriza mais e investe prioritariamente? Escreva por extenso o nome desse desporto: _____

14. Houve ou há alguém na sua entidade doméstica (família ou equivalente) que pratica karaté ou outra arte marcial?

NÃO ☐

SIM ☐



Se respondeu Sim, indique qual/quais dos membros da entidade doméstica pratica karaté ou outra arte marcial (pode escolher uma ou mais opções):

Pai	Mãe	Filho	Filha	Cônjuge/ Companheiro(a)	Irmão	Irmã	Outros membros
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

15. Indique o seu grau de concordância com as seguintes frases: (Por favor, não deixe de responder a nenhum dos itens)

		Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
1	"A minha prática do karaté envolve um sacrifício de tempo, prejudicando-me nos compromissos pessoais e familiares."	☐	☐	☐	☐	☐
2	"A minha prática do karaté envolve um sacrifício de tempo, prejudicando-me no emprego ou na actividade profissional."	☐	☐	☐	☐	☐

16. No seu percurso como praticante de karaté, alguma vez interrompeu a prática regular?

NÃO ☐

SIM ☐  Se respondeu Sim, indique por favor o principal motivo para a interrupção? _____

17. É detentor(a) de algum curso de treinador de karaté?

NÃO ☐

SIM ☐  Em caso de resposta afirmativa, indique com uma cruz qual, ou quais, as entidades que outorgaram o curso:

	.1 Cursos	CDAM	FPK	FPKDA	FNK-P	Outra entidade
1	1.º Grau ou Treinador Monitor	☐	☐	☐	☐	☐
2	2.º Grau ou Treinador de Nível I	☐	☐	☐	☐	☐
3	3.º Grau ou Treinador de Nível II	☐	☐	☐	☐	☐
4	Treinador de Nível III	☐	☐	☐	☐	☐
5	Outro(s) curso(s) (<i>Especifique</i>): _____	☐	☐	☐	☐	☐

CDAM (Comissão Directiva de Artes Marciais); FPK (Federação Portuguesa de Karaté); FPKDA (Federação Portuguesa de Karaté e Disciplinas Associadas); FNK-P (Federação Nacional de Karaté – Portugal)

18. Para cada um dos motivos ou influências que o(a) levaram a decidir iniciar a praticar o karaté, indique com uma cruz o grau da sua importância? (Por favor, não deixe de responder a nenhum dos itens)

		Muito Importante	Algo Importante	Pouco Importante	Nada Importante
1	Estímulo ou imitação de um familiar que praticava karaté ou outra arte marcial	☐	☐	☐	☐
2	Introdução ou influência de amigos ou colegas que praticavam karaté ou outra arte marcial	☐	☐	☐	☐
3	Atracção ao karaté derivado do interesse pela cultura oriental	☐	☐	☐	☐
4	Introdução ao karaté no âmbito do currículo escolar	☐	☐	☐	☐
5	Recomendação de um médico ou de um psicólogo como forma de terapia	☐	☐	☐	☐
6	Atracção derivada da imagem projectada pelos <i>medias</i> (cinema, TV, jornais, revistas, web)	☐	☐	☐	☐
7	Aprender a auto-defesa	☐	☐	☐	☐
8	Atracção subsequente à assistência de uma demonstração convincente de artes marciais	☐	☐	☐	☐
9	Atracção pelos desafios desportivos que o karaté proporciona	☐	☐	☐	☐
10	Por questões de desempenho profissional (forças de segurança)	☐	☐	☐	☐
11	Desejo de melhorar a saúde ou o físico através da prática	☐	☐	☐	☐
12	Motivos sociais/sociabilidade (para pertencer a um clube, juntar-me a amigos, sair de casa)	☐	☐	☐	☐
13	Outra(s) (<i>Especifique</i>): _____	☐	☐	☐	☐

19. Como é que valoriza cada um dos seguintes motivos pela sua prática do karaté? Indique, por favor, a importância que cada um dos seguintes motivos exerce na sua percepção do valor da prática do karaté. (Por favor, não deixe de responder a nenhum dos itens)

		Muito Importante	Algo Importante	Pouco Importante	Nada Importante
1	Bem-Estar Físico (e.g. desenvolvimento corporal e motor, manter a forma física, preparação física)	☐	☐	☐	☐
2	Bem-Estar Psicológico (e.g. compensação de stress, distração de preocupações)	☐	☐	☐	☐
3	Defesa Pessoal	☐	☐	☐	☐
4	Desenvolvimento comportamental e de carácter (e.g. auto-controlo, auto-domínio, controlo de agressividade, controlo na interacção, respeito, disciplina)	☐	☐	☐	☐
5	Convívio e Afiliação (e.g. manutenção ou aquisição de amizades, integração num grupo)	☐	☐	☐	☐
6	Competição (e.g. envolvimento em torneios ou campeonatos amadores ou profissionais)	☐	☐	☐	☐
7	Desenvolvimento mental (e.g. aumento da capacidade de concentração e de capacidade cognitiva)	☐	☐	☐	☐
8	Prazer elicitado pela prática de karaté (e.g. gozo e fruição proporcionados pela actividade do karaté)	☐	☐	☐	☐
9	Procura espiritual ou religiosa	☐	☐	☐	☐
10	Desenvolvimento de uma actividade profissional (e.g. oportunidade proporcionada para ser instrutor, formador, técnico de arbitragem)	☐	☐	☐	☐

20. Exerce alguma actividade profissional remunerada relacionada com o karaté?

NÃO ☐

SIM ☐

Se respondeu afirmativamente, indique qual, ou quais:

1	Instrutor/treinador	☐	4	Administrativo(a)	☐
2	Técnico de arbitragem	☐	5	Dirigente	☐
3	Formador de recursos humanos numa federação	☐	6	Outra. Qual?: _____	☐

Como exerce esta actividade profissional relacionada com o karaté?

A tempo parcial (menos que 35 horas por semana)	☐	A tempo inteiro (35 ou mais horas por semana) (<i>passar à questão 21</i>)	☐
---	--------------------------	--	--------------------------

Se respondeu que exerce a actividade profissional ligada ao karaté a tempo parcial, esta realiza-se em acumulação com uma outra actividade profissional principal?

NÃO ☐

SIM ☐

21. Pratica actualmente karaté na sua vertente:

Não competição ☐

Competição institucionalizada ☐



Se respondeu “competição institucionalizada”, mas desistiu, indique o principal motivo que levou a isso?: _____

22. Qual o âmbito (orientação) do karaté que mais privilegia?

Alta competição	Competição amadora	Prática desportiva lúdica	Budô
☐	☐	☐	☐

23. Qual o âmbito (orientação) do karaté que é mais privilegiado no seu dojo?

Alta competição	Competição amadora	Prática desportiva lúdica	Budô
-----------------	--------------------	---------------------------	------

☐	☐	☐	☐
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

24. Na sua opinião, e no geral, as relações entre praticantes no seu local de treino são tendencialmente cooperativas e solidárias ou mais competitivas e individualizadas? Por favor, indicar como situaria as relações no seu dojo na escala em baixo.

Bastante cooperativas e solidárias	Algo cooperativas e solidárias	Algo competitivas e individualizadas	Bastante competitivas e individualizadas
☐	☐	☐	☐

25. No seu dojo frequentam os treinos praticantes que são identificados com um grupo étnico diferente daquele com que se identifica?

Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
☐	☐	☐	☐

26. No seu dojo com que regularidade frequentam os treinos praticantes de sexo diferente?

Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
☐	☐	☐	☐

27. Indique o seu grau de concordância com as seguintes frases (Por favor, não deixe de responder a nenhum dos itens):

		Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
1	"Em Portugal as relações entre praticantes de diferentes origens étnicas são geralmente de respeito."	☐	☐	☐	☐	☐
2	"Em Portugal as relações entre praticantes de sexo diferente são ausentes de atitudes sexistas e discriminatórias."	☐	☐	☐	☐	☐
3	"Uma mulher pode ser tão boa karateca quanto um homem."	☐	☐	☐	☐	☐
4	"Um/uma homossexual pode ser um bom/boa karateca."	☐	☐	☐	☐	☐
5	"Os karatecas negros são geralmente mais agressivos na prática do karaté."	☐	☐	☐	☐	☐
6	"Os karatecas de origem asiática são geralmente mais dotados na prática do karaté."	☐	☐	☐	☐	☐

28. Quando pratica karaté com uma pessoa de sexo oposto, sente-se incomodado?

Sinto-me bastante incomodado	Sinto-me algo incomodado	Não me sinto incomodado
☐	☐	☐

29. Quando pratica karaté com uma pessoa de etnia diferente da sua, sente-se incomodado?

Sinto-me bastante incomodado	Sinto-me algo incomodado	Não me sinto incomodado
☐	☐	☐

30. Exerce ou exerceu algum cargo de direcção no seu clube ou associação de karaté?

NÃO ☐

SIM ☐

☐☐ ANOS



Se respondeu afirmativamente, indique o tempo que exerce ou exerceu esse cargo:

31. Caso seja sócio de um clube onde pratica karaté ou de uma associação de karaté, costuma participar nas assembleias-gerais? (Se não for sócio de um clube ou associação, responda "Não se aplica")

		Frequente- mente	Ocasional- mente	Raramente	Nunca	Não se aplica
1	Clube de karaté	☐	☐	☐	☐	☐
2	Associação de karaté	☐	☐	☐	☐	☐

32. Como avalia as relações estabelecidas pela sua associação com outras existentes em Portugal e que promovem o karaté?

Interesses convergentes e de cooperação	Interesses divergentes mas sem conflitos abertos	Relações conflituosas	Não sei
☐	☐	☐	☐

33. Já foi ao Japão para frequentar treinos, estágios ou passagens de graduação?

NUNCA ☐

SIM ☐ → Se respondeu Sim, quantas vezes?

→ se assinalou que já frequentou treinos, estágios ou passagens de graduação no Japão, quem suportou, principalmente, as despesas inerentes à estada?

Expensas próprias	O clube	A associação	A federação de karaté	Apoio de outras entidades
☐	☐	☐	☐	☐

34. Qual é a importância que atribui (para cada uma das afirmações em baixo indicadas):

		Muito Importante	Algo Importante	Pouco Importante	Nada Importante
1	À manutenção dos ritos e símbolos oriundos do Japão na prática do karaté?	☐	☐	☐	☐
2	À manutenção da ligação com e liderança de mestres japoneses?	☐	☐	☐	☐
3	Às passagens de graduação e à hierarquização pelas graduações entre os praticantes?	☐	☐	☐	☐
4	À dimensão espiritual da modalidade?	☐	☐	☐	☐
5	Ao código das normas de conduta do dojo associado aos princípios éticos do budô?	☐	☐	☐	☐
6	À leitura e ao estudo da literatura especializada em artes marciais e desportos de combate?	☐	☐	☐	☐
7	À introdução do karaté no programa dos Jogos Olímpicos?	☐	☐	☐	☐

35. Com que frequência o seu envolvimento com o karaté leva-o a:

		Frequente-mente	Ocasional-mente	Rara-mente	Nunca
1	Ver filmes com características associadas às artes marciais	☐	☐	☐	☐
2	Procurar trabalhos técnico-científicos sobre a modalidade nas suas vertentes de motricidade, social ou psicológico	☐	☐	☐	☐
3	Contribuir para a divulgação do karaté ou artes marciais (publicação de artigos para jornais ou revistas, contribuição para página Web ou Blog, etc.)	☐	☐	☐	☐
4	Recorrer à utilização de substâncias dopantes para melhorar o seu desempenho no karaté	☐	☐	☐	☐

36. A prática do karaté tem ou teve alguma influência nas suas práticas alimentares?

NÃO ☐

SIM ☐  Se respondeu Sim, indique, por favor, que tipo de influência (por exemplo: alimentação vegetariana ou alimentação macrobiótica): _____

37. A prática do karaté já o levou a procurar cuidados ou tratamentos de medicina tradicional oriental em alternativa com cuidados ou tratamentos ocidentais convencionais?

NÃO ☐

SIM ☐  Se respondeu Sim, indique, por favor, de que tipo (por exemplo: acupunctura, moxaterapia, fitoterapia oriental, tui ná, shiatsu, etc.): _____

38. O seu envolvimento com o karaté levou-o já a procurar aprender a falar japonês? NÃO ☐ SIM ☐

39. Indique o seu grau de concordância com as seguintes frases (Por favor, não deixe de responder a nenhum dos itens):

		Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
1	"Os campeonatos do tipo de K-1, PRIDE, Vale Tudo, ou Ultimate Fighting Championship, cabem dentro da minha concepção do que são ou devem ser as artes marciais."	☐	☐	☐	☐	☐
2	"As manifestações de perda do controlo no treino de karaté devem ser sancionadas disciplinarmente."	☐	☐	☐	☐	☐
3	"Hoje em dia, a grande proliferação de estilos diversos de karaté prejudica a modalidade enquanto arte marcial."	☐	☐	☐	☐	☐
4	"Nos dias de hoje, continuam a ser válidas as associações do karaté com as tradições marciais do Japão tradicional."	☐	☐	☐	☐	☐
5	Mesmo em situações de conflito deve-se exercer o maior esforço para evitar o recurso à violência física."	☐	☐	☐	☐	☐
6	"Sei distinguir as diferenças entre o estilo de karaté que pratico e a generalidade dos outros estilos."	☐	☐	☐	☐	☐
7	"Identifico-me com as características do meu estilo de karaté e da minha associação."	☐	☐	☐	☐	☐
8	"Nesta fase do meu percurso como karateca, não posso equacionar mudar de estilo ou associação de karaté."	☐	☐	☐	☐	☐
9	"Quando comparado com outros estilos de karaté, o estilo que pratico é o caminho mais correcto da modalidade."	☐	☐	☐	☐	☐

40. No dojo que frequenta, onde situaria o tipo de liderança que assume o seu instrutor/treinador de karaté numa escala de "democrático/autoritário"?

Bastante democrático	Algo democrático	Algo autoritário	Bastante autoritário
☐	☐	☐	☐

41. É detentor de algum seguro de saúde/desportivo para a prática do karaté?

NÃO ☐

SIM ☐

☐


Se respondeu Sim, indique se o seu contrato foi celebrado individualmente, através do seu clube/associação ou de outra forma:

Celebrado individualmente	Através do clube/associação	De outra forma
☐	☐	☐

42. Nos últimos cinco anos esteve envolvido nalguma situação implicando um acto de violência física fora do dojo (conflito, briga)?

NÃO ☐

SIM ☐

☐


Se respondeu Sim, quantas vezes?

43. Já alguma vez recorreu à utilização das técnicas de karaté para se defender numa situação de violência física fora do dojo (conflito, briga, assalto)?

NÃO ☐

SIM ☐

☐


Se respondeu Sim, por favor, utilize este espaço para descrever, sucintamente, a situação ou as situações mais ilustrativas da sua utilização de técnicas do karaté para se defender.

*As perguntas que se seguem são para o conhecer melhor.
Recordamos que todos os dados fornecidos são considerados CONFIDENCIAIS.*

44. Idade?

45. Sexo? Masculino ☐ Feminino ☐

46. Nível de habilitação?

1	Doutoramento	☐	6	3.º Ciclo completo (7.º, 8.º e 9.º anos)	☐
2	Mestrado	☐	7	2.º Ciclo completo (5.º e 6.º anos)	☐
3	Licenciatura	☐	8	1.º Ciclo completo (Escola Primária)	☐
4	Bacharelato	☐	9	Sei ler, mas não frequentei a escola	☐
5	Secundário completo (10.º, 11.º e 12.º anos)	☐	10	Outro (<i>Especifique</i>): _____	☐

a) Se respondeu bacharelato, licenciatura, mestrado ou doutoramento, indique a área/disciplina: _____

47. Estado civil?

1	Solteiro(a)	☐	3	União de facto	☐	5	Divorciado(a)	☐
2	Casado(a)	☐	4	Separado(a)	☐	6	Viúvo(a)	☐

48. Qual o distrito de residência ou região autónoma?

1	Açores	☐	8	Évora	☐	15	Porto	☐
2	Aveiro	☐	9	Faro	☐	16	Santarém	☐

3	Beja	☐	10	Guarda	☐	17	Setúbal	☐
4	Braga	☐	11	Leiria	☐	18	Viana do Castelo	☐
5	Bragança	☐	12	Lisboa	☐	19	Vila Real	☐
6	Castelo Branco	☐	13	Madeira	☐	20	Viseu	☐
7	Coimbra	☐	14	Portalegre	☐	21	Fora de Portugal	☐

49. Nacionalidade? _____

50. Identifica-se pessoalmente com alguma minoria étnica em particular?

NÃO ☐

SIM ☐  Se respondeu Sim, indique qual? _____

51. Qual destas é a sua actividade principal?

1	Patrão	☐	6	Estudante	☐
2	Trabalhador por conta de outrem	☐	7	Doméstica	☐
3	Trabalhador por conta própria	☐	8	Reformado(a)	☐
4	Trabalhador familiar não remunerado	☐	9	Desempregado(a)	☐
5	Serviço militar	☐	10	Outra: _____	☐

a) Se referiu Estudante, indique o nível de estudos que frequenta e passe para a questão 54 (religião):

1	Doutoramento	☐	6	3.º Ciclo completo (7.º, 8.º e 9.º anos)	☐
2	Mestrado	☐	7	2.º Ciclo completo (5.º e 6.º anos)	☐
3	Licenciatura	☐	8	1.º Ciclo completo (Escola Primária)	☐
4	Bacharelato	☐	9	Sei ler, mas não frequentei a escola	☐
5	Secundário completo (10.º, 11.º e 12.º anos)	☐	10	Outro (<i>Especifique</i>): _____	☐

52. Profissão? _____

53. Indique qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento mensal (mensal, líquido depois dos descontos/impostos)

1	Menos de 500 Euros	☐	6	Entre 2501 e 3000 Euros	☐
2	Entre 501 e 1000 Euros	☐	7	Entre 3001 e 3500 Euros	☐
3	Entre 1001 e 1500 Euros	☐	8	Entre 3501 e 4000 Euros	☐
4	Entre 1501 e 2000 Euros	☐	9	Entre 4001 e 4500 Euros	☐
5	Entre 2001 e 2500 Euros	☐	10	Mais de 4501 Euros	☐

54. Religião?

1	Católica	☐	6	Muçulmana	☐
2	Ortodoxa	☐	7	Hindu (Hinduísmo)	☐
3	Protestante	☐	8	Budismo	☐

4	Anglicana	☐	9	Sem religião	☐
5	Judaica	☐	10	Outra (Especifique): _____	☐

55. Como é que se caracteriza com respeito à prática religiosa?

Praticante regular	Praticante ocasional	Não praticante
☐	☐	☐

56. Onde é que se situa no espectro político do país com referência a uma escala de variação entre a “esquerda” e a “direita”?

Extrema-Esquerda	Esquerda	Centro	Direita	Extrema-Direita
☐	☐	☐	☐	☐

57. Prestou serviço militar?

NÃO ☐
SIM ☐

 Se respondeu Sim, indique o regime, durante quanto tempo, e se teve experiência de combate:

Regime de voluntariado	Serviço militar obrigatório	Regime de contrato	Outro
☐	☐	☐	☐

→ Tempo de serviço militar (em meses): _____

→ Experiência de combate: NÃO ☐ SIM ☐

58. Lembrando que as suas respostas são sempre confidenciais, importa-se de indicar aonde se situa com respeito à sua orientação sexual na escala em baixo:

1	Exclusivamente heterossexual	☐
2	Predominantemente heterossexual, mas incidentalmente homossexual	☐
3	Predominantemente heterossexual, mas mais que incidentalmente homossexual	☐
4	Igualmente heterossexual e homossexual	☐
5	Predominantemente homossexual, mas mais que incidentalmente heterossexual	☐
6	Predominantemente homossexual, mas incidentalmente heterossexual	☐
7	Exclusivamente homossexual	☐
8	Assexual	☐

Anexo D

Coeficiente alfa

Quadro 1: Teste de fiabilidade (Cronback's) do questionário

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,211	,674	157

Quadro 2: Teste de fiabilidade (Cronback's) do questionário

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
562,93	9828,645	99,140	157

Anexo E

Listagem das Organizações de Karaté Filiadas na FNK-P, em 2013

1. Academia Portuguesa de Karate-Do Goju-Ryu Shodokan (APKGS)
2. Associação Açoreana de Karate-Do e Disciplinas Associadas (AAKDA)
3. Associação Bushidokan de Artes Marciais (ABAM)
4. Associação de Artes Marciais do Algarve (AAMA)
5. Associação de Karaté da Região Autónoma da Madeira (AKRAM)
6. Associação de Karaté de Beja (AKB)
7. Associação de Karaté dos Açores (AKA)
8. Associação de Karaté Goju-Portugal (AKGP)
9. Associação de Karaté Shoto (AKS)
10. Associação de Karaté-Do Artes Marciais Shotokai – GAIA (AKAMS-G)
11. Associação de Karaté-Do Barlavento Algarvio (AKBA)
12. Associação de Karaté-Do Luso Francesa (AKLF)
13. Associação de Karaté-Do Portugal (AK-P)
14. Associação Distrital de Karaté de Vila Real (ADKVR)
15. Associação Distrital de Santarém – Amicale Karaté (ADS-AK)
16. Associação Japan Karate-Do Federation – Goju-Kai Portugal (AJKF-GKP)
17. Associação Karaté de Viseu (AKV)
18. Associação Karaté Wado Portugal (AKWP)
19. Associação Karaté Wado-Kai (AKWK)
20. Associação Karaté-Do Seigokan de Portugal (AKSP)
21. Associação Karaté-Do Shotokan Pedra Mourinha (AKPM)
22. Associação Nacional de Árbitros de Karaté (ANAK)
23. Associação Nacional de Artes Marciais (ANAM)
24. Associação Nacional de Dirigentes de Karaté (ANDK)
25. Associação Nacional de Karaté – Associação de Idosos (ANK-AD)
26. Associação Nacional de Karaté (ANK)
27. Associação Nacional de Treinadores de Karaté (ANTK)
28. Associação Nacional Goju-Ryu Karaté-Do (ANGK)
29. Associação Portuguesa de Goju Kai Karate-Do (APGKK)
30. Associação Portuguesa de Karaté Shotokan (APK SHO)
31. Associação Portuguesa de Karaté Shukokai (APKS)
32. Associação Portuguesa de Karaté-Do (APK)
33. Associação Portuguesa de Karaté-Do Shotokai (APK-SH)
34. Associação Portuguesa de Karaté-Do Wado-Ryu (APKW)
35. Associação Portuguesa de Okinawa Goju-Ryu Karate-Do (APOGK)
36. Associação Portuguesa de Praticantes de Karaté (APPK)
37. Associação Portuguesa de Técnicos de Arbitragem de Karaté (APTAK)
38. Associação Seiwakai Goju-Ryu Karaté Portugal (ASGKP)
39. Associação Shotokai de Portugal (ASP)
40. Associação Shotokan Karate-Do de Portugal (ASKP)
41. Associação Wado Internacional Karaté-Do Portugal (AWIKP)
42. Bushido – Associação Portuguesa Karaté-Do Shotokai (B-APKS)
43. Centro de Karaté de Tavira (CKT)
44. Centro Português de Karaté (CPK)
45. Clube de Karaté de Freamunde (CKF)
46. Clube de Karaté de Lagos (CKL)
47. Hoitsugan Karaté-Do Portugal (HKP)
48. Instituto de Karaté de Coimbra (IKC)
49. Jundokan Internacional de Portugal (JIP)
50. Karaté Clube de Viana do Castelo (KCV)
51. Karate-Do Okinawa Choling – Associação Portuguesa (KOC-AP)
52. Karate-Do Portugal Shotokan (KPS)
53. Liga Karaté Shotokan do Algarve (LKSA)
54. Liga Nacional de Karaté Portugal (LNKP)
55. Liga Portuguesa de Karaté-Do (LPK)
56. Mabuno Shito-Ryu Karaté-Do Portugal (MSK)
57. Núcleo de Karaté de Almada (NKA)
58. Núcleo Português de Karaté-Do (NPK)
59. Núcleo Português de Karaté-Do Wado (NPKW)
60. Organização Portuguesa de Karaté Shito-Ryu (OPKS)
61. Shotokan Karate-Do Rengo Kai – Portugal (SKR-P)
62. União de Karaté do Algarve (UKA)
63. União de Karaté Shotokan de Portugal (UKSP)
64. União Dojos Karaté Shotokan (UDKS)
65. União Shito-Ryu Portugal (USRP)
66. Vitória Sport Clube (VSC)

Anexo F

Nome dos Clubes de Karaté

Nome do Clube de Karate	Frequência	%
Academia de Karate de Beja	6	3,8
Academia do Corpo	1	0,6
Cacem Fitness	3	1,9
CDIR 31 de Janeiro "Os Celias"	2	1,3
Centro de Artes Marciais do Benfica	7	4,4
Centro de Karate de Mafra	2	1,3
Centro de Karate de Vila Verde	4	2,5
Centro Shotokai de Queluz	13	8,2
Clube Atletico de Queluz	12	7,5
Clube Atletico do Cacem	2	1,3
Clube de Karate-Do Shotokan da Ilha Terceira	9	5,7
Clube Futebol Eborense	1	0,6
Clube de Instrucao e Recreio do Laranjeiro	1	0,6
Clube MTBA (Magoito, Tojeira, Bolembre, Arneiro)	1	0,6
Clube Recreativo do Feijo	2	1,3
Clube Recreativo Piedense	1	0,6
Escola de Karate Seixal-Ericeira	1	0,6
Escola Murakami de Evora	2	1,3
Escola Murakami-Kai de Alcacer do Sal	1	0,6
Escola Murakami-Kai do Cacem	1	0,6
Escola Secundaria Stuart Carvalhais	1	0,6
Grupo Desportivo de Cascais	1	0,6
Grupo Desportivo de Ferroviarios do Barreiro	1	0,6
J. F. Buraca	1	0,6
Judo Clube de Portugal	22	13,8
Mem Martins Sport Clube	1	0,6
URCA	1	0,6
Clube de Karate Shotokan da Pausa	2	1,3
Centro de Karate Megafitness	1	0,6
G. D. Ferroviários Campanha	1	0,6
Boavista Futebol Clube	1	0,6
Bonsai Karate-Do Shotokan	1	0,6
Clube de Bombeiros Voluntários dos Estoris	2	1,3
Clube Wado Gym	14	8,8
Clube de Karate da Maia	2	1,3
Clube de Karate-Do Shotokan de Angra do Heroismo	1	0,6
Shito-Ryu Karate Clube de Cascais	1	0,6
Leixoes Sport Clube	1	0,6

Kumo Dojo	1	0,6
Clube de Karaté de Barcelos	2	1,3
Campinho Clube Desportivo	1	0,6
União Desportiva de Roriz	1	0,6
Clube de Karate Wado Braga	1	0,6
GREBONFIM	1	0,6
Clube de Campismo e Caravanismo de Barcelos	1	0,6
Karate Shotokan Vila das Aves	1	0,6
Clube de Karate e Desportos Malhoa	1	0,6
Karate Clube de Viana	1	0,6
Clube de Karate de Marco de Canaveses	5	3,1
Centro de Artes Marciais da Covilha	1	0,6
Centro Cultural e Desportivo de Loures	1	0,6
Clube de Praticantes de Artes Marciais	1	0,6
Quinta Grande Health Club	1	0,6
Clube de Karate de Olhao	2	1,3
Futebol Clube de Alverca	1	0,6
Clube de Karaté da Guarda e de Celorico	1	0,6
Clube de Karate Mancha Negra	1	0,6
Clube Shotokan Karate Paredes	1	0,6
NS/NR	6	3,8
Total	159	100,0

Anexo G
Nome das Associações de Karaté

Nome da Associação	Frequência	%
Associação Acoreana de Karate-Do e Disciplinas Associadas (A	11	4,5
Associação de Karate de Beja (AKB)	9	3,7
Associação Holistica de Artes Orientais (HARA)	2	0,8
Associação Karate Goju Do-Shi Kai (AKDK)	14	5,7
Associação Portuguesa de Karate-Do (APK)	60	24,6
Associação Portuguesa de Okinawa Goju-Ryu Karate-Do (APOGK)	7	2,9
Associação Shotokai de Portugal (ASP)	18	7,4
Associação Wado-Ryu Internacional Karate-Portugal (AWFKP)	15	6,1
Associação Wado-Ryu Karate-Do Portugal (AWKP)	4	1,6
Centro Portugues de Karate (CPK)	24	9,8
Liga Nacional de Karate de Portugal (LNKP)	4	1,6
União Nacional de Artes Marciais (UNAM)	13	5,3
União Portuguesa de Shotokai (UPS)	1	0,4
Centro de Karate de Mafra	1	0,4
Associação de Karate do Barlavento Algarvio	2	0,8
Associação Kenkyukai de Karate Portugal (AKKP)	2	0,8
Associação de Karate de Viseu	3	1,2
Liga Portuguesa de Karate-Do	1	0,4
Organização Portuguesa Karate Shito-Ryu (OPKS)	1	0,4
União Portuguesa de Karate-Do (UPKD)	3	1,2
Associação Seiwakai Gojo-Ryu Karate-Do de Portugal (ASGKP)	1	0,4
Associação Nacional de Karate - Associação de Dojos (ANK-AD)	1	0,4
Associação de Karate Shotokan de Albergaria (AKSA)	3	1,2
Associação Budo Marco (ABM)	10	4,1
União Karate Funakoshi Portugal	1	0,4
Associação Karate-Do Portugal (AKP)	7	2,9
Associação de Karate Shoto (AKS)	3	1,2
Associação Moitsugan Karate-Do Portugal (AMKP)	1	0,4
Associação Karate-Do Seigokan Portugal (AKSP)	5	2,0
Associação Portuguesa de Clubes de Karate (APCK)	1	0,4
União de Karate do Algarve (UAK)	2	0,8
Associação Shotokan Karate-Do Portugal (ASKP)	1	0,4
Instituto Karate de Coimbra - Associação Regional do Centro	1	0,4
Associação Karate-do Portugal Shotokan	1	0,4
Associação Nacional de Treinadores de Karaté	1	0,4
NS/NR	3	1,2
Total	244	100,0

Anexo H

Amostra do Estudo

Centros de prática/Associações	Regiões						Total de praticantes
	Norte	Centro	Lisboa e V. Tejo	Alentejo	Algarve	Açores	
Associação Açoreana de Karaté-Do e Disciplinas Associadas						11	11
Associação de Karate de Beja (AKB)			2	8			10
Associação Holística de Artes Orientais				2			2
Associação Karaté Goju Do-Shi Kai			14				14
Associação Portuguesa de Karate-Do			59				59
Associação Portuguesa de Okinawa Goju-Ryu Karate-Do	2			5			7
Associação Shotokai de Portugal			13	5			18
Associação Wado-Ryu Internacional Karate-Portugal	15						15
Associação Wado-Ryu Karate-Do Portugal	1		3				4
Centro Português de Karaté	19	1	4				24
Liga Nacional de Karate de Portugal			4				4
União Nacional de Artes Marciais			21				21
União Portuguesa de Shotokai			1				1
Centro de Karate de Mafra			1				1
Associação de Karaté do Barlavento Algarvio			2				2
Associação Kenkyukai de Karate Portugal	2						2
Associação de Karaté de Viseu	1	2					3
Liga Portuguesa de Karaté-Do			1				1
Organização Portuguesa Karaté Shito-Ryu	1						1
União Portuguesa de Karaté-Do			3				3
Associação Seiwakai Gojo-Ryu Karaté-Do de Portugal	1						1
Associação Nacional de Karate - Associação de Dojos			1				1
Associação de Karaté Shotokan de Albergaria		3					3
Associação Budô Marco	10						10
União Karaté Funakoshi Portugal			1				1
Associação Karaté-Do Portugal	2		5				7
Associação de Karaté Shoto			3				3
Associação Moitsugan Karaté-Do Portugal		1					1
Associação Karaté-Do Seigokan Portugal			5				5
Associação Portuguesa de Clubes de Karaté			1				1
União de Karaté do Algarve					2		2
Associação Shotokan Karaté-Do Portugal			1				1
Instituto Karate de Coimbra - Associação Regional do Centro			1				1
Associação Karaté-do Portugal Shotokan		1					1
Associação Nacional de Treinadores de Karaté			1				1
Total	54	8	147	22	2	11	244

Anexo I

Número de praticantes de karaté em Portugal

Quadro 1 : Numero de praticantes de karaté, por sexo, em Portugal (1998-2009)

Anos	Praticantes				Total	Taxa de crescimento anual (tcam) %
	H	%	M	%		
1998	7497	8,5	2644	9,0	10141	---
1999	7478	8,5	2527	8,6	10005	-0,22
2000	nd	0,0	nd	0,0	nd	---
2001	nd	0,0	nd	0,0	nd	---
2002	nd	0,0	nd	0,0	11865	---
2003	7086	8,1	2093	7,1	9179	- 4,19
2004	10427	11,9	3785	12,8	14212	7,56
2005	10488	12,0	3582	12,2	14070	- 0,17
2006	10488	12,0	3582*	12,2	14070	0,00
2007	11339	12,9	3254	11,0	14593	0,61
2008	11339*	12,9	3524*	12,0	14863	0,31
2009	11600	13,2	4469	15,2	16069	1,31
Total	87742	100,0	29460	100,0	129067	7,97
Fonte : IDP, INE						

Quadro 2: Número de praticantes de karaté em Portugal por distritos, regiões (2003-2009)

Distritos/Regiões	Anos					Total	%
	2003	2004	2005	2006	2007		
Continente							
Porto	2354	3745	3816	3295	2738	15948	26,5
Lisboa	1984	3636	3707	3394	3744	16465	27,3
Coimbra	1116	1131	1193	1034	961	5435	9,0
Faro	770	701	675	652	687	3485	5,8
Setúbal	620	1074	963	1014	1347	5018	8,3
Leiria	536	246	233	338	437	1790	3,0
Braga	490	724	647	798	888	3547	5,9
Viseu	210	133	187	256	318	1104	1,8
Santarém	198	498	481	412	591	2180	3,6
Aveiro	131	461	435	393	560	1980	3,3
Viana do Castelo	83	106	91	21	40	341	0,6
Vila Real	74	193	155	227	237	886	1,5
Guarda	21	133	115	252	226	747	1,2
Beja	8	149	101	107	152	517	0,9
Évora	6	17	35	35	19	112	0,2
Castelo Branco	5	114	110	32	25	286	0,5
Bragança	nd	3	16	5	2	26	0,0
Portalegre	nd	73	79	108	96	356	0,6
Soma	8606	13137	13039	12373	13068	60223	100,0
Regiões Autónomas							
Açores	329	609	566	662	782	2948	25,8
Madeira	243	466	465	851	743	2768	24,2
Soma	572	1075	1031	1513	1525	5716	50,0
Total	9178	14212	14070	13886	14593	11432	100,0

Fonte: INE - Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio, 2002 a 2008;
IDP - Estatísticas do Desporto 2006-2009. Nd = não disponível

Anexo J Outputs (Frequencies & Crosstabs)

Quadro 1: Teste da Binomial

Categoria	N	Observed Prop.	Test Prop.	Asymp. Sig. (2-tailed)
Masculino	211	,86	,50	,000(a)
Feminino	33	,14		
Total	244	1,00		

a. Based on Z Approximation.

Quadro 2: Teste da normalidade da distribuição

	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Idade	,059	244	,042	,971	244	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Quadro 3: Tests of Between-Subjects Effects - Variável dependente: Horas semanais que despende no treino de karaté e de outras artes marciais ou desportos de combate

Fonte	Tipo III Soma dos Quadrados	df	Média Quadrada	F	Sig.
Modelo correto	81,002a	5	16,200	1,738	0,127
Intersecção	65,292	1	65,592	7,038	0,009
Sexo	20,744	1	20,744	2,226	0,137
Habilitações Literárias	22,775	2	11,388	1,222	0,297
Sexo * Habilitações Literárias	5,256	2	2,628	0,282	0,755
Erro	2190,011	235	9,319		
Total	2578,000	241			
Total correto	2271,012	240			

a. R Squared = ,034 (Adjusted R Squared = ,013)

Quadro 4: Tests of Between-Subjects Effects - Variável dependente: Horas semanais que despende no treino de karaté, de outras artes marciais ou desportos de combate e de outras modalidades desportivas

Fonte	Tipo III Soma dos Quadrados	df	Média Quadrada	F	Sig.
Modelo correto	165,510 ^a	5	33,102	1,613	0,158
Intersecção	893,582	1	893,582	43,530	0,000
Sexo	0,285	1	0,285	0,014	0,906
Habilitações Literárias	91,239	2	45,619	2,222	0,111
Sexo * Habilitações Literárias	49,321	2	24,619	1,201	0,303
Erro	4762,456	232	24,660		
Total	6940,000	238	20,528		
Total correto	4927,966	237			

a. R Squared = 0,034 (Adjusted R Squared = 0,013)

Quadro 5: Distribuição dos inquiridos, segundo as horas de treino (karaté, artes marciais, outras modalidades)

	Horas semanais que despende no treino de karaté e de outras artes marciais ou desportos de combate	Horas semanais que despende no treino de karaté, de outras artes marciais ou desportos de combate e de outras modalidades desportivas
Média	1,13	2,91
Desvio Padrão	3,076	4,560
<i>Missing</i>	3	6
Total	241	238

Anexo K Outputs (Statistic Tests)

Capítulo IV

Quadro 1: Teste do Qui-Quadrado

Participação nas assembleias-geral do clube segundo os estilos de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	29,326(a)	16	,022
Likelihood Ratio	35,430	16	,003
Linear-by-Linear Association	,359	1	,549
Total	239		

Quadro 2: Teste do Qui-Quadrado

Participação nas assembleias-geral do clube segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	6,070(a)	4	,194
Likelihood Ratio	6,043	4	,196
Linear-by-Linear Association	,100	1	,752
Total	239		

Quadro 3: Teste do Qui-Quadrado

Participação nas assembleias-geral do clube segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	64,986(a)	44	,021
Likelihood Ratio	72,973	44	,004
Linear-by-Linear Association	4,851	1	,028
Total	239		

Quadro 4: Teste do Qui-Quadrado

Participação nas assembleias-geral do clube segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	7,295(a)	8	,505
Likelihood Ratio	7,439	8	,490
Linear-by-Linear Association	,326	1	,568
Total	239		

Quadro 5: Teste do Qui-Quadrado

Participação nas assembleias-geral da associação segundo os estilos de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	23,467(a)	16	,102
Likelihood Ratio	22,548	16	,126
Linear-by-Linear Association	3,599	1	,058
Total	233		

Quadro 6: Teste do Qui-Quadrado

Participação nas assembleias-geral da associação segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	,867(a)	4	,929
Likelihood Ratio	,818	4	,936
Linear-by-Linear Association	,004	1	,951
Total	233		

Quadro 7: Teste do Qui-Quadrado

Participação nas assembleias-geral da associação segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	72,764(a)	44	,004
Likelihood Ratio	79,875	44	,001
Linear-by-Linear Association	22,358	1	,000
Total	233		

Quadro 8: Teste do Qui-Quadrado

Participação nas assembleias-geral da associação segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	14,589(a)	8	,068
Likelihood Ratio	17,201	8	,028
Linear-by-Linear Association	,693	1	,405
Total	233		

Quadro 9: Teste do Qui-Quadrado
Investimento na prática segundo os estilos de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	46,029(a)	44	,388
Likelihood Ratio	36,734	44	,773
Linear-by-Linear Association	,066	1	,798
Total	179		

Quadro 10: Teste do Qui-Quadrado
Investimento na prática segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	2,959(a)	11	,991
Likelihood Ratio	5,188	11	,922
Linear-by-Linear Association	,005	1	,946
Total	179		

Quadro 11: Teste do Qui-Quadrado
Investimento na prática segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	154,258(a)	121	,022
Likelihood Ratio	70,601	121	1,000
Linear-by-Linear Association	,112	1	,738
Total	179		

Quadro 12: Teste do Qui-Quadrado
Investimento na prática segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	21,358(a)	22	,499
Likelihood Ratio	24,560	22	,319
Linear-by-Linear Association	,378	1	,539
Total	179		

Quadro 13: Teste do Qui-Quadrado

Aprendizagem da língua japonesa segundo os estilos de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	1,581(a)	4	,812
Likelihood Ratio	1,581	4	,812
Linear-by-Linear Association	,007	1	,934
Total	238		

Quadro 14: Teste do Qui-Quadrado

Aprendizagem da língua japonesa segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	1,140(b)	1	,286
Likelihood Ratio	1,096	1	,295
Linear-by-Linear Association	1,135	1	,0287
Total	238		

Quadro 15: Teste do Qui-Quadrado

Aprendizagem da língua japonesa segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	13,341(a)	11	,272
Likelihood Ratio	15,890	11	,145
Linear-by-Linear Association	2,389	1	,122
Total	238		

Quadro 16: Teste do Qui-Quadrado

Aprendizagem da língua japonesa segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	2,503(a)	2	,286
Likelihood Ratio	2,567	2	,277
Linear-by-Linear Association	,886	1	,347
Total	238		

Quadro 17: Teste do Qui-Quadrado
Prática religiosa segundo os estilos de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	12,187(a)	8	,143
Likelihood Ratio	13,606	8	,093
Linear-by-Linear Association	,803	1	,370
Total	240		

Quadro 18: Teste do Qui-Quadrado
Prática religiosa segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	6,362(a)	2	,042
Likelihood Ratio	5,335	2	,069
Linear-by-Linear Association	5,279	1	,022
Total	240		

Quadro 19: Teste do Qui-Quadrado
Prática religiosa segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	32,771(a)	22	,065
Likelihood Ratio	33,969	22	,049
Linear-by-Linear Association	1,966	1	,161
Total	240		

Quadro 20: Teste do Qui-Quadrado
Prática religiosa segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	18,722(a)	4	,001
Likelihood Ratio	20,110	4	,000
Linear-by-Linear Association	16,997	1	,000
Total	240		

Quadro 21: Teste do Qui-Quadrado
Espectro político segundo os estilos de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	33,178(a)	16	,007
Likelihood Ratio	27,663	16	,035
Linear-by-Linear Association	,097	1	,756
Total	206		

Quadro 22: Teste do Qui-Quadrado
Espectro político segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	4,930(a)	4	,295
Likelihood Ratio	5,487	4	,241
Linear-by-Linear Association	2,111	1	,146
Total	206		

Quadro 23: Teste do Qui-Quadrado
Espectro político segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	54,406(a)	44	,135
Likelihood Ratio	48,450	44	,298
Linear-by-Linear Association	3,773	1	,052
Total	206		

Quadro 24: Teste do Qui-Quadrado
Espectro político segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	9,888(a)	8	,273
Likelihood Ratio	8,787	8	,361
Linear-by-Linear Association	,875	1	,349
Total	206		

Capítulo V

Quadro 25: Teste do Qui-Quadrado

Associação entre a orientação que mais privilegia segundo os estilos de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	17,751(a)	12	,123
Likelihood Ratio	17,381	12	,136
Linear-by-Linear Association	1,387	1	,239
Total	230		

Quadro 26: Teste do Qui-Quadrado

Associação entre a orientação que mais privilegia segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	5,034(a)	3	,169
Likelihood Ratio	5,197	3	,158
Linear-by-Linear Association	,335	1	,563
Total	230		

Quadro 27: Teste do Qui-Quadrado

Associação entre a orientação que mais privilegia segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	73,781(a)	33	,123
Likelihood Ratio	86,320	33	,134
Linear-by-Linear Association	25,272	1	,153
Total	230		

Quadro 28: Teste do Qui-Quadrado

Associação entre a orientação que mais privilegia segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	21,813(a)	6	,105
Likelihood Ratio	21,817	6	,123
Linear-by-Linear Association	17,907	1	,143
Total	230		

Quadro 29: Teste do Qui-Quadrado

Associação entre a orientação que é mais privilegiada segundo o estilo de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	18,383(a)	12	,105
Likelihood Ratio	17,521	12	,131
Linear-by-Linear Association	1,667	1	,197
Total	223		

Quadro 30: Teste do Qui-Quadrado

Associação entre a orientação que é mais privilegiada segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	14,970(a)	3	,002
Likelihood Ratio	14,445	3	,002
Linear-by-Linear Association	5,668	1	,017
Total	223		

Quadro 31: Teste do Qui-Quadrado

Associação entre a orientação que é mais privilegiada segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	59,703(a)	33	,003
Likelihood Ratio	67,599	33	,000
Linear-by-Linear Association	17,444	1	,000
Total	223		

Quadro 32: Teste do Qui-Quadrado

Associação entre a orientação que é mais privilegiada segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	21,261(a)	6	,002
Likelihood Ratio	21,340	6	,002
Linear-by-Linear Association	17,852	1	,000
Total	223		

Quadro 33: Teste do Qui-Quadrado

Estilo de liderança do agente de ensino segundo o estilo do karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	27,724(a)	12	,006
Likelihood Ratio	21,552	12	,043
Linear-by-Linear Association	,000	1	,991
Total	236		

Quadro 34: Teste do Qui-Quadrado

Estilo de liderança do agente de ensino segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	,688(a)	3	,876
Likelihood Ratio	,714	3	,870
Linear-by-Linear Association	,677	1	,411
Total	236		

Quadro 35: Teste do Qui-Quadrado

Estilo de liderança do agente de ensino segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	39,997(a)	33	,187
Likelihood Ratio	43,069	33	,113
Linear-by-Linear Association	1,174	1	,279
Total	236		

Quadro 36: Teste do Qui-Quadrado

Estilo de liderança do agente de ensino segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	8,128(a)	6	,229
Likelihood Ratio	8,128	6	,229
Linear-by-Linear Association	,013	1	,911
Total	236		

Capítulo VI

Quadro 37: Teste do Qui-Quadrado
Relações entre associações segundo o estilo de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	42,229(a)	12	,322
Likelihood Ratio	43,760	12	,334
Linear-by-Linear Association	16,268	1	,340
Total	240		

Quadro 38: Teste do Qui-Quadrado
Relações entre associações segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	2,667(a)	3	,446
Likelihood Ratio	2,619	3	,454
Linear-by-Linear Association	1,735	1	,188
Total	240		

Quadro 39: Teste do Qui-Quadrado
Relações entre associações segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	6,801(a)	6	,340
Likelihood Ratio	6,901	6	,330
Linear-by-Linear Association	,000	1	,993
Total	240		

Quadro 40: Teste do Qui-Quadrado
Relações entre associações segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	6,801(a)	6	,340
Likelihood Ratio	6,901	6	,330
Linear-by-Linear Association	,000	1	,993
Total	240		

Quadro 41: Teste do Qui-Quadrado
Relações entre praticantes segundo o estilo de karatê

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	16,362(a)	12	,175
Likelihood Ratio	16,621	12	,164
Linear-by-Linear Association	,007	1	,934
Total	240		

Quadro 42: Teste do Qui-Quadrado
Relações entre praticantes segundo o sexo

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	2,134(a)	3	,545
Likelihood Ratio	2,504	3	,475
Linear-by-Linear Association	,976	1	,323
Total	242		

Quadro 43: Teste do Qui-Quadrado
Relações entre praticantes segundo a idade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	68,345(a)	33	,001
Likelihood Ratio	38,765	33	,226
Linear-by-Linear Association	1,674	1	,196
Total	242		

Quadro 44: Teste do Qui-Quadrado
Relações entre praticantes segundo a escolaridade

	Valor	df	Significância
Pearson Chi-Square	3,251(a)	6	,777
Likelihood Ratio	3,833	6	,699
Linear-by-Linear Association	,008	1	,928
Total	242		

